ANO 38.º — SÁBADO, 23 DE AGOSTO DE 1958 — N.º 12.827

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A boa doutrina

Ao serem-lhe transmitidos os poderes, o novo ministro da Defesa Nacional fez, entre outras afirmações igualmente importantes, uma que nos apraz reter, pela oportunidade e pela ponderação de que se reveste. Referindo-se á necessidade de defender «a unidade da frente interna contra os perigos da desagregação, involuntária ou provocada», o sr. general Júlio Botelho Moniz declarou:

«Para tal torna-se necessário que todos, indistintamente, possam ou saibam salvaguardar o moral das forças armadas, não as deixando contaminar nas insídias da política partidária».

E acrescentou:

«Neste particular, o alheamento das forças militares dos meandros e interferências da política torna-se uma necessidade primordial a observar e faremos todos os esforços para que este objectivo seja plenamente atingido».

Nestas breves palavras contém-se todo um programa de acção cuja sensatez e clarividência ninguém ousará pôr em dúvida e que a Nação não deixará de aplaudir, convencida como está de que ao Exército compete uma missão mais alta e mais nobre do que a de intervir nas dissenções partidárias, pelo gosto malsão de se perder nos «meandros da política».

O Exército assumiu entre nós, numa hora grave e numa situação difícil, um papel de árbitro e de garante de uma política de reabilitação nacional, ao pronunciar-se contra a instabilidade ministerial e a desordem parlamentar a que as lutas partidárias e as ambições

(Continua na 3.ª página)

Gromyko teve conversações em Nova York

com Foster Dulles e Selwyn Lloyd

sobre a possibilidade da conferência a alto nível que Moscovo considera necessária no momento actual

NOVA YORK, 23 — O ministro dos Negócios Estrangeiros da U. R. S. S., Andrei Gromyko, declarou durante uma conferência de Imprensa que a situação actual no Médio Oriente tornava mais necessária do que nunca a reunião de uma conferência «ao mais alto nível». Acrescentou não poder adivinhar qual seria o efeito das conversações que tivera com os seus colegas americano e britanico sobre a eventualidade de uma tal reunião.

Disse estar imensamente satisfeito com a moção dos países árabes, aprovada pela Assembleia Geral da O. N. U.

Acentuou que essa moção mostrava «a possibilidade de unidade entre os países árabes», a qual poderia pôr termo á «guerra fria» no Médio Oriente «se ninguém viesse a provocar desordens artificiais entre aqueles países». Manifestou a esperança de que o desanuviamento no Médio Oriente seria extensivo ás relações israelo-árabes.—(F. P.).

(Continua na ultima página)

Há quem use gatos. A senhora Paulette Lloyd Greame, de Nairobi, Kénia, tem uma leoa. Os vizinhos não estão muito entusiasmados com o bicho, que todas as noites ruge e atrai os leões das redondezas. A senhora Greame mantém-se imperturbável e colige elementos para o seu próximo livro. É autora de «Com leões ao meu lado»

Nota do dia

O mito e a realidade

Trecho de um artigo do rev. Gustavo de Almeida no «Diário da Manhã», que nos apraz transcrever: «Como eu lembro aqui os nossos políticos... **(a propósito da vivência política e social de K. Arnold, recentemente falecido em Dusseldorf).** A grande maioria saída apenas da Universidade — uma Universidade sem alma, que esmaga a cabeça com teorias e mais teorias. Os nossos políticos... A grande maioria sem experiência da vida; sem nunca terem calejado as mãos no amanho da terra ou no trabalho das máquinas. Saídos dos bancos universitários... quando muito dos escritórios das grandes empresas... Sem contactos com o homem: o homem real e vivo que é afinal o tudo da sociedade político-económico-social... Meus amigos políticos, meus amigos e senhores deputados: como haveis de entender-nos a alma, a nós, os «Zés» da rua, que somos assim mesmo a massa da Nação — como haveis de entender, todos plissadinhos, todos escanhoados, mas sem mais nada — a menos talvez de uma recta intenção?». Esqueceu-se o ilustre articulista, em cuja consciência borbulha o temperamento de um panfletário, de acrescentar que de rectas intenções está o inferno cheio. Com efeito, não temos passado, em muitos casos, de boas intenções quando pretendêmos ter resolvido alguns dos problemas que mais gravemente afectam o indivíduo no seu trem de vida e na sua dignidade de cidadão, uma vez que o económico e o social constituem a melhor parte das nossas preocupações.

A «VOLTA»

Alves Barbosa continua...

O «camisola amarela» da XXI Volta continua a desfrutar de enorme popularidade. Uma gentil menina oferece-lhe um ramo de flores, mais um a juntar a tantos que tem recebido

(Ler notícia na 6.ª página)

Abriu hoje a fronteira sírio-libanesa

para a passagem do petróleo

em resultado da aprovação pela O. N. U. do plano dos países árabes para o Médio Oriente

BEIRUTE, 23 — A abertura, hoje, da fronteira sírio-libanesa, para a passagem do petróleo, representa o primeiro resultado concreto do plano de paz para o Médio Oriente (proposta dos países árabes), aprovada pela Assembleia Geral da O. N. U.

Era através desta fronteira que rolavam os camiões-cisternas, carregados de gasolina refinada no Líbano. As comunicações foram interrompidas em meados de Maio, depois de estalar a revolução libanesa.

Desconhece-se ainda quando começarão de novo as carreiras dos veículos petroleiros, mas espera-se que seja breve.

O aparente acordo, nas Nações Unidas, quanto á situação no Médio Oriente motivou, por outro lado, o cancelamento da anunciada «greve dos proprietários», que os industriais e comerciantes libaneses tinham marcado para depois de amanhã, em sinal de protesto contra a tensão interna e desmembramento da vida nacional pela actividade contínua dos terroristas. O vice-presidente da Comissão dos Industriais, Kemal Jabr, declarou ter-se renunciado á greve, para não ser dificultada a tarefa do presidente eleito, general Chehab, quando tomar posse do cargo.

Aparte as duas iniciativas e os apiausos do presidente Chamun, de Chehab e do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que saudam com satisfação o novo aspecto dos acontecimentos entre os Estados Árabes, pouco se alterou na situação interna do Líbano. Persistem as divergências entre os rebeldes e o Governo, as hostilidades entre forças revoltosas e governamentais e as medidas de segurança devem ser reforçadas numa tentativa para conter a nova vaga de violência. — (A. N/ I.).

O drama da política

das potências ocidentais no Médio Oriente

por ATTICUS

PARIS, Agosto — A intervenção militar americano-britanica no Líbano e na Jordania, independentemente dos seus resultados e das suas consequências enventuais, pôs em evidência o drama da política das potências ocidentais no Médio Oriente.

Esse drama reside no facto de as potências ocidentais fundarem a sua política, nesta região perturbada do Mundo, sobre forças sociais que, elas próprias, necessitam do apoio dessas potências para assegurar o seu poder.

Essas forças sociais são os resíduos dos feudalismos locais, outrora todo-poderosos, e que reinavam como senhores absolutos em todos os países árabes. Ora, essas forças estão por toda a parte em conflito com o movimento nacionalista que agita os países árabes, e no qual se inserem as aspirações sociais das

(Continua na página seguinte)

«Diário de Lisboa»
publica hoje
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

Visado pela Comissão de Censura

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Ruas tortuosas da alma

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

E' sobretudo na infância e na adolescência que a integridade e a saúde da alma se encontram ameaçadas. Nesse período da existência, choques e frustrações deixam cicatrizes profundas. Teòricamente a saúde psíquica só a partir dos dezoito anos se encontra protegida contra os assaltos inesperados ou repetidos.

Entre a higiene somática e a higiene psíquica existe um abismo. Se a primeira não consegue proteger o indivíduo das vagas epidémicas e das múltiplas enfermidades, a da alma, apesar dos constantes progressos realizados, abrange ainda um território restrito, necessita de rodear-se de cuidados especiais. Todos sabem que os choques e as frustra-

(Continua na 13.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Os Ocidentais e o Médio Oriente

(Continuação da página anterior)

massas populares. Daí o vigor e a amplitude desse movimento que se espraia como uma vaga irresistivel sobre o mundo árabe e perante o qual os antigos feudalismos ficam sem defesa.

O desmoronar duma política

Em Londres, supunha-se ter fundado o domínio britanico no Médio Oriente em bases sólidas, quando, após a primeira guerra mundial, se criou, sobre as ruinas do império otomano, uma série de Estados árabes colocados sob a autoridade de potentados — emires ou sultãos — enfeudados á Inglaterra.

Do mesmo modo no Egipto, o domínio britanico, apoiado na monarquia, parecia inabalável. Um organismo social, a Liga Arabe, que agrupa todos os países do Médio Oriente, foi criado a fim de coordenar a politica desses paises no sentido da política britanica.

Para assegurar o êxito dessa política, a Inglaterra estava prestes a sacrificar-lhe a nação judaica, a despeito das promessas reiteradas do Governo de Londres respeitantes á instituição de um «lar judeu» na Palestina. Mas, por um estranho retrocesso das coisas, era o jovem Estado de Israel, criado e consolidado apesar e contra a vontade da Inglaterra, que devia vibrar o primeiro golpe fatal ao edifício da política britanica no Médio Oriente.

A vitória de Israel sobre os vizinhos árabes marcara, com efeito, a grande viragem na evolução da situação no Médio Oriente, na medida em que marcou também o despertar do nacionalismo árabe.

Foi desta guerra infeliz para os países árabes que saiu a revolução egípcia, que ia precipitar a evolução dos acontecimentos abrindo de par em par o caminho ao desenvolvimento do movimento nacionalista árabe.

A revolução egipcia marcara efectivamente, o começo do desmoronamento do grandioso edifício da politica britanica no Médio Oriente, que iria receber um novo e duro golpe pelo fim lamentável da guerra do Suez, cujo objectivo essencial era justamente refazer a situação vibrando um golpe mortal ao nacionalismo árabe, pela supressão do regime nasserista no Egipto.

O golpe de misericórdia

As ultimas tentativas das potências ocidentais para guardar o que lhes restava ainda das suas posições no Médio Oriente, senão recuperar o terreno perdido, foram o Pacto de Bagdad e a «doutrina Eisenhower».

O Pacto de Bagdad arrancava ao mundo árabe, que gravitava agora em volta do Cairo, um dos países mais importantes do Médio Oriente: o Iraque. Enquanto a «doutrina Eisenhower», pela promessa de um auxílio em dólares que faria aos países árabes, parecia destinada a provocar uma reviravolta total da situação, uma vez que essa promessa se considerava em Washington irresistivel.

Ora, todas as esperanças que se tinham fundado, em Londres e em Washington, sobre estes dois instrumentos maiores da política ocidental no Médio Oriente: o Pacto de Bagdad e a «doutrina Eisenhower» se reconheceram inuteis a longo prazo.

A «doutrina Eisenhower», em primeiro lugar, tentara apenas dois países, os mais pequenos e os mais insignificantes: o Líbano e a Jordania, e foi repelida por todos os outros, compreendendo a Arábia Saudita, apesar de estreitamente ligada ás grandes sociedades petrolíferas americanas. Ainda mais: a «doutrina Eisenhower» não conseguira impedir este país de se voltar finalmente para o Cairo e de se emancipar cada vez mais da influência americana, sobretudo depois do afastamento do rei Ibn Seoud por seu irmão, o pro-nasserista emir Faiçal, afastamento que não fora, de resto, senão a consequência directa da ligação demasiado estreita do rei Ibn Seoud á política de Washington.

Quanto ao Pacto de Bagdad, a sua sorte é conhecida. Criado também para consolidar a posição do Iraque no seio do bloco ocidental, conduziu finalmente á revolução de 14 de Julho, que desligou o Iraque desse bloco.

Dois casos frisantes

O caso da Arábia Saudita e do Iraque ilustraram da maneira mais frisante, e mais surpreendente também, o drama da política das potências ocidentais no Médio Oriente. Estes dois países eram, com efeito, aqueles onde os antigos feudalismos pareciam estar mais sólidamente estabelecidos e com os quais, por esse motivo, se podia contar em Londres e em Washington. Mas os seus regimes desmoronaram-se como castelos de cartas: na Arábia Saudita por uma revolução de palácio; no Iraque, por uma revolução militar.

A partir de então, não restava mais aos Estados Unidos e á Inglaterra que agarrar-se ás posições que lhe restavam no Médio Oriente, graças á «doutrina Eisenhower»: o Líbano e a Jordania. Posições extremamente fracas, pois que, para as guardar, viram-se obrigados a intervir militarmente.

Porque aqui, também, assistimos ao mesmo drama da política das potências ocidentais. As forças sobre as quais essas potências procuram apoiar-se ainda no Médio Oriente não representam práticamente nada. Essas forças mantêm-se no Poder porque as tropas americanas e britanicas lá estão. Mas ninguém saberia dizer se elas poderiam resistir á vaga nacionalista, no dia em que essas tropas abandonassem esses países.

No Líbano, a despeito da confusão que reina ainda, a evolução dos acontecimentos é talvez previsível. Deve ser tomada uma decisão o mais tardar em fins de Setembro próximo, quando tiver expirado o mandato do presidente da Republica em exercício, sr. Chamoun. A posição do seu sucessor está desde já definida: desde que entre em funções, pedirá a retirada das tropas americanas. E com a partida destas, o Líbano estará mais ou menos perdido para o Ocidente. Para evitar esta nova perda, os Estados Unidos teriam que manter as suas forças no Líbano contra a vontade do Governo de Beirute, o que as colocaria numa situação difícil e que não serviria de nada.

Quanto á Jordania, o país árabe mais artificial de todos, com a grande maioria da sua população composta de refugiados da Palestina, ferozmente hostis ao rei Hussein e ao seu regime, os observadores mais optimistas, tanto em Londres como em Washington, não ousam pronunciar-se acerca do futuro.

ATTICUS

Subsídios por morte

a conceder pelas Caixas de Previdência

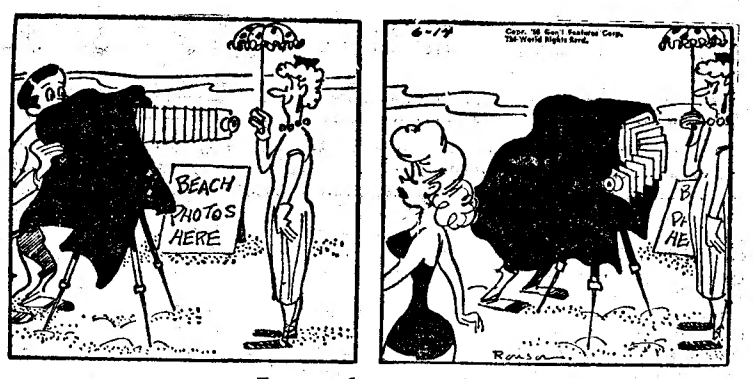
O sr. ministro das Corporações assinou um despacho, segundo o qual, de futuro, o ordenado ou salário médio a considerar para efeitos de fixação do quantitativo do subsídio por morte, a conceder pelas Caixas de Previdência, passe a ser calculado dividindo o total dos ordenados ou salários sobre que incidiram as contribuições pagas em nome do beneficiário nos anos civis inteiramente compreendidos no tempo de contribuição (considerados no máximo os ultimos 10) pelo numero de anos civis correspondentes.

A ACTIVIDADE

do Município de Oeiras

Com a presença do subsecretário de Estado das Obras Publicas, inaugura-se depois de amanhã, ás 22 horas, nos Paços do Concelho de Oeiras, uma exposição sobre a actividade municipal daquela Camara.

ELE & ELA



Fotografo na praia

Venda de ovos e de carne

a preços especulativos

Foram tomadas medidas contra a alta artificial dos ovos que se estava verificando há algum tempo. Os preços já se encontram sensivelmente normalizados, continuando a vigilancia activa nas regiões fronteiriças, onde têm sido efectuadas apreensões.

Foi intensificada a vigilancia da venda de carne ao publico. Apesar do espírito de compreensão com que são apreciadas algumas pequenas faltas, continuam a verificar-se abusos que têm dado motivo a autuações. Um cortador da Póvoa de Santa Iria foi processado por vender carne de vaca mais cara 2$40 em quilo, e de vitela a mais 6$00 que a tabela. Também foram processados um talhante de Amarante e outro do mercado municipal de Alenquer, ambos por especulação, e ainda outros individuos de Pombais, Ribaldeira, Tomar e Lisboa, por comércio irregular de carnes.

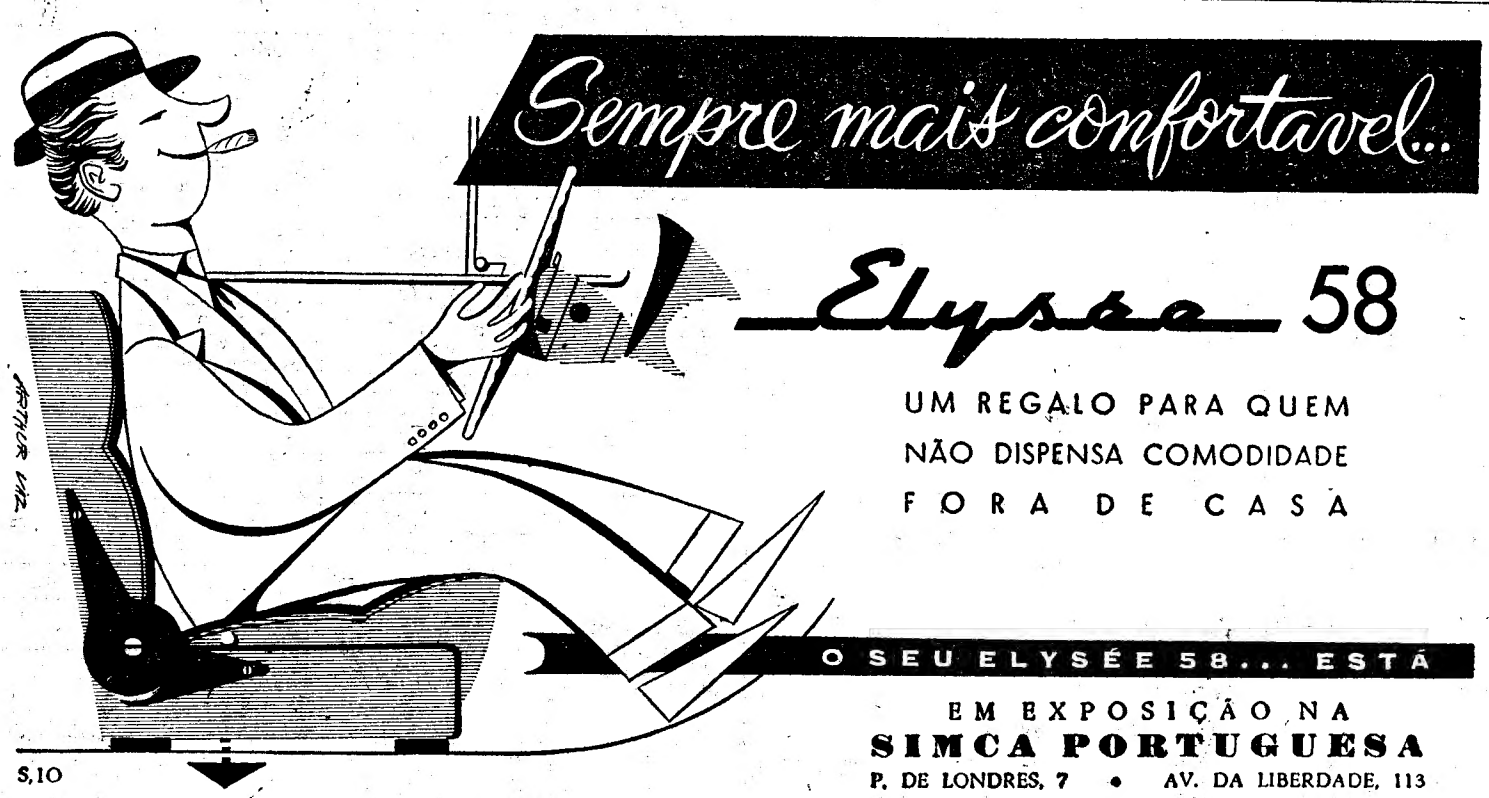
Por matanças clandestinas, foram processados, também, vários individuos da Beira-Baixa, alguns dos quais devido a participações das autoridades locais. No lugar de Zebras (Fundão) foram apreendidos a um negociante 200 quilos de carne de borrego; a um outro, de Castelo Novo, 183 quilos de carne da mesma espécie, quando ia ser despachada para Lisboa; a um outro, de Soalheira (Fundão), 182 quilos. No lugar de Lagoa (Lousada), foi instaurado processo contra um comerciante que abatia suinos sem inspecção veterinária, vendendo a carne ao publico. Foram-lhe apreendidos cerca de 180 quilos, dos quais 79 de presuntos, verificando-se ainda que tinha no estabelecimento 54 quilos de toucinho impróprio para consumo.

O tribunal condenou o talhante João Baptista Grácio, do Montijo, por matança clandestina, em 4 meses de prisão remivel, 1.500$00 de multa e 450$00 de imposto.

Foram processados: uma firma comerciante de Lisboa, arguida de ter facturado a um cliente a quantia de 10.700$00, por fornecimento de material e trabalhos de adaptação num móvel, avaliados pericialmente em 5.500$00; uma oficina de reparações, por especulação na reparação de uma viatura automóvel; um retalhista, também de Lisboa, por especular na venda de um tecido de luxo; e um comerciante de S. Bartolomeu de Messines, e um industrial de padaria, de Peniche, ambos por especulação na venda de sêmeas.

Um caso de miséria

Para a ceguinha Maria José Gomes recebemos, dum anónimo, a quantia de 50$00, destinado a ajudar o pagamento da renda da casa deste mês. Em nome da contemplada agradecemos.



9 jovens e 1 veterano

expõem dezenas de pinturas e desenhos no ambiente encantador da Estufa Fria

As iniciativas de levar a efeito, a exemplo do que acontece em numerosas cidades estrangeiras, exposições artísticas ao ar livre, de preferência em jardins, merecem o nosso aplauso e o carinho do publico. E, principalmente no Verão e na Primavera, é para este muito mais agradável visitar uma colecção, entre árvores, flores e arbustos, do que encafuar-se num salão porventura mal arejado...

A exposição que há um ano se fez no jardim do Príncipe Real sugeriu a ideia de se aproveitar para tal fim o jardim da Praça da Alegria, transformando-o em Jardim dos Artistas.

Hoje, ás 16 horas, com a assistência do dr. Baltazar Rebelo de Sousa, subsecretário de Estado da Educação Nacional, do sr. Luís Pastor de Macedo, vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa, de alguns membros do corpo diplomático e de outras entidades, foi inaugurada, no quadro belo e encantador da Estufa Fria no Parque Eduardo VII, uma exposição do Grupo de Jovens Artistas, com o partocínio do Município, do Secretariado Nacional da Informação e da Casa Varela.

Encontram-se ali expostos interessantes desenhos e pinturas, em numero de cerca duma centena, da autoria de 9 jovens, dos 16 aos 27 anos—o suiço Thierry Gander e os portugueses Jorge Espírito Santo, Cabral Duarte, Tito G. Negrão, Carlos Luhmann, Vasco Reis, José Chamusco, Raul Taveira e Miguel Vasques Homem — e um velho, de 70 anos, Alberto Junça, convidado de honra do agrupamento que já efectuou uma exposição, no Roseiral daquele parque, e prepara outras, no Casino Estoril, em 15 de Setembro próximo, na Suiça e no Peru.

A exposição está aberta até ao dia 8 de Setembro.

O referido grupo, de criação recente, é aberto a todos os jovens; e os expositores de agora são: dois deles alunos da Escola Superior de Belas-Artes e os outros amadores, estudantes de liceus e de escolas técnicas.

Um grupo de expositores junto dos seus trabalhos

Três exposições em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 22.—Na sede do Grémo do Comércio, na Repartição de Turismo e no Museu Regional, estão patentes ao publico, desde o começo das Festas da Senhora da Agonia, exposições de obras de arte, respectivamente de ceramica, dos artistas vianenses Fernando e Araujo Soares, de reproduções clássicas imitando a pedra, a madeira e o bronze, de Franklin Ramos Pereira, e de pintura moderna dos autores: Dórdio Gomes, Julio Resende, Augusto Gomes, Gastão Seixas, Eduardo Luís, Sousa Felgueiras e Alvaro Rocha.

Uma camioneta

fora da mão colheu um automóvel e houve 5 feridos

GOLEGÃ, 23 (Pelo telefone) — Hoje de manhã, á saída da freguesia do Pombalinho, na Estrada Nacional 365, quando uma camioneta de carga, conduzida por António Lopes, de Santa Nova, Amadora, descrevia uma curva fora de mão embateu violentamente com um automóvel que vinha em sentido contrário, guiado por António da Silva, casado, industrial, natural de Tomar. Do choque resultou a destruição total do automóvel, cujo condutor sofreu ferimentos graves, bem como sua esposa, D. Maria Cristina da Silva Henriques. Ficaram com ferimentos de menor gravidade os restantes ocupantes do automóvel, Maria Celeste Ferreira, Maria da Conceição Henriques, ambas casadas e naturais de Torres Novas e residentes em Tomar, e, ainda, Teresa de Castro Granja, casada, também residente em Tomar. Os feridos foram conduzidos ao Hospital da Golegã, onde os dois primeiros estão a ser operados pelo sr. dr. Galvão Figueiredo. O condutor da camioneta foi preso pela G. N. R.

TÁGIDE
*
Antinea
Bob Boudart
Anna Maria Rebustini
HELENA TAVARES
PATRICIA
TONY e IDALÉCIA
*
Adultos - Maiores de 17 anos
*
PALM BEACH

Confiaram-lhe o armazém

e furtou até se fartar...

A Polícia Judiciária concluiu e enviou ao Tribunal Criminal da Boa-Hora, um volumoso processo, em que José Augusto Teixeira Carneiro, solteiro, natural de Lisboa, é acusado de, no período de Janeiro a Julho do corrente ano, ter furtado, primeiro como visita e, mais tarde, como empregado, á firma «Telmar — Equipamentos Electro-Mecanicos, Ld.ª», com sede na Praça dos Restauradores, n.º 13, quase centena e meia de relógios de pulso de diversas marcas, avaliados em 40.000$00.

O larápio, que planeou largamente a sua proeza, começou por visitar quase diáriamente, a partir de Janeiro, um seu amigo — o então fiel de armazém daquela organização — e em Março, foi ali admitido com idênticas funções. Então, perdeu a cabeça e efectuou furtos, que tomaram rápidamente grandes proporções, sem que o gerente se apercebesse do seu volume. Nesse espaço de tempo, o Carneiro, estabeleceu um verdadeiro «record», ao empenhar em 75 casas de penhores da capital, os relógios que ia subtraindo. Mas foi mais longe, pois praticou ainda um abuso de confiança ao locupletar-se com 11.600$00, valor de vales de correio, que recebeu nas diversas estações dos C. T. T., após falsificação da assinatura dos administradores da sociedade, conseguindo, assim chegar ao total de 40.000$00.

Com esse dinheiro, segundo confessou no Torel, percorreu os principais pontos turísticos do País, acompanhado de diversas mulheres, até que foi descoberto e preso, de maneira surpreendente. E' que o infiel empregado, pelos vistos pouco cauteloso, quando se decidiu a abandonar o emprego, deixou arquivados no próprio escritório 130 cautelas das casas de penhores. No seu próprio nome.

A P. J. conseguiu ainda apreender 130 relógios, 127 naqueles estabelecimentos e os restantes três, a pessoas a quem haviam sido vendidos e que foram identificadas no decorrer das investigações.

TERMAS DE MONFORTINHO
Excelentes resultados nas doenças de figado, intestinos e pele
Abertura em 1 de Setembro
Hospede-se no
HOTEL FONTE SANTA
Monfortinho — Telef. 4 e 28

A boa doutrina

(Continuação da 1.ª página)

pessoais nos tinham conduzido. A sua missão, porém, terminou no dia em que confiou os poderes a um governo de civis que se revestiu de uma legalidade constitucional que não podia deixar de ser a legalidade republicana. E dai em diante a sua intervenção na política não pode ser de nenhum modo desejável, como afirmou o novo ministro da Defesa Nacional, pois que em vez de agir como elemento moderador corria o risco de pesar na balança como agente perturbador, desempenhando o papel de uma força negativa que se impusesse á vontade da Nação.

Os tempos mudaram, sem dúvida, depois daquela manhã brumosa de Maio em que o general Gomes da Costa se pôs á frente da insurreição militar que havia de expulsar os partidos do Poder e instituir um regime moldado em bases novas, que imprimiu um rumo diferente aos destinos do País.

Assumida a plenitude do poder político por um homem em quem o País depositou as maiores esperanças—e nunca ninguém governou durante um período tão largo e tão discricionàriamente em Portugal— esse homem pôde levar a cabo uma obra que, não sendo isenta de defeitos, como os próprios partidários reconhecem, foi inspirada — ninguém o duvida — por elevados sentimentos patrióticos, servindo o País na medida em que contribuiu para o seu progresso material e em que procurou resolver os problemas políticos que nos afligiam.

Mas—pergunta-se—o País teria estagnado e não se teria verificado o menor progresso, se os seus destinos tivessem sido diferentes e não aparecesse o homem, que uns consideram providencial e outros, com evidente facciosismo e imperdoável leviandade—já o escrevemos—, vão ao ponto de negar pura e simplesmente?

Sob muitos aspectos, o Mundo deu um grande passo em frente. Outras aspirações preocupam a Humanidade e outros problemas dominam o espirito dos povos, que não podem prender-se a um passado recente e sem glória, nem encarar um presente sem futuro. Outras inquietações e outras ansiedades surgiram na consciência de muitos Portugueses — e dos melhores. Os nacionalismos exaltados fizeram a sua época. Os povos querem ser bem governados, sem dúvida, mas exigem que os actos do Poder sejam justificados pelos imperativos da consciência nacional. Só assim aceitarão de bom grado os sacrifícios que lhes pedirem — e só tomando parte activa na vida pública terão a consciência da sua liberdade.

O Exército, ao qual compete a defesa da Pátria, da sua independência e da sua integridade territorial, e que guarda intactos os pergaminhos de nobreza e as glórias do passado, não pode ser, de modo nenhum, a capa de interesses que não coincidam com o interesse nacional. O Exército português teve, não o negamos, uma alta missão a cumprir. Cumprida essa missão histórica, é indispensável, como afirmou o sr. general Júlio Botelho Moniz, que se conserve afastado da política, embora não possa alhear-se nunca dos destinos do País e continue a ser intérprete fiel das suas aspirações e penhor seguro do respeito pelas suas liberdades e pela satisfação dos seus mais legítimos anseios.

Colónia de férias

Regressaram esta manhã, da colónia balnear dr. Mário Madeira, em S. Julião da Ericeira, cerca de quinnentas crianças de ambos os sexos, que pertencem ás várias freguesias de Lisboa e são filhas de operários da fábrica Diogo de Avila e da Sociedade Central de Cervejas. Na próxima terça-feira partem para a colónia 450 rapazes.

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

No Teatro-Cine Parque da Figueira da Foz sob amanhã á cena, desempenhada pela companhia «Comediantes», a peça «Quando a verdade mente».

—Depois de amanhã, reaparece num programa da TV Portuguesa a actriz Elvira Velez.

—O cantor Loubet Bravo canta hoje e amanhã no Pavilhão de Algés.

—Ainda não está assente qual o teatro em que actuará uma nova companhia de revistas, que tem já quase pronta a revista com que estreará e organizado o respectivo elenco.

—O cançonetista Abílio Herlander está a exibir-se no Teatro João Caetano, do Rio de Janeiro, como atracção da revista «Agora é que são elas».

—Maria de Fátima Bravo vai, na revista «Vira o disco», em ensaios no Teatro ABC, desempenhar os seguintes numeros: «Lisboa», «Degrau da minha vida», «D. Liberdade» e «América».

—O cantor brasileiro Odyr Odilon vai realizar espectáculos pelo Norte do País actuando também no programa «Comboio foguete», que está a ser apresentado no Coliseu do Porto.

—Segundo consta, o artista madeirense Max não participará do elenco do Teatro Maria Vitória, na próxima época.

—Para a companhia do Teatro ABC, foi contratado o actor Carlos Valério.

—No próximo ano, o Circo Americano projecta voltar a Portugal, estendendo a sua actuação a Lisboa, Porto e Coimbra.

—A artista brasileira Irene de Macedo, que foi convidada para a companhia do Teatro Maria Vitória, está a actuar na companhia do Teatro João Caetano, de que é empresário o ensaiador Rosa Mateus.

—Passa hoje o seu aniversário natalício, o actor Carlos Alves, da companhia de revistas do Teatro ABC.

FEIRAS E ROMARIAS

Em Valejas

Sob o patrocínio da Camara Municipal de Oeiras, a Comissão de Melhoramentos de Valejas, promove, amanhã, e nos dois dias seguintes, uma feira, naquela localidade. Amanhã, ás 7 horas, haverá alvorada, com foguetes e morteiros; e ás 21 horas, abrirá a feira, com diversos atractivos e danças populares, com o concurso da Sociedade Musical «Os Unidos de Leceia»..

Na Charneca do Lumiar

Começou hoje, com abertura do arraial e da feira franca e girandola de foguetes, as festas de S. Bartolomeu, na Charneca do Lumiar. A's 21 horas, haverá um concerto, quermesse e tômbola.

Feira de Valejas

Hoje, ás 7 horas, começaram as festas de Valejas, promovidas pela Comissão de Melhoramentos daquela localidade, sob o patrocínio da Camara Municipal de Oeiras. Houve musica e foram queimados foguetes e morteiros; e, ás 21 horas, abrirá a feira, com diversos atractivos, havendo baile abrilhantado pela Sociedade Musical «Amigos de Leceia».

O programa de amanhã é o seguinte: ás 7 horas, alvorada, com girandola de foguetes e morteiros; ás 10, marcha, através da localidade, em saudação ao povo, da banda de musica Selecção da Freguesia de Carnaxide, com mais foguetes e morteiros; ás 16, com a assistência do presidente do Município de Oeiras, dos membros da Junta de Freguesia de Oeiras e doutras entidades, cortejo histórico e regional, de homenagem á Imprensa, á Rádio e á Televisão Portuguesa, no qual tomam parte 17 carros alegóricos, cavaleiros, charameleiros, alabardeiros, palafreneiros, um bobo e bandas de musica, que desfilará, ás 17 e 30, ante a tribuna de honra; ás 17, cavalhadas de gala, á antiga portuguesa; e ás 20, abertura da quermesse e baile, abrilhantado pela banda Selecção da Freguesia de Carnaxide.

Em Rio Maior

RIO MAIOR, 23. (Pelo telefone) — Nos dias 1, 2 e 3 de Setembro, haverá nesta vila, a tradicional feira anual. E, no ultimo dia, haverá diversas provas desportivas, entre as quais o 1.º Circuito Ciclista de Rio Maior, para independentes, no qual se espera que tomem parte atletas dos principais clubes.

Em Estremoz

ESTREMOZ, 23. (Pelo telefone). — As tradicionais festas á Exaltação da Santa Cruz terão lugar nesta vila, em 7, 8 e 9 de Setembro, fazendo parte do programa cerimónias religiosas, exibição de ranchos, provas desportivas, concertos por várias bandas e fogos de artifício.

Em Fanhões

Principiam depois de amanhã e durarão oito dias as festas em honra de Nossa Senhora do Cabo, na vila de Fanhões. Estão previstas várias cerimónias religiosas e numerosos divertimentos.

Casou-se

um dos irmãos Marx

HOLLYWOOD, 23—O actor Chico Marx, um dos populares irmãos Marx, casou-se ontem, á noite, com a artista de cinema Mary Dee. Conheciam-se há dezasseis anos e entraram juntos em muitos filmes.—(France Presse).

Primeiras exibições

«O Sol de S. Moritz», no Avis

A Suíça, ainda que produza algumas curtas-metragens de real mérito, não tem a coerência que permita falar de uma cinematografia nacional a propósito dos seus filmes de longa metragem. O filme suíço ontem estreado no Avis, «O Sol de S. Moritz» («Die Sonne von St. Moritz») é mais precisamente uma obra alemã, pelo espírito e estilo de realização, bem próximos

(Continua na página seguinte)

FILHO DE PEIXE SABE NADAR...

A família Massine

Massine, a filha e o filho

Dois jovens bailarinos, Leonidas Massine Jr., de 13 anos, e Tatiana Massine, de 16, observam atentos as lições do pai Massine, de 62 anos. Léonidas Massine exemplifica alguns passos de um novo «ballet» que criou especialmente para seu filho. O «ballet» é inspirado em movimentos de danças indianas da América do Norte, que Massine tem estudado com particular interesse. Toda a Europa, tem acolhido com espanto, o ritmo e... a juventude dos seus recitais — conferências sobre as danças dos pele-vermelhas. Estas aparições, juntamente com a sua lança no «Moleiro», de «Chapeu de três bicos», de Falla, são os unicos momentos coregráficos que Massine ainda dança. No entanto, o seu trabalho como corégrafo e como ensaiador têm sido incessantes.

Massine chegou á companhia de Diaghileff, quando contava apenas 16 anos e logo lhe deram o espinhoso encargo de substituir Nijinsky. Diaghileff tinha acabado de cortar relações com Nijinsky, após o casamento deste, com uma bailarina polaca chamada Romola, e buscava, a todo o transe, uma figura capaz de substituir o grande génio da dança. A escolha recaiu exactamente em Léonidas Massine. Diaghileff submeteu o seu novo protegido a uma feroz e eficaz educação artistica que, paralelamente aos estudos de dança com o grande Cechetti, incluia uma cuidada preparação musical com Igor Strawinsky e uma aprendizagem de artes plásticas com o célebre pintor construtivista Larianov, cenógrafo dos Bailados Russos e o corégrafo de «O Bobo», de Prokofieff.

A carreira de Massine inicia-se sob um bom signo e assenta sobre a mais sólida formação. Os frutos serão bem visiveis, pois a obra de Massine é uma das mais fortes e importantes do bailado contemporaneo atestada por «ballets» como «O chapeu de três bicos» (Picasso, Falla), «Parade» (Picasso, Satie), «Pulcinella» (Picasso, Strawinsky), «A loja fantástica» (Deroin, Rossini e Respighi), e os seus célebres «ballets» sinfónicos como a «8.ª Sinfonia» (Berard e Beethoven), «Rouge et Noir» (Matisse e Chostakovitch), etc.

Léonidas Massine tornou-se especialmente conhecido do publico português através do cinema. Ninguém pode esquecer a sua impressionante presença e todos se lembram do Massine de «Capricho espanhol», «Os sapatos vermelhos», «Os contos de Hoffman», etc.

Hoje, o seu prestígio apenas pode ser equiparado ao génio de Balanchine e a sua presença é solicitada por todos as companhias do Mundo para que monte os seus mais famosos «ballets». Mas, entretanto, a actividade criadora de Massine não pára e a sua acção como estudioso da dança indiana não é das menos importantes. Como mestre dos seus filhos também o seu trabalho é um valor a considerar, pois o jovem Massine Jr. parece revelar as melhores disposições para seguir a carreira de seu pai. Tatiana é, por sua vez, uma prometedora bailarina.

Curso para adegueiros

VILA REAL, 22 — Organizado pelo Grémio dos Vinicultores deste concelho e em colaboração com a Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, começa na próxima segunda-feira um curso para adegueiros. Este curso, dirigido por técnicos da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, terá a duração de 6 dias. As aulas, que podem ser frequentadas por quem o desejar após a referida inscrição (que é gratuita), serão diárias e pelo espaço de duas horas, as quais se efectuam na sede do respectivo grémio.

RITZ CLUB
Adultos — Maiores de 17 anos
MUSICA DE BAILE POR
VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALÃO TIPICO:
NOTAVEL SERVIÇO DE CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS

UM ÊXITO DE LOUCO ENTUSIASMO!
LOTAÇÕES ESGOTADAS!
HOJE
ADORACION y JOSÉ LUIZ
A FAMOSA PARELHA DE BAILE QUE ARREBATA O PUBLICO
TRIO BRISAS
HERMANOS SACROMONTE
E, AINDA, TODO O ELENCO DE OURO DO «RITZ-CLUB»

ESTADIO DO RESTELO
Hoje, ás 22 horas
GRANDIOSO FESTIVAL DE VARIEDADES COM O PROGRAMA «PASSATEMPO», DO QUAL FAZEM PARTE OS ARTISTAS LEÓNIA MENDES — CARLOS RAMOS — RUI DE MASCARENHAS — MARIA DO CARMO—MARIA AMÉLIA MARQUES — JOÃO FIRMO — JULIETA FERNANDES — SELVAGIO — ALBERTO RAMOS — JOSETTE & MÁRIO SANTIAGO E AINDA «A LIÇÃO DO MENINO TONECAS» COM FERNANDO RUAS E PEDROSO DE CARVALHO
ORQUESTRA ODEON
2 CONCURSOS COM PRÉMIOS
PREÇOS: — 12$50 e 7$50
BILHETES À VENDA NA SECRETARIA DO BELENENSES E AGENCIAS
(ESPECTACULO PARA MAIORES DE 12 ANOS)

AMANHÃ — ÀS 21,30 HORAS
no COLISEU DOS RECREIOS
Sensacional espectáculo
para distribuição dos prémios da "21.ª VOLTA A PORTUGAL"
O MAIOR PROGRAMA DE «MUSIC-HALL» DOS ÚLTIMOS TEMPOS, com as vedetas internacionais cedidas pela «Tágide» e pelo «Palm Beach»: ANTINEA * BOB BOUDART * ANNA MARIA REBUSTINI * HELENA TAVARES PATRÍCIA * JIMMY TONY E IDALÉCIA * CONJUNTO DE JORGE BRANDÃO
e ainda todos os componentes da caravana artística que acompanha a «Volta a Portugal»:
HUMBERTO MADEIRA * MARIA JOSÉ VALÉRIO MONIZ TRINDADE * ÓSCAR ACÚRCIO * HELENA VIEIRA * JOAQUIM CORDEIRO E O CONJUNTO SEM NOME
* PREÇOS POPULARÍSSIMOS *
Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!

UM ÊXITO! EM 7.ª SEMANA

«A CORISTA»
Grande criação de
* LAURA ALVES *
EM
A RAINHA DO FERRO-VELHO
com ASSIS PACHECO
no TEATRO MONUMENTAL
Emp. LAURA ALVES—T. 55133
Às 21.45 h.—Adultos m/ 17 anos
Amanhã, esp. á tarde ás 16 h.

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

SOLAR DA HERMINIA
Largo Trindade Coelho—Tel. 20164
BANQUETES
Jantares e Ceias
Fados e Guitarradas
com
HERMINIA SILVA
e o seu elenco privativo
(Maiores de 17 anos)

UM TEMA EM DISCUSSÃO

Folclore não é Carnaval

nem "o pão de um milhão de portugueses..."

Muito se tem dito e escrito ultimamente sobre folclorismo, tanto os que sabem como os que não sabem. Estes ultimos talvez mais que os primeiros.

Do maior numero fazem infelizmente parte os que ignoram parcial ou mesmo totalmente o próprio sentido da palavra, que alguns até aplicam por vezes com sentido depreciativo.

Involuntàriamente confundem-se um pouco o folclore, tradição, lendas, usos, costumes com a canção da rua, com o número da revista antiga nacional ou estrangeira, que os «ranchos» ou «rusgas» que se organizam para as festas de S. João do Porto ou Braga, ou mesmo as do Santo António de Lisboa, ensaiam algum tempo antes para apresentar numa modernissima exibição das «marchas» (referimo-nos ao Porto) com que de há alguns anos a esta parte se adulteraram as nossas festas de muito carácter e propriedade, dando-lhes feição estranha, pretenciosamente «bem», como se o nosso povo, o «tripeiro», fosse capaz de se esquecer do carneiro assado com batatas, do café e pão quente com manteiga, do arroz doce á madrugada, e de ir ao Bolhão comprar o ramo da cidreira, o alho porro, o mangerico e nas Fontainhas assistir ao amanhecer, para depois, ao retirar para casa, ver qual dos parceiros tem mais cara de «arrolado», mas sempre a cantar o repenica, repenica, repenica, ou a repapoila, repapoila, repapoila...

Aos «ranchos» e ás «rusgas» chamam agora «grupos folclóricos».

Nisso é que o disparate é de arripiar.

Não se olha a meio termo. Meia duzia de raparigas e rapazes fantasiados com mais ou menos liberdade de carnavalesca, entre si agrupados por morarem no mesmo sítio ou trabalharem na mesma oficina, fábrica, ou pertencerem a um grupo mais ou menos recreativo, excursionista, de amadores de teatro ou mesmo sindicato ou Casa do Povo, ensaiam uma ou mais cantiguinhas ou marchas — pois com passo certo é que eles sempre desfilam — e aí os temos a entrar em competições, concursos «folclóricos», a apresentarem-se até em actos festivos patrocinados ou mesmo realizados por organismos que, mais do que ninguém, tinham o dever de impedir a todo transe que se adulterasse uma coisa que representa um património, que tem história, tradição e raízes próprias.

A indumentária de alguns desses grupos chega a ser hilariante.

Sem falar numas raparigas e rapazes que se vestem de papel — possívelmente no exterior — há o grupo de uma fábrica cujos «componentes» se apresentam com indumentária mais ou menos bizarre em cores e feitio, mas a cobrir-lhes a cabeça uma espécie de tacho em alumínio, tampão ou disco de roda de automóvel, pois isso é um dos principais produtos do seu trabalho profissional. Note-se que esse grupo, dessa maneira «folclórico», já ganhou uma muito disputada competição, com um juri mais ou menos «oficial»...

Depois disto que fazer?

Mas diga-se, aqui á puridade, que este mal não é só nosso.

Em Nice, onde há pouco tempo assistimos a um festival internacional do folclore, também vimos muita coisa que não está certa. Um grupo representativo da Turquia exibiu uma dança guerreira de nome «Kilic-Kalkan» (dança da espada e do escudo) que nos pareceu tudo menos folclórico. O da Austria, grupo tirolês de Kitzbuhel, era constituído por verdadeiros artistas de ópera, que se exibiram em solos e coros dignos dum grande espectáculo de belo canto. O grupo da Jugoslávia constituído na sua totalidade por estudantes universitários de ambos os sexos (Miljenko-Cvitkovic) era mais um grupo de puro «ballet» que outra coisa qualquer.

Não há a menor duvida que o grupo mais rigorosamente folclórico na mais pura acepção da palavra, foi o nosso, o das lavradeiras de Santa Marta de Portuzelo (Viana do Castelo). Assim o consideramos nós e o reconheceu o próprio publico, pelos aplausos que sempre lhe dispensou, onde quer se que exibisse.

Não temos, felizmente, só esse grupo que muito bem pode representar Portugal, onde quer que seja.

No Sul do País, na Madeira e nos Açores, no Nordeste trasmontano, nas Beiras e na orla marítima, o folclore nacional não é uma palavra sem significado. O que é preciso é defendê-lo contra a inconsciência de muitos que não distinguem o trigo do joio, o ouro do pechisbeque, a pureza da falsificação.

Cantem e dancem á vontade, vistam-se ou dispam-se como quiserem, ponham tachos á cabeça, ou mesmo rodas de automóvel, vistam-se os rapazes á maruja e as raparigas á varina, toquem-se acordeons ou o velho harmónio, que no meu tempo da tropa se chamava «piano de cavalariça», mas não se adultere o que é típico, caracteristicamente minhoto, beirão ou algarvio — simplesmente português, tal como o defenderam António Ferro, Francisco Lage e o defendem felizmente ainda Matos Sequeira, Sousa Gomes, padre Mourinho, Cardoso Marta e tantos outros, verdadeiramente dignos do nome de etnógrafos ou folcloristas, sem de nós nos alguma deixarmos de lembrar os drs. Augusto César Pires de Lima, Jaime Lopes Dias e outras devoções.

Senhores! Deixem-se de condescendências!

Uma senhora muito ilustre, que toda a vida se dedicou ás letras, um dia transigiu com uma outra, consentindo que as raparigas duma típica aldeia do Norte se «maquilassem», pondo «baton» e «rouge» na hora em que o juri que devia proclamar a «Aldeia mais Portuguesa» a visitava, antecipadamente convencido que o galo de prata ali seria imposto. Tanto foi preciso para que a terrinha fosse desclassificada, aliás muito justamente. Etnografia e folclore não são de maneira nenhuma teatro de revista ou zarzuela, vestimentas de fantasia, pandeiretas com lacinhos, moças de mãos na cintura a marchar como recrutas e os rapazes com bonés de papel de cores bipartidas.

De folclore não são os grupos excursionistas.

De folclore são os outros, que têm os seus fundamentos na tradição, na história, nas lendas, nos usos e nos costumes nacionais.

Folclore, não é dar pão a um milhão de portugueses...

GUILHERME CARVALHO

FEIRA DA LUZ

A tradicional Feira da Luz, que a Camara Municipal de Lisboa promove todos os anos, é inaugurada no próximo dia 7 de Setembro. A marcação de terrado, para a instalação de barracas, faz-se no dia 30 do corrente, ás 10 horas.

Teatros e Cinemas

(Continuação da página anterior)

dos filmes alemães do após-guerra. Aliás a própria interpretação foi confiada a conhecidos actores alemães.

A história, envolvendo um crime por amor, é pretexto para uma turística propaganda das belezas naturais da Suíça, em especial da estancia de S. Moritz.

O realizador suíço é Artur Maria Rabenalt, e os actores alemães que escolheu e dirigiu são Winnie Markus, Signe Hasso e Karlheinz Bohn, o característico galã de todas as «Sissis».

Quem se interessar por ver como os suíços fazem filmes alemães, tem o seu lugar no Avis. — *Visor K.*

Última semana

de «A rainha do ferro-velho», no Monumental

Só uma peça de categoria pode, nesta época de Verão, manter-se no cartaz tanto tempo como «A rainha do ferro-velho», que hoje entra em sétima semana no Monumental.

A contribuir para este triunfo tem de se salientar a criação de Laura Alves, na figura da «corista», e, ainda, Assis Pacheco, Maria Helena, Artur Semedo, Luís Filipe, Henrique Santana, Henrique Santos, Alberto Ghira, Joaquim Miranda e Maria Luizette.

No São Jorge

Arturo de Córdova em «À meia luz os três»

Arturo de Cordova, em «A meia luz os três», presentemente, em exibição no S. Jorge, é conquistador conquistado, como todos os homens que pretendem dominar e acabam por ser dominados pelas diabruras das «fortalezas» femininas, que são, neste caso, as esculturais Lilia Prado, Maria Helena Marques, Martha Roth e Sofia Alvarez. «A meia luz os três» diverte o publico, fazendo-o rir.

No Monumental

exibe-se «Contigo nos meus braços»

«Contigo nos meus braços», que se encontra actualmente em exibição no Monumental, é um filme que vale a pena ver. Tab Hunter, um dos melhores actores da nova geração, interpreta magistralmente o seu papel de grande amoroso, apaixonado por uma mulher muçulmana, que adora com um amor nunca visto. Ela, a bela Etchika Choureau, soube também encarnar com grande naturalidade a figura dessa mulher.

VIDA MUSICAL

A transmissão dos Festivais de Estocolmo

A Emissora Nacional transmite amanhã o terceiro programa do Festival de Estocolmo de 1958. Este programa será dividido em duas partes, a primeira das quais vai ser transmitida ás 15 e 50, por Lisboa 2 e modulação de frequência, incluindo o «Concerto Grosso em fá maior», de Händel, e o «Concerto Brandeburguês n.º 5 em ré maior», de J. S. Bach. A segunda parte, transmitida ás 22 horas, também por intermédio de Lisboa 2 e modulação de frequência, será inteiramente preenchida com o concerto em ré menor para dois violinos e orquestra, de J. S. Bach.

A interpretação dos trechos referidos está a cargo da orquestra de camara «Cappella Coloniensis», com a colaboração dos solistas Gustav Scheck (flauta), Ulrich Grehling (violino), Dieter Vorholz (violino), e Fritz Neumeyer (cravo).

UM ÊXITO QUE NUNCA ESQUECE

Casaroga

TELEF. 23584
AV. LIBERDADE, 137
(ADULTOS M. DE 17 ANOS)

SEMPRE ENCHENTES COM A NOTÁVEL ATRACÇÃO ESCULTURAL

BALLET ROSALIN ROY

8 PRÉMIOS DE BELEZA EM NOVOS RITMOS MODERNOS
LUXUOSA APRESENTAÇÃO ENTRE VIBRANTES APLAUSOS

E, AINDA, HERMANAS ZAMORA E A PARELHA

DE BAILE: Carmen Sacramente - Luiz Ramon

Permanente musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — TEL. 27172
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
A história de uma rapariga que através de tudo esperou pelo homem amado!
A ARMA DE UM BRAVO
com **Stewart Granger** e **Rhonda Fleming**
Metrocolor — Cinemascope

EDEN — TEL. 20768
A's 15.30 - 18.30 e 21.30 (M/12 anos)
O filme do momento
O HOMEM DO DIA
com ALVES BARBOSA, MARIA DULCE e COSTINHA
Assistirá ao espectáculo de domingo á noite o ciclista Alves Barbosa.

CONDES — TEL. 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
A história de um tarzan que poderia ser a nossa história
O TARZAN DO 5.º-ESQ.º
com **Raul Solnado, Carmen Mendes, Artur Agostinho e Leónia Mendes**

ALVALADE — Telefone 763080
15.45 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Uma história de medo e de furia! ...e de uma rapariga que esperou pelo homem amado:
A ARMA DE UM BRAVO
com **Stewart Granger** e **Rhonda Fleming**
Metrocolor — Cinemascope

AVIS — Telefone 47162
A's 15.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
No ambiente de reunião da alta sociedade desenrola-se um drama apaixonante
O SOL DE S. MARITZ
com **Winnie Markus** e **Signe Hasso**

CASINO ESTORIL
A's 21.30 (M/17 anos)
PRENDA DE ANOS
com **Tony Britton**

TERRASSE — TEL. 20917
A's 21 (M/17 anos)
DEZ SEGUNDOS DE SILENCIO
O HOMEM DA COLINA

TIVOLI — TEL. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite — (M/17 anos)
Joanne Woodward, considerada a melhor actriz do ano!
A MULHER DO PRÓXIMO
com **Sheree North** e **Tony Randall**
em Cinemascope

POLITEAMA — TEL. 26309
15.15 - 18.15 e 21.30
A triunfal comédia sobre a história de dois corações rebeldes
QUERO-TE, MAS DEIXA-ME
com **Tab Hunter** e **Natalie Wood**
(Maiores 12 anos)

ROMA — Telefone 727778
A's 15.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
A história alegre de uma costureirinha que se tornou rainha de Paris
MIMI PINSON
com **Dany Robin** e **Raymond Pellegrin**

TERRAÇO CAPITÓLIO — Tel. 27493
21.15 (M/17 anos)
Cinemascope
AMA-ME OU ESQUECE-ME
com **Doris Day**
CANÇÃO PAGÃ
com **Esther Williams**

ESPLANADA PORTUGÁLIA — Telefone 56145
21.30 (M/17 anos)
Vistavision
GARRAS DE MULHER
O rei da confusão

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
A's 21 (M/17 anos)
Cinemascope
FURIA DE VIVER
Encarcerada

ROYAL — Telefone 845057
A's 21 (M/12 anos)
Ep. Verão (p. r.)
PARA ALÉM DA MORTE
No progr.: **A mulher dos meus sonhos**

IMPÉRIO — Tel. 55134-5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
Um filme de «suspense» feito para os nervos e para a inteligência
A HORA ZERO
com **Dana Andrews, Linda Darnell** e **Sterling Hayden**

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos) **Arturo de Córdova** numa interpretação comica, diferente das actuações habituais
A MEIA LUZ OS TRES
Tudo pode suceder á meia luz...
com **Lilia Prado** e **Maria Elena Marques**
Temp. primaveril — Ar refrigerado

MONUMENTAL — TEL. 55131
A's 15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
A história de um coração que regenerou a alma sombria de uma mulher...
CONTIGO NOS MEUS BRAÇOS
com **Tab Hunter** e **Etchika Choureau**

ODEON — Telefone 26263
As 15.15 e 21.15 (M/ 12 anos)
2.ª SEMANA
O inesquecivel filme de épicas aventuras
LANCEIROS DA INDIA
com Gary Cooper e Franchot Tone
No progr.: **«Horizontes desconhecidos»**
Preços red. — Epoca de Verão
A's 18.30 — **Lanceiros da India**

LIS — TEL. 48560
A's 21 (M/17 anos)
Colorido
UMA AVENTURA NO MEDITERRANEO
Cinemascope
SEMENTES DE VIOLENCIA

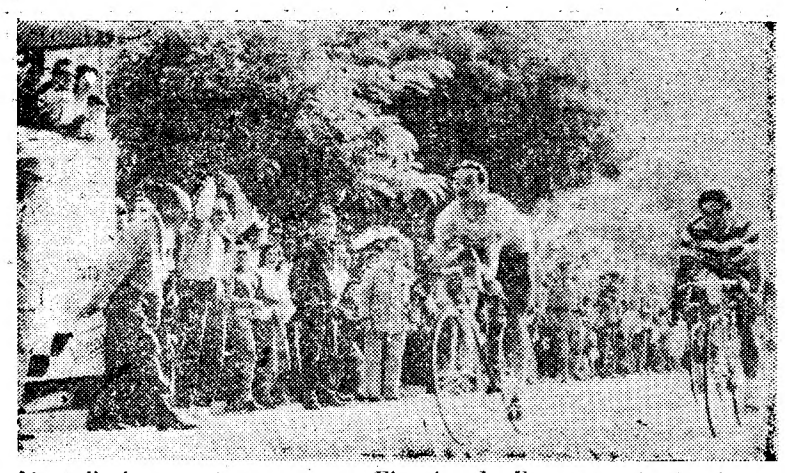
PAVILHÃO PORTUGUÊS — (Parque Mayer) Tel. 366783
21.15 (M/17 anos)
Warnerscope
SANTIAGO
Apaixonados

CAVALHEIRO

V. Ex.ª encontra: Doçaria caseira, Café de Timor em balão
— Inconfundivel —
UMA PEGA 6$50 no
BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D.

HOJE, ás 22 h. e ás 23 horas, a preços reduzidos
SOM E LUZ no Claustro do Mosteiro dos Jerónimos
«NOITE DO TEJO»
(Maiores de 12 anos — Sábados, maiores de 6 anos)

A Volta a Portugal em bicicleta



Alves Barbosa corta a meta na Figueira da Foz, em primeiro lugar, seguido do «leão» Américo Raposo. A assistência exulta com mais esta vitória do sangalhense

Pelotão maciço em Leiria

— Uma espécie de ensaio geral da etapa de Lisboa

por TAVARES DA SILVA

LEIRIA, 23. (Pelo telefone). — A ligação para Leiria, penultima da Volta, ultima em fantasias de percurso — os objectivos não são dificeis de descobrir — começou, como estava previsto, após a jornada dupla, mas curtíssima, da véspera, em andamento vagaroso. Dava a ideia, que considerávamos perfeitamente ajustada ás circunstancias de que se tratava do «ensaio geral» da etapa final, em regra um passeio triunfal.

A tirada, no livro oficial, em que não há uma página sem erros, marcava como quilometragem para hoje 153. Uma rectificação em comunicado do juri, disse-nos haver sido mencionada a localidade de Ancião como sitio de passagem, quando de facto a Volta não passava por ali... Por essa razão, acrescentava o juri, a etapa tinha sido diminuida de 8 quilómetros, passando a ter a totalidade de 145. Mas também este numero estava errado, pois o juri, á chegada a Leiria, indicou como total 156 e foi sobre essa distancia que calculou a respectiva média.

Diga-se que, na primeria hora, os corredores só cobriram cerca de 30 quilómetros, e quando chegaram aos 50 tinham gasto 1 h. e 36 m. Nem mesmo uma paragem de Alves Barbosa, por motivo de avaria mecanica, espevitou a marcha. E deste simples facto, segundo se julga, pode insistir-se na tese de passividade e confirmismo.

O pelotão seguia na calma e na calma o «leader» recolou — assim como Polainas, a contas com um «furo» — chegando-se á segunda hora com 31 quilómetros de média. A etapa, verdadeiramente, não tinha história...

Ainda o que a animava, de quando, em vez, era a conquista dos prémios de passagem, de certo modo frequentes.

A' terceira hora estavam cobertos 94 quilómetros, o que dava a média de 31,333, e não havia a menor indicação de melhoria. Marcha ronceira, sem pormenores de importancia. Simples cumprimento do programa de prova.

Aqui e além, o andamento acelerava, devido a uma «variante». Assim, após a vila de Pombal, o «lanterna vermelha», Anastácio, do Benfica, sob a custódia simpática de Barbosa, fez duas u três tentativas de fuga. Era uma coisa expectacular e que não fazia mal a ninguém: — o ultimo cortar a meta de Leiria em primeiro lugar... Mas Sousa Cardoso não o consentiu.

Outras tentativas desenvolvidas alguns quilómetros atrás — Henrique de Castro e dos homens do Sporting — também não resultaram.

Continuando a marcha em pelotão, os corredores animavam-se nas localidades

(Continua na 11.ª página)

Aplausos

para um desportista: Sousa Santos

exemplo que se aponta como digno de ser imitado

A colocação de Sousa Santos na classificação geral não deve ser interpretada com o rigorismo frio que exige um atleta que perdeu faculdades ou sucumbiu por deficiente preparação. Tão-pouco se poderá deduzir que o ciclista perdeu na estrada porque outros lhe foram superiores. Sousa Santos, um dos mais firmes valores do nosso ciclismo, com suficientes provas prestadas, pela sua actuação neste prova, merece ser apontado como um grande exemplo, digno de ser imitado por quantos militam nas hostes do desporto.

Tendo ficado ferido no desastre em que perdeu a vida o malogrado António Baptista, o corredor do F. C. Porto estava condenado a não participar nesta Volta. Um traumatismo violento num joelho não era de molde a poder contar-se com o seu concurso. Mas o brioso atleta soube dizer «presente!» ao seu clube. Em precárias condições físicas alinhou, para envergar uma camisola que o honra e que apressou mais o seu prestígio pessoal.

Por duas ou três vezes esteve prestes a desistir, mas a sua dedicação e o seu pundonor sobrepuseram-se á sua vaidade atingida. Continuou a lutar com redobrado ânimo e sempre até quanto possível colaborou em fugas, contribuindo para algumas das melhores médias da Volta. Longe dos lugares cimeiros que lhe eram habituais, Sousa Santos, em breve, iniludivelmente, se viu classificado no pedestal de honra dos atletas que têm a noção do dever e o prestigiam em todas as circunstancias.

Bravo, Sousa Santos! — F. S.

ORIGINALIDADE

— o nó da Volta

Pegou-se no mapa de Portugal. Mediu-se um rectangulo mais ou menos regular. Contaram-se as terras e multiplicaram-se por dias. Desenhou-se um traçado de inicio aceitável. Regressou-se a Lisboa. Novo traçado, directo á raia fronteiriça. Obliquou-se para o Porto, onde se assentaram arraiais. E inverteu-se a «corcunda» do Minho, uma espécie de saudação simbólica á Espanha. Avançou-se e retrocedeu-se. Penetrou-se no centro. Fugiu-se da verdadeira montanha! Regressou-se ao litoral, parecendo que o Sul seria o rumo lógico. Puro engano. Amarga decepção! Violentamente, voltou-se para o Norte, como se a bussola estivesse avariada. Outra mais alta atracção magnética, ardilosamente e sádicamente resolveu dar um nó na região aveirense. Um autentico labirinto, desnorteante, estranho.

Em resumo, uma brincadeira *que teve princípio, meio e que, para alivio de todos nós, há-de ter um fim.*

FLAGRANTES

* *O brioso José Anastácio da Silva, o «lanterna vermelha», é um caso típico de recuperação. Nesta ultima semana da Volta revelou uma subida de forma pronunciada, que se expressou através de alguns momentos de luta mais viva. Anastácio deu até provas de poder responder num plano aceitável, consequência afinal de que os quilómetros, mas sempre muitos, são indispensáveis para a solidez da forma de qualquer ciclista.*

* *Uma sensacional revelação chegou ao nosso conhecimento na Figueira da Foz e diz respeito á desistência de Artur Coelho, verificada na etapa de Portalegre. O nosso informador, que «bebe do fino», afirmou-nos que o citado corredor fora compelido a abandonar a prova por imposição dos seus dirigentes, pelo que a desculpa de uma lesão no menisco não passava de uma fantasia.*

* *Julgamos que qualquer entidade organizadora que se preze não deve descurar, entre outros problemas, o da instalação dos corredores. Não sabemos de quem é a culpa, mas a verdade é que, no que se refere á equipa do Benfica, vimos os seus corredores hospedados numa garage, em Vila do Conde, e numa cave humida e abafada), de um hotel da Figueira da Foz. Até ficámos estarrecidos!...*

* *Na passagem por Mira, Pedro Polainas ganhou uma taça e um relógio. Os desportistas locais, que foram pródigos em instituir prémios, destinaram 100$00 para as famílias dos Espanhóis.*

* *José da Costa já resolveu tomar parte na Volta do próximo ano. Irá lá, no entanto, como «lobo solitário». A bom entendedor mcia palavra basta...*

* *José Calquinhas, guiando apenas com a mão direita (a esquerda acusa uma ligeira fractura) cobriu a etapa Aveiro-Figueira da Foz com visível sacrifício, mas isso não o inibiu de coadjuvar a recuperação dos homens do Académico, que estavam atrasados. E na meta inda bateu três adversários ao «sprint».*

* *Assinalemos o progresso do «juri-organização». Na Figueira da Foz, quando se disputava uma* etapa de 9 quilómetros, *e na altura em que corria terceira equipa, é que surgiu uma sineta para indicar aos corredores a ultima volta. Que pena! E não houve um foguete!*

* *Junto ás metas costuma aglomerar-se grande numero de pessoas que só servem para complicar o serviço de ordem. Mas invariavelmente são os jornalistas quem paga as favas. Para os clarecimento, diremos que os jornalistas estão lá em missão profissional, pelo que devem merecer o máximo respeito.*

* *O rectangulo que tem o numero de ordem do corredor José da Costa encheu-se de assinaturas de elementos da carvana. Não há duvida: o «lobo solitário» caiu no goto. Até duas libras em ouro lhe ofereceram!*

* *A rivalidade Barbosa-Cardoso está a acentuar-se cada vez mais. Na Figueira, a grande expectativa consistiu na actuação do portista. Seria ele capaz de bater o «tempo» do «camisola amarela»? Quando o altofalante anunciou o resultado (mais 2 segundos), a multidão que se aglomerava junto do palanque do juri soltou um longo* oh! *de admiração.*

* *O locutor-animador Humberto Madeira, no espectáculo de ontem na Figueira da Foz, interrompeu a função, pedindo a comparência de um membro da comissão local da Volta, a fim de serem distribuidos os prémios aos delegados dos clubes. Ninguém apareceu e os prémios não foram entregues!*

A lição da Volta

por FERNANDO SOROMENHO

FIGUEIRA DA FOZ, 23. (Pelo telefone). — Um delegado de determinado clube queixou-se de que todos os seus corredores, ciosos das respectivas classificações individuais, mostravam relutancia em atacar, procurando assim contribuir não só para a subida da equipa como para a deles próprios. Acrescentou que a excessiva duração da Volta terá contribuido para esta atitude. Isto é: de inicio, os ciclistas de melhores cabedais físicos quedaram-se na expectativa, pensando que mais tarde o cansaço dos mais impulsivos ditaria a lei do mais forte. Os solavancos da classificação geral provocados pelos inevitáveis imponderáveis proporcionaram, porém, situações confortáveis e, assim, a tal expectativa gorou-se estrondosamente. O problema já o afloramos, mas hoje ele volta á liça para definir a luta das equipas. Pensamos que a orientação técnica deve considerar a corrida no seu aspecto global, desde que se aspira a uma classificação airosa e se disponha de homens capazes, a atitude otensiva deve ser encarada logo nos primeiros dias e não protelada para data a designar, dado que o escalonamento de valores está definido e ninguém quererá arriscar o certo pelo incerto, embora os superiores interesses do conjunto tenham prioridade.

O caso do F. C. Porto é sintomático. Após as primeiras escaramuças, a equipa fixou-se no primeiro lugar e nunca mais de lá saiu, reforçando posteriormente a sua posição mercê de um golpe audacioso. Depois, de posse de tão substancial reforço moral, os seus componentes trataram de pensar em si, sem que o interesse especial sofresse o mínimo abalo. Em contrapartida, outras equipas que adoptaram critério diferente, quando quiseram reagir, não souberam nem puderam. Esta foi, sem duvida, uma grande lição táctica da 21.ª Volta, desde que no futuro continue a dominar a preocupação de classificar o melhor possível as equipas.

José Calquinhas, entre o médico e o enfermeiro da Volta, depois de cortar a meta, em Aveiro

SÉRGIO PÁSCOA

um bom valor no ciclismo algarvio

O tavirense Sérgio Páscoa é um dos elementos mais novos da Volta, pois pertence ao numero dos 20 anos, aliás feitos em Fevereiro deste ano. Pela primeira vez participou na Volta e á custa de um valor que não custa a reconhecer, foi grimpando na classificação geral, por forma a ocupar presentemente um lugar entre os 15 primeiros, proeza a ter na devida conta, pois só agora iniciou a sua carreira em contacto com os consagrados.

Dos dois unicos sobreviventes da equipa do Ginásio de Tavira (o outro é Jorge Corvo), Páscoa soube revestir-se da dose indispensável de sofrimento para resistir ás contrariedades que o perseguiram no princípio da corrida. Depois, tirando partido da experiência adquirida, passou a melhorar ostensivamente. Não será um corredor de estilo definido, mas em contrapartida, assimilados determinados princípios, denuncia um espírito combativo. E' tenaz, resistente e sofredor.

— Quando se estreou na categoria de independentes.

— Na Volta a Lisboa realizada este ano.

— Impressões da Volta?

— E' muito difícil andar dentro dela, mas os ensinamentos que se colhem são preciosos.

— Em que altura começou a sentir-se á vontade?

— A partir do dia do descanso. Andei positivamente ás cegas.

— Considera-se satisfeito com a sua classificação?

— Assim... Assim... Com um pouco de sorte talvez estivesse agora entre os 10 primeiros.

A terminar, Sérgio Páscoa fez um rasgado elogio de Alves Barbosa e de Sousa Cardoso.

Outra «batalha»

contra 9 quilómetros

desenrolou-se despreocupadamente no circuito da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 23 *(Pelo telefone)*—A 26.ª etapa, assim intitulada, constitui na realização de 10 voltas a um circuito com o total de 9 quilómetros. Uma etapa! Para mais com a virtude de ter sido disputada segundo a fórmula do contra-relógio por equipas — o que já ficara demonstrado ser desaconselhável.

A formação do Benfica, que correu em 3.º lugar, conseguiu um *tempo* abaixo dos 13 minutos, á média de 43.085 quilómetros. A seguir, o Sporting, cuja actuação era aguardada com ansiedade, fez mais um segundo, em consequência da lentidão nas três primeiras voltas.

O Sangalhos, graças á boa forma que evidenciam presentemente Fernando Silva e Antonino Baptista, e a *certeza* de Alves Barbosa, causou a maior sensação ao realizar 12 m. 8 s., equivalente á média de 44.506. Restava o F. C. Porto, mas o desequilíbrio de valores não permitiu a Sousa Cardoso a colaboração indispensável para bater Alves Barbosa, visto que foi ele só quem logrou 12 m. e 10 s.

Esta *batalha* contra 9 quilómetros, previa-se, não provocou alterações na classificação geral. Sòmente António Joaquim dos Santos e José da Costa permutaram de lugares, em benefício do corredor do Académico, que de 30.º subiu para 29.º.

PÓ DA ESTRADA...

Autografos numa roda

Alves Barbosa, como aliás todos os corredores antes de uma etapa, costuma trocar impressões com os jornalistas e locutores.

É a ocasião propicia para se jogarem «piropos» e se fazerem revelações.

Humberto Madeira resolveu brincar com o «camisola amarela», duvidando que ele chegasse a Lisboa com o precioso distintivo. O «Tó» não ficou agastado e, a rir, disse que tudo é possível nesta Volta *(damos-lhe inteira razão...)*.

Humberto, para compensar, atalhou:

— Agora vê lá o que fazes! Olha, pelo sim, pelo não, vou pôr o meu autógrafo na tua roda!

O locutor Artur Agostinho também logo rabiscou o seu autógrafo ao lado do de Humberto. Este, como se estivesse a desempenhar um gracioso papel no teatro ligeiro, demonstrou grande aflição, que provocou estrepitosas gargalhadas:

— Ó «Tó»! Por amor de Deus não traves por cima deste bocadinho de oiro!...

INSTITUTO PARTICULAR DE SAÚDE
Consultas médicas de todas as especialidades a preços de Policlínica
SERVIÇO PERMANENTE DE CHAMADAS AO DOMICILIO
Av. Guerra Junqueiro, 14, 1.º, Dt.º—LISBOA—Telefs. 727408 e 729739

DINHEIRO
COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.as HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

DESPORTOS

HÓQUEI EM PATINS

Os juniores do Campo de Ourique são campeões de Lisboa

A segunda «mão» da final do campeonato regional de juniores, ontem disputada no rinque do Campo de Ourique, foi suficiente para decidir do título, pois a equipa da casa logrou derrotar o seu adversário (o Cascais), por 3-0, em resposta ao empate (3-3) registado na partida de Cascais.

O desafio de Lisboa foi assaz diferente do realizado na Costa do Sol. Quando aqui ainda houve hóquei. Não, durante todo o desafio, mas durante algum tempo. Ontem, porém, não se vislumbrou uma jogada sequer com princípio, meio e fim, um lance racionalizado. Tudo foi imponderado, intemporal. Exceptuando as magníficas possibilidades do numero cinco cascalense e do numero quatro dos campeões, efectivamente dois valores a despontar.

Mas... nada mais. Hóquei com sinal negativo, mormente no segundo trecho do encontro, não deixando de contribuir para isso a forma como actuou o «capitão» dos campeões, que sofreu duas expulsões temporárias, ambas ditadas pelo critério mais justo. Conhecendo bem a personalidade desportiva do orientador técnico do «cinco» lisboeta — José Vaz Guedes — não temos duvida alguma em afirmar que o médio do Campo de Ourique não seguiu as indicações dadas pelo seu treinador.

Contudo, a forma de actuar menos certa desse jogador não chegou para negar a justiça do êxito do Campo de Ourique. Não jogando bem, foi, apesar de tudo, a mais incisiva a que proporcionou maior numero de ocasiões de perigo na área do adversário.

O Cascais, actuando no mesmo plano do antagonista, foi, acima de tudo uma equipa sem fortuna. Os três tentos sofridos pelo seu guarda-redes foram mais consentidos do que propriamente construídos. Além de tudo, o seu defesa não conseguiu transformar dois «penalties», inversamente ao que aconteceu em Cascais que obteve três golos na conversão de outros tantos castigos máximos.

*

Tornou a sentir-se a falta de juízes de baliza. No primeiro minuto da segunda parte, houve uma bola que pode ter estado dentro da baliza do Campo de Ourique. Todavia, da forma como o lance decorreu o árbitro não podia fazer mais do que fez — punir o Campo de Ourique com um «penalty», por cuja marcação se aguardou a recomposição do guarda-redes que saíra magoado, por uma «sticada» involuntária, no rosto.

*

Estiveram presentes ao desafio os srs. Olivério Serpa, director da Federação de Patinagem; e os srs. dr. Alberto Mesquita e Carlos Alberto Pimenta, dirigentes da Associação de Patinagem do Sul.

JOSÉ GRAIS

AUTOMOBILISMO

As provas de hoje no Porto

Nogueira Pinto, rodeado de admiradores, após mais um triunfo

No Porto, esta tarde, realiza-se a corrida para carros de «Fórmula Junior, para disputa da «Taça Cidade do Porto» e amanhã, o «VII Grande Prémio de Portugal», para carros de «Fórmula 1», ambas com a participação dos melhores volantes da actualidade. Na primeira estarão presentes os campeões portugueses Filipe Nogueira, Nogueira Pinto, Correia de Oliveira, Araujo Cabral e J. M. Simões, que se baterão com Brec, Lippi, Gasparini, Abbal, Zanetti e Camorote.

Na prova de «Fórmula 1», teremos em luta Howthorn, Brooks, Stirling Moss, Behra, Trips, Evans, Salvadori e outros que, ontem, durante os treinos oficiais, patentearam claramente o seu extraordinário valor, como o atestam as médias obtidas na volta mais rápida: Moss, 171,770 quilómetros (novo «record»); Behra, 170,750; Brooks, 170,100 e Howthorn, 169,200.

Nos treinos de «Fórmula Junior», a média atingida pelo portuense Nogueira Pinto foi de 135,98 quilómetros, de facto, muito boa. Seguiram-se-lhe Luigi Noble, com 133,51; Zanarotti, com 132,66; Genovese, 131,58; Camorote, 130,26;

(Continua na 10.ª página)

Hoje, à noite

ANIVERSÁRIOS—A's 21 horas, no rinque da Liga de Algés, desafios de hóquei em patins, com a participação do Paço de Arcos, Queluz, Amadora e Algés, em comemoração do 7.º aniversário do Hóquei Clube de Belém.

—A's 21 e 30 horas, no Clube Desportivo da Charneca, teatro e variedades, para encerramento das comemorações do 25.º aniversário.

BASQUETEBOL — A's 21 e 30 horas, no Pavilhão dos Desportos, exibição do Harlem Globetrotters.

FESTIVAIS—No Estádio da Luz, para assinalar o começo da construção do terceiro anel da bancada, com variedades e futebol.

—No Estádio do Restelo, com variedades, para obtenção de fundos para melhoramentos.

HANDEBOL (modalidade de 7) Campeonato de Lisboa — No rinque do Campo de Ourique, a partir das 20 e 30 horas: Monte Pedral-Oriental; Benfica-Belenenses e Sporting-C. Ourique.

NATAÇÃO — A's 21 e 30 horas, no Estádio Náutico do Sport Algés e Dafundo, 2.º festival internacional.

CICLISMO

A «Volta dos Campeões» na Figueira

Com a participação, entre outros, das equipas do Sporting, Sangalhos, Futebol Clube do Porto e Benfica, realiza-se no dia 14 de Setembro, ás 15 horas a «23.ª Volta dos Campeões», na Figueira da Foz, com o percurso habitual e na extensão de 54 quilómetros. Os prémios constam de 6 taças e de uma bicicleta.

Ás 11 horas do mesmo dia efectua-se a corrida «Libras de Ouro», integrada no «Dia Ciclista». Haverá taças para os 1.º, 2.º e 3.º classificados, que receberão, também, duas, uma e meia libra, respectivamente.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO

Os campeonatos nacionais femininos, de atletismo, continuam amanhã, ás 16 horas, na pista do Restelo. O certame tem a sua segunda jornada, que inclui as seguintes provas: 200 metros, salto em comprimento, lançamentos de disco e peso e estafeta 4×100 metros.

Extra-programa haverá uma prova de dardo para aspirantes.

A reunião tem interesse e, tal como sucedeu nos «regionais», o principal atractivo evitará no despique Belenenses-Sporting.

DESPORTO CORPORATIVO

Num período de mais calmaria, o desporto corporativo tem amanhã uma jornada de bastante interesse. E' que, no recinto da Mouraria, a partir das 10.30 horas, disputa-se a 1.ª «mão» da final do campeonato nacional de voleibol, entre as equipas da Shell, de Lisboa, e dos Bombeiros Municipais, de Coimbra.

VELA

Os nossos velejadores não ficarão inactivos amanhã. No Seixal prosseguirá o Torneio Anual de Vougas, disputando-se ás 11.30 horas, a 4.ª e antepenultima regata do certame, que está a desenrolar-se com bastante interesse.

HIPISMO

O 11.º Concurso Hipico de Sintra tem amanhã a sua 3.ª jornada que, por sinal, é a mais importante do certame, não admirará, portanto, que, por isso e pelo interesse com que o certame está a decorrer, o campo do Sport União Sintrense venha a registar uma verdadeira enchente.

De manhã disputar-se-ão as provas «Peninha» e «Monserrate» — a primeira reservada a cavaleiros juniores e disputada em percurso de «caça», a segunda reservada a cavalos que não tenham ganho mais de 3.000$00, disputada em «regularidade».

A' tarde — mais duas provas: «Queluz» e «Grande Prémio de Sintra». Esta é a razão por que consideramos a jornada de amanhã a mais importante. A primeira destas provas é reservada a cavalos com mais de 3.000$00 ganhos que não entrem na 2.ª; será disputada num percurso de «duplos», á velocidade de 350 m/m e com «handicaps».

O «Grande Prémio» é de inscrição aberta a todos os cavalos que não disputem qualquer outra prova da jornada. Velocidade 350 m/m. «Barrage» ao cronómetro para o 1.º lugar; os restantes lugares são resultantes das faltas e tempo do percurso inicial.

NATAÇÃO

Todas as atenções do nosso meio da natação estarão amanhã viradas para Aveiro, onde, na piscina do Beira-Mar se disputarão as provas da 2.ª jornada dos campeonatos nacionais de iniciados e aspirantes, que hoje, á noite, se iniciam no mesmo local.

As várias competições deverão suscitar o maior entusiasmo, pois nelas entram nadadores de Lisboa, Porto, Aveiro e Coimbra. E porque os ultimos serão os primeiros não podemos deixar de citar os Moçambicanos. Por certo, haverá que assinalar a queda de alguns «records».

As provas de amanhã principiam ás 16 horas.

*

Mas, Lisboa, não fica sem natação. Na piscina de S. Bento, ás 17 horas, o Torneio de Escolas de nadadores (infantis) tem a sua 3.ª e ultima jornada — a das finais.

PESCA DESPORTIVA

Está marcado para amanhã, o 1.º «Concurso de Alpiarça» — prova de rio, de pesca desportiva, que se realizará junto á Casa-Museu dos Patudos.

TÉNIS DE MESA

Os campeonatos de ténis do Estoril, que há três dias têm vindo a desenrolar-se com a maior animação deverão ficar amanhã concluidos. O programa, tratando-se de provas a eliminar á primeira derrota, só poderá ser fixado depois dos encontros desta tarde. Mas, seja ele qual for, os despiques finais revestir-se-ão do maior interesse, pois a selecção de valores tem-se feito normalmente. E se hoje ao fim da tarde se tiver verificado alguma surpresa isso só será motivo de maior expectativa.

As gentis nadadoras do ballet de «Acqua Bell's», cuja exibição constituiu um dos melhores momentos do festival de ontem

NATACÃO

Três vitórias para cada lado no despique Algés-Canárias

Do que a natação pode fornecer como espectáculo atraente e agradável, nos seus vários aspectos, a reunião de ontem, á noite, na piscina de Algés, constituiu a mais cabal demonstração.

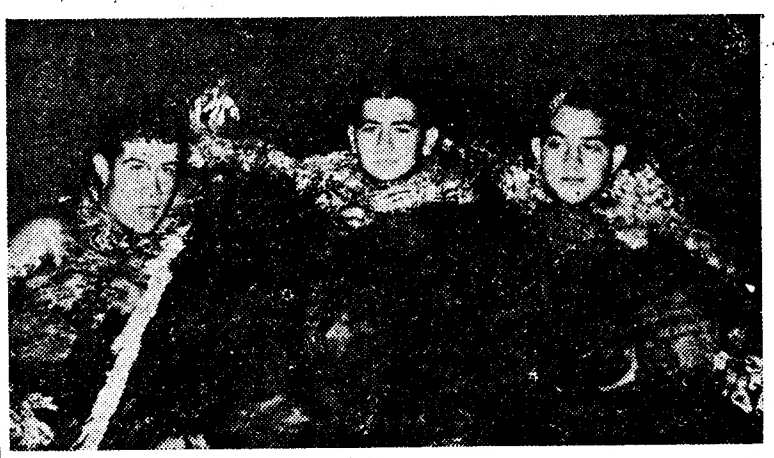
Ao longo de uma época que tem sido particularmente animada e, sobretudo, movimentada, pela realização frequente de competições, o certame de ontem e hoje, á noite como que se impunha. Metendo ombros ao empreendimento, o Sport Algés e Dafundo, como nosso primeiro clube da modalidade contribui de modo decisivo para completar a obra de valorização da natação.

A jornada de ontem foi magnifica para a propaganda da modalidade, como certamente, será a de hoje. O estádio náutico do S. A. D. encheu-se, quase de lés-a-lés e o publico não pode ter dado o seu tempo por mal empregado. Francamente não sabemos o que mais salientar: se a estafeta 4×200 metros livres, em que ao fim de uma luta empolgante, que levantou a assistência, estava derrubado um «record» nacional datado de 1946; se os «cavalinhos do circo», o numero mais vistoso do «ballet» belga de «Acqua Bell's»; se a exibição de saltos pelo campeão espanhol Fermin Martinez.

O programa foi completissimo, na verdade. Quanto a natação pura disputaram-se seis provas internacionais, com a participação de nadadores e nadadoras das Canárias e de Algés e Dafundo.

E não se diga que a reunião não começou bem. Na 1.ª prova — 100 metros, mariposa, senhoras, a «menina-bonita» da nossa natação, Maria Luísa Bessone Basto triunfou, seguida de Maria Teresa Montoya (ambas do Algés) e de Maria Ester Padilla (das Canárias). A viragem, aos 33 metros, foi feita pela mesma ordem, o que dá ideia do que foi a prova. Tempo 1 m. 38,1 s.

Logo veio o reverso. Na prova de 400 metros livres, os espanhois Cosiso (campeão de Espanha) e Miguel Pego adiantaram-se a Luís Vaz Jorge e Avelino Pereira, que ontem deixou toda a gente perplexa, sem saber a que atribuir uma nitida quebra de rendimento. Dir-se-ia que não estava lá o Avelino — grande esperança da nossa natação.



Luís Vaz Jorge, José Cossio e Miguel Pego, depois de correrem os 400 metros livres, em que se classificaram, respectivamente, 3.º, 1.º e 2.º

O seu tempo foi de 5 m. 34,4 s., quando é certo que já esta época fez 5 m. 2,1 s. A causa: uma indisposição física. Tempo do vencedor: 5 m. 3,8 s.

Na prova de 100 metros, mariposa, as posições começaram a definir-se, logo, aos 33 metros, Fernando Madeira conduzia, já, nessa altura, a despeito de bem perseguido por Sarmiento. Madeira esteve á altura dos seus créditos. Tempo 1 m. 11,2 s.

A prova de 100 metros, bruços, deu segunda vitória dos Espanhois. Enrique Ortiz, teve em José Manuel da Fonseca, um adversário á altura, que não tendo conseguido vencer pôde, no entanto, estabelecer novo «record» nacional de juniores (1 m. 23,5). O vencedor gastou 1 m. 21,8 s.

Na competição que se seguiu —

(Continua na 10.ª página)

PESCA DESPORTIVA

O «V Grande Concurso» da Figueira realiza-se em Setembro

FIGUEIRA DA FOZ, 23 — Efectua-se no próximo dia 14 de Setembro um grande concurso de pesca de mar, organizado pelo Ginásio Clube Figueirense, com o patrocínio do Fundo de Turismo e da Comissão Municipal de Turismo, desta cidade, esperando-se a inscrição de elevado numero de pescadores desportivos portugueses e estrangeiros.

O concurso está a ser cuidadosamente organizado, tudo levando a crer que resulte eficientemente.

A inscrição termina no dia 11 de Setembro e no dia 13, ás 21 e 30, na sede do clube organizador, terá lugar o leilão de canas.

Serão disputadas mais de 60 taças e outros prémios, havendo classificação especial para senhoras e infantis.

De ontem para hoje

AS ÁRVORES QUE FALTAM

SECUNDOU o nosso prezado colega «Diário de Notícias» o reparo que levantámos relativamente ás árvores da Avenida Fontes. Por certo, a Camara anuncia a rearborização da importante arteria, que é uma das vias fundamentais da circulação da cidade. E faz a previsão da obra em dois escalões: na placa central, desde o cruzamento com a Avenida António Augusto de Aguiar ate á Praça Marquês de Pombal, prevê-se que as árvores comecem a ser plantadas em Outubro; o resto — para depois. Evidentemente, a Camara tem mostrado capacidade de trabalho, iniciativa e rasgo bastante para se fazer crédito á sua promessa. Mas preferiamos — e cremos que os munícipes também — que o «depois» não fosse deixado assim para ver um dia e, mais que isso, que as árvores já lá estivessem, ou, melhor, ainda, que não tivessem chegado a deixar de estar. A tecnica permite hoje, com relativa facilidade, tirá-las, pô-las, repô-las e levá-las de um lado para outro. Mas essa facilidade talvez comporte em si um certo desapego perigoso perante a árvore, que é um valor de muitas expressões, sem esquecer o que lhe cabe pelos caidados que se lhe devem, na própria educação do povo.

FEIXE DE IMAGENS

O vaivém do tempo oferece-nos os resultados da sua fantasia. De Vouzela: vento ciclónico, chuvas torrenciais, prejuizos avultados; de Meinedo (Douro): chuva vento, árvores caidas, etc., avultados prejuízos; de Castro Daire: temporal, ribeiras que trasbordam, as culturas cobertas de geada. Mas agora o reverso: de Mondim de Basto, com as chuvas que caíram, os lavradores dizem-se satisfeitos; de Pala (Douro) onde também choveu abundantemente, espera-se um bom ano agricola; de Arouca, finalmente, a chuva beneficiou muito os vinhedos e as culturas de sequeiro. Portugal é grande!

* O ministro da Educação continuou ontem os trabalhos relativos ao problema da arrumação do excedente de alunos inscritos para a frequência de licéus e escolas técnicas. Numa reunião com o subsecretário de Estado e os reitores e directores daqueles estabelecimentos foram considerados os vários aspectos do problema, que de ano para ano se revela em proporções maiores: os ritmos de crescimento das novas construções escolares e das gerações que chegam não se processam em aceleração paralela.

* Foram postas a concurso bolsas de estudo oferecidas pelos estabelecimentos de ensino particular a alunas do ensino primario e secundário, filiadas na M. P. F. A proposta foi apresentada pelo Comissariado Nacional ao subsecretário da Educação, que aprovou a sua distribuição e louvou os colégios que corresponderam ao apelo que lhes foi dirigido.

* Rosa da Conceição Gadanho, 32 anos, abalou de casa (Arronches, Portalegre) há três anos porque o marido, Joaquim Marques Barreto, 70 anos, a maltratava. Conheceu em Cascais José Barros, 42, e com ele ficou a viver, mais os quatro filhos que trouxera. Apareceu-lhe o marido a exigir as crianças, que logo ali a esfaqueou, ferindo também o Barros. O mesmo faria ás crianças, torvo de raiva, do que o impediu o povo.

* João Correia, trabalhador rural, de Salvaterra de Magos tem uma fatalidade com os touros. Pois não fez ainda um mês que saiu do hospital, volteado por um, e já para lá volta, ferido e espezinhado por outro, quando mourejava nas Terras de Baixo. Nem lhe valeu o refugiar-se numa vala da leziria, pois lá a fera continuou a acometê-lo!

* Chamava-se José Ferreira, era conhecido por «José Mipa», tinha 45 anos, era casado e morava em Sezures. Não se lançou contra o perigo. Descarregava uma camioneta, escorregou, bateu com a cabeça numa pedra e morreu: morte quase absurda, sem alarido e espectáculo.

* Com um jantar de confraternização, em que se falaram quase todas as linguas e se reuniu gente de muitos cantos do Mundo terminaram o 34.º Curso de Férias da Faculdade de Letras de Coimbra e o Curso de Aperfeiçoamento para Professores do Ensino Secundário. Trocaram-se saudações amáveis, num português prudentemente tacteadp e erudito.

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, no Palácio de Belém, o sr. ministro da Justiça. * Regressaram os 500 passageiros da excursão que foi a Bruxelas a bordo do «Santa Maria». * O general Beleza Ferraz, chefe do Estado-Maior do Exército, visitou a zona de manobras da 3.ª Divisão, onde está a decorrer o exercício «Almourol». * O rancho das «Cantarinhas de Buarcos», que fez uma digressão de exibições de três semanas no estrangeiro (Holanda, Alemanha e Bélgica) regressou a sua terra e foi festivamente recebido. * O eng.º-agrónomo Arlindo Cabral foi nomeado chefe do Serviço de Informação Agrícola.

Sofia Loren
vai repousar mas em Lisboa
recusou-se... a pousar

Sofia Loren, passou por Lisboa, num avião da Swissair, ás primeiras horas da manhã de hoje. Com a estimada vedeta, viajava seu marido, o realizador e produtor Carlo Ponti. A notícia era conhecida de meia duzia de pessoas, incluindo o jornalista de plantão no aeroporto... Apesar disso, sempre apareceram uns curiosos. Sofia não desembarcou, pouco disposta a levantar-se da confortável cama onde dormiu a noite inteira... desde Nova York, enquanto o marido, em mangas de camisa, meio estremunhado, resistiu a todas as solicitações do jornalista, não permitindo (e a despeito de toda a boa vontade de Mr. Zober, chefe de escala da Swissair, que lhe transmitiu o pedido do reporter). entrevistas... nem mesmo perguntas... Sofia não se levantou, não quis falar. Carlo Ponti sorriu da sua janela de bordo, depois fechou a cortina e continuou a responder negativamente... A Swissair pediu, o jornalista insistiu, a TV mantinha-se firme, máquinas em riste — e o fotógrafo também não arredava pé... Mas Sophia Loren, que vem de Nova York para Zurique, onde vai repousar, depois de ter trabalhado numa pelicula na América, não quis mostrar-se em Lisboa. Parece ter a pretensão de ser, de futuro, uma nova Greta Garbo, a que ma máscara do entediado mistério assentou definitivamente no seu rosto macerado pelo tempo e pelas desilusões.

Varios louvores
pela Defesa Nacional

Ainda como ministro da Defesa Nacional, o sr. coronel Santos Costa louvou o sr. comodoro Joaquim de Sousa Uva, pelas «qualidades de saber, inteligência e muito caracter» com que sempre desempenhou as funções de secretário adjunto da Defesa Nacional. Foram igualmente louvados os srs. capitães de fragata Duarte Abel Rodrigues, coronéis João da Costa Moreira e Manuel Magro Romão, tenente-coronel Antonio de Almeida Andrade, majores Hermes Araujo de Oliveira, Horácio Emilio Perez Brandão e José Maria Guedes Cabral de Campos, capitães José Maria dos Santos e Armando Fernandes e tenente médico Aníbal José da Silva e Costa.

Arvores
automóveis
e... esquecimento

Como se sabe, dois talhões da Avenida da Liberdade, junto dos Restauradores, foram há meses transformados em parque de estacionamento de automóveis. A medida beneficiou inumeros automobilistas que trabalham nas imediações e ali deixam os seus carros enquanto permanecem nos empregos. Acontece, porém, que há três dias é proibido o estacionamento em grande parte daquele local, pois se está á espera que apareçam uns certos funcionários municipais para podar as árvores ali existentes.

Já lá vão três dias e os podadores ainda não apareceram. Entretanto, quem quiser estacionar o seu automóvel perto dos Restauradores tem de procurar lugar no... Rossio.

A representação de Portugal na Reunião Internacional de Habitação e Urbanismo

No avião da Lufthansa partiu para Liege o sr. eng.º Sá e Melo, director-geral dos Serviços de Urbanização do Ministério das Obras Publicas, que vai participar na Reunião da Federação Internacional de Habitação e Urbanismo.

De automóvel, seguirá na segunda-feira próxima para aquela cidade o sr. eng.º Saraiva e Sousa, subsecretário de Estado das Obras Publicas, que presidirá á delegação portuguesa á referida reunião.

OS PROBLEMAS DO PÃO (4)

Temos trigo suficiente
para abastecer o País
mas a sua qualidade
não corresponde à quantidade

Vimos, no ultimo artigo desta série, sobre os problemas do pão, as razões por que convém, á industria nacional de moagem, melhorar constantemente a qualidade das farinhas a fornecer á panificação, obtendo assim mais fácilmente a melhoria do produto que esta fornece ao publico e um consequente aumento do seu consumo. Claro que, para se atingir plenamente este objectivo, os esforços e boas-vontades dos moageiros e dos padeiros terão de correr paralelos, não vá o desleixo e a incuria dos segundos deitar a perder o labor diligente dos primeiros. Já dissemos que, por exemplo, uma má cozedura pode dar um mau pão, mesmo quando fabricado com óptima farinha. Note-se, também, como outro exemplo, o que acontece com o actual pão do «tipo corrente», de bom poder alimentar, o qual lucraria imenso se fosse laborado tal qual o é o chamado pão dos saloios. Portanto, só é impossível atingir uma melhoria considerável na qualidade do pão fornecido ao publico, se o sector encarregado de manipular as farinhas não se alhear do problema e, pelo contrário, procurar solucioná-lo convenientemente. Se tal acontecer, aliás, essa solução não passa de uma das muitas que afanosamente se tem buscado, algumas das quais concorreram intensamente para estabelecer a actual situação em que se encontra o problema do pão no nosso País.

É justo é afirmar que o assunto tem merecido o bom senso e prático sentido das realidades de quantos dele se têm ocupado. A essa acção, prática e firme, fica a dever-se a existência, em Portugal, de um pão que pode sofrer comparações com os melhores produzidos em todo o Mundo, ou seja o de qualidade extra, e de outros dois tipos de pão — especial e corrente — de valor alimentar igual ou, até mesmo, superior á do primeiro, ainda que a sua aparência seja inferior. Em relação ao «tipo corrente» isto acontece, como já foi dito, apesar de se tratar de um pão essencialmente destinado á classe média e que é vendido ao publico por um preço sensivelmente inferior ao do seu custo, criando deste modo a possibilidade das classes economicamente menos favorecidas basearem nele o seu sistema alimentar.

Outros elementos concorrem, no entanto, para dificultar uma solução óptima.

Como se sabe, a principal matéria-prima da industria da moagem é o trigo. Com ele se obtêm as farinhas que servem, depois, para confeccionar o pão. Ora, o trigo é vendido ás fábricas de moagem ao preço da tabela estabelecida pelo Governo. Ao contrário do que poderia supor-se e era lógico que acontecesse, não há preços diferentes para cada uma das diferentes qualidades do trigo. Existe sim um mesmo preço para todos, quer sejam dos tipos excelentes que produzimos, quer para os outros, de qualidade muito inferior, mas que, pelo seu rendimento, somos ainda forçados a manter em cultura. Esta situação, apesar de, á primeira vista, parecer defeituosa, filia-se na irregularidade das colheitas, por hectar, por ano, por terreno e por qualidade, verificada no nosso País. Difícilmente, pois, seria possível adoptar um critério diferente.

As variedades de trigo cultivado em Portugal são inumeras. E, se algumas podem, realmente, considerar-se boas, a maioria não pode sequer classificar-se de regular, se tivermos em vista o seu valor tecnológico. O valor panar das farinhas obtidas a partir destes trigos é, consequentemente, bastante reduzido.

Hoje em dia, graças á criteriosa orientação da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, produz-se em Portugal quantidade de trigo suficiente para fazer face ás necessidades do nosso consumo. Está, portanto, eliminada a precisão de se fazerem importações, as quais, como é lógico, por provocarem uma exagerada saída de divisas, muito nos prejudicavam.

Mas, se pode considerar-se resolvida a parte do problema relativa á quantidade, o certo é que está ainda por solucionar o da qualidade. A modéstia dos nossos recursos, todavia, obriga a considerarmo-nos satisfeitos com o facto de podermos já garantir o nosso abastecimento em quantidade, não nos parecendo muito justo fazer-se reparo pela qualidade nem sempre ser satisfatória. É bem o caso de termos obrigação de nos dar por muito felizes em podermos governar-nos com a prata da casa.

O actual sistema, criado pelo Governo, através da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, garante ao lavrador, de antemão, a colocação da sua colheita, por um preço fixo, sem que haja a mais pequena dificuldade em receber o produto da venda efectuada logo após a debulha. Claro que este sistema tinha de ser posto em prática só depois de se garantir, á Federação Nacional dos Produtores de Trigo, a venda de todo o cereal por ela recebido directamente do lavrador. Para tanto, aquele organismo é o unico fornecedor de trigo ás fábricas de moagem. Dentro do critério que reputa mais conveniente, a Federação Nacional dos Produtores de Trigo, através dos seus celeiros, faz mensalmente a distribuição do cereal. O pagamento do trigo distribuido, que foi igualmente previsto dentro do sistema criado, é-lhe garantido pela Federação Nacional dos Industriais de Moagem e, até hoje, após longos anos de experiência, não se considerou ainda necessário modificar este estado de coisas em qualquer dos seus aspectos.

Assim, não é possível, a uma fábrica de moagem, moer um só quilo de trigo que não esteja pago. Note-se, porém, que o conjunto de medidas consideradas para elaboração do actual e referido sistema estabeleceram o condicionamento da venda das farinhas, pois, de outra maneira, nenhuma fábrica de moagem poderia manter-se mais de um mês em laboração, se fosse obrigada a comprar a dinheiro e a vender a crédito.

Não é difícil convencer seja quem for de que, com dinheiro na mão, os industriais de moagem ficam impossibilitados de escolher os seus fornecedores. Ora, também não é difícil acreditar que alguns industriais de moagem seriam capazes de melhorar a qualidade das farinhas produzidas, se lhes fosse permitido escolher os fornecedores da matéria-prima de que se servem. Com esta afirmação pode, muito bem, aliciar-se a opinião pública para o campo desejado. Simplesmente, não está nessa afirmação toda a verdade, porquanto o que se procura com a liberdade de escolha de fornecedor não é mais do que negociar, junto das fábricas de moagem, um direito que conferiria a ampliação dos prazos estabelecidos para pagamento das farinhas fornecidas, desprezando-se completamente fazer qualquer reparo sobre a qualidade.

Não restam duvidas de que, o sistema onde se apoia, actualmente, o ciclo cerealífero português pode considerar-se um todo uniforme e eficiente, de cuja existência, em longos anos, se tem colhido excelentes resultados para a economia nacional.

Sendo assim, seria despropositado que esse sistema viesse a ser alterado, ainda que parcialmente, apenas com o objectivo de servir as conveniências de uma minoria constituida, principalmente, por indivíduos de Lisboa e do Porto, os unicos que, em boa verdade, poderiam fazer uso da referida liberdade.

Dentro dos condicionalismos criados — na sua maioria, ou até mesmo na sua totalidade, devidos a factores de ordem económica que é impossível deixar de ter em conta — a industria nacional de moagem faz quanto está ao seu alcance para fabricar boas farinhas com as matérias-primas de que dispõe. Chega-se, até, a realizar impossíveis contando os moageiros, para tal com a colaboração das entidades responsáveis, por intermédio de medidas várias e providências diversas, muitas das quais, pela grande complexidade dos problemas do pão, nem sempre são devidamente compreendidas pela opinião pública

O diário de bordo
do avião holandês
foi agora encontrado?

BANTRY (Irlanda), 23. — O livro de bordo do «Super Constelation», da K. L. M., que se despenhou no mar, perto da costa ocidental da Irlanda, foi ontem trazido para terra por uma traineira espanhola, e pode conter a resolução do misterioso acidente, que ocorreu em 14 deste mês.

O facto causa, porém, estranhesa, entre as autoridades irlandesas, pois o capitão do porto de Galway afirma ter já entregue aquele registo ás autoridades aduaneiras. Segundo declara, o diário de bordo do «De Groot» foi recolhido pelo contra-torpedeiro canadiano «Crusader». «Penso, pelo menos—acrescentou—que se tratava do diário de bordo, pois estava protegido como deve ser». — (A. N. I.).

EM 3 LINHAS

Os eng.º-agrón. prof. Henrique de Barros e Manuel Bobone representam Portugal na Conferência Internacional de Economia Agrária, que hoje deve ter começado na União Indiana.

///

O Funchal está a comemorar o 450.º aniversário da sua elevação á categoria de cidade.

///

O prof. dr. Raul Ventura foi agraciado com o grau da grã-cruz da Ordem Militar de Cristo.

///

A Camara indeferiu 36 pedidos de mercearias e leitarias, para venda de frutas, com a alegação de que estas só é permitida em estabelecimentos privativos.

///

Vem para o Jardim Zoológico um pequeno crocodilo, de espécie rara, com 80 centimetros de comprimento, cinzento-esverdeado, manchado de negro e amarelo no dorso.

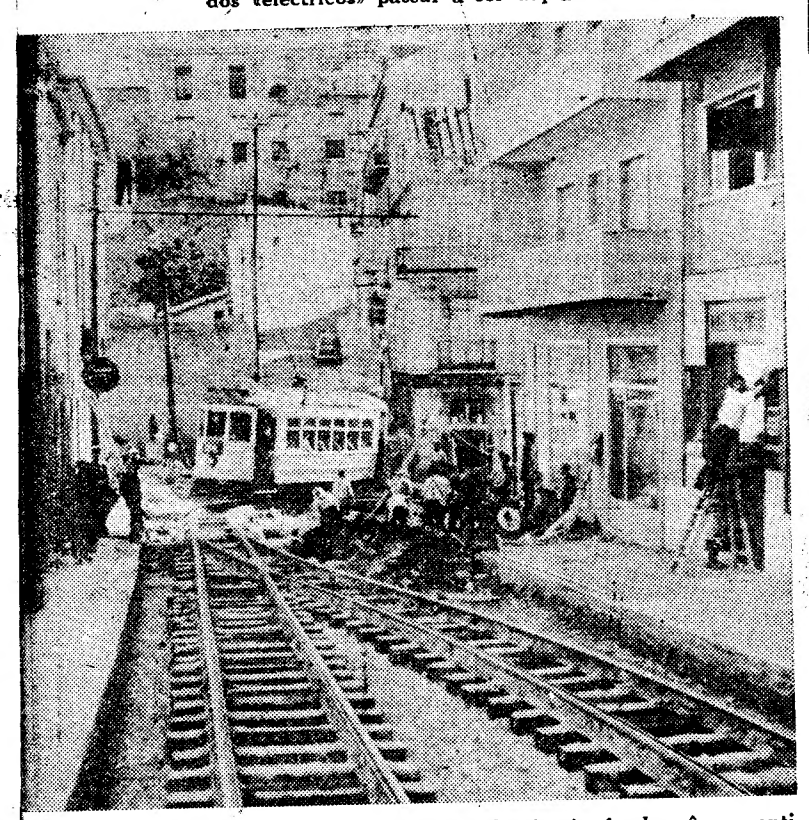
PASTA MEDICINAL
Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca

Joias Antigas e Modernas
compramos pelo mais alto preço
G. OURIVESARIA DA MODA
R. DA PRATA, 257

...ia dupla de eléctricos

na Rua de S. João da Mata

A esquina da Rua Garcia da Horta e da Rua de São João da Mata, foi derrubada uma casa que tornava a curva muito apertada e, em seu lugar construído um edifício, recuado o suficiente para a via unica dos «eléctricos» passar a ser dupla



Os trabalhos para o assentamento da segunda via. Ao fundo, vê-se o antigo Convento das Trinas, cujas paredes interiores estão a ser demolidas

A antena

de um automóvel deixou um peão em estado grave

Um caso pouco vulgar, talvez unico entre nós, passou-se esta manhã, na Av. da Igreja. Foi o caso que o motorista de um «taxi», Manuel Barros Vidal, residente na Rua de Arroios, 96, 3.°, para evitar atropelar um peão, o que efectivamente conseguiu, fez uma travagem rápida do carro. Mas a antena da telefonia do carro, quando este estacou ficou a oscilar com tal violência, como se fosse a ponta de um chicote, e, atingindo o pobre peão, derrubou-o e estatelou-o no solo. E' de admitir que a antena estivesse carregada de electricidade.

Todas as pessoas que presenciaram o caso ficaram convencidas de que a ocorrência não havia tido consequências graves, tanto mais que o pobre homem saira ileso da ameaça iminente de atropelamento. Como ele, porém, se não mexesse lo local onde caira e ficasse inanimado, o motorista saiu á rua e, com o auxilio de alguns populares, meteu-o no «taxi» e conduziu-o ao Hospital de S. José, sem ele dar acordo de si. Foi ali que se verificou que o sinistrado se encontrava com perda de conhecimento, sendo internado, em estado de coma, na sala de observações. Trata-se de Mário Santos Ferreira, de 51 anos, capataz da C. M. L. e residente na Avenida Almirante Reis, 119, 4.°, esquerda.

Nicole

está cativa numa ilhota

MELUN, 23. — Uma mensagem dentro de uma garrafa de leite lançou a Polícia em busca de uma jovem, que diz chamar-se Nicole e estar cativa numa ilha do Sena, perto desta cidade, ao Sul de Paris.

A garrafa foi achada por pescadores. Dizia a mensagem: «Por favor, socorrei-me. Encontro-me prisioneira numa ilha, perto de Hericy — Nicole». Foram visitadas todas as ilhotas perto de Hericy, ilha próximo de Melun, sem que fosse descoberta a cativa. «Pode ser apenas uma brincadeira» — declara a Polícia. — «Mas não é de todo impossivel que haja alguém prisioneiro numa destas ilhotas. Vamos recomeçar a busca». — (A. N. I.).

22 mortos

em Tóquio pela doença do sono

TÓQUIO, 23. — Dezassete novas manifestações da doença do sono, em 48 horas, elevam o numero de casos aqui registados para 123 — segundo informam as autoridades sanitárias. Vinte e duas pessoas morreram nesta área, vitimadas pelo mal, denominado encefalite-B.

Em comparação com a mesma época do ano passado, a incidência, este ano, é maior duas vezes e meia. — (A. N. I.).

Encerrou-se hoje na Carregueira

o IV Acampamento dos Cursos Especiais de Preparação Militar da M. P.

No Campo de Tiro da Serra da Carregueira, realizou-se hoje a festa de encerramento do 4.° Acampamento Nacional dos Cursos Especiais de Preparação Militar, que, após quatro dias em bivaque, nos terrenos do Estádio Nacional, ali se encontra há 15 dias aquartelado, sob a direcção superior do sr. tenente-coronel Arnaldo Schultz, comandante-geral da Milícia da Mocidade Portuguesa. São em numero de 170 os soldados-cadetes, todos estudantes das Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra, que fazem parte do acampamento. Entre estes, encontram-se intruendos do 3.° ano, que, tendo concluido os seus cursos superiores, serão promovidos a aspirante a oficial miliciano em Outubro próximo, para iniciarem o serviço nas unidades em Novembro.

A festa com que o acampamento culmina um ano de instrução, em unidades das três cidades universitárias, teve começo ás 10 e 30 com a chegada dos srs. subsecretários de Estado do Exército, tenente-coronel Costa Gomes; e da Educação Nacional, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, que foram recebidos pelos srs. ten.-coronel Arnaldo Schultz, major Armindo Fernandes, director interino do Campo de Tiro da Carregueira, e por outros oficiais.

Os dois membros do Governo deram primeiramente entrada na sala dos oficiais, onde receberam os cumprimentos os srs. general Correia Leal, presidente da Inspecção Superior de Educação Física do Exército; brigadeiros Carlos Silva Freire, 2.° subchefe do Estado-Maior do Exército que representava o general-chefe do Estado-Maior do Exército; Jorge Oom, director da Arma de Engenharia; Barbieri Cardoso, 2.° comandante do G. M. L.; e Luís Valente, inspector da Arma de Artilharia; coronel tirocinado Pereira de Castro; tenente-coronel Luís Cunha, subchefe do Estado-Maior da Legião Portuguesa; major Henrique da Silva, comandante interino do Batalhão de Caçadores 5 e muitos outros oficiais.

Estavam também presentes os adidos militares dos Estados Unidos da América, Alemanha, Bélgica e Espanha, os chefes das missões

(Continua na 14.ª página)

A campanha

publicitária do comércio português na Grã-Bretanha

LONDRES, 23. — Informadores responsáveis declararam que não têm fundamento as notícias publicadas na Imprensa, relativamente a uma grande campanha publicitária, apoiada financeiramente pelo Governo de Lisboa e destinada a intensificar a venda na Inglaterra dos principais produtos de exportação portugueses.

«Uma tal campanha não poderia ser lançada sem nosso conhecimento, e nunca ouvimos falar de tais planos» — disse um desses informadores.

Por sua vez, a «Port Wine Association» comunicou que os seus planos publicitários em execução este ano são idênticos aos que foram executados nos ultimos dois anos. Uma tal campanha podia fazer crer aos Ingleses que estávamos receosos de perder os nossos tradicionais mercados britanicos, o que não é o caso. — (A. N. I.).

Gabinete do ministro

da Defesa Nacional

Foram exonerados, a seu pedido, dos cargos de chefe do gabinete de ajudantes de campo do ministro da Defesa Nacional, respectivamente, os srs. capitão-tenente Moreira Rato e capitão-tenente Melo Breyner e capitão-aviador Jorge Martins. Compunham o gabinete do ministro sr. coronel Santos Costa.

Miscelânea

- *Quando dos recentes acontecimentos na Argélia, que levaram ao poder o general de Gaulle, os Franceses puseram em liberdade centenas de felagas que tinham lutado contra eles, de armas na mão. Porque não amnistiar em certos países, constitucionalmente católicos, individuos cuja unica arma foi a pena ou a palavra?*
- *Salvador Dali, tão famoso pelos quadros, como pelos mefistofelicos bigodes, casou-se, na maior intimidade, numa vila perto de Gerona (Espanha). A noiva, a inseparável companheira Gala, seu modelo preferido, chama-se Helena Dianof. Tem sessenta e três anos. O pintor 57. Foram passar a «lua de mel» a Port Lligat.*
- *É preciso fazer guerra ás moscas. Roma, antes de Mussolini ter mandado secar os pantanos pontinos, estava infestada desses negros insectos. Hoje, nem um. O mesmo sucede em muitas cidades da Europa. Lisboa, porém, continua a ser vítima deles.*
- *Na cidade do Cabo da Boa Esperança, Africa do Sul, doze frequentadores de um «bar» resolveram arvorar um distintivo, com as iniciais B. Y. O. D. (buy your own drinks) o que, em português, se pode traduzir: «paga o que bebes». O movimento alastrou rápidamente e economicamente. Trata-se, sobretudo, de evitar que um só satisfaça as caras «rodadas» de «whisky» a que todos os associam.*
- *Num lago do Texas (U. S. A.) Kenneth Clayborne matou com uma espingarda submarina o seu amigo David Dayton, julgando tratar-se de um corpulento peixe.*
- *O actor inglês Josepf Tomulty, que talvez não seja muito brilhante, tem um processo de descontracção nervosa, que o levou aos tribunais: rir-se nos enterros. O que diria Shakespeare se fosse juiz?*
- *O senador americano democrata Warren Magnusson anda furioso. Sempre que deixa o charuto, no cinzeiro, durante a suspensão das sessões, encontra-o nos lábios de um senador republicano. Por higiene talvez tenha razão, mas aconselhamo-lo a fraternizar no vicio. Não fumam os chefes indios pelo mesmo cachimbo — o cachimbo da paz?*
- *O «chauffeur» londrino Gordon Lane em menos de uma semana teve dois acidentes. No primeiro colidiu com o automóvel do duque de Windsor; no segundo chocou com o carro do duque de Edimburgo. Pelo visto está a especializar-se em desastres «reais».*
- *O nosso prezado colega «Diário da Manhã», em artigo assinado com as iniciais B. de O. condena os «intermediários ladravazes», cuja «sede de lucros (é) insaciável».*
- *O soprano Maria Callas vai cantar no Tribunal. Não se despiu Frineia ante os juizes de Atenas? A questão gira á volta de um crítico milanês que afirmou que ela «canta como uma serra».*
- *47 % dos Alemães queixam-se dos ruidos nocturnos que não os deixam devidamente repousar. 25 % afirmam que, no dia seguinte, trabalham mal e cometem faltas de atenção.*
- *O pintor francês Nebel é alcunhado, nos Estados Unidos, «senhor Brigitte Bardot». Brigitou a silhueta da vedeta cinematográfica num desenho a carvão, apenas, com duas linhas onduladas sobrepostas. A actriz deve ter-se reconhecido na plena nudez da sua arte.*

Já começaram as obras

JOQUEI CAMISEIROS

RUA NOVA DO ALMADA, 60

Vendemos a preços de excepcional interesse

COLÉGIO INFANTE DE SAGRES

LISBOA

Avisam-se todos os antigos alunos que queiram participar no livro do XXX aniversário do Colégio de que o prazo para a recepção da colaboração foi prorrogado até 31 de Agosto.

A todos os que não receberam circular por falta de endereço se pede que a requisitem ao Colégio, mesmo pelo telefone.

JOIAS ANTIGAS

E MODERNAS

compra cobrindo todas as ofertas

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Telef. 24554

Publicações

«Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira»

Com a habitual regularidade acaba de aparecer nas montras das livrarias mais um fascículo da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», obra de cultura, da iniciativa da Editorial Enciclopédia Lda., da Rua António Maria Cardoso, 33, em Lisboa. Tem o presente fascículo cerca de 100 páginas impressas em óptimo papel, grande numero de gravuras no texto, e inclui, em separado, uma linda estampa, a cores, de costumes alentejanos, sendo o seu preço de capa o mais módico do mercado em obras do género.

O volume 38.º inicia-se, com este fascículo 445, de forma brilhante Continuam a ser publicadas as ampliações, actualizações e adendas á obra por ordem alfabética e com um rigor extraordinário, obra de revisão confiada a um elenco em que sobressaem os seguintes nomes: prof. Peres de Carvalho, Cardoso Junior, A. de Almeida Fernandes dr. Afonso Zuquete, dr. Francisco Fernandes Lopes, dr. Pedro Godinho, prof. Baeta Neves, Lopes de Oliveira, prof. João de Vasconcelos, dr. Julio Gonçalves, dr. Lyster Franco, João de Sousa Fonseca, dr. Rocha Madail, dr. António Sérgio, Carlos de Brito Leal, padre Acácio Casimiro S. J., prof Abel Viana, dr. Francisco Fernandes, Eduardo Zuquete, dr. Barros Bernardo, Cristiano Lima, capitão Mimoso Serra prof. Manuel Valadares, dr. Lopes de Carvalho, etc.

Entre outras matérias, umas novas por serem de criação recente, outras actualizadas com objectividade e rigor, estão as seguintes: Aldosteronismo, Aldreu, Alegrete, Alemanha, Além-Tamega, Alenquer, Alentejo, Alero, Alentas, Alexandria, Alfa (Radiações), Alfabeto, Alfandega, Alfaiates, Alfandega da Fé, Alfundão, Algarve, etc.

Inteligentemente assegurou a Editorial Enciclopédia Lda., a mais larga difusão á sua obra, criando uma curiosa modalidade de venda ao prazo de 30 meses, mediante pagamentos mensais suaves, com a entrega imediata dos volumes já publicados, em numero de 38, presentemente

«Lisbon Courier»

Saiu, agora, o numero referente a Julho, da revista «Lisbon Courier» — especialmente consagrado á expansão turística de Portugal no estrangeiro e ostentando uma lindíssima capa, a cores, reproduzindo a tapeçaria, assinada por Carlos Botelho — um sugestivo motivo de Lisboa — que figura na Casa de Portugal, em Paris. Além do editorial, referente ás realidades do Turismo português os artigos focando a actividade das Casas de Portugal, contêm artigos sobre a representação portuguesa na Exposição Internacional de Bruxelas, a eleição do sr. almirante Américo Tomás, de quem se reproduz, em «hors-texte» um retrato, do pintor Henrique Medina, uma evocação da figura da sr.ª D. Berta Craveiro Lopes, e ainda os mais salientes factos da vida social portuguesa.

BOLSAS DE ESTUDO

da Mocidade Portuguesa Feminina

No prosseguimento da obra de assistência levada a efeito pela Mocidade Portuguesa Feminina, junto das suas filiadas universitárias, o Comissariado Nacional acaba de promover a concessão de bolsas de estudo para filiadas da Universidade de Lisboa e do Instituto do Serviço Social, para o ano lectivo de 1958/59 num total de 48, assim distribuídas: com instalação gratuita numa Casa da M. P. F., 13; com redução de 50% na mensalidade de 700$00, correspondente a cada bolseira, 15; na categoria de semipensionistas, pagando apenas a mensalidade de 500$00, 20. A's que usufruem os dois primeiros tipos de bolsa, é ainda concedido pagamento de matrícula e de propinas, quando não obtenham isenção pela Universidade. As bolseiras ficam instaladas nas três casas de Universitárias que a M. P. F. possui em Lisboa Entre as bolseiras inteiramente a cargo da M. P. F., figuram quatro raparigas do Ultramar, sendo uma de Macau e três do Estado da India.

VIDA MUNDANA

CASAMENTOS

Na capela das Aparições, em Fátima, celebrou-se o casamento do engenheiro Afradinho Rodrigues com a sr.ª D. Maria Luisa. O noivo é natural de Goa, encontrando-se em Londres a especializar-se em frigoríficos, e a noiva é da Cova da Iria. Presidiu ao acto o padre José Domingues Fernandes, amigo do noivo, e serviram de padrinhos os srs. Nazareno do Carmo e Manuel Mendes, e de madrinhas as meninas Julia Maria Pereira e Maria do Rosário Romeiro. No almoço diversos oradores destacaram o sentimento bem português de um filho de Goa que veio escolher a sua esposa á Cova da Iria. Os noivos partiram hoje para Paris, donde seguirão para Londres.

ARQUITECTO LUíS TAQUELIN

Seguiu no paquete «Angola», de regresso a Luanda, o professor do liceu daquela provincia arquitecto Luís Taquelin, que se deslocou a Lisboa, para defesa de tese na Escola Superior de Belas-Artes, onde obteve uma alta classificação.

EMBAIXADOR LEQUERICA

No avião da Ibéria, chegou a Lisboa, em viagem de Nova York para Madrid, o embaixador José Felix Lequerica, representante de Espanha nas Nações Unidas.

CORONEL MARIO CARDOSO

No avião, partiu para Hamburgo o sr. coronel Mário Cardoso, presidente da Sociedade Cultural Martin, Sarmento, de Guimarães, que vai participar no V Congresso de Pré-história e Antiguidade, que se realiza naquela cidade.

ALTERAÇÃO AO HORARIO DOS COMBOIOS NA LINHA DO NORTE

Com o principal objectivo de servir os empregados comerciais e estudantes a C. P estabelece desde 10 do corrente um comboio que partirá de Aveiro ás 7 horas para chegar a Coimbra ás 8 e 23

Para facilitar a utilização do rápido ascendente do Porto aos passageiros que se destinam ás estações compreendidas entre Pampilhosa e aquela capital, onde o referido rápido não tenha paragem foi criado também um novo comboio que partirá de Pampilhosa ás 12 e 5 para chegar a Porto ás 14 e 57 horas

ADMINISTRAÇÃO

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Previnem-se os portadores de obrigações da emissão a seguir indicada de que em 8 de Setembro p. f., pelas onze horas, se procederá na sede desta Companhia em sessão publica ao sorteio dos títulos a amortizar em 1 de Outubro deste ano em conformidade com o respectivo plano de amortização, a saber:

Emissão das Linhas de Mirandela e Viseu, de 4 1/2 % — 1889.

260 obrigações respeitantes á amortização do 1.º semestre de 1958.

Lisboa 7 de Agosto de 1958

O Conselho de Administração

CAMPISMO — AR LIVRE
TENDAS
e todo o material portátil
Casa Vieira Campos
LISBOA: R. Prata, 215-217
PORTO: Galeria de Paris, 67-69
PEÇA O CATÁLOGO GRATIS

DESPORTOS

Natação

(Continuação da 7.ª página)

100 metros livres, senhoras — os Espanhois adiantaram-se. Rita Polido e Maria Ester Padilla dominaram e Maria Luísa teve de contentar-se com um terceiro lugar (1 m. 23.8 s.). Tempo da vencedora: 1 m. 16.9 s.

Por fim, a prova mais emocionante: a estafeta 4×200 m. livres. A prova parecia perdida logo que Avelino foi batido por Miguel Pego. Depois Luís Vaz Jorge e Fernando Madeira não puderam recuperar o atraso, mas não deixaram que ele aumentasse; por ultimo Herlander Ribeiro, com uma prova magnifica, nitidamente superior a Cabrera deu ao Algés uma brilhante vitória. De notar que o «record» de Portugal foi batido, passando de 9 m. 53.5 s. para 9 m. 41 s..

Depois das exibições do «ballet» do «Acqua Bell's», não custa a acreditar que este agrupamento seja o melhor da Europa. As gentilissimas Belgas conquistaram o publico, sem duvida, sendo difícil apontar o numero que mais agradou. A demonstração de um treino do «ballet» constituiu autêntica lição, pondo em evidência as dificuldades a vencer para se chegar ao apuro que o «Acqua Bell's» atingiu. Uma exibição inesquecivel.

Os saltos artisticos e humoristicos completaram bem o programa. Os ultimos, sobretudo, arrancaram fartos aplausos para Celestino Garcia, Horácio Mendes, Jorge Almeida e Custódio Ribeiro. — D. D.

NO ESTÁDIO DA LUZ

realiza-se, hoje, um festival, com jogos de futebol

O Benfica começa hoje as obras de ampliação do seu estádio de futebol com a construção do terceiro anel da bancada, o que aumentará, sensivelmente, a sua lotação

Para assinalar este acontecimento, de alto valor para a sua vida clubista, realiza-se na Luz, a partir das 19 horas, um interessante festival com o programa seguinte:

Ás 19 horas—Circuito das quatro torres de iluminação, prova de destreza entre atletas de todas as secções, para disputa da taça «Martins Vieira»: ás 19 e 30—Inauguração das obras do terceiro anel, proferindo uma alocução o sr. eng.º Maurício de Brito, presidente do clube. Seguir-se-á a assinatura do pergaminho de honra: ás 20 e 30—Exibição do Rancho Infantil da Chamusca: ás 21—Sorteio de duas viagens para acompanhar a equipa de futebol na sua primeira deslocação ao estrangeiro: ás 21 e 30—Exibição da marcha de Campolide, a quem será entregue a taça ganha, por votação do publico, em 12 de Junho.

Ás 22 horas, haverá um torneio relampago de futebol entre as equipas de juniores, aspirantes, reservas e honra, dotado com a taça «Francisco Albino».

Automobilismo

(Continuação da 7.ª página)

Lippi, 129,77; e Filipe Nogueira, 126,94.

E' dificil prever quem serão os vencedores, mas é certo que as corridas decorrerão com o entusiasmo e a incerteza que lhe emprestam o valor aproximado de tão extraordinários participantes.

Carreira aérea extraordinária para o Porto

A T. A. P. faz amanhã uma carreira extraordinária para o Porto, com um «Super-Constellation» que sai do aeroporto ás 8 e 15 e regressa a Lisboa ás 21 e 30, por causa da disputa do VII Grande Prémio de Portugal em Automóvel.

Uma gincana em S. Martinho do Porto

Organizada pelos Bombeiros Voluntários de S. Martinho do Porto em colaboração com a Comissão de Critério de Gincanas, realiza-se, amanhã nesta praia, uma gincana de automóveis com provas de obstáculos e de perícia de condução.

A classificação será feita pelo menor numero de pontos de penalização e pelo menor tempo gasto no percurso, considerando-se que um segundo corresponde a um ponto.

Estão inscritos muitos concorrentes de ambos os sexos.

TAUROMAQUIA

Homenagem a Armando Soares, no Montijo

Amanhã, ás 17 e 45, efectua-se, na praça de touros do Montijo, uma corrida de homenagem ao valoroso novilheiro Armando Soares, que com Diamantino Viseu e os cavaleiros D. Luís Ataíde e D. José Ataíde, lidará touros das ganadarias dos srs. Oliveira & Irmãos, e engenheiro Luís Delgado dos Santos, dos quais alguns serão pegados pelos forcados amadores de Vila Franca de Xira, capitaneados pelo sr. António Bordalo da Costa Porto.

XADREZ

Os Portugueses em 4.º e 8.º lugares no Torneio Internacional

SANTANDER, 23. — E' a seguinte a classificação dos concorrentes ao primeiro torneio internacional de xadrez, de Santander, depois das partidas de ontem: 1.º Pomar (Espanha), 9 pontos; 2.º, Sanz (Espanha), 6,5; 3.º, Franck (Bélgica), 6,5 e uma adiada; 4.º, Durão (Portugal), 6,5.

Outro concorrente português, Oliveira, figura em 8.º lugar, com 4,5 pontos e um jogo adiado. — (A. N. I.).

José Araujo

participa amanhã na maratona dos «Europeus»

José Araujo, o grande maratonista português, correrá amanhã em Estocolmo, nos Campeonatos Europeus, estando marcada para as 14 horas o início da prova.

O calor que se fizera sentir desapareceu e desde quarta-feira que o tempo se mostra favorável. Araujo tem treinado metodicamente e mostra-se confiante

Na segunda-feira fez um treino de 20 quilómetros e na quarta outro, de 10, sobre relva Na quinta-feira correu 25 quilómetros, na parte inicial do percurso, e á tarde desse mesmo dia, mais 10 sobre relva. Ontem, durante 45 minutos, treinou «cross» e pista, ficando hoje em repouso absoluto.

Afirmou que se encontra bem, não estranhou o ambiente e que a comida é bastante saudável e farta. A dor que sentira na perna, já desapareceu em consequência dos treinos. Espera obter uma boa classificação apesar do valor dos adversários, com saliência para Mimoun, que pode vir a ser o vencedor.

Confia-se no valor do unico participante português que, com o brio e a tenacidade que lhe são peculiares, tudo fará, por certo, para honrar o desporto nacional!

OS GLOBETROTTERS

exibem-se, esta noite, no Pavilhão dos Desportos

Hoje á noite, no Pavilhão dos Desportos, exibem-se os famosos Globetrotters, que jogarão com a equipa de brancos do United States Stars, voltando a actuar, na próxima segunda-feira no mesmo recinto.

Independentemente do virtuosismo destes extraordinários executantes do basquetebol, com destaque para Will Chamberlain, reputado o mais completo jogador americano de todos os tempos, na modalidade, é aguardada com natural expectativa a apresentação do conjunto de atracções.

De facto, a japonesa Lly Iokoi, em ciclismo acrobático, Gus Angel, em ciclismo cómico; Bergman e Fujji, em ténis de mesa, de que já foram campeões mundiais; Rolando, em ginástica olímpica e mãos livres; e o Trio Farias, em forças combinadas e ginástica de mãos livres, são artistas famosos que o publico vai admirar e aplaudir.

ATLETISMO

Torneio para sócios do Sporting

O Sporting leva a efeito, na próxima 2.ª-feira ás 21.30 horas, no Estádio do Alvalade, um torneio para sócios e simpatizantes, dos 14 aos 20 anos, com as seguintes provas: 70 e 80 metros planos, lançamento de peso e saltos á vara e em comprimento.

Deliciosos batidos de leite com
Mix-a-Shake
— uma delícia que as crianças adoram!
Faça deliciosos batidos juntando a cada copo de leite gelado uma colher das de chá de Mix-a-Shake batendo vigorosamente. Experimente Mix-a-Shake hoje mesmo e verá como é fácil e económico preparar saborosos batidos em casa.
Três diferentes paladares: BANANA • ANANÁS • MORANGO

UM PACOTE CUSTA SÓ 5$00 E DÁ QUATRO COPOS

A Volta a Portugal em bicicleta

Quadro de honra

Vencedores das tiradas

1.ª — Americo Raposo (Sport.)
2.ª — Alves Barbosa (Sang.)
3.ª — Alberto Carvalho (Acad.)
4. — Jose C. Carvalho (F.C.P.)
5.ª — João Marcelino (Bf.)
6. — Americo Raposo (Sp.)
7.ª — Antonio J. Santos (Acad.)
8.ª — Agost. Ferreira (Acad.)
9 — Alves Barbosa (Sang.)
10 — Jose C. Carvalho (F.C.P.)
11.ª — Sousa Santos (F C P.)
12.ª — João Marcelino (Bfc)
13.ª — Americo Raposo (Spt.)
14.ª — Alves Barbosa (Sang.)
15.ª — Pedro Polainas (Spt.)
16.ª — João Marcelino (Bfc.)
17.ª — Americo Raposo (Spt.)
18.ª — Sousa Cardoso (F C. P.)
19 — Pedro Polainas (Spt.)
20.ª — Alves Barbosa (Sang.)
21.ª — Alves Barbosa (Sang.)
22.ª — Américo Raposo (Spt.)
23.ª — Antonino Baptista (Sang.)
24.ª — Américo Raposo (Spt.)
25.ª — Alves Barbosa (Sang.)
26.ª — Alves Barbosa (Sang.)
27.ª — Sousa Cardoso (F. C. P.).

Vencedores das contagens para o «Premio da Montanha»

1.º — Jose C. Carvalho (F. C. P.)
2.º — Jose C. Carvalho (F. C. P.)
3.º — Jose C. Carvalho (F. C. P.)
4.º — M. de Almeida (F. C. P.)
5. — Carlos Pinheiro (F. C. P.)
6.º — Jose C. Carvalho (F. C. P.)
7.º — José C. Carvalho (F. C. P.)
8.º — Sousa Cardoso (F. C. P.)

Portadores da camisola-amarela

Na 2.ª tirada — Americo Raposo (Sporting) sem vantagem de tempo.
Na 3.ª tirada — Alves Barbosa (Sangalhos) com 2 m. e 22 s. de avanço
Na 4.ª tirada — Alves Barbosa (Sangalhos) com 6 m. e 35 s. de avanço
Na 5.ª, 6.ª e 7.ª tiradas — Alves Barbosa (Sangalhos) com 7 m. e 12 s. de avanço.
Na 8.ª e 9.ª tiradas — Alves Barbosa (Sangalhos) com 6 m. e 42 s. de avanço.
Na 10.ª tirada — Alves Barbosa (Sangalhos) com 7 m. e 50 s.
Na 11.ª e 12.ª tiradas — Alves Barbosa (Sangalhos) com 7 m. e 44 s.
Na 13.ª tirada — Alves Barbosa (Sangalhos) 7 m. e 14 s.
Na 14.ª tirada — Alves Barbosa (Sangalhos) 6 m 44 s.
Na 15.ª, 16.ª e 17. tiradas — Alves Barbosa (Sangalhos) 7 m. e 44 s.
Na 18.ª tirada — Alves Barbosa (Sangalhos) 7 m. e 33 s.
Na 19.ª tirada — Alves Barbosa (Sangalhos), 6 m. e 33 s.
Na 20.ª tirada — Alves Barbosa (Sangalhos) 6 m e 3 s.
Na 21.ª tirada — Alves Barbosa (Sangalhos) 7 m. e 3 s.
Na 22.ª e 23.ª tiradas — Alves Barbosa (Sangalhos), 8 m. e 42 s.
Na 24.ª e 25.ª tiradas — Alves Barbosa (Sangalhos), 9 m. e 12 s.
Na 26.ª tirada — Alves Barbosa (Sang.) 10 m. e 12 s.
Na 27.ª tirada — Alves Barbosa (Sang.) 10 m. e 14 s.

Os melhores de cada equipa

(no fim da 27.ª tirada)

Sangalhos—Alves Barbosa	(1.º)
F. C. Porto—S. Cardoso	(2.)
Sporting — A. Pedro Jor.	(4.º)
Benfica — H. Castro	(7.º)
Académico — A. Ferreira	(12.)

Os efectivos das equipas

No fim da 27.ª tirada

Sporting	6	(8)
Sangalhos	5	(7)
F. C. Porto	7	(9)
Académico	5	(8)
Gin. Tavira	2	(7)
Murcia	—	(8)
Benfica	4	(9)
Ferroviário	—	(6)
Sel. Galiza	—	(8)
Salgueiros	1	(6)
Belenenses	1	(1)
	31	77

Entre parentesis indicam-se os numeros de inscritos por cada clube.

(Continuação da 6.ª página)

— e também na estrada onde havia grupos de meninas... O atraso, relativamente ao atraso previsto, era enorme, superior a meia-hora, e em Miranda do Corvo (a meio da tirada), chegou a ser de 39 minutos. A' quarta hora haviam-se percorrido apenas 30 quilómetros. Ao meio-dia, hora prevista para a chegada a Leiria, ainda os corredores estavam 20 quilómetros.

E deu-se mais uma chegada em pelotão, desta vez com todos os corredores em prova, 31, assistindo-se ao menos a um «sprint» fortíssimo, entre Sousa Cardoso e Américo Raposo. O juiz de chegada, Franklin Cardoso deu a vitória ao homem da camisola verde, ainda que a duvida não deixasse de se infiltrar no nosso espírito, bem colocados como nos encontrávamos. E' possível, no entanto, que a razão esteja do lado do juiz. De qualquer modo, a chegada foi extraordinàriamente emotiva.

Sousa Cardoso teve um minuto de bonificação, sendo atribuida a média horária de 32.146.

Após o fim da meta, Sousa Cardoso e Américo Raposo chocaram e caíram, cada um para o seu lado, não merecendo o seu belo esforço um final desta natureza.

ORDEM DA CHEGADA a Leiria

1.º — Sousa Cardoso (F. C. P.) 4 51 56
2. — Américo Raposo (Sp.) ... m. t.
3.º — Artur Carreira (Sp.) ... m. t.
4.º — Lusitano Cádima (Sang.) m. t.
5.º — J. C. Carvalho (F. C. P.) m. t.
6.º — João Marcelino (Bf.) ... m. t.
7.º — Alves Barbosa (Sang.), A. Pedro Jor. (Sp.), M. Graça (Sp.), Fernando Silva (Sang.), Henrique Castro (Bf.), José P. Carvalho (Sp.), Emídio Pinto (F. C P.), Martins de Almeida (F. C. P.), Agost. Ferreira (Acad.), Manuel Simões (Bf.), Sérgio Páscoa (Tav.), A. Carvalho (Acad.), Joaq. Carvalho (Acad.), Azevedo Maia (F C. P.), Antonino Baptista (Sang.), Aquiles dos Santos (Sang.), Alberto da Silva (Salg.), Jorge Corvo (Tav.), P. Polainas (Sp.), Sousa Santos (F. C. P.), C. Pinheiro (F. C. P.), José da Costa (Bfc.), Ant. J. dos Santos (Acad.), Vitor Ferreira (Acad.) e José Anast. Silva (Bf.) ... ... m. t.

Classificação geral INDIVIDUAL

		H.	M.	S.
1.º	A. Barbosa (Sang.)	95	41	39
2.º	S. Cardoso (F.C P.)	95	50	53
3.º	J. Carvalho (F.C.P.)	96	—	17
4.º	A. Pedro Jr. (Spt.)	96	5	19
5.º	Manuel Graça (Spt.)	96	5	32
6.º	Fern. Silva (Sang.)	96	7	41
7.º	Hen. Castro (Bfc.)	96	9	51
8.º	A. Raposo (Spt.)...	96	9	57
9.º	J. P. Carvalho (Spt.)	96	12	43
10.º	E. Pinto (F.C.P.)...	96	16	13
11.º	M. Almeida (F.C.P.)	96	17	27
12.º	A. Ferreira (Ac.)...	96	19	18
13.º	M. Simões (Bfc.)...	96	19	43
14.º	S. Páscoa (Tav.) ...	96	21	2
15.º	J. Marcelino (Bfc.)	96	21	27
16.º	L. Cadima (Sang.)	96	27	07
17.º	A. Carvalho (Ac.)...	96	29	19
18.º	J. Carvalho (Ac.)...	96	32	58
19.º	A. Carreira (Spt.)...	96	38	38
20.º	A. Maia (F. C. P.)...	96	40	26
21.º	A. Baptista (Sang.)	96	41	50
22.º	A. Santos (Sang.)...	96	42	25
23.º	A. Silva (Salg.).....	96	47	32
24.º	Jorge Corvo (Tav.)	96	48	50
25.º	S. Santos (F.C.P.)...	96	51	11
26.º	C. Pinheiro (F.C.P.)	96	57	48
27.º	P. Polainas (Spt.)...	97	01	24
28.º	José da Costa (Bel.)	97	20	29
29.º	A. J. Santos (Ac.)...	97	27	57
30.º	V. Ferreira (Ac.) ...	98	—	03
31.º	José A. Silva (Bfc.)	98	28	29

POR EQUIPAS

		H.	M.	S.
1.º	F.C.P. (2.º, 3.º e 10.º)	288	07	53
2.º	Sang. (1.º, 6.º e 16.º)	288	16	27
3.º	Spt. (4.º, 5.º e 8.º)...	288	20	48
4.º	Benf. (7.º, 13.º e 15.º)	288	51	04
5.º	Ac. (12.º, 17.º e 18.º)	289	21	35

CAMISOLA VERDE para a classificação por pontos (Prémio Long-Life)

1.º	Sousa Cardoso	159
2.º	Alves Barbosa	194
3.º	Américo Raposo.....	216
4.º	Carlos Carvalho.....	247
5.º	João Marcelino.....	295
6.º	António Pedro Junior.....	315
7.º	Manuel Graça.....	352
8.º	José Pedro Carvalho.....	370
9.º	F. Henriques Silva.....	396
10.º	Henrique Castro.....	416

Todos os 31
ao mesmo tempo em Leiria!

LEIRIA, 23 (Pelo telefone) — Os corredores concentraram-se na Avenida Saraiva de Carvalho, ás 7 e 30, e um quarto de hora depois partiram da Figueira da Foz rumo a Leiria, na estrada de Montemor, depois da passagem de nível

Corria uma aragem fresca e até Montemor um denso nevoeiro envolveu os corredores, recortando-os em silhuetas curiosas. O espectáculo era realmente belo.

A primeira meta particular surgiu em Montemor-o-Velho, terra da naturalidade de Alves Barbosa. mo não podia deixar de ser, o «camisola amarela» passou em primeiro, seguido de Pedro Polainas, Lusitano Cadima e Manuel Graça. Os prémios constavam de «enve[illegible] es-mistério». Ganhou um também José Carlos de Carvalho, por ter sido o ultimo a passar naquela localidade.

Entretanto o Sol desfez a neblina, mas os corredores continuaram a pedalar em andamento moderado.

Pedro Polainas, que se atrasara devido a uma avaria mecanica, recolou, fácilmente, sózinho.

Em Coimbra, marcha pacífica...

A's 9 e 15 a caravana atravessou Coimbra, com Lusitano Cadima no comando do pelotão. E neste jeito se entrou na estrada da Lousã, cujo vale proporciona magnificos mentos de beleza.

A marcha continuava a ser pacífica. Nenhuma ameaça de ataque, nem mesmo quando Alves Barbosa teve uma avaria nos raios.

Antes da Lousã, Henrique Castro forçou o andamento, para apalpar forças, mas Alves Barbosa, Cardoso e os seus imediatos perseguidores não deixaram prosseguir o corredor benfiquista.

A passagem pela Lousã verificou-se ás 10 e 10. Estavam percorridos 75 quilómetros, em 2 h. e 25 m. de marcha.

Na meta particular, Américo Raposo ganhou o prémio de 300$00, Pedro Polainas, 200$00, e Jorge Corvo, 50$00.

Mais prémios

Miranda do Corvo surgiu ás 10 e 25. Como já vai sendo hábito, os corredores aceleraram com o objectivo de conquistar prémios particulares. A ordem de passagem pela meta foi a seguinte:

1.º, Pedro Polainas, que ganhou um par de tapetes e 100$00; 2.º, Lusitano Cadima (120$00); 3.º, Azevedo Maia (100$00 e uma garrafa de aguardente).

Com ligeiro atraso, passaram por Miranda do Corvo, António Joaquim Santos e Vitor Ferreira, ambos do Académico. Mas cedo recolaram.

Com 3 horas de corrida estavam cobertos 98 quilómetros.

Na descida de Vila Seca, acentuada, Henrique Castro voltou a colocar-se á frente do pelotão e tentou uma fuga. Imediatamente se formou uma fila indiana, em ritmo vertiginoso. Mas a tentativa do benfiquista também cedo foi neutralizada.

Nada de novo na frente de Oeste...

Condeixa foi atravessada ás 11 e 3. Havia nessa altura o atraso de 41 minutos em relação ao horário previsto.

Pombal surgiu ás 11 e 50. Nada de novo na frente de Oeste! Tudo em pelotão. Passo de boi...

O Sol brilhava, na sua eterna glória. Os ciclistas pedalavam, suavemente, filosofando talvez que efémera a glória dos «ases» do desporto... Conversavam amenamente... como bons amigos e camaradas... como cicloturistas que aos domingos estão habituados a realizar pequenos passeios, levando na roda, cavalheirescamente, as senhoras, que confeccionam apetitosas merendas, e fazendo todos os esforços para que todos regressem sem o mínimo sinal de fadiga e também sem travarem conhecimento com certos automobilistas apressados ou que sonham com as proezas dos «ases» de fama universal, bons aliados da morte.

Os ciclistas da Volta 58 pedalavam 3 metros, com fastio, e paravam, deixando a máquina ao «sabor da corrente», durante uns 10... Belas perspectivas de fuga e de ataques colectivos!...

O povo abria a boca com espanto.

Passo de boi, ou de *carreta*, como dizem os vizinhos espanhóis...

O «leader» estimula o «lanterna vermelha»

A 16 quilómetros de Leiria, José Anastácio, o «lanterna vermelha», estimulado por Alves Barbosa, deu três *estirões* fortes, e um deles quase que teve êxito, mas Sousa Cardoso foi no encalço do benfiquista e neutralizou a sua fuga.

Entretanto, repentinamente, fugiram Manuel Simões e Agostinho Ferreira, que chegaram a ter o avanço de cerca de 500 metros, mas o pelotão, por iniciativa dos representantes do F. C. Porto, iniciou a perseguição, e a chegada á meta, instalada na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, fez-se em pelotão.

Antes disso, Sousa Santos *furara*, a três quilómetros de Leiria tendo sido coagido a despender esforço extraordinário para recuperar.

O «sprint» dos componentes do pelotão revestiu-se de grande emoção.

Muita gente ficou com a ideia de que o sportinguista Americo Raposo havia sido o vencedor. No entanto, o juri, categóricamente, atribuiu a vitória a Sousa Cardoso, pela diferença mínima. suscitaram-se grandes duvidas.

Outra caótica organização á chegada dos ciclistas

Mais uma vez um deficiente serviço de ordem não permitiu que, depois da meta, os corredores desmontassem das máquinas, para se dessedentarem e orientarem no caminho a seguir.

Dois populares, atravessando-se á frente dos ciclistas, provocaram a subita travagem da máquina de Sousa Cardoso, o que originou a queda aparatosa de Américo Raposo, que teve de ser socorrido pelo médico da caravana. De novo, a chegada — uma organização deploràvelmente inconcebível. Preocupações com estes importantíssimos pormenores de organização, mesmo provenientes de recentes exemplos anteriores por demais mencionados e até escalpelizados pela crítica — para quê?!

FERNANDO SOROMENHO

Resposta imprevista

Dois funcionários da Emissora Nacional, que fazem parte da caravana, pretenderam em Braga provar o bom vinho verde da região. Desconhecedores em absoluto do melhor estabelecimento, um deles decidiu-se a abordar qualquer transeunte.

— Vais ver! — asseverou para o companheiro. — A primeira pessoa que me aparecer com uma certa cara vai indicar-nos, com certeza, a boa pinga!

Andaram uns metros e a *certa cara* surgiu-lhes pela frente:

— Boa tarde! O sr. desculpe. Nós somos da Volta, de Lisboa, e queriamos beber vinho verde. Ficavamos-lhe muito agradecidos se nos indicasse onde poderiamos encontrá-lo.

O autor da interpelação, confiado na infalibilidade das suas convicções, esperou, orgulhoso do seu calculo, a resposta confirmativa, mas o transeunte de *certa cara*, calmamente, informou:

— Eu não sou de Braga! Estou aqui de passagem. Sou natural de Luanda!

Os candidatos á boa pinga... desistiram imediatamente dos seus intentos.

A ÚLTIMA ETAPA

Amanhã: Leiria-Lisboa

A 21.ª Volta a Portugal termina amanhã, com a 28.ª etapa, entre Leiria e Lisboa, na distancia de 163 quilómetros que terão de ser percorridos á média horária de 34 quilómetros.

A partida está marcada para as 14 horas e os corredores tomarão o rumo de Marinha Grande (14,20 h.) Nazaré (14,57), S. Martinho do Porto (15,19), Caldas da Rainha (15,48), Óbidos (15,58), Bombarral (16,18), T. Vedras (17,4) e Malveira (17,48) devendo cortar a meta no Estádio «José Alvalade», ás 18,46 horas.

Assim acabará a Volta.

Henrique Castro

o melhor valor da equipa do Benfica

Na crónica que dedicámos ás revelações da 21. Volta não citámos o nome de Henrique Castro, do Benfica. A atitude fundamentou-se no facto do melhor valor da equipa benfiquista não ser, positivamente, um estreante. No ano passado, figurou entre os voltistas, embora tivesse desistido mais tarde. Todavia, seria uma injustiça não englobar Henrique Castro nas promessas do ciclismo português. Com 20 anos apenas, revelando um conjunto de qualidades onde vultam o estilo elegante e o espírito combativo, além doutras caracteristicas de ordem técnica, Castro conseguiu, por direito próprio, situar-se no lote dos dez primeiros — o escalão dos melhores de uma Volta. Nele tem o Benfica o ciclista mais representativo e nele o ciclismo nacional deposita fundadas esperanças.

O Balanço da Prova

O que está percorrido...

		kms.
1.º	Circuito de Alvalade.....	9
2.º	Lisboa Alpiarça	107
3.º	Alpiarça-Portalegre	145
4.º	Portalegre-Evora	155
5.º	Evora Moura	136
6.º	Moura-Tavira	204
7.º	Tavira P. da Rocha	123
8.º	P. da Rocha-Setubal	245
9.º	Setubal-Lisboa	140
10.º	Contra-relógio em Alvalade	9
11.º	Lisboa-Torres Novas ...	230
12.º	T. Novas-C. Branco	148
13.º	Castelo Branco-Guarda...	110
14.º	Guarda-Bragança	204
15.º	Bragança-Vila Real	140
16.º	Vila Real-Porto	117
17.º	Contra-relógio no Lima...	9
18.º	Porto Vila do Conde	91
19.º	Circuito de V. do Conde	44
20.º	Vila do Conde-Braga	185
21.º	Braga Maia	43
22.º	Porto-Viseu	140
23.º	Viseu Sangalhos	149
24.º	Sangalhos-Aveiro	90
25.º	Aveiro-Figueira da Foz...	63
26.º	Circuito da F. da Foz ...	9
27.º	Figueira da Foz-Leiria...	153
	Total	3.198

...e o que falta percorrer

		kms.
28.º	Leiria-Lisboa	163
	Total da quilometragem ...	3.361

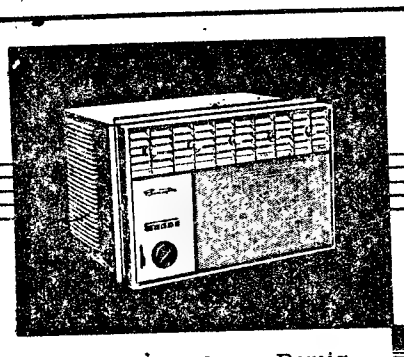
édias horárias

Tiradas	Prevista	Realizada
1.ª	(a)	40.754
2.ª	34.000	34.550
3.ª	33.000	31.451
4.ª	34 000	35 287
5.ª	34.000	39.146
6.ª	33.000	34.687
7.ª	34.000	41.978
8.ª	33.000	35.104
9.ª	33.000	31.341
10.ª	(a)	42.352
11.ª	33.000	31.880
12.ª	34.000	28.672
13.ª	33.000	27.167
14.ª	33.000	33.100
15.ª	33.000	34.461
16.ª	34.000	31.316
17.ª	(a)	43.783
18.ª	34.000	39.887
19.ª	(a)	39.999
20.ª	34.000	31.203
21.ª	(a)	42.974
22.ª	33.000	31.139
23.ª	34.000	32.311
24.ª	34.000	36.040
25.ª	33.000	41.288
26.ª	(a)	44.506
27.ª	33.000	32.146
28.ª	34.000	—

(a) — Etapas disputadas contra-relógio portanto sem médias fixadas

Festas da Agonia

VIANA DO CASTELO, 23. — Devido ao mau tempo, os numeros do ultimo dia das festas da Senhora da Agonia foram adiados para amanhã. Desfilará a magestosa procissão com a presença do bispo auxiliar da diocese de Braga e o arraial minhoto.



Condicionadôres de ar Remigton, monoblocos de fácil colocação em janelas ou paredes.

O «Incremental System» da Remington tornará util também no Verão, o seu actual sistema de aquecimento central.

A Remington possui aparelhos móveis permitindo a fácil deslocação para qualquer sala a utilizar de momento.

Centrais de condicionamento de ar para instalações hospitalares.

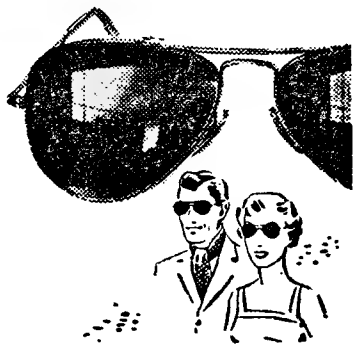
Centrais de grande potência para lugares publicos.

Os Remington têm garantia, e mais de 50.000 horas de vida util.

Remington
AIR CONDITIONING

SOCIEDADE COMERCIAL MATTOS TAVARES, LDA.
RUA DOS SAPATEIROS, 39 - TEL. PPCA 31101/4 — LISBOA

ÓCULOS DE SOL
Ray-Ban
B&L
BAUSCH & LOMB



Os tão famosos óculos de Sol Ray-Ban da Bausch & Lomb, podem agora ser fornecidos com as novas lentes Terrachrome de agradável cor castanha, para condizer com o seu tipo bronzeado. Veja nas boas casas de óptica do País, a grande variedade dos novos modelos de óculos RAY-BAN, com lentes verdes ou castanhas.

Tenha cúidado com as imitações

Exija a marca BL gravada nas lentes e a palavra Ray-Ban no cavalete.

RAY-BAN O NOME MAIS DISTINTO EM ÓCULOS DE SOL!

Eu gosto de
Dunlopillo
tambem!

Sim, os colchões e as almofadas das DUNLOPILLO são, o ideal para as crianças. São saudáveis e higiénicos. DUNLOPILLO, Espuma de Latex e de fabrico Inglês.

Representantes em Portugal
CASA GRAHAM - LISBOA - PORTO

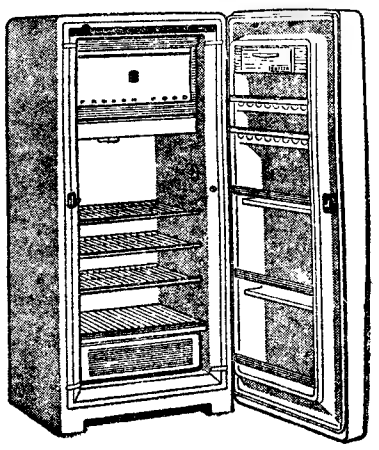
RIV

ROLAMENTOS E CHUMACEIRAS PARA APLICAÇÕES INDUSTRIAIS

★

ESMERADO FABRÍCO ITALIANO

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:
AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA



RCA
Whirlpool

MODELOS NORMAIS DE 8,1 E 12,2 PÉS CÚBICOS

★

MODELO «COMBINATION» DE 12,1 PÉS CÚBICOS

★

MODERNO CONJUNTO DE CORES INTERIORES

★

GRANDE CONGELADOR COM COMPARTIMENTO DE FABRICO DE GELO TOTALMENTE SEPARADO

★

A VENDA NOS AGENTES DA
TELECTRA — EMP. TECNICA EQUIPAMENTOS ELECTRICOS
LISBOA PORTO

Companhia Nacional de Navegação

CARREIRA DO ORIENTE

Paquete «TIMOR»

A sair cerca de 4 de Setembro

para: Port Said, Suez, Aden (se necessário) e MORMUGÃO
RECEBE PASSAGEIROS, CARGA GERAL E DE FRIGORÍFICO

Paquete «INDIA»

A sair cerca de 7 de Setembro

para: Port Said, Suez, Aden (se necessário), MORMUGÃO, Singapura (se necessário), MACAU e DILI
RECEBE PASSAGEIROS, CARGA GERAL E DE FRIGORÍFICO

LISBOA: Rua do Comércio, 79 e 85 — Telefs. 23021 a 23026
PORTO: Rua Infante D. Henrique, 63 — Telefs. 22438 e 22439

FEITOR

e encarregado de trabalhos agrícolas, com 21 anos de prática, idade média, e carta de ligeiros. Resposta a João Martins — Fábrica do Desestanho — Ginjal-Almada.

A. de Campos Júnior

Missa do segundo aniversário

Maria do Carmo Campos e família mandam rezar amanhã, domingo, pelas 9.30 horas, na igreja paroquial do Lumiar, missa por alma do seu saudoso marido e parente, agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

CABELEIREIROS

SECADORES — MUHOLOS
APARELHOS — GOUD
PRODUTOS — KLEINOL

Vende o Representante e Importador D. ABRANTES & IRMÃO, Ld.ª, Escritório e Exposição: Rua Aliança Operária, 42-1.º — Telef. 638698

ANTES E DEPOIS DO BANHO DE SOL
use **APYROL**
O produto preferido desde 1933

GRANDES FESTAS DE AGOSTO
EM
VALÊNCIA DE ALCÂNTARA

nos dias 24 a 27 de Agosto de 1958)

Por motivo destas Festas a C P. vende, nos dias 23 a 27 do corrente, para a estação espanhola de Valência de Alcantara, bilhetes especiais, de **ida e volta**, a preços reduzidos, em todas as estações e apeadeiros desde Entroncamento até Castelo Branco, até Portalegre e até Marvão-Beirã.

Estes bilhetes são válidos para regresso nos dias 24 a 28 do corrente.

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

ções sofridos na infância e na adolescência não se manifestam logo, permanecem surdos durante alguns anos. Escolhem e procuram ocasiões favoráveis. Surgem quando um outro inesperado choque, mesmo insignificante, vago agitar de ondas, remexe águas mortas ou paradas.

Quantos seres, aparentemente normais, mas necessitando de carinho em excesso, despertam bizarramente quando a suspeita os mina ou uma rajada de vento inesperado os sacode com maior violência. Então, no decurso de um exame, o psicanalista verifica que na adolescência desses doentes se passou qualquer coisa de anormal, traumatismos vários recebidos nos próprios lares inquietos ou desfeitos dos pais ou dos parentes mais próximos.

O adolescente chamado a decidir, a tomar uma atitude, vacila dominado pela primeira crise de ansiedade. Os anos passam. A vida fácil ou áspera encarrega-se de esfumar os primeiros sintomas, de mascarar a realidade, de aquietar as vagas altaneiras. Tudo parece arrumar-se para sempre.

Em alguns casos este silêncio mantem-se vida fora sem estragos de maior. Noutros, porém, nos caracterizados por uma hipersensibilidade exagerada, diminuídas as defesas normais, tudo regressa á primeira fase, devolvidos a crises psicológicas cuja intensidade depende do mais recente traumatismo, do inesperado desencontro com a vida. Nestes indivíduos, escondendo dentro de si restos de infâncias infelizes ou despedaçadas, o equilíbrio psíquico é difícil de obter.

Quase todos ignoram que são teatro de conflitos que o tempo esfarela ou acentua sem levar em linha de conta as precauções tomadas. Muitas delas não conseguem imunizar o indivíduo contra os choques que a vida vai subconscientemente amealhando. A psicologia da profundidade (C. G. Jung, «A Energética Psicológica», Genève, 1956) ensina que o somático e o psíquico necessitam de viver em paz e que a origem causal do desequilíbrio do mundo contemporâneo (Bergson) depende, em grande parte, dos crescimentos material e espiritual. E pouco importa que se trate de existência individual ou colectiva. Ambas obedecem ás mesmas leis, a idênticos encontros e desencontros.

O indivíduo isolado é uma abstracção que nunca poderá ser transformada, sem perigos, numa realidade.

O homem normal tem de sentir-se, a cada instante, integrado no meio, membro útil e activo da comunidade a que pertence. Esta relação homem-meio não significa deterioração ou esmagamento da personalidade. Tem cada um de procurar, dentro do agregado social a que pertence, construir ou reconstruir a sua própria vida, sem diminuição das qualidades positivas e agressivas, aspectos estes importantes da luta pela existência e do instinto natural de todo o ser humano.

A vida em comum exige, pois, integração consciente das motivações inconscientes. As causas da nevrose não são (Horney e Iracy Doyle) exclusivamente individuais. Existem meios que contagiam e arrastam os homens a atitudes paradoxais. Esta influência do meio neutraliza muitas vezes a acção condicionada do psicólogo.

A nevrose é a mais contagiosa de todas as situações. Aqui não são os bacilos ou os vírus que estão em causa ou são os responsáveis; no caso particular dos nevrosados, dos nevoeiros psíquicos, o clima e os eflúvios substituem os agentes infecciosos.

Esta verdade é conhecida de há muito tempo; dos exorcismos de antanho aos modernos processos e recursos da psicoterapia científica.

Seria absurdo tentar uma profilaxia procurando isolar o indivíduo ou privá-lo da vida nas grandes cidades, nos centros de movimento e desgaste. Indispensável para o bem comum é neutralizar, no todo ou em parte, as grandes ameaças psíquicas, fronteiras inevitáveis da vida moderna. O isolamento parcial, se dá resultado em alguns casos particulares, priva o desajustado das defesas que se desenvolvem e se aguçam dentro do próprio agregado social.

A promiscuidade em campos de férias está aconselhada em algumas situações, tais como o repouso em hoteis situados em locais escolhidos ou em zonas em que a instabilidade da vida moderna e anquilosante se encontrem reduzidas ou esquecidas.

A exagerada especialização conta-se entre as causas do desequilíbrio psíquico. A mística da existência, nos nossos dias, exigindo mais e mais, em desespero, fornadas de especialistas, eficazes como «robots», criou, lado a lado, legiões de mutilados.

Os estudos clássicos, a própria Universidade, são colocados á margem. A técnica vai surripiando lugar ás humanidades. A robotização apropriou-se de todos os departamentos da actividade humana. O saber, em plano enciclopédico, tornou-se incompatível com o radar e com a necessidade de colocar todos os dias satélites na órbita da Terra.

A especialização excessiva, reduzindo as necessidades do campo mental, não será responsável de absurdos irreparáveis? A hipertrofia da única faculdade necessária ao bom desempenho de uma actividade restricta impõe frustrações graves.

Se o homem, mercê de causas alheias, não se adaptar ás novas condições de vida e de trabalho, dilatando em contrapartida a sua cultura geral, abeira-se do envelhecimento precoce e do desajustamento psicológico, da crise de depressão grave, de um estado de ansiedade difícil de combater e de tratar.

Não é só a angústia e a depressão. Existe paralelamente um estado crónico de lassidão e de fadiga devido ao excesso de trabalho e á monotonia crescente da exegarada especialização que reduz o rendimento intelectual.

A «estandardização» dos seres humanos constitui um dos grandes males da nossa época. A psicossíntese procura combater essa enfermidade, criada pela técnica moderna. Numa obra clássica de Lepp («Clartés et Ténèbres de l'âme», Paris, 1957), apontam-se os erros e procura-se encontrar o remédio, combatendo com inteligência os conflitos resultantes do choque das tendências conscientes e inconscientes.

Procura-se, assim, auxiliar a maturação e progresso da personalidade, criar defesas contra a especialização mutilante, a monotonia, a lassidão e a fadiga.

A vida tem de ser alicerçada no amor e na confiança, protegida por um clima de beleza e de poesia.

A higiene da alma obriga, porém, a uma iniciação, ao conhecimento dos segredos rudimentares da psicologia. Os pais e os educadores têm o dever de evitar que nevroses latentes comprometam o futuro dos filhos e dos educandos, preparando destarte gerações úteis á vida e ao País.

E em caso de dúvida o contacto com o psicólogo tornar-se-á precioso para uns e para outros.

A. d'E.

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

O homem que não sabia

Condensação do conto de

William Johnson

A' janela do comboio, Frank Stubbes parecia olhar a paisagem verde e agradável. Na verdade Frank não via nada e estava muito ocupado em pensar como ia sair daquela questão. Era o primeiro problema difícil que se lhe punha. Antes fora um empregado de um banco muito disciplinado e tinha esperança de continuar a sê-lo depois de resolvida a questão. Aquelas férias na Califórnia embrulharam-lhe a vida toda.

Frank Stubbes mexeu-se, no banco do comboio e pensou que faltavam duas horas para chegar a Nova York. A sua mulher devia estar á espera dele e Frank não sabia como havia de explicar-lhe aquela aventura espantosa. A coisa começara na praia, á hora do banho, em que ele chocara com um sujeito magro, de óculos, que o olhara com uma expressão de terror. E ficara a vê-lo correr pela praia. Esquecera-se já do sucedido e vestia-se, quando dois indivíduos de cara desfeita e corpo maciço, tipo «boxeurs», se aproximaram dele e lhe apontaram dois pistolões.

— É ele, sem duvida — disse um.

— Não há duvida — disse o outro.

— Vamos levá-lo ao Al — disse um.

— Com certeza — disse o outro.

Agarraram um Frank alarmado e meteram-no num carro.

— Que significa isto? — perguntou Frank.

— Deixa-te de histórias, Perkins — disse um.

— Sim, deixa-te de histórias, Perkins — disse o outro.

— Perkins? O meu nome é Stubbes, Frank Stubbes. Sou empregado num banco, em Nova York e deram-me, como prémio, esta viagem. Há aqui um engano.

— O pássaro canta bem — disse um.

— Muito bem — disse o outro.

Levaram-no a uma casa estranha e grande e puseram-no em frente de um gorducho com charuto.

— Olá, Perkins! — disse o gorducho.

— Perdão, o meu nome é Stubbes, Frank Stubbes, de Nova York.

— Sim, sim, Perkins. Onde está o «bolo»?

— Não sei a que se refere.

— Onde estão os 50.000 dólares?

— Isto é um engano lamentável...

Diria mais coisas senão fosse ter levado um soco na boca. Seguiram-se outros socos que ele não compreendeu muito bem.

Mas Frank Stubbes tivera um interesse na juventude, o «judo», que praticara no ginásio do Feedle. Stubbes não praticava o «judo» há uns quarenta anos e estava muito esquecido. Ensaiou um golpe e derrubou um dos «boxeurs», depois o outro e, por fim, lançou o gorducho sobre uma mesa. Os outros reagiram. Mas, entretanto, Frank Stubbes, de Nova York, começara a lembrar-se perfeitamente dos golpes de «judo» que lhe ensinara o Feedle e acabou por dar uma sova terrível naqueles três indivíduos.

Depois, respeitosamente, quis esclarecer o assunto e fez diversas perguntas aos três homens. Estes estavam desmaiados e não puderam responder. Temendo que os tivesse ferido muito, telefonou para o hospital. Dentro de momentos uma ambulancia chegava á porta da casa estranha e vários enfermeiros galgavam as escadas. Mas, ao verem os feridos, ficaram petrificados.

— É impossível! Este é Al, o «Gorducho», um dos mais célebres «gangsters» de Los Angeles!

— Há aqui um engano — disse Frank. — Fui abordado por estes homens...

Mas já os outros telefonavam á Polícia que compareceu com grande aparato. O tenente Benson, da Polícia, abraçou Frank e meteu-lhe nas mãos um cheque de 20.000 dólares.

— É esta a recompensa. O sr. é um heroi.

— Há aqui um engano — insistiu Frank. — O meu nome é Stubbes, Frank Stubbes, de Nova York.

O major quis conhecer Frank e a todos os jornalistas que vinham para o entrevistar, ele respondia:

— Não compreendo nada...

A cidade festejou-o com três banquetes e Frank recebeu setenta e sete mil cartas de todo o Estado da Califórnia, entre as quais havia vinte e quatro mil pedidos de casamento.

Até que Frank Stubbes se retirou para Nova York. Agora, no comboio, achava difícil explicar tudo, tanto mais que ainda não entendia nada. Reparou que estava a chegar e preparou a mala. Desejou que a sua vida se tornasse de novo calma. Já na estação ouviu um grande clamor.

Mal pôs o pé no cais viu-se rodeado de dezenas de jornalistas. Uma multidão aclamava-o. Sua mulher beijou-o na testa. Frank, Frank Stubbes, de Nova York, sentiu-se desgraçado.

— Então, conte-nos a sua aventura! — exigiram os repórteres.

E ele:

— Não compreendo nada. O meu nome é Frank, Frank Stubbes, de Nova York e...

REPRESENTANTE:
ESTABELECIMENTOS Sida, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 46 — LISBOA

Empresa de Viação Eduardo Jorge, Lda.

Aviso ao público

A partir do dia 25 de Agosto de 1958, as carreiras de Lisboa em virtude de já se poder circular pela Av. Fontes Pereira de Melo, é retomado o antigo percurso, (Marquês de Pombal, Av. Fontes Pereira de Melo, Av. António Augusto de Aguiar e Estrada de Benfica).

A GERÊNCIA

O encerramento

do acampamento do Curso Militar da Mocidade

(Continuação da página central)

da S. H« A. P. E. e do M. A. A. G e respectivos adjuntos.

Na parada formavam em coluna de companhia os soldados-cadetes devidamente armados e de capacetes com bandeira e fanfarra de Caçadores 5, sob o comando do capitão Soares de Moura.

Pouco depois, os dois membros do Governo dirigiram-se para a parada onde assistiram ás cerimónias. Ali viam-se muitos civis e senhoras das famílias não só dos oficiais como dos soldados-cadetes.

O sr. tenente-coronel Costa Gomes e dr. Baltasar Rebelo de Sousa, acompanhados do sr. tenente-coronel Arnaldo Schultz, dirigiram-se para junto da formatura, que fez continência Depois, as referidas entidades oficiais passaram em revista a formatura.

Seguidamente efectuou-se a cerimónia da apresentação das onze bandeiras da nacionalidade: da Fundação, D. Sancho, D. Afonso III D. João I, D. Nuno Álvares Pereira, Descobrimentos, D. Manuel D. Sebastião, D. João VI e D. Pedro IV e nacional. Antes, porém, o sr. capitão Carvalho Figueira apresentou cumprimentos aos soldados-cadetes finalistas e dizendo que lhes iam ser entregues os distintivos cujo significado explicou. Depois de fazer a apresentação de cada uma das bandeiras, fez uma breve alocução sobre o significado de cada uma e da sua história. A ultima a ser apresentada foi a bandeira nacional O pavilhão verde-rubro, devidamente escoltado, deixou a formatura, e o respectivo porta-estandarte foi colocar-se sobre um pequeno estrado, ladeado pelas restantes antigas bandeiras.

Terminada a cerimónia, a bandeira nacional, ladeada pelas restantes, colocou-se com frente para a formatura, seguindo-se a cerimónia da continência, com os soldados-cadetes a apresentar armas e a fanfarra a tocar o hino do Exército.

Depois da retirada das bandeiras, os soldados-cadetes fizeram exercícios de manejo de armas, evoluções e desfilaram em continência perante os membros do Governo.

Houve, a seguir, demonstração de ginástica de aplicação militar, com esquema geral de cinco escalas e luta individual e desarmamento por três escolas, pista de obstáculos, saltos de camião, tiro aos pratos e por ultimo continência final e desfile.

Na mesa dos oficiais foi servido seguidamente, um almoço aos membros do Governo e convidados. Entre os srs. subsecretário de Estado do Exército e tenente-coronel Arnaldo Schultz, trocaram-se saudações.

A festa terminou com a leitura aos soldados-cadetes da Ordem de Serviço seguida do arrear da bandeira nacional.

Política cerealífera

nos Açores

PONTA DELGADA, 23. — A Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipelago dos Açores vai pôr em prática um grande plano de melhoramentos que beneficiará os três distritos açorianos. Trata-se da construção de um silo-celeiro em Ponta Delgada; um celeiro simples e um centro de secagem em Santa Cruz da Graciosa e ainda um celeiro duplo com células amoviveis na Horta, assim como da compra e instalação de diversa maquinaria nas localidades indicadas.

Todo este plano orça por 6.500 contos, cinco mil dos quais são para as construções e respectivas urbanizações. Está já aberto concurso para as empreitadas respectivas.

São assim criados importantes orgãos de assistência á lavoura açoriana que com eles muito virá a beneficiar.

O plano foi estudado pelo eng.º agrónomo Arlindo Cabral, que, há pouco, deixou o cargo de presidente da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipelago dos Açores.

Festa na Chamusca

Principiam hoje, ao fim da tarde, na Charneca, as tradicionais festas de S. Bartolomeu, que se prolongarão por quatro dias. Enquanto durarem os festejos haverá concertos por bandas de musica, arraiais e feira franca.

Foi assaltado

de madrugada um armazém de fazendas no Poço do Borratém

Mais uma proeza dos gatunos se registou esta madrugada, com o assalto ao armazem de fazendas Tecidos da Serra, Ld.ª, no Poço do Borratem, 36, 1.º, onde praticaram um importante furto. Este, nas circunstancias em que se verificou só poderia ter sido levado a efeito por alguém que conhecesse perfeitamente os cantos á casa.

Um dos larápios deve-se ter escondido no interior do armazém durante as horas do funcionamento ou deve ter preparado o caminho para que o roubo se verificasse, depois, de madrugada.

Assim, os gatunos, penetraram pelas trazeiras através de uma pequena passagem, que deita para uma das janelas do armazém. Com a maior serenidade tiveram tempo de arrombar várias gavetas que remexeram. De uma delas roubaram a importancia de 13.000$00 em dinheiro e vários objectos de ouro avaliados em 2.000$00, pelo que o total do furto se eleva a 15.00$00.

No local compareceram o chefe Saraiva e o agente Cardoso da P. J, acompanhados da brigada científica, para a recolha de elementos que possam fornecer uma pista para prender os gatunos.

A travessia da Mancha

foi ganha por Greta Andersen

Os nadadores portugueses desistiram

DOVER, 23. — Primo Ferreira e José da Silva encontravam-se entre os nadadores que formam o pelotão avançado da maratona da Manicha, iniciada ás 2 horas e 4 minutos, no Cabo Gris Nez, sob uma chuva fria, por 30 concorrentes (26 homens e 4 mulheres).

A dez milhas, o que equivale a cerca de dezasseis quilómetros, da costa britanica, José da Silva e Paul Herron, dos Estados Unidos, que se achavam um pouco distanciados dos guias, conseguiram alcançá-los. Na dianteira figuravam, então, além dos dois portugueses e do norte-americano, os ingleses Gordon Hill e James Granger e o turco Bagan Sahi.

Greta Anderson, a favorita da maratona, ultrapassara as outras três concorrentes femininas, mas separava-a ainda a distancia de milha e meia dos guias. Greta é a antiga campeã dinamarquesa dos 100 metros, que se tornou americana pelo casamento.

Por esta altura, haviam-se registado cinco desistências: o sueco Karl Erik Martin, o israelita Joseph Klinghoffer, o mexicano Alberto Valladares, o canadiano Jack Cloutier e o inglês Ken Wray. O numero de concorrentes ficou reduzido a 25, sendo 4 senhoras e 21 homens. Depois de cinco horas de nado, o argentino Alfredo Camarero, o inglês Gordon Hill e a norte-americana Greta Anderson comandavam a competição.

Mais tarde, porém, Camarero e Greta Anderson deixaram-se ultrapassar, vindo o primeiro a desistir, devido a caimbras, 9 horas e meia depois da partida. Antes já o inglês Granger fora forçado a abandonar a prova.

Mais tarde registaram-se as desistências de outros concorrentes e entre elas as do espanhol Castello e dos portugueses Primo Ferreira e José da Silva, ficando reduzido a 17 o numero de nadadores em prova.

Cerca das 11 horas, seguia á frente Greta Anderson, então a uns 9 quilómetros da costa inglesa. A sua progressão foi contrariada pela maré, a nadadora lutava corajosamente contra a corrente, incitada por seu marido, que a acompanhava no barco de escolta.

Aproximadamente duas horas depois — ás 12 e 4 — Greta Anderson chegava em 1.º lugar a Dover, na Inglaterra. Gastara precisamente onze horas na travessia da Mancha, estabelecendo novo «record» feminino, apenas oito minutos inferior ao «record» masculino, de 10 horas e 52 minutos, estabelecido pelo egípcio Hassan Abdel Rehim.

A's 13 e 50, o turco Haldun Ismen, que vinha imediatamente a seguir á vencedora, encontrava-se ainda a cerca de três quilómetros da costa, seguido do paquistanês Broiandas, que nadava dois quilómetros atrás. — (F. P. e A. N. I.).

Gorou-se a tentativa do americano que pretendeu vencer a Mancha nos dois sentidos

DEAL (Inglaterra), 23. — O antigo fuzileiro naval norte-americano Bert Thomas, que tentou a viagem de ida e volta, a nado, do Canal da Mancha, foi obrigado a desistir, ontem á noite, duas horas depois de haver iniciado a etapa de regresso.

Thomas deixou a costa francesa ás 2 horas e 15 minutos e atingiu o litoral inglês ás 21 e 44 minutos. Pousou para os fotógrafos, fumou um cigarro e, sete minutos mais tarde, voltou a lançar-se á água para a viagem de volta. Até agora, nenhum nadador conseguiu completar a proeza. — (A. N. I.).

Resultados sensacionais em experiências de hibridação que modificam os organismos

MONTREAL, 23 — O dr. Jean Stroun, chefe das pesquisas na Clínica de Medicina Interna da Universidade de Genebra, e Maurice Stroun, do Instituto Botanico da mesma Universidade, apresentaram aos seus colegas do Congresso Internacional de Genética, dois casos de hibridação que abrem horizontes novos.

O dr. Stroun utilizou a transfusão do sangue para tentar conseguir modificações profundas do organismo. Praticou a transfusão de sangue de galinhas de Angola, cinzentas, em galinhas «Leghorn», brancas. Nos pintos verificaram-se modificações morfológicas, aproximando-se algumas do tipo galinha de Angola (pintada) e outras de tipo inédito.

Por sua vez, Maurice Stroun chegou a resultados notáveis, conseguindo a transformação de cereais de Outono em cereais da Primavera, modificando as condições do meio, isto é, a temperatura, a luz, etc.

A Sociedade Genética do Canadá distribuiu pelos representantes dos 45 países que assistem ao Congresso uma edição especial da sua revista que publica um artigo sobre a curiosa hibridação conseguida mediante o cruzamento de um bisonte com uma vaca. O rebento recebeu o nome, igualmente, híbrido, de «Cattalo» (fusão de «cattle» e bufalo). — (F. P.).

Nova campanha de terrorismo no Líbano

BEIRUTE, 23.—Henri Pharaon, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, foi ferido por habitantes da aldeia de Kahale. Fora encarregado de negociar a libertação de um grupo de insurrectos que os aldeões raptaram para vingarem dois dos seus, maltratados pelos rebeldes.

Chegam, de vários pontos da cidade, notícias de incidentes sangrentos entre as forças rebeldes e governamentais. Morreu um guarda e ficaram feridos dois outros, num recontro com os insurrectos.

Espera-se que o Governo ordene o reforço das patrulhas, nas estradas, ou que imponha o estado de emergência, para fazer frente á nova campanha terrorista de atentados á bomba e á bala, de que foi vítima o vice-cônsul francês. Entretanto, a Embaixada dos Estados Unidos esclarece não haver, aparentemente, qualquer ligação entre o terrorismo desencadeado na cidade e a morte de uma das suas secretárias, Mary Beamer, que foi vítima de um ataque cardíaco enquanto trabalhava.—(France Presse e A. N. I.).

DOIS CONCURSOS

para obras públicas

Esta tarde, ás 15 e 16 horas, no Ministério das Obras Publicas, efectuaram-se, respectivamente, os concursos para adaptação da antiga casa dos bolos, no Instituto de Odivelas, para edifício de serviços publicos e construção dum muro de vedação no Instituto de Altos Estudos Militares, com base de licitação de cerca de 900 contos.

Palmiro Togliatti

vai ser afastado?

ROMA, 23. — Segundo o «Tempo», «aguarda-se uma alteração na alta hierarquica do Partido Comunista, prevendo, nomeadamente, o afastamento de Palmiro Togliatti do cargo de secretário-geral. Esta revolução interna seria decidida nas conversações em curso, entre Luigi Lon secretário-geral, adjunto, do partido, e Giorgio Amendola, membro da direcção, em Moscovo, com os dirigentes do Partido Comunista da U. R. S. S.» — (F. P.).

CARREIRAS AÉREAS

Os serviços da Swissair

A partir de amanhã, as carreiras da Swissair entre a Suíça e Lisboa, passam a ser feitas com os aviões quadrimotores DC-6B, equipados com classe turística e primeira classe, com cabina de pressão e maior velocidade de cruzeiro. O tempo de voo, entre os dois países, que era de 5 horas e 45, será assim reduzido para 4 horas e 55. As hegadas serão ás 20 e 45, aos domingos e ás terças, quintas e sábados, com partidas de Lisboa, 8 e 45, das segundas, quartas e sextas.

Falta de iluminação

Há já alguns anos que parte da Rua Marechal Saldanha se encontra sem iluminação publica; e na que tem iluminação, esta é fraca O pavimento também se encontra num estado deplorável, pelo que se chama a atenção de quem de direito, tanto mais que esta rua é de grande movimento de transito.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: máxima, 25°,8; mínima, 14°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 27°,5; mínima, 16°,9.

Em ALVALADE—SAIBO o «Diario de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos por António D. S. Ferreira.

DOIS FERIDOS

num choque de automóveis

MONTEMOR-O-NOVO, 23 *(Pelo telefone)*.—Na estrada municipal de Montemor ao Escoural, o automóvel ligeiro AB 56-04, conduzido pelo sr. Viriato Quaresma, residente no Escoural, que seguia fora da sua mão, foi embater no auto de carga GE 23-06, conduzido por Jacinto Ginja Mendes, residente em Évora. Do embate resultou o primeiro que foi o causador do acidente, ter sofrido ferimentos de certa gravidade ficando internado, sob prisão no Hospital da Misericórdia desta vila.

Um dos ocupantes do carro, Matias José Freixial, residente em S. Verissimo, sofreu fractura do braço esquerdo, as pessoas que seguiam no carro abalroado nada sofreram.

FOGO NUMA EIRA

CRATO, 22. — Próximo do cemitério desta vila, numa eira pertencente ao lavrador sr. Ricardo Antunes Lourenço, ateou-se, de noite, um violento incêndio, cujas labaredas estimuladas por forte ventania, devoraram, em pouco tempo, duas medas de trigo, computadas em cerca de 40 moios daquele cereal.

A pronta e eficiente intervenção dos Bombeiros Voluntários locais, que operaram com falta de água, obstou que o sinistro assumisse mais graves consequências, evitando que as chamas se propagassem aos pastos ressequidos das propriedades anexas, o que a registar-se, redundaria em incalculáveis prejuizos no vasto arvoredo. Os danos estão em parte cobertos pelo seguro.

Está em Lisboa

o general comandante do colégio N. A. T. O.

Em avião especial, chegou esta tarde a Lisboa o sr. general Ariburum, novo comandante do Colégio de Defesa da N. A. T. O., que vem apresentar cumprimentos ao ministro da Defesa Nacional e aos chefes dos estados-Maiores das Forças Armadas portuguesas.

No aeroporto, o general Ariburum era aguardado pelo general Luís de Pina, director do Instituto de Altos Estudos Militares, comandante Andrade e Silva, chefe da 2.ª repartição da Defesa Nacional, e capitão Viana de Lemos, do gabinete do ministro, bem como por funcionários superiores de Embaixada da Turquia, país de que é natural.

Depois de amanhã, ás 10 e 30, aquele visitante irá ás instalações do Instituto de Altos Estudos Militares, antes de almoçar na Embaixada do seu país, a convite do respectivo embaixador. A' tarde apresentará cumprimentos ás referidas entidades portuguesas e ser-lhe-á oferecido um «cocktail», em S. Julião da Barra, pelo ministro da Defesa Nacional, general Botelho Moniz.

Durante a sua permanência em Portugal, o general Ariburum terá o major Jorge Mourão como oficial ás ordens.

Pequenas notícias

JANTARES REGIONALISTAS

O terceiro jantar de confraternização regionalista, na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, efectua-se no dia 28 do corrente, e é dedicado á Casa do Ribatijo, cujo presidente é convidado de honra.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Na sede social do clube Alunos de Apolo haverá hoje, á noite, um baile para sócios da colectividade e suas famílias

Amanhã, á tarde, também haverá bailes na Liga Regional Cojense e na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul.

ACHADOS

Relação dos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma bolsa de prata com dinheiro; uns óculos de sol; uma colher de pedreiro; um piriquito; dois sapatos próprios de criança; os bilhetes de identidade de José Teixeira Lopes, Vítor Manuel Creio Pais, Augusto Fernandes, Maria Rodrigues Boto, Carlos Sequeira Duarte; uma mola de gravata; um tampão de roda de automóvel; um pedal de bicicleta; uma ferramenta de carpinteiro; um manípulo de porta de automóvel; um farolim de automóvel; um contrato de arrendamento de José dos Santos; diversas argolas com chaves e uma sandália de senhora.

Também se encontra no Sindicato dos Motoristas, o seguinte: uma luva de senhora; uma máquina de filmar; uns óculos graduados; e uma bengala preta com castão de prata com as iniciais, A S.

Desintegrou-se

parte do «Sputnik III»?

VENEZA, 23. — O director do Observatório Astronómico de Trieste, prof. Ettore Martin, admite a hipótese de que o misterioso objecto luminoso avistado nos ceus da Itália, durante esta semana, seja o ultimo andar do foguetão-veículo do terceiro «Sputnik» russo. A princípio, supôs-se tratar-se de um satélite desconhecido. — (A. N. I.).

Excursão
com o Sporting á Holanda
(Taça dos Campeões Europeus)
3 dias em Paris
4 em Bruxelas
Preços á partir de 1.500$00
20 dias — Partida de 5 a 10 de Setembro
Informações: — Grupo Desportivo da D. G. Edifícios Monumentos Nacionais—P. Comércio
Tel. 366772/3/4 (10/12 e 1ª/17)

Em ALBUFEIRA são o «Diario de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendidos por António dos Santos Labisa.

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—Em Portugal continental, o vento era fraco de vários rumos, o céu estava pouco nublado, por acção de uma massa de ar seco transportada na circulação conjunta de um anticiclone centrado a Noroeste da península ibérica e de uma depressão centrada a Sul de Espanha.

Temperaturas registadas ás 9 horas (T. M. G.) de hoje—Porto, 16°; Lisboa, 20°; Portalegre, 19°; Faro e Funchal, 23°.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS (T. M G.) DE AMANHÃ—Céu geralmente limpo, vento fraco, subida de temperatura.

A LEI EM QUE VIVE

No dia 23 de Agosto de 1591 morreu Fray Mis de León.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18, noticiário e danças; 18 e 40, operetas; 19, desdobramento; 21, noticiário; 21 e 15, desdobramento; 23 e 45, noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19, emissão infantil; 19 e 30, trechos em piano; 19 e 45, Aguarela brasileira; 20, jornal sonoro; 20 e 15, musica ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, junção dos emissores; 21 e 15, trechos em viola espanhola; 21 e 30, comentário político; 21 e 45, serão para trabalhadores. No intervalo: «Vozes do Mundo»; 23 e 30, danças; 23 e 45, junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19, aspectos da musica moderna; 19 e 50, noticiário regional; 20, concerto pelo organista Angelo Paciolo; 20 e 16, «Pressa», palestra de Maria de Carvalho; 20 e 26, Sonata «A Kreutzer», de Beethoven; 21, junção dos emissores; 21 e 15, 5.° acto do drama lirico «Pelléas e Melisande», de Debussy; 21 e 45, Quinzena literária; 22 e 15, «Fantasia cromática e fuga», de Bach; 22 e 30, Que quer ouvir?, «Missa solene em ré maior», de Beethoven; 23 e 45, junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 17 e 30, variedades; 18, corridas de automóveis no Porto; 20 e 15, apontamento do dia; 20 e 20, solistas; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Quer um conselho?; 21 e 15, imagens por musica; 21 e 30, lingua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, trechos recreativos; 22 e 30, cultura espanhola; 22 e 45, cançonetas; 23, concerto; 23 e 45, agenda; 23 e 50, conjuntos; 0 e 30, noticiário; 0 e 40, ritmos de baile.

Estação de Miramar — A's 18, ritmos de baile; 18 e 45, composições de Cruz e Sousa; 19, palestra de língua portuguesa; 19 e 15, motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, boletim informativo; 20 e 10, conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, vida desportiva; 21, noticiário; 21 e 15, canta Angela Maria; 21 e 30, orquestras ligeiras; 22, programa para a mulher; 22 e 5, Brasil; 22 e 30, conjuntos instrumentais; 22 e 45, melodias; 23, trechos de operetas; 23 e 30, artistas portugueses; 0, ritmos de baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 30, terço e benção; 19 e 25, boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, guitarradas; 20, musica para o seu jantar; 20 e 30, noticiário; 20 e 55, meditando; 21 e 5, as ultimas novidades; 21 e 30, musica portuguesa; 21 e 50, melodias; 22, No reino das musas; 22 e 20, musica seleccionada; 22 e 45, noticiário; 22 e 57, boletim religioso; 23, serão familiar.

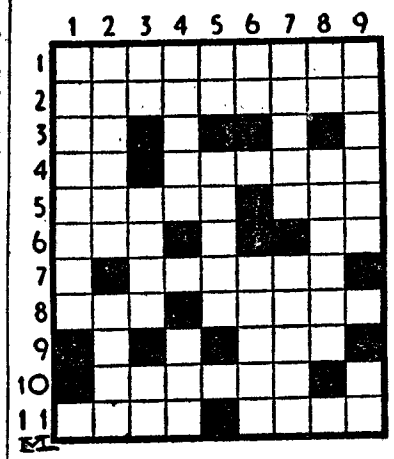
POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Peninsular; das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 á 1, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21, Abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, «Miradoiro»; 21 e 35, «Desporto no Mundo» (revista filmada internacional); 21 e 40, jornal de actualidades internacionais; 21 e 55, «Café-concerto»; 22 e 45, «Na rua e na estrada — um programa para automobilistas e peões»; 23 e 5, actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 15, XXI Volta a oPrtugal em bicicleta (Reportagem R. T. P.); 23 e 30, fecho da emissão.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.° 1339



HORIZONTAIS: 1 — Vatícinio. 2 — Condensaram. 3 — Preposição. 4 — Prefixo de duplicação. Realidades. 5 — Falhar. Rio da Austria, afluente do Danubio. 6 — Antigo navio á vela. Porco. 7 — Esgotar. 8 — Preposição e artigo (pl.). Emporcalhadas. 9 — Claridade. 10 — Capital do Iraque. 11 — Solicitei. Livro.

VERTICAIS: 1 — Rendimento eclesiástico 2 — Resgatará. Globo. 3 — Fazes parte de. Caminhos. Prefixo que designa direcção. 4 — Jamais. Actuei. 5 — Certo. Bordas. 6 — Símbolo químico do níquel. Mexas. 7 — Situação aflitiva. Auxílio. 8 Seguia. Tumor inflamatório dos tecidos celulares. 9 — Não referido. Luto.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o Provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.° 1338

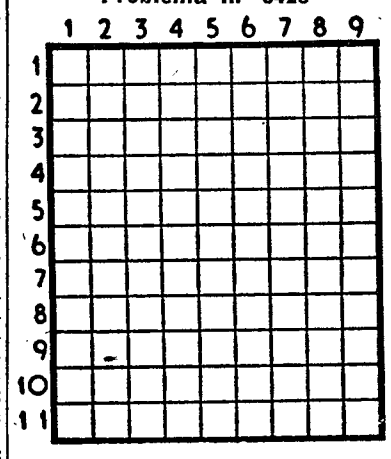
HORIZONTAIS: 1 — DA. Exames. 2 — Opas. NÓ. 3 — Iró. Sc. Fi. 4 — Despeitar. 5 — Ás. NÃO. 6 — Tá. Mus. 7 — PERDERÁS. 8 — Poiares. 9 — Nio. 10 — Tracónico 11 — Rasa. Os.

VERTICAIS: 1 — Doida. PONTO. 2 — Apreste. Ir. 3 — Aos. Arpoar. 4 — És. Dó. Cá. 5 — Sendeiros. 6 — Anciã. Rã. Na. 7 — Mó. Tomarei. 8 — Fá. Use. Co. 9 — Seiras. Sãos.

(Provérbio: DÁ NÓ, NÃO PERDERÁS PONTO).

NOVA MODALIDADE

Problema n.° 3428



HORIZONTAIS: 1 — Lua da Lua. Numero dígito. 2 — Semelhança. Pronome pessoal. Graceja. 3 — Colocam. Camadas de tinta sobre uma superfície. 4 — Apupos. 5 — Antiga província baltica da Russia cuja capital é Riga. 6 — Limite. Célebre batalha junto ao rio da Crimeia em que os ingleses e franceses venceram os russos. 7 — Nome de mulher. Apelido. 8 — Batráquio. Existo. Apelido. 9 — Nome de uma das mulheres que estiveram no Calvário. 10 — Ave pernalta. Unidade de trabalho. 11 — Divisão de uma casa. Inerte.

VERTICAIS: 1 — Furna. Freguesia do 3.° bairro de Lisboa. 2 — Boi selvagem. Condução de presos. Nociva. 3 — Impede. Doença. 4 — Movia os remos. Saudável. 5 — Io. Excepto. 6 — Espaço de sete dias. Antigo nome da nota musical dó. 7 — Abrigo. Prefixo que designa ar. 8 — Peixe de água doce. Patrões. Mofa. 9 — Imposto de transmissão. 10 — Azedo.

Solução do probema n.° 3427

HORIZONTAIS: 1 — Lincoln. 2 — Ração. 3 — ÁC. Vis. As. 4 — Vali. Impa. 5 — Adio. Sair. 6 — Ar. Rã. 7 — Acere. 8 — Ré. Ara. Mi. 9 Amor. Todo. 10 — Palos. 11 — Arão. Sado.

VERTICAIS: 1 — Cava. Trava. 2 — Cada. Em. 3 — Ir. Lira. Opa. 4 — Navio Carão. 5 — CCI. Ter. 6 — Oásis. Raios. 7 — Ló. Maré. Osa. 8 — Apia. MD. 9 — Usar... Miolo.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

Agenda

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Estão a pagamento durante o corrente mês, com juros de mora, os seguintes:

Contribuição industrial — A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas: a segunda, terceira e quarta prestações dos divididos em quatro: a terceira dos divididos em quatro na hipótese de ter sido paga a segunda.

Contribuição predial—A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas: a segunda, terceira e quarta prestação dos divididos em quatro: a terceira dos divididos em quatro na hipótese de ter sido paga a segunda.

Imposto profissional — liberais e assalariados—A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas: a segunda, terceira e quarta prestações dos divididos em quatro; a terceira dos divididos em quatro na hipótese de ter sido paga a segunda.

Imposto profissional — empregados — A segunda prestação simestral.

Imposto complementar — Todo o imposto se a importancia liquidada foi inferior a dois mil escudos, ou a primeira prestação quando de quantia igual ou superior a esta importancia.

TAXA MILITAR

A anuidade do ano de 1958 que não foi paga até ao fim do mês de Maio p. p., com taxa simples, isto é de sessenta escudos, pode ser paga este mês e até ao fim do corrente ano com a taxa elevada ao dobro posto o que relaxará, sendo, então, paga com custas e selos do processo.

IMPOSTO COMPLEMENTAR

Reclamações e recursos—Contra o lançamento e liquidação deste imposto podem os contribuintes reclamar e recorrer nos termos e prazos estabelecidos no decreto n.° 16.733, de 13 de Abril de 1929 e legislação complementar subsequente.

As reclamações serão apresentadas nas secções de finanças liquidadoras do imposto, no prazo de noventa dias a contar do dia imediato, inclusive, ao da abertura dos cofres para a cobrança do imposto, terminando no corrente ano o prazo no dia 29 de Setembro.

IMPOSTO DE INCENDIOS

O lançamento deste imposto camarário, referente aos prédios urbanos, esteve patente ao exame dos interessados até ao dia 8 do corrente mês de Agosto, podendo ser reclamado administrativamente, isto é, verbalmente, até esta data, mediante demonstração do erro praticado e a rectificar. Expirado este prazo as reclamações só poderão ser feitas por via contenciosa nos termos do artigo 732.° do Código Administrativo.

Pagamento — O pagamento deste imposto é feito durante o mês de Agosto corrente, podendo, todavia ser também pago nos sessenta dias seguintes, com juros de mora. Terminado este ultimo prazo a cobrança é feita coercivamente.

CARTAZ DO DIA

CINEMAS

TIVOLI — «A mulher do próximo»
SÃO LUIZ—«A arma de um bravo»
SÃO JORGE — «A' meia luz os três».
EDEN — «O homem do dia».
IMPERIO — «A Hora Zero».
POLITEAMA — «Quero-te, mas deixa-me».
ALVALADE—«A arma de um bravo».
MONUMENTAL — «Contigo nos meus braços».
ROMA — «Mimi Pinson».
CONDES — «O Tarzan do 5.° Esq.»
ODEON — «Lanceiros da India»
AVIS — «O sol de S. Moritz».
CAPITOLIO — «Ama-me ou esquece-me».
OLIMPIA — «O homem da mascarilha».
ESPL. PORTUGALIA — «Garras de mulher».
PAVILHÃO — «Santiago».
IDEAL — «Fúria de viver».

— V. Ex.ª está preocupado com as etapas que lhe falta percorrer?

— Não. Estou preocupado mas é com os pratos que me falta comer!

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO C — União — Estrada de Benfica, 592-594. Tel. 780092; Vitex—Estrada de Benfica, 373-B. Tel. 780548; Curie—Avenida Madame Curie, 15-A. Tel. 778439; Leal de Matos—Rua Neves Costa 33-35 Carnide Tel. 780181; Laranjeiras (Das)—Rua Filipe da Mata, 160-162. Tel. 761035; Central do Lumiar, 77. Tel 779480; Brasil—Avenida Rio de Janeiro, 66-66-A. Tel. 722368; Sanex—Avenida da Igreja, 31-C. Tel 776905, Belmar—Avenida de Roma 53-A. Tel. 776314; Algarve — Avenida de Roma, 7-B Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B á Praça do Areeiro. Tel. 727307; Onilda—Avenida João XXI, 13-A. Tel. 726848; Campo Pequeno (Do) Avenida da Republica 58-D-E. Tel 771661; Vale—Avenida Marquês de Tomar, 45-49. Tel. 773043; Universal—Rua Actor Taborda, 5-7, Tel. 44158—A— Novais—Avenida Luis Bivar, 11-13. Tel 44324, Ascenso—Rua 27, 41, Bairro da Encarnação. Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Conceição—Calçada D Gastão, 30-32. Tel 381279; Pereira, Suc. — R. do Paraiso, 93-100 Tel. 863224; Silva—Calçada de Santo André, 16. Tel. 862074; Branquinho—Rua dos Sapadores, 87. Tel. 842725; Luzmar — Rua 2, 16, Bairro de Santa Engrácia. Tel. 728395; Ibéria —Rua Barão de Sabrosa, 235-A, á Alameda. Tel. 728277; Bastos — R Morais Soares 91-D Tel. 844350; Castro—Avenida Almirante Reis, 76-A-B. Tel. 44373; Peninsular — Campo dos Mártires da Pátria, 117-118. Tel. 53308; Vicente de Jesus — Largo do Rato, 3-C-D. Tel. 681947; Salutar — Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade. Tel. 683694; Júdice de Oliveira—Rua de Campolide, 54-A, Tel 684424; Pinheiro —Rua de Campo de Ourique 131-133. Tel. 663640; Janeiro—Avenida Alvares Cabral, 100, ao lado do Liceu Pedro Nunes Tel. 661453; Tagus—Praceta Possidónio da Silva, lote 3. Tel. 669485. Ocidental—Rua D Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves)—Rua da Junqueira, 326. Tel. 638193; Costa—Rua dos Lusiadas, 32 Tel. 636704; A César — Rua Prior do Crato, 74. Tel. 660187; Guerreiro da Costa—Rua das Janelas Verdes 90 Tel 662327; Mota Capitão—Rua de S. Félix 45-A-B, Tel 660720; Fénix—Rua da Cruz dos Polais, 52, Tel. 21031; Sanitas —Praça Luís de Camões, 24, Tel. 22798— A — Liberal—Avenida da Liberdade, 217-219 Telef. 43641; Ferrão—Rua da Mouraria, 12. Tel. 860464; Portugal — Rua Augusta, 216-218 Tel. 22073 — A —.

O ambiente em Moscovo
parece ser favorável ao recomeço
das conversações diplomáticas preparatórias
da conferência ao mais alto nível

LONDRES, 23. — As conversações diplomáticas que se realizaram em Moscovo, numa tentativa para preparar a conferência no mais alto nível, e se malograram poderão recomeçar dentro de mais ou menos tempo — segundo declaram hoje círculos diplomáticos.

A possibilidade de uma conferência ao mais alto nível, limitada ao problema crucial do desarmamento e á controvérsia das explosões nucleares experimentais, aparece, de novo, como uma luz, embora pálida, no longinquo horizonte da vida internacional.

Os meios diplomáticos especularam com as recentes reuniões, em Nova York, entre os ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Qutro Grandes», em separado, afirmando que tais reuniões poderão ter melhorado o ambiente para ulteriores e mais amplas conversações.

Acrescentaram os mesmos círculos diplomáticos londrinos que, no caso de tudo correr bem, as conversações efectuadas pelos embaixadores ocidentais em Moscovo, sem o menor êxito, poderão vir a ser retomadas num futuro próximo.

Desde que Kruchtchev deixou, subitamente, de se interessar pela proposta ocidental para a reunião ao mais alto nivel, no ambito do Conselho de Segurança da O. N. U., deixou de se falar oficialmente em tal reunião. O que não significa que tenha tombado no esquecimento. Não há, por enquanto, quaisquer decisões firmes sobre o recomeço das conversações diplomáticas em Moscovo. Mas vários acontecimentos, nos ultimos dias, podem ter contribuído para melhorar o ambiente propício a esse fim. Entre esses acontecimentos figuram o abrandamento da tensão no Médio Oriente e o acordo na conferência de cientistas nucleares, em Genebra, relativamente aos meios possíveis de detecção das explosões nucleares.

Os meios diplomáticos têm os olhos postos em Kruchtchev e nas iniciativas que poderá tomar, quando, no próximo mês, regressar de férias, no sentido de aumentar a pressão sobre o Ocidente.

Na realidade, ignora-se qual será a sua atitude, uma vez que, depois da sua visita a Pequim, ao que parece sob a pressão de Mao Tsé Tung, deixou de se interessar pela reunião ao mais alto nível, no ambito do Conselho de Segurança da O. N. U., limitando-se a esperar que a recente reunião da Assembleia Geral prepara-se o caminho para a reunião dos chefes de Governo. Por outro lado, declarou a MacMillan na sua ultima carta, que, em breve, tratará das propostas de compromisso do Ocidente quanto á agenda da conferência no mais alto nível. A resposta de Kruchtchev fornecerá a primeira clara indicação da mais recente posição soviética — (A. N. I.).

Perspectivas de desanuviamento entre o Ocidente e os países árabes

NOVA YORK, 23 — A aprovação, por unanimidade, na Assembleia Geral da O. N. U., da moção apresentada pelos representantes árabes, que oficializa o regresso da Liga Árabe á vida internacional, parece abrir o caminho a nova era nas relações entre as potências ocidentais e os países do Próximo e do Médio Oriente e segundo se pensa, geralmente, nos círculos diplomáticos.

As conversações efectuadas á margem da Assembleia, nomeadamente entre o secretário de Estado americano e o chefe do Foreign Office com o ministro dos Negocios estrangeiros da R. A. U. e o secretário da Liga Árabe, são as primeiras indicações de uma tentativa ocidental de fomentar o desanuviamento nas suas relações com o mundo árabe. — (F. P.).

Reunião no Cairo, dos países da Liga Árabe, ao nível ministerial

CAIRO, 23 — A reunião da Comissão Politica da Liga Árabe, marcada para 6 de Setembro, nesta cidade, decorrerá ao nivel ministerial, segundo afirmam diversos diplomatas árabes, sublinhando a novaimportancia que a reunião assume depois da votação da resolução árabe na O. N. U. Acrescentam que mesmo a Jordania e o Líbano enviarão os seus ministros dos Negócios Estrangeiros ao Cairo, nesa ocasião.

E' opinião geral que a importancia da resolução árabe reside em que se baseia na «Carta da Liga» e reduz a crise no Médio Oriente a desinteligências inter-árabes. Contudo o homem da rua não está completamente satisfeito com a resolução árabe, pois não marca data rara a retirada das forças anglo-americanas da Jordania e do Líbano. Há quem receie que a «diplomacia de suavidade», de Hammarskjoeld, prolongue por vários meses a presença daquelas tropas. — (F. P.).

Paris celebra
o aniversário
da sua libertação

PARIS, 23.—A capital amanheceu hoje festivamente embandeirada para comemorar o aniversário da sua Libertação, com a expulsão das tropas de ocupação alemãs, em 1944. A bandeira tricolor aparece desfraldada em todos os edifícios publicos e nas fachadas de numerosos prédios particulares, e até nos tejadilhos dos autocarros.

Entre as cerimónias comemorativas inclui-se uma concentração, sob o Arco do Triunfo dos membros do antigo Movimento de Resistência e de deputações das associações dos antigos combatentes de guerra, que assistirão, junto ao tumulo do Soldado Desconhecido, ao descerramento de uma placa em homenagem á memória dos que tombaram na luta pela libertação de Paris. Para amanhã está marcada, também, uma cerimónia comemorativa na Praça de Estalinegrado, com o desfile de um cortejo dos antigos membros do Movimento da Resistência.—(A. N. I.).

O eng. Gregório Hermano Nunes Mascarenhas foi nomeado presidente da Comissão Reguladora dos Cereais do arquipélago dos Açores.

Houve restrições
na Grã-Bretanha
à visita dos submarinos atómicos americanos

LONDRES, 23. — O Almirantado publicou hoje uma declaração, segundo a qual o submarino atómico americano, «Nautilus», depois da sua viagem transpolar em imersão, se dirigiu para Portland e não para Londres, por indicação e a conselho das autoridades em assuntos nucleares.

O informador confirmou que, tanto ao «Nautilus» como ao «Skate» só foi permitida a estádia num porto relativamente distante e fora de grandes aglomerados populacionais. — (A. N. I.).

A viagem
do general de Gaulle
à África francesa

TANANARIVE (Madagáscar), 23 — O general de Gaulle deu hoje por concluída a sua visita oficial a Madagáscar. Prosseguindo na sua viagem de propaganda da nova reforma constitucional, partiu, esta manhã, em avião, para Brazaville, na Africa Equatorial Francesa, onde chegou de tarde.

Círculos autorizados declararam que de Gaulle leva um compromisso verbal da população de Magadáscar, segundo o qual, no dia 28 de Setembro votará a favor de uma política de interdependência, para que Madagáscar continue a fazer parte da União Francesa.—(A.N.I.).

A missão
de Louis Joxe
a Lisboa

PARIS, 23—«Os interesses portugueses coincidem com os interesses franceses em numerosos domínios, e mesmo quando não coincidem não se lhes opõem»—declarou um informador do Quai d'Orsay, a propósito da visita a Lisboa do secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Louis Joxe.

Acrescentou que Louis Joxe discutirá, em Lisboa, com membros do Governo português, assuntos e problemas de interesse para os dois países, principalmente, na medida em que ambos são potências com grandes interesses na Africa e em que os dois são, também, membros do Pacto do Atlantico.—(A. N. I.).

A Rússia fornece
à Argentina
maquinaria industrial

BUENOS AIRES, 23. — Segundo declarou Rogelio Frigerio, secretário da Presidência da Republica, a oferta soviética de fornecer á Argentina 100 milhões de dólares de material para trabalhos petrolíferos, foi aceite, devendo a maquinária russa ser paga a longo prazo em produtos argentinos.

Uma missão argentina irá, no dia 31, a Moscovo, a fim de examinar a qualidade do material oferecido e estabelecer as bases de negociações, com vista a um acordo comercial. — (F. P.).

Uma aldeia italiana
destruída por um incêndio
provocado por tremenda explosão
de granadas ali escondidas

REGIO DI CALABRIA, 23. — A aldeia de Sinopoli, de 4.000 habitantes, próximo de Palmi, no Sinopoli Inferiori, 32 quilómetros ao Norte desta localidade, no extremo da península italiana ficou completamente destruida por um incêndio provocado pela explosão de uma caixa de granadas de mão.

Segundo as primeiras notícias, a explosão ocorreu pouco antes da meia-noite, supõe-se que em casa de Giuseppe Orfeo, onde, ao que parece, se encontravam escondidas as granadas. Treze casas ficaram completamente carbonizadas. Orfeo, gravemente ferido, está hospitalizado em Palmi. Vários habitantes, porém, afirmam ter o fogo principiado num monte de feno próximo do local onde estavam guardadas as granadas, as quais deflagraram, atiagidas pelas chamas, as quais alastraram rápidamente a todos os edifícios de Sinopoli Inferiore antes que os bombeiros enviados de Regio Calabria e Palmi, a 16 quilómetros, tivessem tempo de chegar.

Há apenas uma estrada de acesso á aldeia, o que dificultou as operações, assim como a falta de água. Centenas de animais morreram carbonizados e as colheitas ficaram destruídas. Desconhece-se, porém, se houve mortos ou mais feridos entre os habitantes. — (F. P. e A. N. I.).

Grande incêndio nas florestas da Calábria

REGIO DI CALABRIA, 23.— Durante a noite, manifestou-se violento incêndio, por combustão expontanea, numa grande mata ao planalto da Sila, perto de Cosenza, na Calábria. As chamas são visíveis a mais de 50 quilómetros á volta.

Todos os bombeiros da região foram mobilizados para combater o fogo, que destrói pinheiros seculares castanheiros e faias, pertencentes ao Estado e a particulares. — (F. P.).

1.200 veraneantes
batem em retirada
surpreendidos pelas inundações
de uma região da Itália

DOMODOSSOLA, 23 — Os 1.200 verancantes que se encontravam em Bognanco começaram ontem a deixar estas termas, invadidas, há quatro dias, pelas inundações e os desprendimentos de terras que afligem o Vale do Ossola.

Mulheres, homens e crianças, carregados com as suas bagagens, formam uma longa fila a caminho do vale, por um atalho aberto por dois serranos. Agentes da Polícia de Transito, guardas-fiscais e montanheses ajudam-nos nas passagens difíceis, ao longo dos 8 kms. que têm de calcurriar e foram, em grande parte, obstruídos por 17 desprendimentos de terras, seis dos quais formaram barreiras com cerca de 4 metros de altura.

Os veraneantes e os camponeses que ficaram em Bognanco são abastecidos por voluntários e bombeiros que carregam ás costas com víveres e água potável, pois o aqueduto também sofreu danos. Duzentos automóveis ficarão paralisados nas termas durante dois meses, tempo necessário ao tulho da estrada que desemboca na estrada nacional.

A situação no Vale de Crevola d'Ossola onde as águas da torrente Diveria destruiram completamente, na quarta-feira, a aldeia de San Giovanni, continua a ser crítica. Embora as condições atmosféricas melhorassem ontem á tarde, há perigo de novas aluviões.

Esta manhã, foram encontrados mais dois cadáveres (uma rapariguinha e uma mulher) nas águas lamacentas que cobrem a região. — (F. P.).

Consequências da inundação na Exposição de Bruxelas

BRUXELAS, 23 — As chuvas torrenciais, que provocaram, ontem, inundações no pavilhão francês da Exposição Universal, também causaram muitos estragos em toda a cidade. Perto da Exposição, automobilistas franceses, surpreendidos pelas águas, num túnel, tiveram de abandonar o veículo. — (F. P.).

Manchester sob as cheias

LONDRES, 23 — Em Manchester, vários bairros estão completamente inundados em virtude das chuvas e do temporal.

Várias das linhas principais da rede ferroviária estão cortadas. — (F. P.).

Ultimas notícias

Os rendimentos
da Fundação Gulbenkian

PARIS, 23. — Um dos mais belos museus vai construir-se em Lisboa, para recolher as colecções de Arte, reunidas pelo famoso Calouste Gulbenkian e hoje propriedade da Fundação que tem o seu nome e administra a sua herança — anuncia o semanário «Dimanche-Matin», ao registar a promessa do novo Governo iraquiano de que os rendimentos daquela Fundação de modo algum serão afectados pela nova linha política do Iraque. — (A. N. I.).

■

Aviadores espanhóis
de visita ao Porto

PORTO, 23 (Pelo telefone) — Assinalou-se hoje a retribuição da visita que os aviadores civis portuenses fizeram há pouco aos seus colegas da Galiza. Dentro da hora prevista, chegaram quatro avionetas a Pedras Rubras, duas do Aero Clube de Vigo e outras duas de Santiago de Compostela. Entre as pessoas que chegaram nos aviões, contavam-se o coronel De Rivero, chefe do Sector Aeronáutico da Galiza e presidente do Aero Clube de Santiago de Compostela, e D. Henrique Lorenzo Docampo, presidente do Aero Clube de Vigo, que representa nesta visita o alcaide daquela cidade espanhola e o governador de Pontevedra.

A receber estas entidades, encontravam-se no aeroporto toda a direcção do Aero Clube do Porto e o novo cônsul de Espanha nesta cidade, sr. D. Gonzalo de Ojeda, além do governador civil do Porto e do presidente do Município.

A' hora a que telefonamos, aguarda-se a chegada do alcaide de Santiago de Compostela, sr. D. Angel Porto Anido.

■

Fogo de nafta
em volta do «Alexandre Silva»

Esta tarde, cerca das 14 e 30, alguém lançou de bordo do «Alexandre Silva», que se encontra atracado ao cais, na Rocha do Conde de Obidos, um pedaço de desperdício a arder. Como havia grande porção de nafta derramada á superfície das águas, o fogo alastrou rápidamente em volta do navio, pondo em perigo a sua segurança.

Dado o alarme, compareceu, sem demora, pessoal da 1.ª Companhia de Sapadores Bombeiros e da Companhia de Reforço, que, com o emprego de três agulhetas de nevoeiro, apagou rápidamente o fogo.

Os trabalhos foram dirigidos pelo chefe Mário Almeida, coadjuvado pelos chefes Xavier e Marques.

RIBATEJANO
Salvaterra de Magos — Tell. 14
• TODOS OS DIAS •
Aos Almoços — Chás e Jantares
Exibições: Ranchos Folclóricos
Cozinha Portuguesa
(6 anos)

RESTAURANTE CASTANHEIRA
LUMIAR
HOJE — Orquestra de dança das 20 ás 24 horas
DOMINGO — Das 13 ás 17 e das 20 ás 24 horas
Serviço normal de lista
CINEMA — CAFÉ BAR — SALA DE CHA — TELEVISÃO
(Maiores de 15 anos)

Diario de Lisbôa

N.º 6

SUMÁRIO

Um homem sorri á morte com meia cara
J. RODRIGUES MIGUÉIS

Crónica de Londres
LUÍS DE SOUSA REBELO

Maravilhosa história da escrita.
ANTÓNIO JOSE' SARAIVA

«Nautilus»
MARIO CASTRIM

Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES

Para onde vai amanhã
CICERONE

O monstro de três faces
MANUEL SALGUEIRO

Aquela palavra adolescência
ALFREDO PINTO BRAS

Postal ilustrado
MANUEL AGRA

Aquela mercadoria pode morrer
AUGUSTO DA COSTA DIAS

Ouvir bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON

A utensilhagem da cozinha de urgência
M.ª CAROLINA FREITAS

Sim ou não?
OLGA SANTOS

Chora, terra bem amada
Eduquemos o nosso filho
MARIA LÚCIA DA S. ROSA

Comentário, humorístico ilustrado
GOMES FERREIRA

Página da Mulher

Magazine

Do Nautilus do capitão Nemo ao Nautilus do capitão Anderson

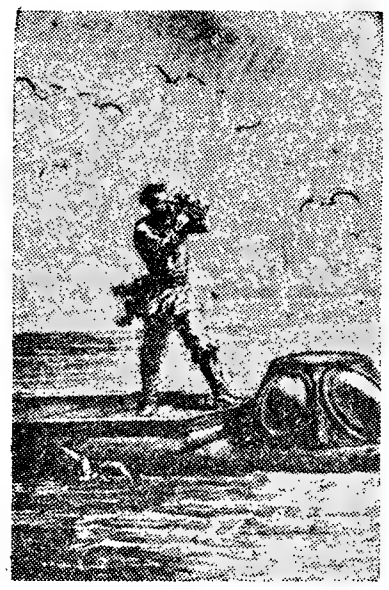
O «Nautilus» navegava á velocidade média de 25 milhas por hora, a velocidade de um comboio expresso. Se pudesse mantê-la bastar-lhe-iam quarenta horas para atingir o Pólo...

Evidentemente, este «Nautilus» não é o que anda agora nas bocas do Mundo. Trata-se da criação de Julio Verne que viveu, por antecipação, algumas maravilhas do nosso tempo.

O «Nautilus» do capitão Nemo tinha a forma de um cilindro muito alongado com 70 metros de comprimento e 8 de largura e deslocava 1.500 toneladas. A sua propulsão era eléctrica — o que levou as pessoas de sólido bom senso a duvidar do são juizo do célebre escritor numa época em que o motor eléctrico era considerado uma quimera semelhante á quadratura do círculo ou o movimento perpétuo.

Julio Verne ficou para trás. A imaginação foi ultrapassada pela realidade. O «Nautilus» do capitão Nemo é uma sombra ao pé do «Nautilus» do capitão Anderson.

Este acaba de executar um feito memorável: navegar das ilhas Hawai até ao mar da Gronelandia, passando sob a calote gelada do Actrico: 8.800 milhas é média de 47 quilómetros por hora.



O «Nautilus» I regressa á superfície e o capitão Nemo aproveita para tirar a altura... Será possível olhar sem emoção esta gravura da época

Logo a seguir a esta aventura que a propulsão atómica tornou possível e que ainda em 1939 fazia sorrir as pessoas de sólido bom senso, erguerem-se vozes sublinhando a importancia não científica nem técnica, mas sim a sua importancia militar.

«Todo o flanco Norte da U. R. S. S., de Leninegrado ao estreito de Behring fica descoberto», afirmava um comentador do Almirantado britanico. Por outro lado, declara-se que a União Soviética não tardará a possuir submarinos atómicos que poderão seguir o caminho inverso do «Nautilus» e penetrar na Baía de Hudson, ficando assim com os Estados Unidos á sua mercê.

E é pena. E' pena que estas maravilhosas conquistas da ciência e do trabalho humano não possam ser admiradas e apreciadas sem que uma sombra destile uma gota de medo nos nossos olhos...

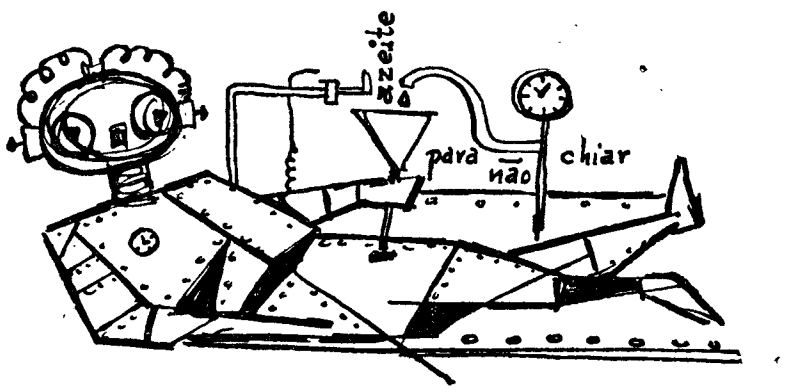
MÁRIO CASTRIM

Apontamentos para os tempos futuros

Olhe que o Inverno não perdoa

Você recorda-se daquela conversa a que assistimos aqui há tempos? Começou pelo símbolo que o Eça, na **Ilustre Casa de Ramires,** resolvera fabricar para a nossa gente e acabou num verdadeiro fogo de artifício: cada um dos oradores possuia um **digest** da raça portuguesa e teimava que o **tipo** que imaginara era o mais característico...

Quando regressámos a casa, na pachorra dum dia excepcional, discreteámos um pouco sobre o assunto e chegámos — se me permite o sumário — a algumas conclusões cautelosas acerca da questão. A primeira dizia respeito ao desconhecimento cavernícula que o homem da cidade e ainda o das nossas vilas tem do povo a que pertence. Na sua indigência de ideias parece só estarem de acordo sobre o **«cheiro do povo»** e um hipotético sotaque, quase sempre reduzido ao estafado **«ch» do vochê e do chim chenhor** como se todos os Portugueses fossem oriundos da mesma província...



A segunda conclusão versava sobre a ousadia (Você lembrou que a ignorancia é muito atrevida) com que todo o citadino pretende impor a sua versão simbólica dum Gonçalo Ramires. A ultima, finalmente, pode formular-se desta maneira breve: um povo não é uma **ortodoxia racial,** não pode simbolizar-se num **tipo:** é sim e não, variedade e diferença; muda, além disso, o que pareceria ser eternamente característico, quando progridem as suas bases materiais.

Muito se admirará agora se lhe disser que venho apresentar-lhe o meu **«tipo de português»**... Pois quê? — também eu? Sim, também eu. **Mas** não suponha que o **peixe que vou fazer render** é demasiado ambicioso. **O** meu tipo não é o do **português, mas** apenas o duma certa extracção social de Portugueses — homens de cultura e de política, poliburocratas e demais sedentários urbanos.

Está de acordo em que a «empresa» assim já é possível? Então aqui lhe apresento o **«meu tipo».** Chama-se Ortodoxo, tem coisa de oitocentos anos de idade, adora profundamente a Hierarquia, admira apaixonadamente a Ordem que resulta da aplicação das suas ideias (com severa exclusão das

(Continua na página seguinte)

CRÓNICA DE LONDRES

Os «jovens revoltados» que apresentámos na ultima crónica não constituem um movimento com objectivos meramente intelectuais, nem são tão pouco o produto duma ficção romanesca, uma destas criações que se propõem como modelo á colectividade. Poderá até dizer-se que não formam sequer um grupo. Com efeito não há entre eles aquele conjunto mínimo de condições necessárias a qualquer organização, ainda que modesta. É este um dos aspectos insulares do fenómeno e que não deixa de despertar viva curiosidade. Nos ultimos cinco anos apareceram indícios de uma atitude que a pouco e pouco se foi afirmando, se avolumou e hoje se apresenta como corrente dominante, sem que os seus representantes se sintam ligados entre si por laços de solidariedade ou identidade de princípios.

O caso é tanto mais interessante quanto é certo que ele oferece uma boa resposta áqueles que consideram a literatura uma actividade ociosa, do ponto de vista de utilidade social, uma simples actividade ludica, dissociada das contingências do mundo real. Ora aqui a literatura dá expressão a anseios individuais recalcados e reflecte um mal-estar, uma inquietude e um desassossego que está na raiz da vida inglesa contemporanea. Os livros aparecidos são as provas do processo e a reacção que eles provocaram, o índice térmico da atmosfera que se respira. Por este motivo, apesar da confusão e disparidade de juizos que reina nos arraiais dos moços rebeldes, o movimento é no fundo um dos mais sérios e dos mais sinceros que surgiram em Inglaterra na ultima década.

Vendo bem as coisas, os jovens descontentes e irritados encabeçaram sempre os movimentos de vanguarda e instilaram sangue novo em organismos gastos e anémicos. Não há, assim, portanto, uma grande razão para se perder a trasmontana e ir ás do cabo lá por que uns moços desplicentes decidiram falar aos seus maiores sem papas na lingua e em linguagem de gente. A verdade é que para muitos custa a admitir que estes jovens tenham de facto razão. A Inglaterra pensava ter arrumado desde há muito uns tantos problemas que maculavam ignominiosamente a tradicional eficiência das suas instituições. Os governos que se sucederam no após-guerra procuraram levantar o país da destruição sofrida, criar um sistema de seguros sociais, que garantisse o bem-estar da população, e elevar o nível de vida. É certo que muito se conseguiu fazer, mas, mesmo assim, o trabalho realizado ficou aquém das expectativas. O ritmo de construção de residências num país fortemente atingido pelos bombardeamentos aéreos — e já com insuficiência de alojamento no inicio da guerra — diminuiu consideràvelmente e foi

(Continua na página seguinte)

FIM DE SEMANA FELIZ

Para onde vai amanhã?

Um dos nossos clássicos contava com graça um pouco rígida a história dos espelhos. O velho que o tempo escavacara impiedosamente, colocado diante do espelho implacável, e a monologar sobre a diferença entre aquele espelho mentiroso e o outro, há vários anos, que dava dele a ideia exacta...

Todos nós, quando o espelho nos oferece uma imagem pouco... simpática, somos levados a crer que o vidro está mentindo, a realidade não pode ser tão desagradável...

Isso, porém, resolve pouco. Ou nada. O tempo não suspende um instante ao menos o seu labor. Arado dia e noite, noite e dia, revolvendo a terra — e a terra ficando sempre diferente ao fim de cada instante.

Pois é, meus amigos. Ainda há pouco era o princípio do Verão e já agora... Bem, não lhes parece que no «nosso tempo» o tempo andava mais devagar? Agora, quando voltamos a cabeça já é ontem e ficamos com o ar de quem foi apanhado numa armadilha e não sabe como safar-se dela.

Dizia eu que ainda há pouco era o princípio do Verão e já agora nos vamos aproximando rápidamente **do fim dele. Perdoem. Não queremos,** de forma nenhuma, estragar-lhes o fim-de-semana com pensamentos tristes. Mas já pensaram que oficialmente nos restam trinta dias de Sol? Trinta dias de Verão? Já pensaram que depois...?

Mas não falemos agora disso, combinado? Falemos, sim, de mais esta oportunidade de abandonar a fornalha da cidade — ir educar os olhos por outras perspectivas, outros largos horizontes... Se nos permitem damos-lhe hoje esta sugestão:

Setúbal

A cerca de quarenta quilómetros de Lisboa — uma distancia que nem chega a ser distancia... — o

(Continua na página seguinte)

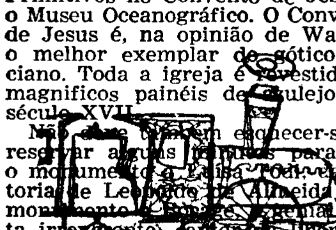
Fim de semana feliz

(Continuação da página anterior)

leitor pode dirigir-se á Rainha do Sado por automóvel, camioneta (com partida de Cacilhas) ou por comboio (com partida do Barreiro). Dequalquer modo os gastos do percurso são mínimos o que lhe permite passar algumas horas agradáveis na cidade e seus arredores.

Claro que não pode ter a pretensão de «esgotar o assunto» no dia que passar em Setubal. E então será melhor dar a esta sugestão maior virulência do que habitualmente — e pedir-lhe que se lembre dela em muitos outros dos seus fins-de-semana...

Setubal possui encantos e motivos de interesse adaptados a todos os gostos. Os amantes de arte e monumentos podem visitar o Museu de Pintura, constituido por telas dos Primitivos no Convento de Jesus e o Museu Oceanográfico. O Convento de Jesus é, na opinião de Watson, o melhor exemplar do gótico terciano. Toda a igreja é revestida de magnificos painéis de azulejos do século XVII.



Não deve também esquecer-se de reservar alguns minutos para ver o monumento a Luísa Todi, da autoria de Leopoldo de Almeida, e o monumento a Bocage, genial poeta irreverente, cantor da liberdade e da paixão. A estátua foi erguida em 1871, por iniciativa de outro poeta, António Feliciano de Castilho (de um romantico a um pré-romantico...) e por subscrição aberta em Portugal e no Brasil. Lá está, na base do monumento: «Admiradores seus portugueses e brasileiros». Eis aqui uma forma excelente de cooperação internacional! Entre as muitas coisas dignas de serem vistas em Setubal não devemos esquecer a célebre Pedra Furada. Trata-se de uma notável raridade geológica, muito semelhante ao rochedo de Leiningen, na Alemanha. E' um rochedo enorme (17×8×18 metros) de cor escura, carcomido, crivado de buracos, fazendo lembrar uma grande esponja de pedra.

Mas é possível que o leitor tenha preferência pela Natureza e antes queira passar algumas horas no campo ou na praia. E nesse aspecto, Setubal oferece-lhe, com um sorriso, muito por onde escolher. Aposto que vai ficar apaixonado pela Quinta das Torres, em Azeitão onde se desfruta um dos mais poéticos trechos da paisagem ao sul do Tejo, e pela Quinta de S. Paulo com os seus monumentais pinheiros mansos, esses gigantes bons «sans peur et sans reproche», um dos maiores atractivos turísticos de Setubal são as suas magníficas praias. Citemos apenas a de Albarquel (calma praiazinha romantica para casais romanticos...) a de Figueirinha (já com o seu ar de praia-bem...) a Troia, considerada uma das mais belas de Portugal, a da Rainha, a da Comenda da Graça e essa joia unica que se chama Portinho da Arrábida.

Limitamo-nos a referir algumas das mais conhecidas, aquelas que vêem, geralmente, em qualquer guia turístico. Mas se o leitor não tiver jeito para se acomodar a «guias turísticos», se preferir descobrir por si próprio novos caminhos e novas belezas ou ainda se o leitor quiser uma praia apenas para si», tenha a certeza de encontrar o que pretende, em qualquer ponto, á beira do Oceano ou á beira do rio. Se, numa secção utilitária como é esta, não fica mal uma confidência, uma nota humana, quero dizer-lhe que a «minha» praia fica situada a cerca de 600 metros da Torre do Outão, na direcção do Portinho da Arrábida. E' limitada por dois rochedos enormes, ocos, onde eu e ela (quase meninos que ainda éramos, «blé en berbe» como diria a célebre romancista francesa...) nos refugiávamos para sonhar...

Estou a dar-me conta, chegando ao fim do espaço reservado a esta crónica, do bem pouco que disse a respeito de Setubal e seus arredores. Não falei de Azeitão, de Palmela, da serra da Arrábida, da torre do Outão... Mas, como diiza Dostoiewsky «isso já é matéria para outro romance...»

Dia feliz, caro leitor, no seu passeio a Setubal. Olhe, e não se esqueça da praiazinha romantica, e sobretudo não se esqueça de procurar uma praia só para si... e para ela. E diga-me depois se eu tinha ou não razão!

CICERONE

(Continuação da página anterior)

afrouxando de tal modo que a situação promete ser aflitiva em 1960, se se não tomarem medidas enérgicas.

Assim se foi ofuscando o esplendor de algumas casas vitorianas, de fachada severa, e largos cómodos para uma vida confortável. Dividiram-se os edifícios de cima a baixo em apartamentos com serventia de uma cozinha e um ou dois quartos de banho. A transformação, na maior parte dos casos, não foi das mais felizes e sente-se falta de espaço e necessidade de desafogo. Os casais com filhos estão atravancados e encontram sempre maior dificuldade na busca de habitação. Os tabiques finos e as paredes de divisória deixam penetrar os ruídos domésticos, quebrando a tranquilidade do «sweet home». No jardim abandonado, onde a relva cobre tudo de uma alcatifa de verdura, vêem-se, por vezes, estátuas quebradas e uma ou outra relíquia dilapidada da grandeza passada. As famílias modestas que não podem comprar uma casa fora de Londres — a propriedade no centro atinge preços elevadíssimos — ou que não têm meios para adquirí-la com um empréstimo á Caixa, figuram, aos milhares, numa longa lista das autoridades municipais dos Condados, aguardando a hora em que possam entrar num apartamento decente. Por outro lado o aumento recente dasrendas de casa veio complicar uma situação já de si difícil, ameaçando muita gente com o despejo em Outubro próximo.

Depois a alta constante do custo de vida, certas reduções efectuadas nos Serviços de Assistência, os impostos que oneram o salário do trabalhador e os honorários da classe média, apesar dos aumentos periódicos, comprimiram o nível de vida da grande massa da população. Nos primeiros anos suportaram-se com estoicismo as restrições impostas, na esperança de que tudo melhorasse. A desilusão provocada pela acção do Partido Trabalhista, então no poder, sucedeu-se agora o desengano ainda maior da acção governativa dos conservadores, como o provaram as ultimas eleições para deputados. As cisões internas dentro do Partido Trabalhista e o triunfo da ala anti-Bevan na orientação da linha oficial do Partido deixaram um amargo de boca a muitos laboristas que passaram a exigir uma política mais firme por parte do Executivo, se os trabalhistas quiserem voltar ao poder e derrotar o Governo. Sintoma característico desta inquietação e falta de confiança nos dirigentes está na ressurreição de um antigo movimento dos anos de Vinte — «Vitória para o Socialismo» — que congregava os militantes mais activos. Foi uma surpresa para muita gente que aparecessem agora a reanimar o movimento alguns deputados trabalhistas de renome. O Directório do Partido aconselhou a dissolução do grupo em nome da unidade e impediu o seu desenvolvimento. De notar é que os Conservadores não ficaram insensíveis a este ressurgimento e criaram logo uma «Frente Anti-Socialista», que alista sob a sua bandeira todos aqueles que, independentemente da sua filiação, partidária, se sintam unidos pelo mesmo desejo de oposição.

Como se está a ver, há também moços e velhos rebeldes na cena política, ainda que não tenham alcançado a popularidade dos jovens literatos e artistas. Até pela simples razão de que estes moços solertes e sagazes professam abertamente a sua indiferença por toda a espécie de política, seja ela da direita ou da esquerda. E o Inglês anda um tanto ou quanto desenganado da política que tem em casa. Habituado a pensar, a discutir e a decidir da forma de governo da nação dentro de um quadro em que dois partidos políticos se revezam no poder, sem que qualquer deles empreenda profundas modificações de estrutura, ele sente-se encurralado num beco sem saída e vai ás urnas sem entusiasmo, quando não fica ao borralho ou a olhar a televisão. Há quem avente a hipótese da necessidade de uma Terceira Força e outros que se voltam para o velho Partido Liberal. Mas fazem-no por desalento. Na realidade o programa dos Liberais diverge muito pouco do dos Conservadores. E compreende-se que assim seja, pois representam interesses afins e sustentam uma doutrina que só difere da daqueles em pequenos pontos de pormenor. Os críticos mais ousados chegaram mesmo a pôr em causa a validade democrática do actual sistema eleitoral, que impõe um avultado depósito aos candidatos e os distribui em zonas ou circunscrições, deixando perder, deste modo, largo numero de votos marginais, que ficam sem qualquer representação nas Camaras. No entanto tais comentários brotam ainda de um modo esporádico, perdem-se num mar confuso de recriminações, em que predomina o receio de tocar na estrutura tradicional, e acabam por ser silenciados por problemas de ordem externa, aos quais a Imprensa dá a primazia.

Ora foi neste contexto social e nesta atmosfera conturbada que os jovens irritados lançaram o seu desafio á consciência britanica, sob a forma de depoimento com o seu quê de manifesto, num volume intitulado «Declaração» e que reune a fina flor do movimento. São oito nomes bem conhecidos no mundo das letras e da crítica, nomes bafejados por um êxito rápido e com o seu publico já feito. Cada qual pronuncia-se independentemente e sem saber das opiniões dos restantes colaboradores, o que levanta, por vezes, discrepancias e até contradições entre eles. O editor que os enfaixou no mesmo volume — e alguns houve que se recusaram a colaborar, como Kingsley Amis, e outros fizeram-no com renitência — obedeceu apenas ao critério da atitude de revolta individual. Na sua maioria estes escritores passaram pelas melhores escolas inglesas, muitos deles tiveram esmerada educação universitária e começaram por frequentar muito cedo a redacção dos jornais e os meios culturais e artísticos. Como geração vão dos vinte e cinco aos trinta e tal anos e colhem uma experiência variada. Doris Lessing, nascida na Pérsia e habitando por algum tempo a Rodésia do Sul, tomou contacto com os problemas coloniais e sentiu a violência da discriminação racial. Colin Wilson vagueou um pouco por toda a Inglaterra, empregando-se como servente de pedreiro até dar em porteiro de hospital de Londres, onde dormiu ao relento em Hampstead Heath, durante seis meses, para não pagar renda de casa. Bill Hopkins viajou largamente por toda a Europa, escrevendo poesia e artigos para os jornais, e lançou uma revista que o arruinou antes de ter saído o primeiro numero. John Osborne, a vedeta do grupo, actor ignorado na grande capital, conheceu longos meses de desemprego e muitos dias de mau passadio.

Os que não tiveram um recontro tão áspero com as duras realidades da vida, foram tocados pelo cepticismo da cultura em face das dores do mundo moderno. John Waine começou por ser assistente de universidade, tal como Kingsley Amis, e Kenneth Tynan, distinto crítico teatral, assim como Lindsay Anderson, argumentista e crítico cinematográfico, cursaram os vetustos e venerandos colégios de Oxford. Oriundos da classe média e da camada mais desafogada do proletariado industrial, todos eles viveram as esperanças, as realizações e os malogros do após-guerra. São, portanto, filhos do sistema social do «Welfare State», e as suas queixas e o seu ataque virulento assumiram aos olhos da gente bem-pensante a forma de uma desfeita e de uma negra ingratidão. A Inglaterra orgulhava-se justamente do seu sistema, prometia melhorá-lo, aperfeiçoá-lo com o decorrer do tempo; deixou-se embalar na doce ilusão das suas próprias palavras e de subito acorda para esta terrível verdade de que não só não o aperfeiçoara, como até está ameaçada de perder o que fizera. De modo que este protesto caiu como uma surpresa, uma surpresa incómoda e inquietante. Os escritores irados atingiam, de facto, uma parte vulnerável, tocavam fundo na ferida, e a sua condenação da acção militar de Suez e da política que a tornara possível encontrou muitas vozes de apoio entre o publico. Choveram naturalmente as ironias, as apreciações adversas e houve quem insinuasse que, ao menos em Inglaterra, os moços rebeldes encaravam o passado com raiva, mas não o futuro. A imaginação dos caricaturistas dos grandes jornais diários aplicou-se a inventar clubes de jovens coléricos nos quais o desleixo, a sordidez, a barba crescida, o desalinho no vestuário e o álcool seriam as notas dominantes. Não se pouparam referências biográficas dos «novos evangelistas dos cafés «Expresso» e tentou-se, por todos os meios ao alcance da grande Imprensa, calar os impertinentes. Mas em vão! O que se disse foi tomado pelos alvejados como mais um exemplo dos métodos que eles tinham denunciado. Quanto ao uso do álcool, não parece que ele seja fonte inspiradora destes rapazes corajosos, pois John Osborne até é vegetariano. Toda esta campanha desacertada teve um efeito contraproducente. Tornou-se claro para muita gente que o baluarte da tradição e da respeitabilidade balofa tinha sido atingido em cheio e que não se perdoava que estes filhos pródigos viessem gritar-nos agora á má cara que nem só de pão vive o homem.

Agosto, 58.

LUIS REBELO

Apontamentos

para os tempos futuros

(Continuação da página anterior)

adversas) e está integralmente convencido do ideal das velhas solteironas — que veio ao mundo para acabar com os infieis.

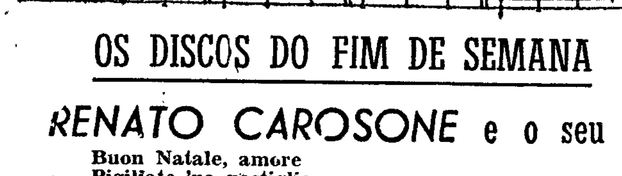
Em matéria de ideias pode dizer-se que é um simulacro de pensamento em «estado de sítio». Arranjou em tempos uma Rosa dos Ventos e no vício de mavorticamente a impôr e de ortodoxamente lhe velar pela pureza, foi-lhe arrancando os braços que seriam a sua unica fortuna, primeiro os dos pontos intermédios, depois os dos pontos colaterais e finalmente os dos cardeais. Destes apenas o **norte**, como o olhar que, demente e obcessivo, se fixa eternamente a um mesmo ponto.

Sempre de armadura afivelada e lança em riste, no seu reinado de longos séculos, a que bem se chamará burocracia, **desmazelou-se.** Assim se esqueceu de acrescentar qualquer pequena coisa á magreza da sua doutrina. «Pudera!» — ouço-o dizer a Você. — «Pois se a unica preocupação do nosso homem é impedir qualquer paisano de pensar!...». Ora ainda bem que Você já identificou o **meu** tipo. Nesse caso sabe que não minto quando afirmo que o Ortodoxo julga que a realidade não evolui, que a terra não gira, que o homem deixou de viajar de mula. O Ortodoxo concebe o mundo nas mesmas linhas pelintras e esquemáticas da doutrina que se lhe enferrujou no cérebro. Daí acontecerem-lhe coisas verdadeiramente dramáticas, quando algum **hereje** o arranca da **sesta.** Olha em redor e descortina um mundo novo para que não contribuira e, pior, que não lhe pedira licença para existir. Então o Ortodoxo rebenta os cozes da oratória. Fica apoplético. Prague.ja desabafos sentimentais em esplêndido vernáculo e supõe, inocentemente, que a isso se chama pensar. Depois, para maior garantia, puxa das pré-histórias columbrinas de Frei Fortunato e do José Agostinho e enche a realidade de fumo.

Claro que nos ócios de férias o Ortodoxo é muito mais cordato. Nunca, porém, a Humanidade deixa de ser sua inimiga, pois lhe é de todo impossível **petrificá-la** no figurino que sonhou. Nestes ócios anda sempre acompanhado de um grupo de correlegionários — o «Parece Mal», o «Olha Que Estão a Ver», etc. Entretêm-se a vergastar a gente de hoje porque não falam, não pensam, não gesticulam, não vestem, não riem, não choram, não sentem, não se distraem, não amam como nos **Bons Tempos**... E o mais curioso é que verberando o decote das senhoras ou a pequenez das suas saias — aproveitam esta heresia para proporcionar um festim aos seus olhos vorazes.

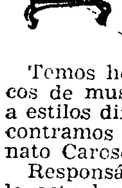
Ninguém terá a coragem de lhe dizer nada? Isso é o que Você se engana. Sei que há tempos o Ortodoxo teve uma discussão com um herético e que este lhe disse umas palavras breves: «Vossa Excelência o que está é precisado de azeite, de azeitinho na junturas. Chia muito com a ferrugem. E olhe que o Inverno é iconoclasta e não perdoa».

DIÓGENES



OS DISCOS DO FIM DE SEMANA

RENATO CAROSONE e o seu sexteto



Buon Natale, amore
Pigiliate 'na pastiglia
Torero
I tre cumpari — **Paté 45E GQ540**

TRIO NAGÔ

Saudade da Baia
Lei do tempo
A correge a prenuncia
Conceição— Jezabel — **Decca 450724**

Temos hoje para referir dois discos de musica ligeira, pertencentes a estilos diferentes. No primeiro encontramos o já muito celebrado Renato Carosone e o seu sexteto.

Responsável em grande parte pelo actual período áureo internacional da musica moderna italiana, Carosone merece ser considerado como o mais talentoso caricaturista da canção ligeira. Cada uma das suas interpretações contém um pequeno mundo onde há, a rodos, um elemento hoje escasso: *Originalidade.* No disco agora presente há ainda que destacar o facto de serem da autoria do próprio Carosone três dos quatro trechos que contém. «Torero», um desses três, permanece há tempo na lista dos «best-sellers» norte-americanos. Um bom disco para os apreciadores de Carosone e da boa musica de dança.

Depois da recente estadia entre nós no Trio Irakitan — autêntica «equipa de fazer musica perfeita» — somos levados, pelo maior conhecimento adquirido, a considerar com maior atenção o trabalho dos novos conjuntos similares. Cansados da rigidez insipida dos velhos conjuntos agrestes e despidos de talento, encontramos com prazer no Trio Irakitan uma maleabilidade e um tão perfeito acerto de conjunto, que muito nos agradaram.

Chegou-nos um novo disco com interpretações de um trio novo, para nós, pelo menos, o Trio Nago. Sem a classe, já considerada invulgar, do Trio Irakitan, este oferece-nos um disco de grande interesse pelo bom conjunto de trechos que comporta. De destacar «Saudades da Baía», uma agradável página do maravilhoso cancioneiro de Dorival Caymmi e «Conceição» o ultimo grande êxito originário de terras de Santa Cruz. Um disco de grande interesse para o amante despreocupado da musica ligeira do Brasil.

Discos publicados pelos Est. Valentim de Carvalho, Ld.ª — Rua Nova do Almada, 97.

E' preciso acabar com os descontos!

A grave situação do pequeno comerciante

«Em doze anos de trabalho honesto não consegui que o meu estabelecimento tivesse autonomia e sou obrigado a ganhar a vida fora dele» — diz-nos o sr. João Barahona da Fonseca, numa entrevista altamente esclarecedora

A campanha desenvolvida pelo «Diário de Lisboa Magazine» em favor da moralização de preços e em defesa do comércio e do publico está a ser inteiramente compreendida. Chegam-nos aplausos. Pedidos para que continuemos. Nesta missão nos avistámos hoje com um pequeno comerciante, o sr. João Barahona da Fonseca, sócio-gerente da firma Electro-Rádio Universal. O nosso entrevistado tem o curso de Agente Técnico de Engenharia, conhece com grande lucidez os graves problemas do ramo de comércio a que se dedicou. Por isso, ao perguntarmo-lhes a sua opinião sobre os resultados de uma politica desordenada de descontos, logo nos respondeu, sem hesitar:

— Sou inteiramente contrário aos descontos, pois se o comerciante não tiver um lucro justo também não terá possibilidade de satisfazer os seus compromissos comerciais e familiares.

— Mas que entende o sr. Barahona Fernandes por lucro justo? — interrompemos nós.

— Aquele lucro sem o qual o comerciante não pode viver e do qual não pode ceder qualquer parcela, pois de outra forma não paga a mercadoria, nem os impostos, nem a renda, nem aos empregados, etc. Nestes doze anos em que abri estabelecimento vejo á minha volta multiplicarem-se as falências, em grande parte motivadas pela desordenada política de descontos.

— Poderia particularizar o caso?

— De certo. Apresentarei o meu exemplo. Entra no meu estabelecimento um cliente. Está disposto a comprar um aparelho qualquer, não por luxo, mas porque necessita dele. Eu sei que posso ter ali um freguês. Que sucede, no entanto? Nunca consigo vender o artigo ao preço tabelado. O Freguês quer descontos e se eu não os fizer, fá-los-á qualquer concorrente desdeal ou necessitado de realizar vendas a todo o preço. A consequência é esta: em doze anos de trabalho não consegui que o meu estabelecimento tivesse autonomia e sou obrigado a ganhar a vida fora dele.

— Não lhe parece possivel arranjar uma solução para tão grave problema?

— Impossivel não é; o que depende é de várias circunstancias. Vejamos algumas. Começando pelo comércio de venda directa ao publico. A primeira atitude a tomar neste caso é não permitir que se estabeleçam novos comerciantes que não possuam condições comerciais e técnicas. No ramo de aparelhagem eléctrica em que estou, não pode haver comerciante idóneo se não tiver habilitações técnicas. De outra forma só enganará o publico, pois nunca lhe prestará a necessária assistência nos artigos que vender. Por outro lado, não possuindo bases sólidas materiais envereda fatalmente pelos métodos de vendâ a todo o custo, o que será a sua ruina.

Quanto aos Agentes e Importadores, impõe-se que se regulem as suas funções de modo que só vendam ao retalho e que o retalho só venda ao publico. E' imoral que um Agente ou Importador conceda ao publico a margem de lucro que a nós cabe. Muitas vezes me tem sucedido que recebo encomendas e as perco em virtude do Agente se atravessar á minha frente, concedendo ao freguês o mesmo desconto que me dá a mim.

O terceiro aspecto da questão diz respeito ao estabelecimento de preços fixos *mínimos* rigorosos. Digo mínimos; não digo máximos. Uma mercadoria nunca deve ter mais de um preço. O contrário será enganar o publico. Vejamos, por exemplo o caso de uma Empresa de lampadas que resolveu aumentar o seu desconto para o retalhista de 30% para 40%. Um colega meu que estranhou a mudança, ouviu a seguinte resposta: «Nós damos 40% porque vocês têm de conceder *de caras* 20% a qualquer individuo que vos entra na loja». Estranho critério este, não acha? Porque não *baixar a mercadoria em 20%?* Assim ganhava o publico e ninguém ficava enganado.

— Mas o sr. Barahona Fernandes não vê inconvenientes no estabelecimento de preços fixos?

— Não vejo desde que eles sejam *mínimos e rigorosos* e que o desconto para o retalhista nunca seja exagerado. Tendo uma margem de lucro de que não possa ceder qualquer parte, sob pena de fechar a loja, o retalhista pode assumir as suas verdadeiras responsabilidades, que não se limitam a vender (falo no caso de aparelhagem eléctrica), mas a prestar eficaz e honesta assistência ao publico. O publico ganhará, portanto; o retalhista, também, pois terá condições de vida (sobretudo o pequeno comércio); finalmente os Agentes ou os fabricantes verão defendidas as suas marcas e garantidos os seus capitais. A actual situação é que não pode manter-se e acabará por arruinar totalmente o pequeno comerciante.

PEDRO SENNA

1871... *Guerra Franco-Prussiana. Altos interesses em jogo, como são sempre os que levam ao desencadeamento das conflagrações...*

Os Prussianos aproximam-se de Paris. Os habitantes dos arrabaldes, aterrorizados, na convicção de que a sua salvação se encontra ali, procuram refugio na capital.

Agora, não são apenas os soldados que lutam e morrem. A guerra alastra, transborda cómo um rio de Inverno. A guerra começa a não ter limites... A guerra começa a vestir á paisana...

... E os civis fogem á onda que os persegue. Há sempre coisas a salvar, objectos aos quais a nossa vida está presa, que estão envolvidos por uma auréola sagrada. Coisas que testemunham pessoas, tempo, felicidade... vida... Que testemunham, aos nossos próprios olhos, aquilo que fomos...

1916... *Na frente, de cada um dos lados da Terra de Ninguém, instalados nos infindáveis corredores subterraneos, os homens lutam em grupo e morrem sós... Os gases tomam do inferno, fincam as garras mortíferas, empestadas, nas gargantas indefesas...*

A guerra, porém, não se faz só nas trincheiras. Os canhões se encarregam de a levar mais longe, lá onde corações inocentes mal acordando para a vida, é para a morte que acordam...

As ruínas alastram... E tal como o menino da gravura, muitos outros, milhares de outros hão-de perguntar: Que mal fizemos nós, meu Deus?

E essa pergunta há-de queimar nos ouvidos dos homens...

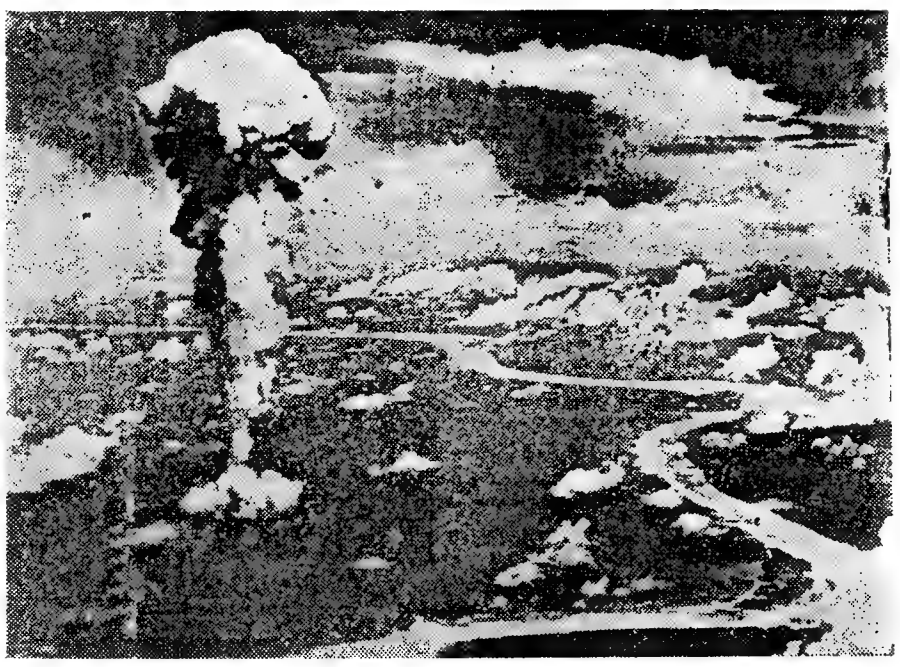
O monstro das três faces

TEXTO DE Manuel Salgueiro

1944... *Sim, as ruínas alastram... A guerra paisana segue a conquista de novos mercados. Repugnam-lhe agora as transacções miudas. Nova Rica, usa na heráldica o símbolo do negócio: um cogumelo. Abre loja em Hiroshima e Nagasaqui. E actua com olho vivo: ninguém lhe resiste ao comércio. Centenas de milhares de pessoas. E o artigo que vende é durável. Faz-se sentir mesmo ao fim de muitos anos...*

«Morrer sim, mas de vagar!» Há quanto tempo isso foi... Cavaleiro frente a cavaleiro. Sabíamos de onde a morte vinha. Agora é morrer, e depressa. E a morte acontece num relampago, com o seu fantasma brincalhão fantasiado de «chapéu de bruxa». Morte abstracta que envia estranhas mensagens em cifra desenhadas na carne dos pescadores japoneses. Agora não é apenas o soldado que periga. Nem o exército a que pertence o soldado. Nem a cidade onde se aquartelou o exército. Nem o país de que a cidade é o coração. O perigo ronda o planeta, atinge todos os seres vivos, ameaça tornar o Mundo num imenso deserto silencioso, lunar.

Mas a consciência dos homens acordou a tempo. E o cogumelo-novo-rico não encontrará mais um palmo de chão para armar a tenda.



GANHE 100$00

com um sorriso nos lábios

Está a despertar muito interesse a nova série do nosso concurso semanal. Já viram na semana passada o que se exige. Muito pouco, não é verdade? Apenas que nos enviem uma definição

ou espirituosa,

ou poética,

ou de sentido crítico

da palavra que nós publicarmos em cada semana. Hoje cabe a vez á palavra

BOTA

Diga-nos o leitor como definiria uma bota. Pode ser, como vimos, uma definição humoristica ou de outro qualquer género.

Além da resposta do vencedor, publicaremos todas as que o merecerem, com menção do nome do autor.

As respostas devem estar em «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 48, até ao próximo dia 1 de Setembro.

VENCEDORES DOS CONCURSOS ANTERIORES

— Basílica da Estrela: Maria José Braga Peretra (Lisboa).

— O Soldado e o Cantaro: (Ambos eram soldados): Julio de Oliveira Broegas (Venda Nova).

Vamos enviar a ambos os respectivos 100$00. E parabéns!

Chora, terra bem amada!

A notícia abalou profundamente o coração do reverendo Kumalo: seu filho Absalão fora preso, acusado do assassínio do engenheiro Jarvis.

— Deus, meu Deus! — exclamava, torcendo as mãos de desespero — cheguei tarde, tarde demais...

Dirige-se imediatamente à prisão, conduzem-no a uma sala onde não demoram a trazer-lhe o filho. Apertam as mãos ou melhor, o reverendo toma a mão do jovem entre as suas e sobre elas grossas lágrimas caem.

O rapaz permanece sombrio, sem que um lampejo de alegria lhe perpasse nos olhos. Abana a cabeça de um lado para o outro, como se a roupa que vestisse lhe ficasse apertada.

— Porque fizeste aquilo, meu filho.

— Não sei, pai.

— Porque usavas revólver?

— Por medida de precaução. Aqui, em Joanesburgo, nunca se sabe quando somos atacados...

— Sabes que vai nascer um filho teu? E queres casar com a rapariga?

— Sim, meu pai.

A entrevista acabara. A luta por salvar o jovem da pena capital ia começar. Embora o reverendo Kumalo não tivesse um ceitil, um advogado branco ofereceu-se para defendê-lo «por Deus». Entretanto, o ancião voltou a casa da rapariga que ia dar-lhe um neto. Impressionou-se com o relato que a moça — quase uma criança ainda... — fez da sua vida. E subitamente, perguntou-lhe:

— Enquanto aguardamos o casamento, queres viver só ou preferes vir comigo?

— Quero viver contigo, padre.

— Pensa bem. Isso vai exigir-te

sacrifícios. Imagina que um dia... o desejo... enfim, és mulher...

— Pai... — e havia na voz dela um inexprimível cansaço. — Agora só tenho um desejo: um pouco de tranquilidade.

Levou-a para casa da viuva Lithebe, onde já se encontrava Gertrudes e o sobrinho. Gertrudes passava por uma fase estranha. Agora queria abandonar o Mundo, fazer-se freira.

Pouca atenção se deu ao julgamento de Absalão Kumalo e de seus cumplices. Descobriu-se ouro, muito ouro, rico ouro, ouro omnipotente... Os jornais vêm repletos de notícias relacionadas com o facto...

Entretanto, alguém medita profundamente no caso deste jovem assassino. E' Jarvis, o pai do engenheiro que Absalão abatera num instante de pavor incontrolado. O velho não pensara nunca no problema das raças na União Sul-Africana. Instalado no escritório que fora do filho, passa em revista os livros que ele escrevera, as conferências, os artigos de jornal. Saltam-lhe á vista as palavras de um artigo: «A nossa civilização cristã debate-se contra vários dilemas. Nós cremos na fraternidade dos homens, mas não a queremos na Africa do Sul. Cremos no auxílio aos párias da sociedade mas queremos que eles se conservem em baixo...»

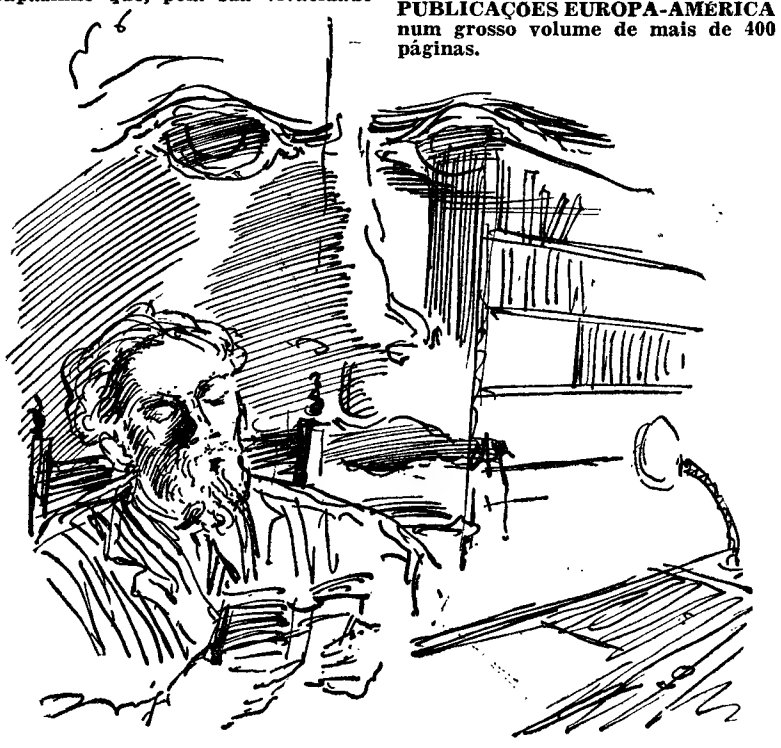
Todo o ensaio era uma nobre tentativa para compreender todo o drama do povo sul-africano. Povo que vivia pobre, porque a terra empobrecera; desenraizado porque lhe recusavam o acesso á riqueza, á cultura, á felicidade...

E tal como no coração do filho, não havia ódio, nem ressentimento no coração do velho. Nem mesmo para aquele jovem indígena que assassinara Jarvis — e que o tribunal considerara culpado e condenado a ser «pendurado pelo pescoço até que a morte sobreviesse»...

Havia só uma profunda tristeza — e uma firma determinação de continuar a obra que o filho encetara...

... Dias após a leitura da sentença, o reverendo Kumalo voltou a Ndotsheni na companhia da nora e do sobrinho. Gertrudes, sua irmã, não tivera coragem — e desaparecera mais uma vez nas ruas de Joanesburgo. O coração sangrava, mas quase nem tinha tempo para meditar na sua dor, tantos eram os problemas a resolver naquele vale de fome e de abandono.

Certa tarde, quando se encontrava na igreja, aproximou-se dele um rapazinho que, pela sua vivacidade e inteligência, logo ganhou a simpatia do reverendo. Após uma longa conversa, este contou-lhe a situação das crianças no vale.



— As crianças morrem, meu menino. Agora mesmo estão morrendo algumas. Por exemplo, a pequenina Kuluse...

— Que tem ela?

— Está doente. Salvava-se se bebesse leite... Mas as vacas aqui morreram todas...

— Compreendo, padre.

No dia seguinte, o Reverendo Kumalo teve uma enorme surpresa: chegara um camião carregado de bilhas de leite. Kuluse não morreu. Nem as outras crianças...

A surpresa de Kumalo aumentou quando soube que o pequeno, seu amigo, era o filho do engenheiro Jarvis assassinado por Absalão Kumalo.

Dirigiu-se a sua casa, para agradecer-lhe. Encontrou um velho, como ele próprio. E também, como ele próprio, com o coração cheio de amargura, de bondade e de esperança.

O velho Jarvis deu-lhe conta dos seus projectos para enriquecimento da terra do vale Ndotsheni. Já contratara um agrónomo — e ia começar as obras de irrigação... Estava disposto a gastar nessa obra toda a sua grande fortuna.

— Deus o abençoe! — disse unicamente o reverendo Kumalo.

...O vale torna a conhecer a lavoura, a ceifa, o trabalho. Os homens da tribo voltam á terra. E os seus braços enriquecem-na, o amor renasce... «Como vão os brancos encarar esta obra?» é o pensamento do reverendo. Os homens da sua raça querem apenas percorrer de cabeça erguida a terra onde nasceram, terra bem amada... Nada mais. Que o Amor ilumine o coração dos homens!

FIM

Condensação do romance «CHORA, TERRA BEM AMADA!» de autoria de Alan Paton. «CHORA, TERRA BEM AMADA», é editado por PUBLICAÇOES EUROPA-AMERICA num grosso volume de mais de 400 páginas.

Esta pa

A adolescência foi um dos temas preferidos pelos escritores humanistas do princípio deste século, tendo chegado mesmo o crítico francês Georges Mounin a pretender distinguir na moderna literatura do seu país uma «escola de adolescentes» que incluiria os nomes famosos de André Gide, François Mauriac e Roger Martin du Gord. Seja qual for, porém, a legitimidade concedida a esta «escola», não há duvida que a adolescência, ou o mito duma adolescência liricamente idealizada, foi o meio utilizado por grande numero de escritores para moverem luta surda e pertinaz contra uma realidade social já então bastante insuportável.

André Gide, dos três escritores referidos aquele que mais nítidamente manifestou uma atitude nostálgica em relação á adolescência, põe na boca dum personagem dos seus «Moedeiros Falsos» esta fase esclarecedora: «Se pudéssemos recobrar a intransigência da juventude, aquilo que mais nos indignaria seria verificar no que nos transformámos». E acrescenta noutro dos seus livros: «Ainda hoje tenho uma espécie de nostalgia desse clima místico e ardente em que o meu ser então se exaltava. Nunca mais encontrei a febre da minha adolescência. O ardor sensual com que me tenho contentado até agora é apenas uma contrafacção irrisória».

A gideana exaltação da adolescência é bem, como acabamos de verificar, uma nostálgica saudade de si próprio, daquilo em que ele pudesse e devesse ter-se tornado posto em confronto com uma actualidade desgostante. Gide negava a sua realidade actual em nome das virtualidades da sua juventude, envolvendo implicitamente nessa negação uma Sociedade que o impedira de realizá-la. E esse romantico protesto gideano repercutiu-se intensamente na literatura da sua época, encontrando eco entre nós no «Sou quem falhei ser», de Fernando Pessoa.

Estava assim criado o mito dum novo paraíso perdido e a adolescência aparecia então nas obras de poetas e romancistas como qualquer coisa de melhor e mais belo do que a vida, como uma espécie de cómodo refugio que dispensava o árduo esforço duma luta aberta contra a realidade quotidiana. Bastaria eternizar a situação de adolescente... mas é bem conhecido o preço que o dr. Fausto teve de pagar pela sua eterna juventude!

O diabo raramente cumpre os seus contratos e, além disso, não se compreende bem como poderia haver eterna adolescência sem alma, ou com ela hipotecada. Sucedeu assim o inevitável: a realidade destruiu impiedosamente o amável mito. O Jacques de «Os Thibault» poucas semelhanças já tem com o Olivério de «Os Moedeiros Falsos», porque entre eles se situa a guerra de 14 e o mito já principiara a desagregar-se.

Não se fez esperar muito a reacção daqueles escritores que, nados e criados entre as duas conflagrações mundiais, não tinham conhecido a relativa estabilidade dos começos do nosso século, e resvalou-se da mais exaltada idealização para o mais negro desencanto. A adolescência passou então a ser, segundo Paul Nizan, a «idade do inautêntico». Uma «idade infeliz e culpada», acrescentaria ainda o mesmo autor e Sartre apressar-se-ia a corroborar esta afirmação. Houve mesmo quem pretendesse provar que toda a actividade dos jovens é meramente ludica, relegando assim para a categoria de simples jogo a revolta, o sofrimento e até a morte, quando da mocidade se tratasse. A adolescência estava assim condenada a permanecer uma idade mitológica, só com a diferença dum mito sombrio suceder a um mito amável e um inevitável inferno substituir um paraíso perdido.

A vida quotidiana no ten

A mercadoria que podia morrer (3)

por Augusto da Costa Dias

O coração del-Rei Venturoso batia como o de todos os mortais pela fatal necessidade de alimentar em ritmo sempre vivo, o transito do sangue através das artérias e das veias. Mas depois de cumprida esta obrigação tão comezinha, o coração del-Rei reivindicava o direito de palpitar por razões mais singulares de que tivesse o exclusivo monopólio.

A Ventura de D. Manuel tinha os seus pilares: o ouro da Guiné, as especiarias e as pedras da India. Quando o Tejo lhe trazia á mão alguma nau atestada como um ovo, seu coração acelerava, primeiro, em ritmo de regozijo, depois, em ritmo de monopólio. Esta mudança de velocidades funcionava naturalmente, como maneira de ser do mecanismo real.

Mas o ouro e a especiaria eram os unicos carburantes del-Rei? De maneira nenhuma.

Havia um outro que dava a D. Manuel a justa medida do seu poder sobre os homens. Receber no Tejo uma caravela onde fervilhasse mercadoria viva, a cujo pescoço mandaria lançar a etiqueta do preço — eis um irrespondível testemunho da sua omnipotência.

E D. Manuel tinha-o. D. Manuel dedicara-lhe mesmo um capitulo do seu meticuloso «Regimento das Cazas das Indias e Mina». *Era o Capitulo 23.°, em cujo cabeçalho o escriba averbara, em letra amorosa, o titulo seguinte:*

Cap. 23.°. — Da maneira que se therá com os escravos que vem de Guiné

E depois, em cursivo mais miudo, estendiam-se os pormenores:

«Quando quer que vier algûa caravella ou navio com escravos... o nosso Feyttor, Thezoureiro y Escrivaens da Caza de Guiné, com o Almoxarife e Escrivão dos escravos, hira *(irá)* logo a ella antes que lance batel fora, y buscaram *(buscarão)* o navio, Capittam, Escrivão, y toda outra companha que nelle vier, y veram *(verão)* se trazem algum ouro, escravos e couzas outras que nom devam trazer» *(isto é, proibidas).*

Buscar, *já o vimos no nosso artigo anterior, significa* apalpar. *Capitão, Escrivão, Piloto e mais companha eram, pois, apalpados em fila, na coberta da caravela. Além do ouro, podia dar-se o caso de trazerem nos bolsos algum escravo. Cla-*

ro que os mortais dos nossos dias carregam o sobrecenho ao lerem coisas destas. Mas tais coisas são demasiado profundas para o entendimento dos simples mortais. Só os filósofos as compreendem perfeitamente. E os filósofos diriam que aquela era a aplicação da fórmula cartesiana ás necessidades dos mariantes, depois de uma longa e aniquiladora viagem pelos mares: «apalpam-me, logo existo!»

Apalpados, portanto, e castigados se defraudassem o negócio del-Rei — vinha depois o resto da cerimónia:

«y fará logo tirar sobre coberta

Palavra adolescente

Mas um mito é uma entidade metafísica e a juventude é uma realidade social, diferença fundamentalíssima de que tanto literatos como psicólogos da adolescência parecem ter-se esquecido. Não pretendemos com isto de forma alguma dizer que a adolescência seja um simples fenómeno-social e concordamos mesmo com a afirmação de Wallon de que as referências sociais sómente acrescentam meios de formulação á espontaneidade do indivíduo. Pensamos, no entanto, ser impossível um conhecimento adequado da juventude enquanto se não tiver em devida conta o condicionamento social que sobre ela impende.

Sendo a adolescência, como muito bem disse William Stern, «a época do descobrimento dos valores e da discriminação entre o valor do eu e os valores do Mundo», não resta duvida de que só da harmonia entre esses valores poderá surgir a felicidade dos adolescentes. Ora os mais desapaixonados críticos sociais são forçados hoje a reconhecer a crescente falência dos valores do Mundo e, por conseguinte, a impossibilidade de estabelecer actualmente essa harmonia. Assim quando Paul Nizan proclamava: «tenho vinte anos e não autorizo ninguém a afirmar ser esta a mais bela idade da vida», ele generalizáva abusivamente a toda a juventude o caso dum indivíduo, dum grupo social ou mesmo de toda uma geração. Não há, disso estamos certos, nenhuma fatalidade psico-biológica que impeça um jovem de vinte anos de ser completamente feliz e não seria mesmo de estranhar que a plenitude da felicidade humana coincidisse com o apogeu da força vital.

E' certo que a juventude do nosso tempo não é de forma alguma ditosa. Não podemos mesmo deixar de reconhecer que ela é bastante desgraçada. Atestam-no o meio milhão de delinquentes juvenis que, durante um só ano, passaram pelos tribunais americanos e os brutais disturbios praticados nas ruas de Estocolmo pelos adolescentes da civilizada Suécia. Atestam-no, igualmente, os depoimentos dos próprios jovens: o trágico Diário de Anne Frank, «Chocolates for Creahfast» de Palmela Moore, os livros de Françoise Segan e Juan Soytasolo, a insólita maneira como o malogrado James Dean viveu na tela o seu drama juvenil. Mas estamos certos de que nenhum leitor do Diário de Anne Frank poderá afirmar que a desgraça da pequena judia tenha resultado da sua incapacidade congénita para uma vida feliz e, pelo contrário, todos sentirão ainda maior revolta por verificarem quanta capacidade de amor, alegria e inteligência foi destruída pelos carrascos nazis. Considerá-la culpada pelo facto de ser jovem num tempo em que os adultos assassinavam adolescentes nos campos de concentração ou os mandavam assassinar-se mutuamente nos campos de batalha, seria ridículo e até criminoso

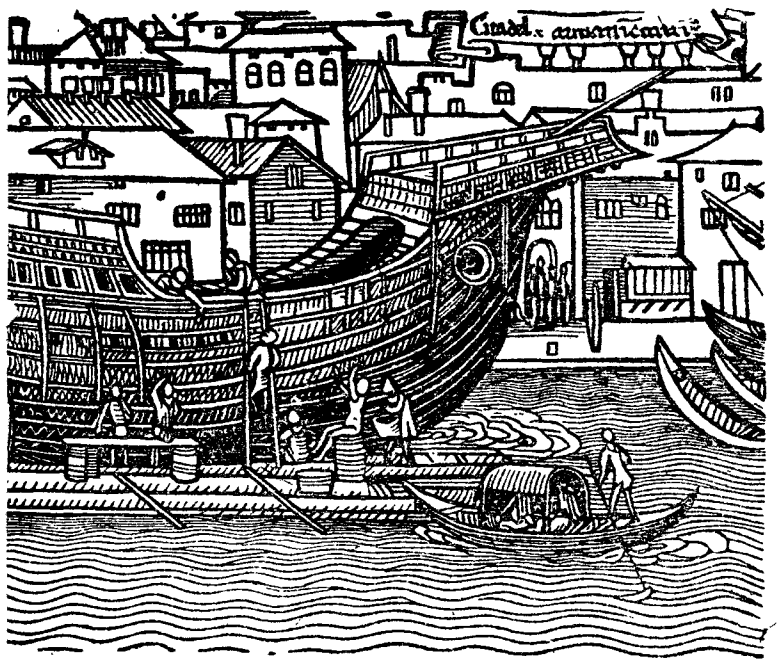
Não, a verdade não está na romantica exaltação gideana da adolescência como unica idade bela e feliz da vida e menos ainda na opressiva visão que os cultores de angustias dela nos oferecem. A verdade não se compadece com mitos e não há duvida que todas as idades poderão ser belas e felizes num mundo decente. Os jovens não são anjos ou réprobos, mas simplesmente seres ainda em formação e, por conseguinte, mais dependentes e vulneráveis, a quem devemos todo o estímulo e toda a simpatia humana de que sejamos capazes. Devemos-lhe igualmente todo o nosso amor, porque eles se mantêm generosos e conservam ainda uma lírica confiança na nossa lealdade. Não os abandonemos, não os decepcionemos e, sobretudo, não atraiçoemos essa confiança e não «utilizemos» a sua generosidade para fins ilegítimos. Não menosprezemos também o jogo da adolescência, porque esse jogo é para o adolescente uma aprendizagem da vida e não, como querem alguns, uma prova da inautenticidade juvenil. Lembremo-nos que também nós jogamos, em hora, como disse Paul Hazard, os adultos pratiquem o jogo de maneira interessada e «para não mais pensar no pouco tempo que lhes resta».

Se assim procedermos conseguiremos preservar da destruição o inestimável património que os valores juvenis representam. Mas se consentirmos na destruição desses valores, se deixarmos que a tendência para a estagnação impere sobre o natural dinamismo da juventude e que o aviltante jogo social dos interesses aniquile o seu desinteressado idealismo, então condenar-nos-emos a viver todos, adolescentes e adultos, num mundo anquilozado e indigno onde só os mitos poderão ainda dar uma ilusão de felicidade. Hoje, como disse François Mauriac, «todas as gerações estão embarcada num barco desmantelado onde a água penetra». aSibamos, pois, salvar-nos evitando que o barco naufrague, ou então todos pereceremos com ele.

ALFREDO PINTO BRAS

por **Alfredo Pinto Brás**

...npo de D. Manuel, o Venturoso



Era o Tesoureiro que os entregava ao Almoxarife dos escravos. Não de mão beijada. A tarefa tinha o seu ritual burocrático. Depois de contados, um Escrivão preenchia um «conhecimento» *onde manifestava o numero de escravos entrados. Devidamente autenticado pelo Almoxarife, o* «conhecimento» *ficava na posse do Tesoureiro.*

«E logo então, ou em esse dia, se poder ser, y se não a outro dia seguinte, o ditto nosso Feyttor, com os dittos Thezoureiros, Escrevaens hirão avaliar os dittos escravos, cada peça por sy em sus justa valha segundo melhor entenderem, escreveram *(escreverão)* os preços que lhe forem postos, em escritos de purgaminhos que se lançaram *(lançarão)* aos pescossos dos dittos escravos, pera se saberem, pollo escripto de cada hum, a valha que tem».

Como se vê, el-Rei prezava muito os seus «pergaminhos». *Era um verdadeiro homem de* «pergaminhos». *E tinha tantos quantos os pescoços dos seus escravos.*

A avalição contida em tais pergaminhos seria logo creditada no «livro de receita» *(então escrevia-se* «recepta») do ditto Almoxarife». *E el-Rei ordenava que se fizesse a soma de todos os valores individuais. Para que a contabilidade andasse sempre num brinco, D. Manuel indicava mesmo o estilo em que se redigiria o lançamento. Como rei absoluto, não dispensava ditar a moda em matéria de Gramática comercial. Os termos eram os seguintes:*

«Os dittos escravos da vinda de tal navio valem por suas avaliações tandos mil reis».

Chegado a este apuro, convinha rematar a operação. Surgia nessa altura no palco do negócio uma nova personagem: o recebedor da vintena.

O espectáculo variava. Primeiro o Recebedor da Vintena e o Feitor tinham conciliábulo a fim de assentarem as suas bases de entendimento. Tais bases são as que mais práticas se afigurarem, consoante as ocasiões: os escravos ou serão reunidos em «lottes de peças» *ou por cálculo total de avaliação. De uma forma ou de outra, a cerimónia termina sempre da mesma maneira: o Recebedor elvará 20% do valor da mercadoria, estando presente (segundo a lei do funcionalismo por parelhas) o seu Escrivão que* «assentará a ditta recepta?

Eis o primeiro lucro del-Rei — o aperitivo.

Aqui terminava a parte comercial do célebre Capítulo 23. *O resto denunciava o católico palpitar do coração de Sua Alteza. Ele mandava, com efeito, que* «enquanto os dittos escravos estiverem em poder do ditto Almoxarife athé os acabar de dispender *(vender)* o ditto Feyttor teraa *(terá)* sempre o cuidado de os ver y vezittar y fazer cura, de maneira que por míngoa de bom trauto y cura non moyram *(morram)* nem se percam alguns como muntas vezes acontesse».

O bondoso coração de D. Manuel tinha aqui a sua manifestação irreprimível. Não queria que os escravos fossem mal tratados para que não morressem ou se perdessem.

*

A tradição esclavagista não era muito antiga entre nós: tinha nesta data (1509), menos de cem anos. Nos tempos dos nossos reis afonsinos houve, é certo, alguns escravos mouros. Mas resultavam apenas da guerra. Não alimentavam qualquer assiduo negócio. E quando a guerra terminou — os escravos mouros desapareceram. A Mouraria lisboeta não era uma jaula para escravos: era um bairro de homens livres, vivendo segundo um estatuto especial.

O negócio esclavagista começou no tempo do Infante D. Henrique, Mestre da Ordem de Cavalaria de Nosso Senhor Jesus Cristo. A primeira descarga de escravos, no Algarve (seu nome era então «alarves»), originou uma das páginas mais sinceras, entre as poucas que escreveu o cronista Zurara. Ante o espectáculo da violenta separação de pais e filhos, ele cita as almas compadecidas cujos olhos se fecharam ante o peso das lágrimas. O cronista não citou as que preferiram ficar de olhos bem abertos para as deliciosas sensações de lucro.

Como se sabe, foram estas ultimas que prevaleceram durante séculos.

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

Margaret-Sem-Ninguem

Ninguém a queria. Todas as portas se fechavam. Mas o sorriso acabou por voltar...

Comentários? Não vale a pena. Vou quase limitar-me a traduzir para os leitores portugueses o que escreve Willy Schiller:

«Os Ingleses que, com tanta facilidade se compadecem da sorte dos cães e dos gatos, quase nem deram conta do caso mais lamentável do ano: o de Margaret S..., de 15 anos, rejeitada por toda a família.

Margaret S... apresentou-se ao comissário de Polícia de Chadwell Heath (Essex). Timidamente, dirigiu-se a Jill Oldwid, «policewoman» de serviço.

—Será possível—perguntou ela—arranjar-me um lar onde eu possa viver? Os meus pais divorciaram-se e voltaram a casar. Nem meu pai nem a mãe me querem na sua companhia. A minha própria avó diz que está farta de mim ..

Trata-se de uma menor e a Justiça hesita em fornecer elementos em relação com este facto. Reduzida publicidade, pois, se lhe dá. Quase passa despercebido na Imprensa — tanto mais que nesse mesmo dia um cão adoeceu. Para salvá-lo tornava-se indispensável uma transfusão de sangue. Parangonas, nos jornais, o cão é a vedeta do dia. Aparecem logo dez proprietários de cães que os oferecem para a transfusão... Para recolher a pobre Margaret não apareceu ninguém.

A menina teve de comparecer diante de um tribunal de menores, reunido á porta fechada. Eis aqui, grosso modo, a história de Margaret.

Quando tinha 3 anos os seus pais decidiram separar-se. Margaret ficou com a mãe. Mas esta, na esperança de refazer a sua vida, entregou-a sucessivamente aos cuidados de diversos membros da família: tios, tias, primos... Um após outro, cada qual chegou á conclusão que nenhum dever lhes incumbia de educar a criança. Margaret foi então entregue á senhora Saville, avó materna.

Com ela viveu seis anos. Seis anos em que não conheceu um carinho, uma palavra amiga. No coração da senhora Saville nenhuma afeição ardia pela neta...

Certa ocasião, a avó chamou a menina:

—Não quero mais saber de ti. Já fiz a minha obrigação, e até mais que a minha obrigação... Volta para casa da tua mãe. Agora, é a vez dela...

Margaret fez a trouxa — pobre trouxa...— e dirigiu-se para casa de sua mãe, que ela mal conhecia. Mas a mãe voltara a casa. Refizera a sua vida. Chama-se agora a sr.ª Grey...

Margaret supunha encontrar um pouco de afeição e de paz. Enganou-se, porém. A senhora Grey foi precisa, categórica:

—Compreendes... E' impossível ficares aqui... Volta para a avó.

—Mas a avó diz que...

—Diz mas não o sente. Verás

Margaret tornou a agarrar na pequenina mala onde guardava todas as suas coisas. Mas a avó mostrou-se inflexível.

—Já te disse. A minha obrigação está cumprida...

Todas as portas se fechavam. Sozinha — e á sua frente a rua deserta... Que fazer? Margaret passa em revista, mentalmente, todos os parentes. Todos cumpriram já a sua obrigação. Ninguém a quer... Lágrimas de desespero afluem-lhe aos olhos. Resolve-se, finalmente, a recorrer ao Comissariado de Polícia onde a vigilante Jill Aldroid a recebeu e a ouviu. Ouviu-a emocionada. Debaixo da farda batia um coração de mulher...

Procurou os pais, a avó, os parentes de Margaret. Todos se mostraram insensíveis aos argumentos de Jill. Esta fez, então, o relatório que terminava assim (segundo a fórmula consagrada na Grã-Bretanha):

«Esta criança tem necessidade de auxílio e protecção».

Essa noite passou-a Margaret no hotel. Na face jovem, dois vincos de inquietação. A vida marcara-a para sempre. Nunca mais voltaria a sorrir...

No dia seguinte compareceu perante o tribunal, como já relatámos. O juiz, M. H. Smith, dirigiu a palavra a Margaret:

—Queira perdoar-nos, minha filha, obrigá-la a vir a este tribunal...

Por decisão do honorable senhor Smith a menina foi entregue á Municipalidade de Londres que, não tardou a encontrar um casal sem filhos que adoptou Margaret.

Margaret é feliz, agora. Tem um lar. Nunca mais lhe disseram: «Vai-te embora. Estamos fartos de ti».

Nunca mais. Margaret estuda, trabalha. Margaret sorri...

WILLIAM SIMPSON

Mês Morto

por *Manuel Agra*

Este ano, férias em Lisboa. Isto é: sem férias. Só a casa vazia. Silêncio. Nem a criada, nem a mulher, nem as crianças. Entro, sento-me ou deito-me. De vez em quando, uma carta com notícias do mundo. «Estamos bem, tempo óptimo, hotel melhor do que no ano passado. Porque não escreves?» E manda isto, manda aquilo...

Não mando. Estou em férias. Nem escrevo, ou duas linhas apenas. No fundo, sou um ressentido. As heras, os cedros, a avenida dos castanheiros, a fonte de S. João, o terraço branco, diante do Hotel dos Banhos. Para eles. E eu aqui atirado ás feras, ao lume a fogo lento. Com angustias «cerradas a calafrios á menor dor de cabeça. Será agora, será agora que eu vou adoecer?»

Esperem. Não é uma angustia metafórica. O mistério, o medo do além, etc. Medo? Sou um pobre de Cristo que do mal sabe só o que lhe fazem. Sou dos tais que, falando a Biblia certo, só têm a ganhar com a mudança. O meu receio das doenças é outro. E' a familia abalada, é a renda da casa por pagar. Uma renda antiga, a condizer com o meu vencimento antigo. A senhoria, a espanhola, aproveitara logo. E pensem depois que sorte a minha!

Férias em Lisboa... Silêncio, á minha volta. Curioso silêncio. Há quanto tempo não o via! Vejam: até de uma ração de silêncio nos esbulham. Nem dentro de nós nunca há silêncio. Há sempre corrida, há sempre uma meta a atingir perto, há sempre e a todo o momento o som indiferente do «gong» para começar outro «round». Há sempre a farinha negra da nossa tritura-ção caindo á nossa frente, aos trobrevem. O desejo de uma moeda de

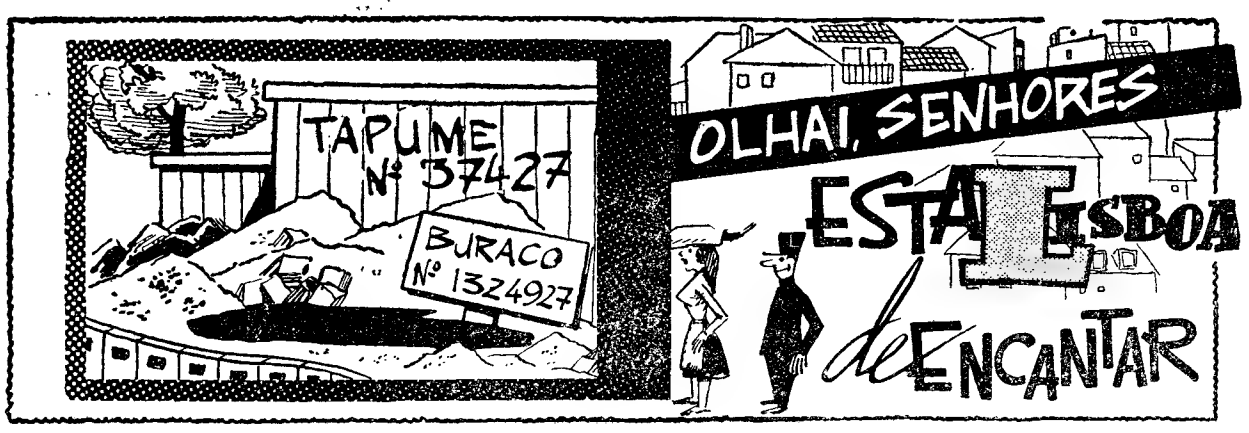
Vou aproveitar para arrumar a estante. Não. A mulher faz isso muito melhor do que eu. Além disso, poupo-me a vergonha de encontrar ainda fechados os livros que comprei com alvoroço. O melhor é sentar-me aqui, no reino do silêncio encher bem dele a sacola para o resto do ano.

A verdade é que o desajuste sobrevem. O desejo de uma moeda de oiro e depois tê-la na mão e não saber que fazer dela. Manejo mal, o silêncio. Falta de hábito. Começo a jonglar com ele e acabo por me ferir, inábil, nos punhais. O tio que veio do Brasil doente e ainda por cima pobre. Os amigos puros e bons que o vento dos infernos decepou. Os pescadores do Pacífico que estão ainda morrendo e enlouquecendo por causa da loucura de Hiroshima. A menina aqui do lado, amarelinha e triste, que afinal tudo aquilo era leucemia...

Levanto-me, chego á janela. Crepusculo. Do Tejo nem uma carícia maternal. Quase ninguém, na rua. Um operário que regressa do serão. Massacrado, mas a assobiar. Como se dissesse: «Aguenta... Aguenta firme...». As empregadas da D. Ivone, aqui do terceiro andar, dão o trabalho por findo. Uma delas tem o namorado á espera. Lá vão. De braço dado, senhores da rua. Senhores da vida...

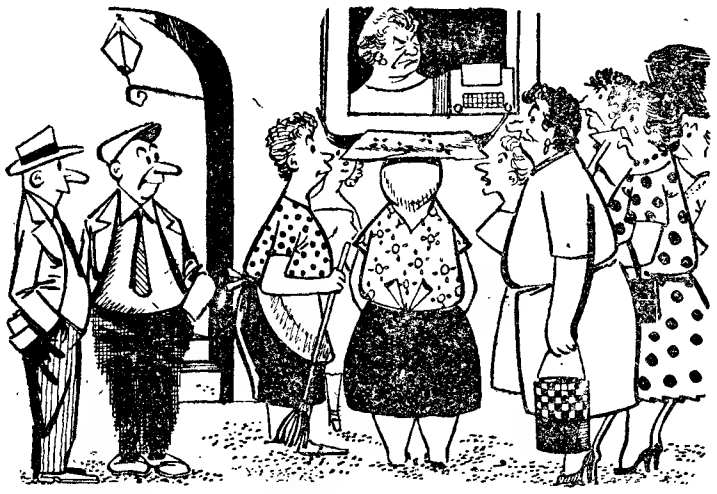
E eu fico á janela, até desaparecerem, sigo-os com os meus olhos fieis como se procurasse cobrir-lhes a retirada, defendê-los nem eu sei de quê.

MANUEL AGRA

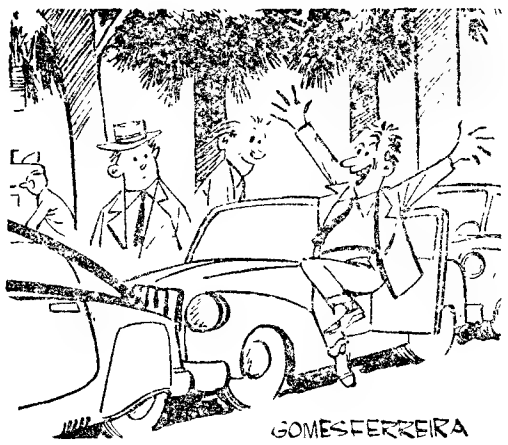


UM PASSO POR SEMANA

Uma página de humorismo nacional

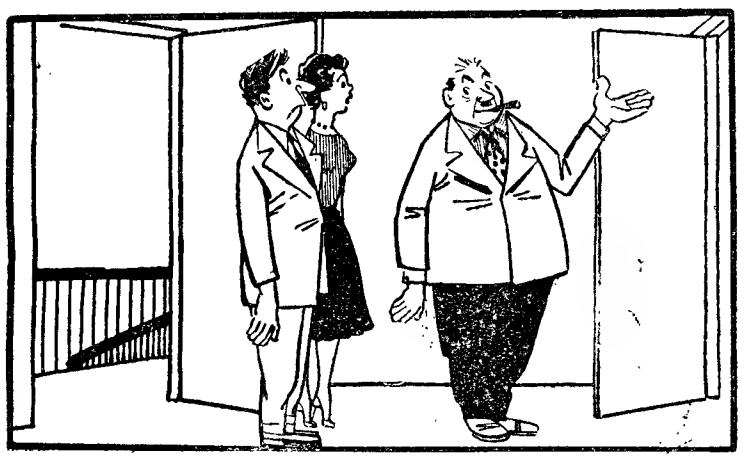


— Que estão a fazer tantas mulheres, tão caladas e quietas?
— Estão a ouvir o folhetim!...

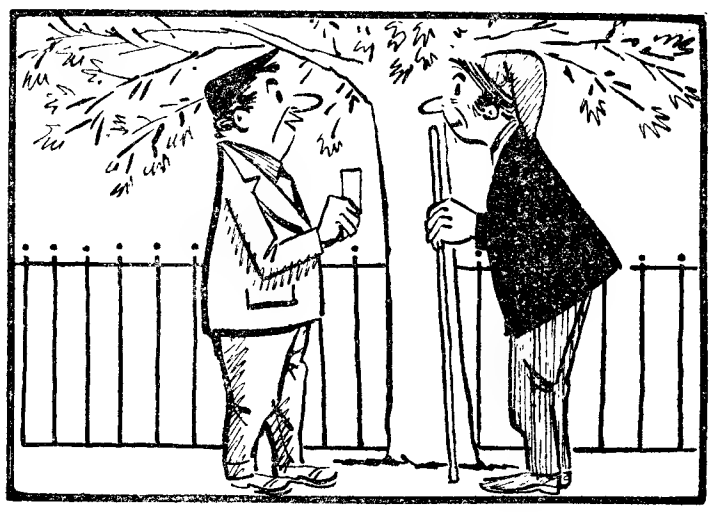


— Milagre! Milagre!... Consegui arranjar lugar para arrumar o carro!...

— Quer uma «Parquer 51», legitima, por um preço muito barato, freguês?



— Tem uma sala, uma cozinha e a casa de banho. Custa só a pechincha de 900$00 por mês e é por ser para os senhores!...



— O meu amigo quer fazer o favor de me ir rebater este décimo premiado com 100 contos, que eu não tenho tempo?!...

— Não empurra!...
— Ai! Quem foi o atrevido?...
— O' sôr guarda!...

— E o meu amigo não acredita quando eu lhe digo que nesta nossa Lisboa há coisas de fazer perder a cabeça a um santo?!...

PAGINA D

ASSIM, NÃO...

A limpeza do chão pode ser feita de várias maneiras, mas nunca sacrificando os fatos, os joelhos e o calçado.

Quando os sobrados eram «de esfrega» usavam-se as chamadas «joelheiras» que eram uma espécie de estrados com amparos levantados na frente e nos lados para evitar que a água atingisse os fatos. Dentro da joelheira algumas mulheres usavam uma almofada para protecção dos joelhos, que, apesar disso, ficavam calejados e enegrecidos.

Hoje, há material de sobra para que essas limpezas do sobrado sejam feitas de pé e não há o direito de regressar a processos antiquados, nem forçar, a essa prática, o pessoal dos serviços domésticos.

Quando não haja possibilidades para melhor aparelhagem, uns trapos pegados no extremo de um velho cabo de vassoura, chegam para evitar que se estraguem os joelhos e os fatos.

O conjunto de saia e blusa é o género de vestuário mais usado por ser prático, bonito e moderno. A gravura aqui exposta oferece-vos o efeito agradável duma saia de «rioplex» cinzenta azulada em tom escuro e uma blusa de popeline cor de rosa seca bordada com filoselle Ancora em tons de rosa e branco. O desenho para o bordado da blusa importa em 5$00. A' cobrança, mais 2$00. Pedidos á Página da Mulher. Diário de Lisboa - Rua da Rosa, 57, 2.º Lisboa

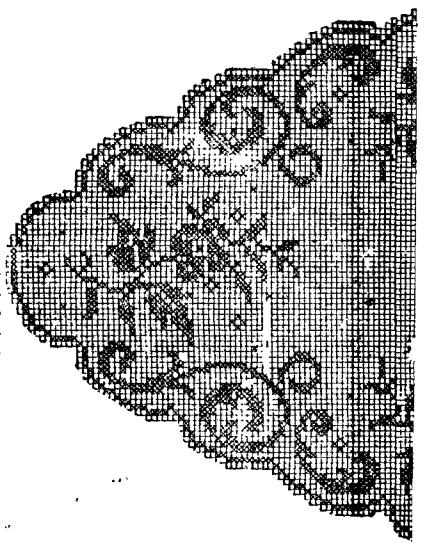
PREGUNTE para saber

Leitora de todos os sábados — O verdadeiro «nougat» não leva amendoins, nem nozes, nem pinhões. Prepara-se da seguinte maneira: descascam-se setecentos gramas de amendoas, escaldam-se com água a ferver, pelam-se, picam-se e secam-se. Põe-se num tacho meio quilograma de açucar e o sumo de meio limão. Mexe-se constantemente com uma colher de pau até que o açucar esteja derretido. Juntam-se-lhes as amendoas e mexe-se rápidamente. Deita-se sobre uma pedra mármore untada com óleo e divide-se em pequenos bocados. Estendem-se esses bocados de massa com o rolo untado, cortam-se e moldam-se na forma de cestinhos, baldes ou o que se quiser. É costume enchê-los com fios de ovos. Quando é necessário ligarem-se duas partes de «nougat» colam-se fácilmente com açucar em ponto de rebuçado.

Leitora de todos os sábados — A «massa vinhé» usa-se na preparação dos «sonhos», quer estes estejam para embeber em calda doce, quer sejam temperados com sal e envolvendo bocadinhos de peixe ou de legumes. A massa prepara-se da seguinte maneira: deita-se numa tigela grande meio quilograma de farinha de trigo, um decilitro de azeite, um decilitro de vinho branco e dez gramas de sal. Amassa-se com a mão, e, pouco a pouco, vai-se juntando a água que seja necessária para que a massa fique na devida conta, que é nem muito líquida, nem muito espessa. Juntam-se-lhe, depois, quatro gemas de ovos e, por fim, quatro claras batidas em castelo. A esta massa juntam-se bocadinhos de peixes, mariscos ou legumes fritando-se depois, ás colheradas, em bom azeite ou óleo. Quando se destina a doces devem juntar-se-lhe trinta a cinquenta gramas de açucar. A calda doce usada para ensopar os sonhos prepara-se por este processo: levam-se ao lume duzentos e cinquenta gramas de açucar, três decilitros de água, meio pau de canela e uma casca de limão ou de laranja. Deixa-se ferver durante quinze minutos, retira-se do lume e passa-se por um pano ralo. Esta calda é a mesma que se usa para embeber as filhós quando estas não sejam regadas com mel, á maneira usada na Beira Baixa, ou polvilhadas com açucar e canela como é hábito em Lisboa e arredores.

Maria do mar — Derreta, em banho-maria, duzentos e cinquenta gramas de cera amarela e duzentos e cinquenta gramas de cebo. Retire depois, para muito longe do lume, e junte-lhes duzentos e vinte gramas de aguarrás, duzentos e vinte gramas de azeite e cinco gramas de petróleo. Com esta mistura unte, de tempos a tempos, todos os metais da sua vivenda á beira-mar que costumam enferrujar-se e verá que bons resultados consegue tirar desta simples prática.

Uma nova dona de casa — Empregando o processo que vamos indicar-lhe conseguirá preparar, muito fácilmente, o «Glacé Fondant» para cobrir o bolo de aniversário: ponha ao lume um quilograma de açucar pilé e meio litro de água. Ao levantar fervura escume para lhe tirar as impurezas e junte-lhe o sumo de meio limão. Deixe a calda atingir o ponto de fio. Conhece-se quando está nesse ponto mergulhando-lhe dois dedos préviamente molhados em água fria, unindo-os e afastando-os se lhes pegue um fio delgado. Retira-se então para cima de uma travessa ou põe-se sobre a mesa de pedra e, com uma colher de pau ou uma espátula, mexe-se até arrefecer. Depois de frio forma-se uma bola mete-se dentro de um pano, tapa-se e pode guardar-se não o querendo empregar logo. Quando se queira cobrir o bolo amolece-se primeiro o «Glacé» em banho-maria mexendo-o constantemente. Qualquer massa de pão de ló serve para um bolo de aniversário. Mas são sempre mais agradáveis quando feitos com a massa do «bolo inglês», levando manteiga, um pouco de vinho do Porto e frutas cristalizadas cortadas em bocadinhos muito pequeninos e envolvidos em farinha para se não depositarem todos no fundo do bolo.



Elas,

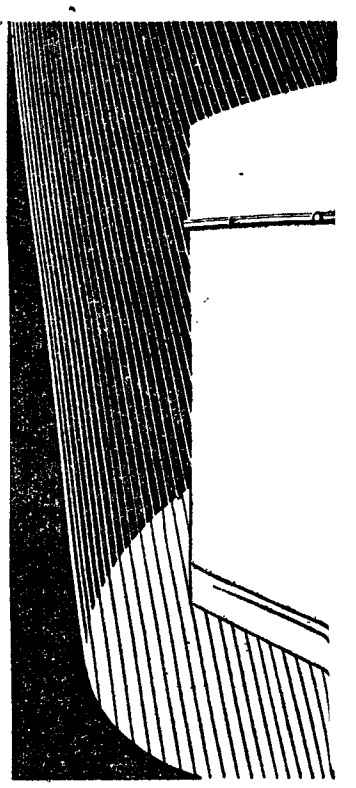
e a sua

ELA — Gostaria tanto se me desses um casaco de peles!

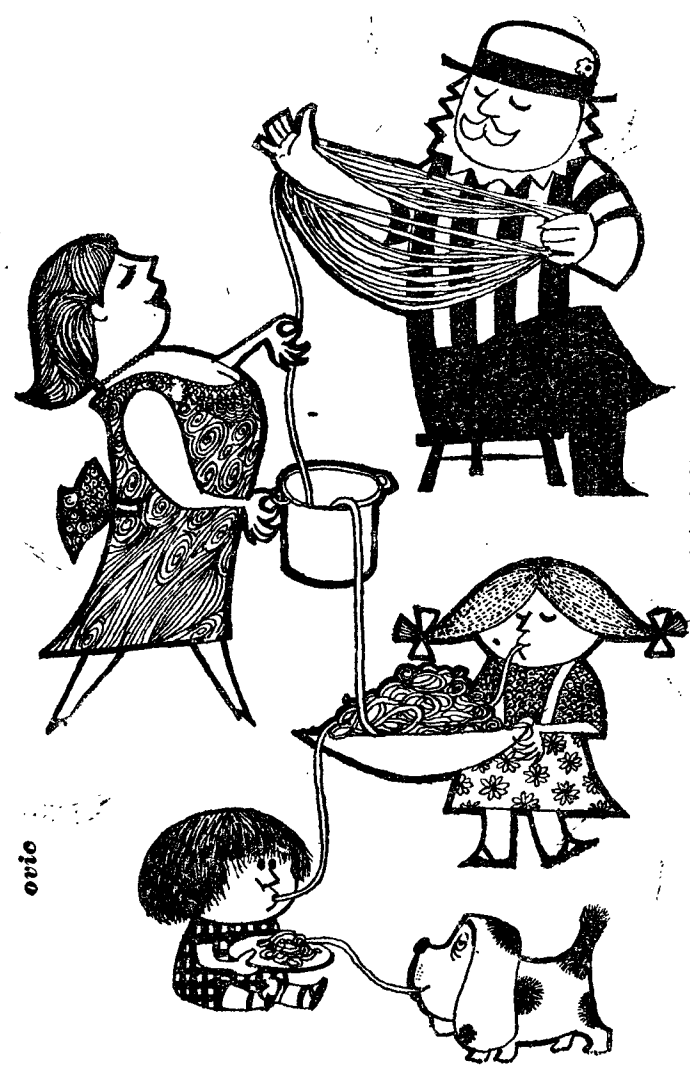
ELE — Por agora só posso dar-te a naftalina. Depois será o casaco.

*

ELE — Fizeste tantas compras inuteis sem me consultares!



massas não dão maçadas...



ESTA É QUE É A VERDADE:

QUEM ESTÁ HABITUADO A PREPARAR MASSAS ALIMENTICIAS SABE COMO É FACIL E RÁPIDO COZINHÁ-LAS, PREPARANDO ASSIM UMA REFEIÇÃO AGRADÁVEL, NUTRITIVA E PARTICULARMENTE LEVE E ECONÓMICA.

É bom... é saudável, por isso... o Homem das Massas aconselha:

RECEITA 3

Esparguete com picado de carne

500 g de carne cozida ou assada — 300 g de esparguete — 1 colher de banha de porco — 1 colher de manteiga — 2 colheres de farinha — meio litro de leite — um pouco de pimenta e noz moscada.

1 Passe a carne pela máquina de picar.
2 Faça um refogado com a cebola e a banha.
3 Junte ao refogado a carne picada, tempere com pimenta e noz moscada.
4 Coza o esparguete em água e sal, e depois escorra muito bem.
5 Num prato de ir ao forno, deite metade do esparguete, que cobre com o picado, e sobre isto deitará o esparguete restante. Alise muito bem.
6 Cubra com um molho branco, que fez, levando ao lume a manteiga com a farinha, e juntando-lhe depois o leite, temperado com sal e noz moscada
7 Leve o prato a forno forte, para corar depressa, sem secar.

ovio

COM MASSAS... A VIDA É MAIS GOSTOSA

OIÇA TODOS OS DIAS EM RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS O «HOMEM DAS MASSAS»

Elegância e Beleza pelas Especies Vegetais

OBESYL chá

Combate as gorduras

Regula o intestino, normalisa o fígado, activa a função renal.

A venda nas bôas Farmácias

Máquina de TRICOTAR BUSCH

APENAS POR 115$ MENSAIS

CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER "TRICOT"

REPRESENTANTES:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 37

Telefs. 59181-2-3 - LISBOA

GENERAL

Apre... o mais se... frigorif...

8,1 P.C. = 228 LIT

O FRIGORÍFICO I...

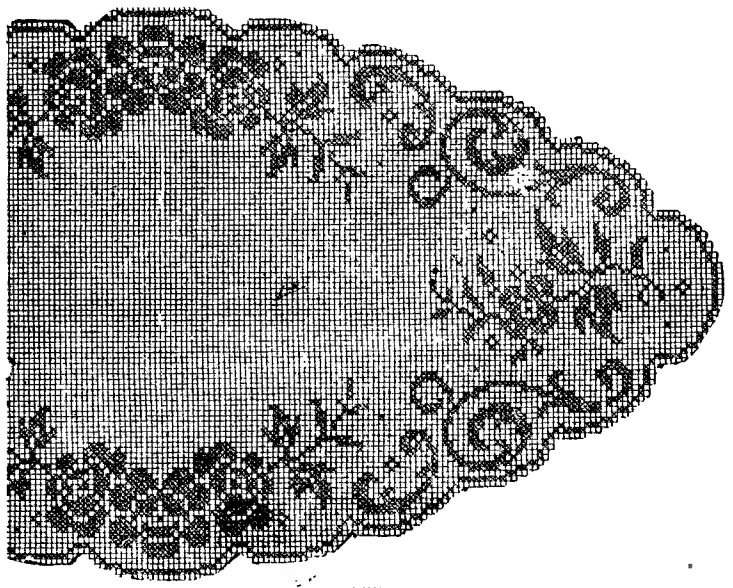
EM EXP...

Ba...

AV. DA L...

VENDAS EM 6, 12,

A MULHER



Eles

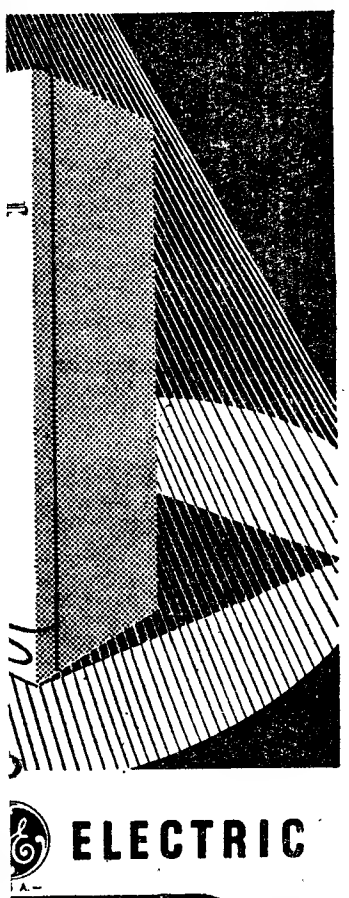
esperteza

ELA — Sempre fiz tenção de te consultar depois.

*

ELE — O que hei-de eu oferecer á minha querida?

ELA — Uma telefoniazinha, daquelas muito pequeninas, que têm um automóvel por fora.



ELECTRIC

enta
nsacional
co
americano

ROS 8.750$00
ARA TODA A VIDA
SIÇÃO NA
rdo
ERDADE, 131
18, 24 E 36 MESES

Centro de mesa
em «Crochet»

É do melhor gosto este desenho que se destina a um centro de mesa em «crochet» e deverá ser executado, na malha de abertos e fechados, com linha Mercer Corrente, branca ou crua, n. 60 para atingir 0,85×0,43 m. Fornecemos o desenho em quadriculado de 4 milímetros por 8$00 que podem ser enviados em selos. A' cobrança, mais 2$00. Pedidos á Página da Mulher. Diário de Lisboa - Rua da Rosa, 57, 2.° Lisboa

Culinária

Croquetes de carne

Passam-se pela máquina ou picam-se miudamente as carnes que houver, podendo ser de mais do que uma qualidade, temperam-se com pimenta, noz moscada, e sal; em seguida amassa-se tudo muito bem com gemas de ovos.

Prepara-se á parte um creme de farinha e leite que depois de fervido se mistura ao picado. Uma vez arrefecida a mistura tendem-se os croquetes, molham-se em ovo batido, envolvem-se em pão ralado e põem-se a fritar.

Com a elevada temperatura do azeite, a albumina que reveste o croquete coagula rápidamente, formando crosta que impede a entrada do líquido no interior da massa, que se conserva macia.

Tomates recheados

Escolhem-se tomates redondos e pequenos, lavam-se, tira-se-lhes uma roleda na parte superior, esvaziam-se da água e das sementes e recheiam-se com um picado de carne bem temperado com manteiga, ovo, salsa picada, sal, pimenta e noz moscada. Tapam-se com as rodelas e levam-se a assar ao forno dentro de um tabuleiro regando-os de quando com caldo. Servem-se com arroz de manteiga.

Os meus segredos

Quando tempero uma salada costumo deitar-lhe, primeiro, o vinagre ou limão onde prèviamente derreti o sal. Só no fim é que deito o azeite.

●

Para que os bifes fiquem com uma linda cor tostada e o molho saboroso polvilho-os com um nadinha de açucar antes de os meter na frigideira bem quente e já com a gordura a querer aloirar.

●

Se tenho metade de um limão que desejo guardar por alguns dias, coloco-o sobre um pires e cubro-o pondo-lhe um copo com o fundo virado para cima.

●

Quando receio que um pedaço de carne crua se estrague, por falta de refrigeração, unto-a toda com azeite e envolvo-a num pano molhado em vinagre. Por este processo a carne aguenta-se muito tempo sem se estragar.

●

Com as borras de café consigo tirar dos frascos e garrafas o cheiro a bafio. Misturo as borras de café com potassa e água quente.

●

Se ao engomar uma peça de roupa branca, com o ferro demasiadamente aquecido, ela fica crestada, passo-a com uma mistura de água comum com água oxigenada.

GATA BORRALHEIRA

Monograma

Para satisfazer pedidos das nossas leitoras, publicamos estes monogramas, destinados ás roupas de casa. Devem ser bordados a ponto de cordão e a cheio, com linha «Ancora» n.° 30.

Conjunto para usar na praia

A esquerda—«shorts» com corpete e casaco. À direita—vestido «banho de sol» com «bolero». São do mesmo tecido pelo que permitem várias combinações feitas com as diversas peças

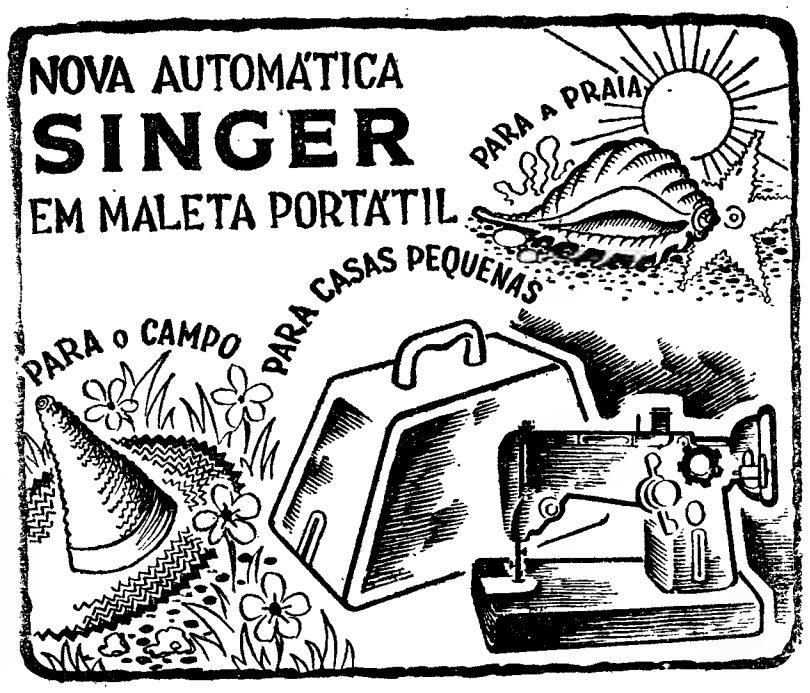
CASA AFRICANA

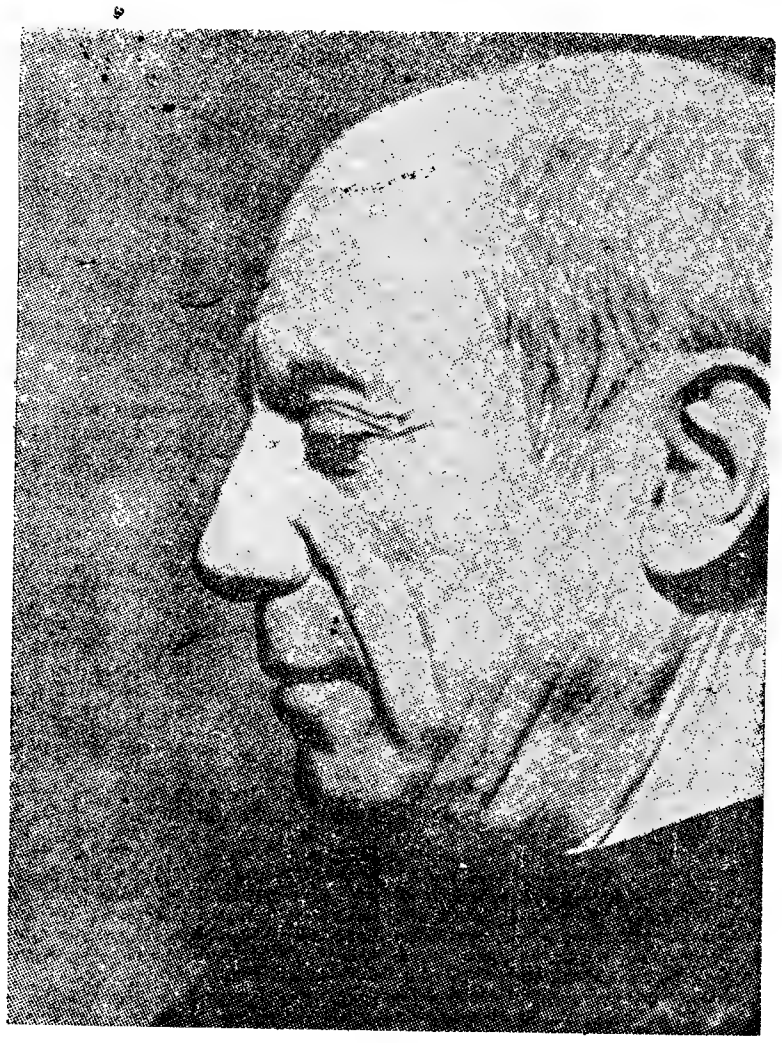
VESTIDOS TAILLEURS,
SAIAS, BLUSAS, CASACOS

PRONTO A VESTIR

Seja esperta !
Ninguém precisa de saber que o seu vestido novo é do ano passado !
Modifique-o e tinja-o, avive-lhe a cor, em casa, com as famosas **tintas RAPOSA**, a marca alemã que domina em todo o Mundo há mais de 60 anos. As **tintas RAPOSA** para tingir em casa estão à venda em todas as drogarias.

NOVA AUTOMÁTICA
SINGER
EM MALETA PORTÁTIL





CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE

A Espanha, pátria de grandes pintores, viu nascer em 25 de Outubro de 1881 (na cidade de Málaga), uma das figuras mais geniais dos nossos tempos. Nele se conjugam (como aliás na grande maioria dos verdadeiros génios) o representante duma Pátria, duma tradição cultural e de costumes com os largos anseios dum homem verdadeiramente universal.

O seu quadro Guernica, por exemplo, é a clara manifestação do espanhol e do grande cidadão do Mundo.

Como grande cidadão do Mundo é hoje, aos 77 anos de idade, querido e apreciado em todo o Mundo. Sua gigantesca obra encontra-se derramada por quase todos os Museus do Mundo. Lisboa conheceu há pouco uma pequena exposição de ceramicas suas, na montra dum estabelecimento da especialidade.

As respostas a este concurso devem estar na Redacção até ao dia 1 de Setembro, com as seguintes: data de nascimento (os que ainda a não indicaram), seu numero no ficheiro dos Amigos (no caso de o terem já), indicação dos três melhores artigos ou poesias do «Juvenil» desta semana.

Como sempre, além dos habituais prémios, reservaremos um, especial, para o melhor trabalho sobre este Gigante da Humanidade.

FLASH

Por Manuel Agra

Lisboa é grande. Grande que nunca mais acaba. Estende os poderosos liames de escalracho em todas as direcções, devora campos e florestas, toma senhorio de terras, corpos e almas. E até do céu. Reparem: aqui onde estamos, só uma esmolinha de azul é confiada aos nossos olhos. Guardamos a esmola no bolso e vamos amparados nela ao desfiar da vida por essas ruas tortas ensacadas.

Tem graça! Eu escrevi «ao desfiar da vida» mas não foi essa a primeira palavra que me saltou ao caminho, mas sim «desfibrar». Eu devi atê-la escrito. «Desfibrar» desenha melhor o quotidiano citadino. O quotidiano da selva que nenhum Rudyard Kippling contou até agora em todo o horror da sua crueldade — e em todo o esplendor da sua grandeza...

Eu a batalhar nestas e em outras coisas, como é meu signo, e eis que no muro baixinho onde me sento pousa um rapaz o carrego alto como o dia.

—Para descansar os ossos! — comenta, a justificar-se, como se o alegrete fosse propriedade minha. Atento melhor nele. E' magro, enfezadinho, a pele tem a cor amarelo-arrependido dos pergaminhos velhos. Olheiras violetas comem-lhe metade do rosto, vincam-lhe a aparência de máscara. O ombro esquerdo mais descido do que o outro. Por baixo da labita de cotim esgalgada no pescoço notam-se as traves do corpinho indefeso.

—Tu não és de Lisboa — digo eu numa tentativa infantil de quebrar a solidão que avançava.

—Não senhor, não sou. Sou do Abrunheiro.

—E gostas de cá estar...

Encolheu os ombros:

—Para a bucha sempre vai dando...

—Em que loja trabalhas?

—Na do Senhor Silva. Naquela que tem um papagaio á porta...

—Ouve lá... E ele... o senhor Silva... Chega-te?

—Bem, até agora só duas vezes.

—E quanto recebes tu?

—Quanto quê?

—O ordenado...

—Ah!, estou só pelo comer. Foi o ajuste. Mas deixe passar uns tempitos que eu conto-lhes. Tal e tal e se não quiser não faltam por aí lojas.

Eu, na minha ignorancia, a pensar que tudo aquilo era abatimento e doença e olheiras violetas. E ninguém que o defendesse, menino atirado ás feras. Afinal, a selva só fisicamente dá cabadia dele. O seu instinto de luta, de vingar no meio de tantos perigos, prevalece. E antes de carregar no ombro o pesadelo da cestada, bate com os dedos no pescoço:

—Não. Aqui ninguém me há-de pôr o pé...

Digo-lhe que sim, com a cabeça. Acredito. Sinceramente: acredito. Acredito na vitória do homem sobre a selva. Porque, ao longo dos séculos desta dolorosa caminhada, o homem não deixou nunca que lhe pusessem o pé no pescoço.

PROBLEMAS DOS JOVENS

falemos agora do ensino

Por José Pimenta (16 anos)

Um dos problemas que tem provocado grande celeuma e que, de certo modo, é grave, é o do ensino.

O professor queixa-se do desinteresse do aluno pelos assuntos que se abordam; da falta de cultura do mesmo e, até, da desatenção que tem durante o decorrer da aula. E de quem é a culpa? Do professor? Do aluno? A maioria das vezes é do ensino.

No que diz respeito ao liceal, abundam disciplinas que reputamos de desinteressantes, devido á maneira como elas nos são apresentadas e, também, á forma como elas são dadas. De um tema seco, o professor pode dar-lhe a vivacidade e criar nos alunos, graças á sua forma de expor, um afecto mais ou menos profundo por essa disciplina. Se, porém, o ensinador mostra estar enfastiado, o assunto, por mais aliciante que seja, perde o que possui de atraente.

As relações entre o professor e o aluno motivam o interesse ou não pela disciplina que aquele dá. O mestre deve evitar que o discípulo note uma barreira intransponível, tomando-o como uma «fera». Não são raros os professores, e isto é lamentável dizê-lo, que manifestam essa superioridade, dando-a a entender por gestos ou palavras. Neste caso, não se interessam por qualquer problema apresentado pelo aluno, havendo, assim, uma mutua antipatia e uma atmosfera de animosidade, chegando á incorrecção.

O professor não deve ser, simplesmente, o que dá a lição, mas tem de perscrutar a alma dos seus alunos, conhecê-los um por um, aconselhá-los, ser um amigo ou camarada para eles. E dessa amizade, desperta o amor pelo estudo e a admiração e respeito do discípulo para com o mestre. Infelizmente, são poucos os que procedem assim. É que, logo que sobem ao estrado, esquecem-se que foram alunos e, aí, reside o mal.

Outra causa que dá origem ao afastamento do estudioso pelas disciplinas, é o esforço de memória que tem de despender para conseguir alcançar um bom êxito. A geografia, por exemplo, devia ser acompanhada por projecções de filmes que ajudassem a assimilar a matéria e, na mineralogia, é antipedagógico o estudo do quadro de minerais, sem utilidade aparente.

O que ensina lastima a falta de cultura do educando. A que é ela devida? Á falta de uma biblioteca em cada colégio, escola técnica ou liceu, onde o aluno poderia deleitar-se nas horas vagas.

O problema do ensino, ainda não pode ter imediata e fácil solução. Compete, todavia, ao professor, evitar os seus males, atraindo os alunos com a sua erudição e simpatia.

JOSÉ PIMENTA

2.º Concurso
«Portugal e a Juventude»
Reportagem de férias

Prometemos tratar esta semana duma outra modalidade de trabalho de grande interesse para os jovens concorrentes ao nosso Concurso: o trabalho de grupo, ou, se quiserem uma designação mais conhecida, o trabalho de equipa.

Já o ano passado admitimos esta modalidade de trabalho e jovens houve que assim foram premiados.

De que se trata? Trata-se do seguinte: vários jovens resolvem fazer um trabalho em grupo, aproveitando o facto de estarem no mesmo local durante as férias. Para isso determinam bem o que desejam fazer. Por exemplo: uma monografia sobre uma aldeia. Nesse caso, o que fariam três jovens (três é um numero escolhido ao acaso)?

Dividiam o trabalho, consoante a capacidade de cada um. Este fazia a ilustração — desenho, pintura, fotografia; aquele trataria da maneira como viviam ou trabalhava o povo da referida aldeia; o outro ocupar-se-ia com o aspecto das distracções — danças, cantares, etc.

Esta associação pode resumir-se apenas ao seguinte aspecto: um amigo escreve e o outro ilustra.

Não lhes parece uma boa sugestão?

Então, Amigos, mãos á obra! Que o 2.º Concurso «Portugal e a Juventude», isto é Portugal revelado pelos jovens — seja uma grande manifestação da capacidade de trabalho da gente nova.

Diario de Lisbôa

Textos
Augusto da Costa Dias, Mário Castrim e Manuel Salgueiros
Ilustrações
Tóssan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

VISTOS PELOS JOVENS

impossibilidade

por **Maria de Lourdes Teresa dos Santos Martins** (16 anos)

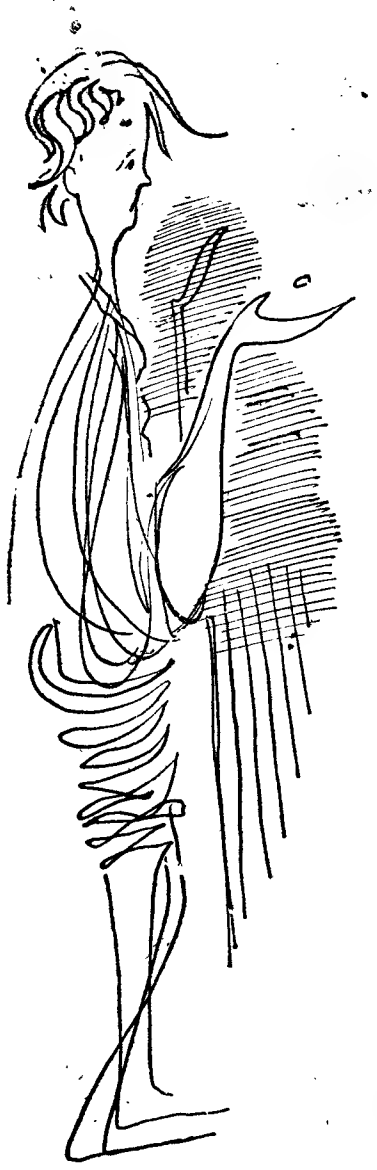
Estou cansada de chamar por ti!
Estou cansada de gritar,
de parar
á tua espera.

Algo porém me leva
e me não deixa esperar,
algo que vai comigo voando
para bem longe de ti,

Infância! Eu queria voltar
para trás, reviver contigo,
mas bem sei que não consigo
manter o tempo
que me vai levando,
sem pena de ti,
que morreste,
nem de mim,
que te perdi...

(Amigo N.º 854)

Atenção ao concurso «Portugal e a Juventude»



A LENDA DA FONTE DA RAINHA

Quem visitar a aldeia de Casais Brancos, ao subir a serra, passa junto de uma fonte, com o nome de fonte da Rainha. Pois essa fonte, como tantas outras, tambem tem a sua história.

Segundo reza o povo, em ano de grande seca, todas as fontes, poços e ribeiros daquela região, secaram. Havia, em todos os rostos, um tom de desespero e tristeza, pois estava tudo morrendo de sede. Uns fugiam da terra e iam procurar de comer e beber para outros sítios pois como não havia água, quase que nem comer tinham. Outros, mais agarrados á terra, diziam com resignação «hei-de ficar até poder aguentar, não quero abandonar a minha terra. Deus é grande e poderoso, há-de ter compaixão de nós, não nos ha-de deixar morrer de fome e de sede».

E um dia, em que quase não podiam mais, resolveram procurar por todos os cantos da terra algumas gotas de água; e foi com grande surpresa que alguns ouviram os companheiros gritar: água, água! — pois acabavam de descobrir uma fonte escondida no meio de um grande monte de silvas, tojos e giestas viçosas. Brotaram lágrimas de todos os olhos, mas agora lágrimas de alegria; e todos se debruçaram sobre a fonte para beijar aquela água tão desejada que ali aparecera por milagre, para matar a sede que os ia devorando.

Nessa altura o povo lembrou-se de fazer uma procissão á pequenina imagem do Menino Jesus, agradecendo-Lhe e pedindo chuva. Segundo diz o povo, logo que a procissão saiu, começou a chover, a chover torrencialmente, de novo todos os poços se encheram de água, correram os ribeiros e as fontes brotaram.

Foi então que o povo começou a chamar áquela fonte, **a fonte da Rainha. Ainda hoje é a maior fonte da região, fornece água para muitas terras próximas, como Casais Brancos, Paiol, Vale Bem Feita, etc. E a procissão ao Menino Jesus é tradicional todos os anos.**

DIONISIO ANTÓNIO MANUEL VICTOR
(Amigo n.º 1014)

Acabemos com o medo e com o ódio!

A União Sul Africana é uma vasta região povoada por cerca de onze milhões de habitantes. Desta cifra, dois milhões e meio são brancos; um milhão são mestiços; os restantes são os negros das tribos africanas.

A convivência destes três elementos levanta problemas gravíssimos; os brancos organizaram a vida conforme s seus interesses; as tribos foram destruidas e milhões de indígenas ficaram com as raizes de fora. A consequência deste desequilíbrio é a criminalidade indígena que aumenta numa escala assustadora, é a luta entre o branco e o negro, é o ódio, é o medo. Que fazer? Perseguir? Castigar? **Resolver** com a pena de morte? Mas o castigo não resolve, porque não ataca o mal na sua origem: o desenraizamento de uma grande parte da população a quem a terra já não alimenta, nem defende, nem prende.

Absalão Kumalo matou. Matou precisamente um daqueles brancos que lutavam pela emancipação do indígena, pela sua defesa; um **Kafferboetie** isto é, o branco que se dedica a promover o bem-estar do negro. E porque matou Absalão Kumalo? Por **medo.** Medo de quê? De quem? Ele não sabe. Por **medo,** simplesmente...

O problema é posto no livro «Chora, Terra Bem Amada!», da autoria de Alan Paton, traduzido directamente do inglês pelo Dr. Santos Matias e editado por PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA.

Aos nossos Amigos aconselhamos vivamente a leitura deste belo romance incluido na COLECÇÃO SÉCULO XX a que também pertencem obras como **A centelha da vida,** de Erich M. Remarque, **Filho de Ladrão,** de Manuel Rojas, **Um rapaz de Florença,** de Vasco Protolini. **A meta,** de Yver Gibeau, **A barca dos sete lemes,** de Alves Redol, etc.

O pobrezinho

Coitadinho
de um pobrezinho
todos os dias
não comia
sem comer
não podia viver
chorou tanto até as lágrimas
corriam pela mesa
disse-lhe o pobrezinho:
leva-me
no teu carrinho
até á pensão
dá-me dinheiro
para eu comer
para não morrer
é para estar vivo
é para eu ver as coisas lindas
do Mundo de Portugal.

HERNANI DONALDO
NAPOLEÃO FERREIRA

DIÁRIO DE BORDO

1071 — Maria Cecilia da Silva Gonçalves: E' natural que tenhas ficado aborrecida. Mas o que podemos nós fazer? As idades dos jovens são as indicadas. Porque não escreves a qualquer deles e pedes um correspondente com essas qualidades que desejas? Bem vês que a nossa boa vontade não chega a tanto. No México e na Espanha não temos, ainda correspondentes; mas é natural que venhamos a ter. Então te avisaremos.

172 — Carlos Alberto Lopes de Carvalho: devias ter reclamado a tempo, pois que avisamos por diversas vezes, e com largo espaço de tempo, da data de levantamento dos prémios não enviados. Mas isso foi há muitos meses... Lamentámos que só agora te tenhas lembrado dele.

945 — Maria Helena Nunes Correia — O livro a que te referes, encontra-se á venda em qualquer livraria. Mas dirige-se aos rapazes. Para raparigas há, do mesmo autor, um outro intitulado «Já és uma mulherzinha». Sabias?

1120 — Domingos Baptista Vale: os livros são enviados para casa dos concorrentes premiados.

1174 — Joaquim Gonçalves: Foi, de facto, engano. Obrigado pela tua franqueza.

912 — Manuel Fernando Saraiva: o teu numero vinha errado na carta. Este é que é o teu.

1148 — Maria de Lourdes Maranha Mota: manda a tua idade, sem o que não podes ser premiada.

As assinaturas de férias!! Basta mandarem selos do correio na quantia equivalente aos jornais que desejam lhes sejam enviados; e, claro está, a morada de férias.

Amigos novos:

1220 — Hermínia Freitas (sem morada); 1221 — José Manuel Paula Antunes (Lisboa); 1222 — Margarida Maria Fernandes (Lisboa); 1223 — Maria José de Melo Fernandes (Lisboa); 1224 — Aníbal José Fernandes (Lisboa); 1225 — Rosalina Duarte Monteiro (Estoril); 1226 — Sonja Solano (Lisboa); 1227 Francisco Martins Ramos (Reguengos de Monsaraz); 1228 — Manuel Alberto Duarte Moura (Almada); 1229 — M.ª Luísa Ferreira (Evora); 1230 — Joaquim Eliseu (Coimbra); 1231 — João Manuel Roque Rodrigues (Lisboa); 1232 — M.ª Antonieta de Sousa Cabrita (Lisboa); 1233 — M.ª Antónia Faria da Silva (Lisboa); 1234 — João de Almeida (Porto); 1236 — M.ª Isabel Alexandrino (Cacilhas); 1237 — João Fernando Santos Mendes (Estoril); 1238 — Carlos Eduardo Macedo Reis (Lisboa); 1239 — M.ª Adelina Coelho Peça (Leiria); 1240 — M.ª Margarida Mendes Cruz (Lagares da Beira).

TROTE

Mais outro depoimento sobre Augusto Gil

Outro dia registámos aqui a opinião dum mestre da Literatura Portuguesa, Agostinho de Campos, sobre o poeta Augusto Gil. Hoje vamos transcrever o que sobre o Poeta pensava Carlos Selvagem:

«Um poeta! Um poeta, sim, de verdadeiros nervos e verdadeiros versos... Romantico, lírico, satanico, decadente?... Há um pouco de tudo em Augusto Gil. Verdadeiro poeta, sofre, como todos os poetas, de uma hipersensibilidade de nervos, requintados na vibração de todos os males do século, de todas as suas nevroses, de todos os seus anseios, de todas as suas revoltas...

O que porém torna adorávelmente inconfundível este lírico, é a sua luminosa e fecunda inteligência, a caprichosa curva das suas ideias, e essa nitidez gloriosa do seu dizer, que é como um sol bem refulgente.....

De Augusto Gil já a «Portugália Editora» editou os seguintes volumes das suas OBRAS COMPLETAS: «Canto da Cigarra», «Versos», «Alba Plena», «Luar de Janeiro», «Gente de Palmo e Meio», «Sombra de Fumo», «O Craveiro da Janela» e, ultimamente, «Musa Cérula».

Lista para férias

Pedem-nos vários jóvens amigos que lhes indiquemos alguns livros policiais para lerem agora em férias. Para respondermos convenientemente fomos consultar um técnico que nos deu a seguinte lista:

DASHIELL HAMMETT: «O Falcão de Malta», «A Chave de Vidro», «Estranha Maldição».

PAT MC GERR: «A Morte mora no 14.º andar».

FREDRIC BROWN: «Um grito ao longe».

MICKEY SPILLANE: «A Grande Caçada».

S. S. VAN DINE: «Os crimes do Bispo», «O caso Benson», «A Morte da Canária».

Aí ficam, pois, nove livros tidos como especialmente bem feitos. Todos pertencem á Colecção «Vampiro», editada por Livros do Brasil. Preço de cada volume: 12$50.

ANIMAIS, ESSES DESCONHECIDOS...

A grande ansiedade da espécie

Há animais cujos frágeis meios de vida são tão efémeros que só podem perpetuar-se pondo milhares de ovos; quaisquer que sejam as vicissitudes por que passem, a sorte certamente bafejará alguns deles. Este perigo de extinção da espécie leva os futuros pais a imensos cuidados para que os filhos tenham uma boa entrada no Mundo.

Quanto mais superiores são os animais, menos ovos vão pondo. Esta é uma razão para que meticulosos cuidados sejam tomados para que as crias possam vingar e para as defender. Os ciprinoides (género de peixes de água doce que tem por tipo a carpa) poem os ovos dentro da concha de um mexilhão vivo. O fino tubo por onde passam os ovos para o molusco só se forma na altura da postura: é o oviducto. Postos dentro da concha, os ovos estão seguros e os recem-nascidos partilham da alimentação daquela ama improvisada. Aí permanecem um mês; saem aptos para angariar os seus próprios meios de vida. A mãe ciprinoide afasta-se depois de se convencer que deixou os ovos em segurança; mas pode acontecer que os pequenos mexilhões se agarrem á pele dela, por meio de pequenos ganchos. Têm assim um transporte seguro e gratuito até que a idade lhes permita andar «pelo seu pé» e instalar-se por conta própria!

Este procedimento do mexilhão de rio ajuda os jovens indefesos a encontrar novos locais para se fixarem; sózinhos, essa deslocação seria morosa e arriscada.

Outros animais enterram os ovos no solo. E' o caso do gafanhoto, cujo oviducto não se forma na ocasião da postura, e serve mesmo para enterrar os ovos, no local onde se desenvolvem. O oviducto permanece no corpo do gafanhoto todo o ano; é um apêndice na extremidade do corpo, formando duas espécies de pás côncavas, entre as quais deslizam os ovos.

Há um insecto himenóptero—o icnêumon — de longas patas, asas finais, que procura as árvores ou um pedaço de madeira, na ocasião da postura. Então vê-se que tacteia a superfície dos ramos com as antenas, com as quais procura vítima escondidas — as larvas das vespas da madeira, que vivem em tuneis abertos na cortiça. Logo que as encontra, fura a madeira com duas laminas providas de dentes de serra com que termina o oviducto e pica a larva, paralisando-a. Nesse momento faz passar o ovo pelo tubo fino do oviducto e deposita-o no corpo da larva. E' aí que abrirá o ovo e se alimentará o jovem icnêumon.

Os pássaros preparando o ninho são um espectáculo muito vulgar na primavera. Mas nem por ser vulgar, deixa de ter o encanto de novidade e a beleza das coisas elevadas. O calau rinoceronte (assim chamado por ter na cabeça uma espécie de chifre semelhante áquele mamífero) como bom pai e boa mãe, quer sempre assegurar-se do bem-estar dos ovos e das condições em que nascerão os filhos. A fémea deita-se no ninho que ambos construiram num tronco de árvore escavado. Aí fica defendida pelo macho que, depois bloqueia a entrada, para maior segurança, com lama e pequenos pedaços de madeira, deixando, apenas, uma pequena abertura; por ela alimenta a esposa emparedada voluntáriamente.

MARIA HELENA COSTA DIAS

Mesmo perigosa

Na selva impiedosa, onde grassam o ódio e o perigo, abre-se uma clareira de paz. Arrostando com a própria morte defende-se a vida de um homem.

Teriam ainda de sofrer muitos e muitos quilómetros de selva — que o mesmo é dizer, muitos quilómetros de tormento. Inumeros perigos se levantavam debaixo dos pés a cada passo que davam — e mal imaginavam que o pior estava ainda por vir...

Fizeram uma curta paragem, para tomar algum alimento. Os dois unicos brancos da caravana sentaram-se frente a frente, silenciosos. Por fim, o mais velho decidiu-se a quebrar o mutismo.

— Está preocupado, chefe?

O outro abanou ligeiramente a cabeça antes de responder na sua voz grave e bem timbrada que mal deixava entrever o cansaço de que estava possuido:

— Sim. E não imagines quanto. Estamos num mundo que nos repele, onde as nossas possibilidades de subsistir são bem fracas.

— Não me diga, chefe que...

— Acabe — tornou, calmamente, aquele a quem chamavam o chefe. — Que tenho medo, não é isso?

Houve um curto silêncio durante o qual o mais jovem dos brancos fitou, com exagerada atenção, a bota cardada. Depois levantou os olhos e disse:

— Sim, é verdade. Tenho medo. Estes uivos, estes gritos, estas lamentações de animal que jogou e perdeu, estes mil ruídos de outro mundo, bolem-me com os nervos, fazem-me... medo. Aí tem...

O outro encolheu os ombros:

— Ha-de habituar-se, verá. Chegará tempo em já nem quererá saber se tal ou tal insecto que o picou é ou não a tsé-tsé...

— E depois — tornou o mais jovem — e depois não saber se... no fim de tanta luta... ainda chegaremos a tempo...

— Precisa de dormir, chefe. Vá, encoste-se aqui, ao meu ombro. E não pense nessas coisas, não se aflija. Estamos fazendo tudo quanto é humanamente possível. O resto... já não é connosco...

— Que tal vai? — perguntou o outro, apontando para o vulto que jazia na maca improvisada com ramos de árvore, unidos por uma espécie de rafia muito resistente.

— Sem nenhuma alteração... — e vendo trejeito de inquietação que se desenhou no rosto do companheiro, acrescentou: — o que já não é nada mau...

Depois de um curto repouso, levantaram o acampamento. Quatro indígenas, que antes haviam folgado, levantaram a maca até aos ombros. Dada a ordem de marcha, dirigiram-se para o grande rio que, naquele ponto, tinha a sua mínima largura. A ponte, que estabelecia passagem era constituida por um tronco de árvore que a mão do homem ou do raio derrubara em cima da água. A maca poderia ser levada apenas por dois homens, um á frente, outro á retaguarda. Na água, com movimentos lentos que não disfarçavam a gula, erravam crocodilos... Provocadoramente, cruzavam repetidas vezes por debaixo da ponte improvisada...

— E agora? — perguntaram simultaneamente os dois brancos.

— Levaremos nós a maca... — concluíu o mais jovem.

Dois indígenas, porém, dirigiram-se ao mais idoso dos homens, falaram na sua língua nativa.

— Que dizem eles?

— Dizem que não querem ser substituidos, que não temem crocodilos...

— E então?

— E' melhor. Os negros são orgulhosos, tenhamos confiança!

E a marcha perigosa, no tronco de árvore vacilante, começou. Por três vezes os crocodilos abriram a boca gulosa, três vezes a fecharam em vão...

Quando puseram o pé na outra margem os dois negros estavam cobertos de suor e tremiam como se estivessem com sezões. Mas o orgulho vencera o medo...

Regressaram á caminhada normal — se pode falar-se em caminhada normal em plena selva... Só no dia seguinte, porém, chegariam ao posto da Missão de N'DHALA. Teriam de bivacar ainda uma noite ali, no coração bárbaro do mundo...

— Ouça — inquiriu o branco mais jovem. — Não estamos no domínio das tribos guerreiras, daquelas que ainda há dois anos?...

— Sim, chefe — respondeu o outro. — Eu já o sabia. Esse, sim, é para nós o maior perigo...

Mal acabava de proferir estas palavras, quando, de entre o emaranhado vegetal foram arremessadas algumas setas. Apenas um indígena ficou ferido no braço.

— Baixem-se! — gritou o branco.

Assim fizeram. Novo ataque, desta vez mais cerrado, que não provocou qualquer baixa. Outro ainda — durante o qual o panamá do jovem branco voou, arrastado por uma flecha.

Quando supunham que o seu ultimo dia chegara, deu-se um golpe de teatro. Os ataques cessaram e em passo marcial alguns negros, de estatura imponente, invadiram a clareira. Ninguém, naturalmente, lhes ofereceu resistência. Um que parecia ser o chefe, adiantou-se e parou diante do branco mais idoso:

— Quem és tu? — perguntou.

— George Slim, enfermeiro da missão N'PHA.

— E o outro branco?

— O dr. Stephen Carrington, médico da mesma missão.

— Não mentes?

— Pergunta imprópria de ti, chefe!

— Não sabes que a vossa presença nos nossos territórios é indesejável?

— Sei, sim. Mas fomos forçados a isso, para ganhar tempo.

— Levam, pois, uma importante missão...

— Muito importante. A mais importante que pode haver para um homem: defender a vida de outro homem...

O negro teve um gesto de desconfiança:

— E... podes dizer-me, quem é o homem? — Quem é o branco?

— Não é branco, chefe. E' um negro. Mas isso não interessa. E' um homem...

— E onde está ele?

— Ali...

E apontou para a maca. O imponente chefe mandou que lhe arredassem a coberta. Deparou com um negro deitado, a boca debruada a saliva, a arfar penosamente, de olhos fechados. Esta visão impressionou-o visivelmente e quis saber pormenores. Slim satisfez-lhe a curiosidade. Explicou, o melhor possível, que o indígena tivera uma perfuração intestinal e só uma delicada operação poderia salvá-lo. Era isso que iam tentar, ao posto da Missão N'DHALA.

— Vocês... os dois... — e apontou para os dois brancos. — E sem acabar a frase, numa voz terrível: — Ai de vocês se mentem!

Depois, voltou com os seus homens por onde viera e quando novamente apareceu trazia consigo animais para transporte do ferido e dos brancos, e homens da sua confiança a quem recomendou a defesa da caravana. Ergueu a mão enorme:

— Adeus! Vão em bem! Boa viagem até N'DHALA.

A sua figura imponente destacava-se em plena clareira. E assim ficou, de mão espalmada para os brancos, em sinal de paz, até que a caravana se perdeu no intrincado da selva...

MARIO CASTRIM

Bravo e bem bravo

Em casa do Periquito realiza-se um pequeno banquete em honra do vizinho Periquitolas, que regressou de viagem.

No banquete foi servido um magnífico pato.

— Que bela peça! — diz o convidado. E' um pato bravo?

— Exactamente! — responde o senhor Periquitão, para não desiludir o amigo.

E o nosso Periquito:

— Bravo e bem bravo! Imagine que andámos mais de meia hora a correr atrás dele na capoeira, para o agarrar...

O corpo humano

O coração humano efectua aproximadamente 2 milhões e meio de pulsações num ano. Se não queres acreditar faz tu próprio as contas!

*

As glandulas salivares produzem 1 litro de saliva por dia. E' por isso que «a senhora assenhorada nunca sai á rua e está sempre molhada»...

*

Uma pessoa adulta consome 18.864 litros de ar em 24 horas. Já é vontade de viver.

Pensamentos que fazem pensar

E o nosso concurso relampago continua... continua, com assinalado êxito. Desta vez, o prémio de um livro coube ao nosso amigo José Carlos Rocha, de Lisboa, que nos mandou os seguintes pensamentos:

«E' preciso viver como se pensa sem o que, cedo ou tarde, acontecerá que se acaba por pensar como se vive».

(PAUL BOURGET)

«Não é o que nos acontece na vida o que importa. O que importa é a mancira como encaramos o que nos acontece».

(LOYD GEORGE)

«O melhor bem que se pode fazer aos pobres não é dar-lhes esmola. E' fazer com que possam viver sem recebê-la».

(FRANKLIM)

«À medida que a Humanidade ascende, os seus crimes são mais odiosos porque estão mais cercados de luz».

(ROMAIN ROLLAND)

Parabéns ao Carlos Rocha pela maneira criteriosa como escolheu os pensamentos. Qualquer deles exige de nós alguns minutos de meditação. Esse é o objectivo deste concurso.

Concurso da Semana

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 67: I — AS VOGAIS ESTÃO EM FÉRIAS: Mar, Galo, Dinamarca, Braga, Cervantes. II — GIGANTES DA HUMANIDADE: VICENTE VAN GOGH.

1. — Amigo n.º 14 — António José Coelho Peça (Leiria).

2. — Amigo n.º 1179 — José Carlos Ramalhete (Venda Nova).

3. — Amigo n. 1203 — José Pedro Tomás (Ericeira).

4. — Amigo n.º 1227 — Francisco Martins Ramos (Reguengos de Monsaraz).

5. — Amigo n.º 246 — Fernanda de Brito e Silva (Sintra).

6. — Amigo n.º 884 — José Maria David Vieira (Pardelhas).

7. — Amigo n.º 1156 — Eduardo Augusto Pedroso (Lisboa).

8. — Amigo n.º 1165 — Carlos A. Ferreira da Cruz (Caldas da Rainha).

9. — Amigo n.º 1180—Serafim Meneses Ferreira (Gaia).

10. — Amigo n.º 1197 — João Luís Almeida Costa Gomes (Lisboa).

11. — Amigo n.º 1190 — José Maria Lamy (Lisboa).

12. — Amigo n.º 1193 — Eduardo José Serralha (Santarém).

13. — Amigo n.º 1207—Judite Alice Dias Ferreira (Lisboa).

1 a 4 — «A CASA DO CANAL», por Georges Simenon Colecção «MINIATURA» — Livros do Brasil.

5. — «PORGI AND BESSE», por Du Rose Heyward — Colecção «MINIATURA».

6 a 9 — «HOTEL DO NORTE», por Eugéne Dabit — Colecção «MINIATURA».

10. — «HIROSHIMA», por John Hersey — Colecção «MINIATURA».

11 e 12 — «UM HOMEM NO JARDIM ZOOLÓGICO», por David Garnett — Colecção «MINIATURA».

13. — «Adeline Venician», por André Chanson — Colecção «MINIATURA».

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE VAN GOGH

14. — Amigo n.º 365 — Maria Guilhermina Claro Lobato (Barreiro).

14.—«TERRA BENDITA», por Pearl Buck e «HOTEL DO NORTE», por Eugene Dabit — duas edições LIVROS DO BRASIL, LDA.

CONCURSO

As vogais estão de férias

Descobre as vogais
que faltam em baixo
Se o fizeres, acho
que só ganhar vais...

De gente atulhada
ruidosa, indiscreta
vai de estrada em estrada
a CMNT

Caixinha de vidro
—prisão sem ter grade—
Eis se espalha, alegre,
a LTRCDD

Cai a bomba «A»
cidades dizima.
Não deixemos já
que haja outra HRCHM!

Vem? E' primavera
Vai? Frio avizinha.
A mim quem me dera
ser como a NDRNH!

Rosende e Florbela
Templo de outra idade.
Branca, Boa e Bela
eis VR, cidade.

Foi tão fácil, vês!
Se queres livros, lembro:
responde até três
do mês de Setembro.

Uma visita ao Colégio Moderno

Não há duvida de que um estabelecimento de ensino digno desse nome não pode hoje limitar-se unicamente a preparar os alunos para os exames. Evidentemente, não deve descurar essa tarefa, mas verá a sua missão singularmente diminuida se, ao mesmo tempo que prepara os alunos para o exame os não prepare também para a vida, isto é, se não despertar nele o amor pelo estudo, pelo trabalho, pelo desporto, pela arte.

Pode dizer-se que a actividade do Colégio Moderno que estamos visitando se exerce encarando cada aluno na sua totalidade humana. Autómatos? Não. Indivíduos que é preciso ajudar, educar, mas principalmente *compreender*. Entende-se, assim, que o Colégio Moderno não queira alunos para «salvar anos» — mas alunos para acompanhar e em que possa criar hábitos de trabalho, disciplina, curiosidade.

No Colégio Moderno trabalha-se — e vive-se. Trabalha-se a sério — pedindo-se a cada aluno o máximo rendimento e dando-lhes todas as condições para que esse rendimento encontre a máxima compensação. Mas nem só de trabalho vive o homem. E assim nos momentos de ócio os alunos praticam desporto (além de ginástica) para o que dispõem no Colégio de instalações apropriadas. Modalidades: futebol, basquetebol, voleibol, handebol, ténis de mesa.

Mas o trabalho e o futebol não bastam. Veremos, a seguir, outras actividades dos alunos do Colégio Moderno.

No colégio trabalha-se...

O grupo de futebol do colégio é orientado pelo internacional Fernando Caiado

ALMA SÃ EM CORPO LIMPO

XXIII — A MAIS BELA CRUZADA DE TODOS OS TEMPOS

A amizade de lord Scarlett foi muito grata para os dois amigos, pois passavam grande parte do seu tempo em agradáveis conversas sobre os grandes temas do asseio e da higiene. Lord Scarlett presidia a um grupo de eminentes cidadãos que se tinham imposto a nobre tarefa de luta contra a imundície, mãe da doença, das epidemias e a maior clientes da esfomeada Morte...

— No nosso peito—concluia lord Scarlett, depondo, por momentos, o copo de gin sobre o tampo de mármore preto da mesa — no nosso peito bate um coração de cruzados. Nós somos os cavaleiros da mais bela Cruzada de todos os tempos — a Cruzada do Asseio.

— Mas qual é a acção de V. Ex.ª, milord? — perguntou Max.

— Fazemos conferências, comícios, artigos, promovemos a construção de Banhos Publicos... Agora, por exemplo, estou a preparar uma resposta a um jornalista que se ocupa de questões de saude (um *health Writer*) num Magazine para senhoras. Recomendava este John Mistake, ás leitoras, no seu ultimo artigo *que nunca tomassem mais de um banho quente por mês*... Sabem porquê? Por causa do magnetismo! No parecer deste senhor os banhos fazem mal ao nervoso. Ao nervoso! Calcule! Ao nervoso! Isto é de *enervar* o mais pacifico dos cidadãos!...

Max, contagiado, disparou uma praga e ofereceu-se logo para trabalhar com lord Scarlett na mais bela Cruzada de todos os tempos.

Havia na semana seguinte um «meeting» (comício) onde milord discursaria, e os dois amigos foram convidados para ele.

— V. Ex.ª podia mesmo preparar uma conferência sobre os progressos do asseio, matéria em que é tão brilhantemente versado — sugeriu o nobre inglês, voltando-se para Max.

Escusado será dizer que o nosso amigo agarrou co mambas as mãos a oportunidade de colaborar numa bela causa. Foi consultar estatisticas e ficou espantado ao verificar que, *em virtude dos progressos científicos devidos a Chevreuil e Leblanc* (já mencionados no nosso ultimo folhetim), a produção de sabão passara, em Inglaterra, de 24.824 toneladas, em 1801, para 96.875 toneladas, em 1851. Estes numeros apenas referiam o sabão que pagara impostos, mas devia admitir-se que bastante mais se produzira sem ser manifestado ao fisco e que, por esta forma, entrava clandestinamente no mercado.

Nos países mais avançados, como a Inglaterra, os velhos e horrorosos métodos de lavar roupa — com urina, excrementos de animal, fel de boi, cinzas, etc. — davam o dobre de finados. O povo britanico que estava lutando para conquistar liberdades políticas, económicas e sociais, via chegada a hora de garantir também a *liberdade de ser asseado*. Melhorando as suas condições económicas (pois não compra sabão quem não tem dinheiro para comer), os progressos da ciência estavam inteiramente ao seu alcance.

Foi isto que Max afirmou no seu discurso e só nessa altura percebeu quanto vale a experiência... Na sua viagem através dos tempos ele vira o atraso, a opressão, o despotismo, a miséria, a ignorancia sempre ao lado da imundície. E vira a morte, as epidemias, as asquerosas deformidades físicas que resultam desta imundície. Vira, na Idade Média, os povos transformarem-se em hordas de ciganos que debandavam de terra em terra ante o negro hálito da peste. E a peste era filha da imundície, da superstição, da ignorancia...

O discurso de Max era patético e convincente; usava as palavras justas e verdadeiras porque bem compreendia e conhecia a grandeza da causa porque lutava.

No fim ovacionaram-no estrondosamente e o seu nome correu de boca em boca.

Nessa noite, Porter lembrou-lhe que ainda tinham muito que caminhar, que não poderiam ficar eternamente amarrados aquele final do século XIX. Perfeitamente de acordo, resolveram prosseguir na sua odisseia, essa noite mesmo, e Porter não fez mais do que folhear algumas páginas á grande história do homem.

Foi pequeno o salto. Agora os progressos são rápidos, já; em poucos anos as descobertas acumulam-se e em pouco tempo se modificam profundamente certos hábitos. Porter parou em 19000. Tinha alguma coisa que ver nesse ano e no ano seguinte. Nesse ano inaugurava-se em Inglaterra um grande melhoramento: a água encanada nas casas particulares. A arquitectura interna das ambições foi obrigada a modificar-se. Lentamente, claro, mas a passos firmes. Até então, na História da Humanidade, a *casa*, o *lar* apenas contara com a indispensável cozinha, com os indispensáveis quartos de dormir; nas moradias mais ricas era permitido o luxo de salões de festas e de visitas; não havia, porém, *casa de banho:* a casa de banho só foi possível quando surgiu a água corrente encanada.

HISTÓRIA E PRÉ-HISTÓRIA DO SABÃO

Quem grandemente lucrou com o progresso foi a *banheira de esmalte*, que, nascida em 1870, passara trinta anos a esconder-se pudibundamente atrás das portas, sem pouso fixo, levando afinal verdadeira vida de ladrão. Agora, encontrava residência e sossego na casa de banho, onde a fixaram duradouramente ao solo.

Sua forma modificou-se: estreitou e alongou para tornar o banho mais confortável.

Nesta data se pode dizer que o *banho a prestações* começou a ser assunto de risota para a gente mais avançada. O banho a prestações iniciava a sua entrada no Museu de Arte Antiga, juntamente com a bota de elástico...

Os senhorios que acabavam de construir uma casa diziam com orgulho que *ela tinha todos os requisitos modernos*... Queriam com isto significar que possuia água encanada e casa de banho.

No ano seguinte, em 1901, Porter mostrou ao amigo um novo e grande progresso na industria de saboaria: descobrira-se, com efeito a *hidrogenização* que tornava duros os óleos vegetais demasiado líquidos e doces. Este progresso, porém, só avançou no período de 1914-1918, isto é, durante um dos mais tristes acontecimentos da História humana: a Primeira Grande-Guerra mundial.

Mas os progressos da ciência e da técnica não pararam. Em 1925 obtinha-se um sabão em pó muito homogéneo e com maior poder detergente. Finalmente em 1940 inventava-se o método de hidrólise das gorduras, o que permitia produzir melhores sabões a preços mais baratos.

(Continua no próximo numero)

NOTA: no folhetim anterior onde leram carbonato de cálcio, devem ler carbonato de sódio. Perdoem esta gralha.

A época dos grandes comícios

—Grande época é esta já! — pode muito bem exclamar o nosso Prezado e Ilustre e Viajadíssimo Amigo Max.

*

Na realidade, assim é. Finalmente, passados milhares de anos de sofrimento através da História da imundície, para conseguir fazer a História da Limpeza — surge uma época em que honestos cidadãos de ambos os sexos resolvem propagandear os benefícios da Limpeza.

Mas o mais curioso é que um grande escritor português foi também um devotado propagandista do asseio, entre nós.

*

Os nossos leitores podem ler o que ele escreveu na sua célebre obra — «As Farpas».

Já adivinharam? Pois claro; foi Ramalho Ortigão.

Nesse tempo já em Portugal havia razões para se falar em Asseio. A Companhia União Fabril começara o seu fabrico de sabão, e sem sabão não há limpeza...

*

Mantendo as suas tradições, a Companhia União Fabril tem muito prazer em oferecer aos jovens portugueses esta célebre história e Pré-História do Sabão.

NOTAS DE LEITURA

Já repararam, caros amigos, nesta coisa curiosa? Nós conhecemos uma aldeia, uma rua, um homem, temos de tudo isso uma ideia nitida, tão nítida como um retrato. E que acontece? Acontece que acabamos por fazer o que faz a máquina fotográfica: tiramos um «retrato» á aldeia, á rua, ao homem e julgamos que a imagem que nos fica na memória é imutável... De repente, surge o inesperado: os tempos rodam, as coisas transformam-se, bem como as pessoas, e ao darmos por isso ficamos muito admirados.

Naquela aldeiazinha da Prussia Oriental os habitantes supunham ter um retrato certo e definitivo do meio em que viviam: conheciam-se familiarmente, sabiam das «manhas» um dos outros e viviam tranquilos assim mesmo. Sabiam também que o proprietário Leberecht era práticamente o «dono» de todos eles — trabalhadores, pequenos proprietários, o taberneiro, o padre, o professor. Embora a opressão seja sempre repulsiva — a opressão de Leberecht ainda era feita de promiscuidade com todos os aldeãos, ainda guardava qualquer coisa de patriarcal (sobretudo quando não aparecia ninguém a contestá-la...).

Ora neste quadro de vida primitivo cometeu-se um crime. Ou seria desastre? Ou morte subita? Parece difícil descobri-lo desde logo, tanto mais que crime, desastre ou morte subita — o acontecimento não veio perturbar a paz podre da aldeia. Só mais tarde tudo se começou a transformar.

O nazismo estendeu um tentáculo até áquela aldeia. Mas o nazismo precisava de funcionários — vários chefes de todas as formas e fitios. Então entre os aldeãos, que se «tratam por tu», acende-se a mais voraz das cobiças. Todos pretendem os lugares de mando e Leberecht, que apadrinhara a fundação da secção local do Partido, acaba por dizer com os seus botões:

— Este Partido! Que sentina! É muito capaz de introduzir a desordem entre os meus melhores homens.

E introduziu mesmo. O Nacional Socialismo surgia, na realidade, coma uma visão sofismada do mundo, despertando nos homens a cobiça, até ao ponto de os tornar polícias uns dos outros. Depois dava-lhes frases feitas, que eles não compreendiam — «A Alemanha com letras maiusculas», «as questões raciais e o tratamento a impôr ás raças inferiores», etc.

No fundo, ao repeti-las, os homens apenas tinham em mente «assegurar-se dos lugares e conservá-los». Quando o professor apresenta ao chefe de grupo, o estalajadeiro, os «seus» planos pedagógicos — este, rindo-se da iniciativa individual, proclama:

— Os seus planos pode metê-los no guano. A sua tarefa já está fixada. Aqueles embrulhos são para si. Contém impressos, folhetos. Distribua-os o mais depressa possível.

O professor sai ajoujado com o peso dos impressos. O Sol queima. O suor cobre-lhe a testa. Só com dificuldade levanta os pés. Surge o honrado sargento Thiele a auxiliá-lo:

— Com mil diabos, isto é pesado! — exclama este. — É material de construção?

— Mais ou menos — replica o professor, tentando sorrir e enxugando a testa. — É com isto que vamos refazer o Mundo.

*

Eis uma parte da história do curiosíssimo livro de Hans Kirst — «Deus dorme em Masuria». Romance de costumes, em que a tragédia se transformou em farsa — dá-nos uma visão ridícula do que foi, numa pacata aldeia, o nascer e esbracejar de um triste acontecimento que tão sangrentas consequências teve nos cinco continentes (Guerra 1939-1945). Consequências nas quais a juventude de tantos países foi a mais atingida. Que teria sido, na verdade, o futuro do jovem que, neste romance, procura o «seu» caminho na vida?

Eis um livro que faz meditar, e salutarmente. (Para maiores de 17 anos).

AUGUSTO DA COSTA DIAS

«Deus dorme em Masuria», por Hans Helmut Kirst, Publicações Europa-América, Colecção «Século XX».

Curso elementar de estenografia

Por Natália da Fonseca

Tradução

1) — Tenho muito prazer em ensinar-te agora um som importante dentro do nosso estudo. Trata-se do som «ANDO». Aqui está.

ANDO

O seu traçado é ascendente, esquerda-direita. Eis aqui algumas palavras em que entra o som *ando:*

Quando, remendo, acendo, acendendo, aprender, findar, mundial, serenando, lindamente, mando-te, arrendamento, tornando, sondar, mandarim, colhendo.

2) — *Representação Fonética:*

And, end, ind, ond, und
Ando, endo, indo, ondo, undo
Andio, endio, indio, ondio, undio
Andro, endro, indro, ondro, undro
Andrio, endrio, indrio, ondrio, undrio.

3 — Correcção do exercício do Juvenil 64:

Ó barco tinha uma rota. Ia pelo mar em furia e não tornou trás. Tratou de seguir adiante. Este facto foi muito falado em quase todos os sítios da Terra.

*

Palavras que devem estenografar em casa:

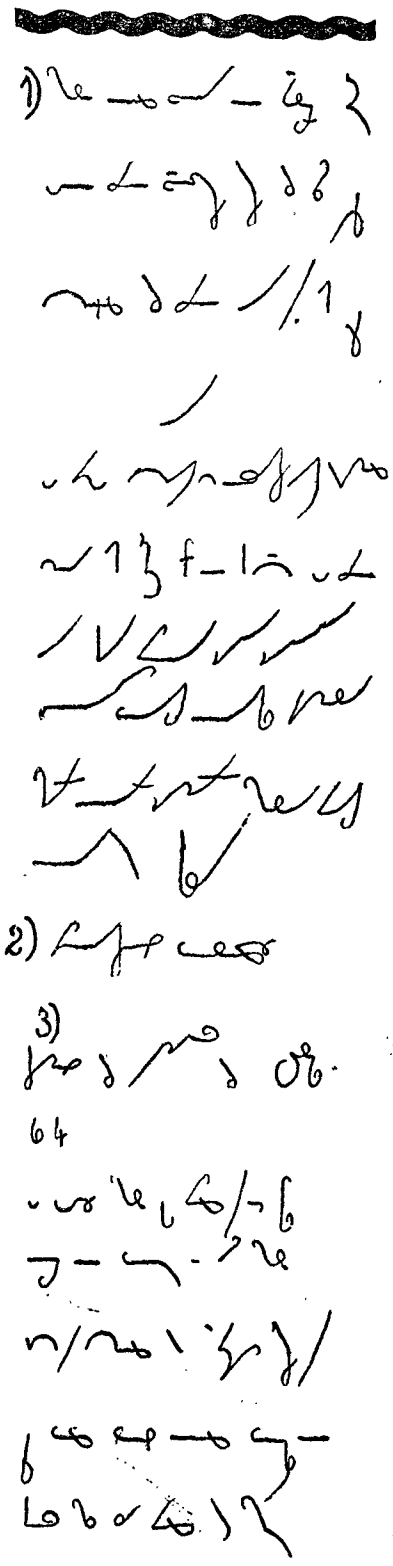
Renda, estrondo, ofender, entender, ensinando, mandar, compêndio, desprendimento, trocando, lindo, encomenda.

E ainda as frases, em que os sons já vão divididos:

Q(u(ando/ estes/ cl(i)entes/ est avam/ p(e)d indo/ a/ en c o m enda/ v e i o/ o/ em pr(e) g ado/ c o r(r) endo/ a/ d(i) z(e) r/ q(ue)/ ele/ est ava/ ch(e) g ando/.

O/ a m o r/ d a/ P átria/ a c ende/ n ovas/ c ores/ d isse/ o/ p(o) eta/.

E até sábado, meus amigos.



Coloboração dos leitores

Um dos grandes motivos de justificado orgulho do nosso JUVENIL é este: dar aos nossos leitores e Amigos dedicados possibilidade de verem os seus trabalhos publicados e reconhecido o seu valor literário. Neste numero, por exemplo, pode ler-se colaboração de vários Amigos que merecem, amplamente, essa honra.

Pois bem, Amigos! Ficamos aguardando poesias, contos, artigos (não ultrapassando 600-700 palavras) de vossa autoria. NÃO É NECESSÁRIO DACTILOGRAFAR. Se o merecerem, publicá-los-emos.

Eduquemos o nosso filho!

Criemos nos nossos filhos o gosto pelo arranjo

Sabe falar aos seus filhos?

Tem grande importancia a maneira como se fala ás crianças. Elas são muito sugestionáveis e retêm com facilidade as noções que lhes fornecemos, principalmente se estão de acordo com as suas tendências. Assim, se insinuarmos o mal encaminhamo-las para o mal, e se insinuarmos o bem encaminhamo-las para o bem. Por isso não devemos dizer a uma criança:

— Tu já não gostas de mim...

— Eu já sei que, em voltando as costas, pões tudo do avesso...

Devemos, antes, dizer:

— Eu sei que és muito meu amiguinho, mas não pensaste bem no que disseste...

— Confio em ti. Tenho a certeza de que, em voltando, encontro tudo arrumadinho...

Do mesmo modo, não se deve dizer diante da criança:

— Coitada, ela não tem culpa, é muito nervosa...

— É tal qual como eu: nunca pude tolerar a aritmética...

Deve dizer-se:

— Ainda não sabe dominar-se. Mas, como é muito ajuizado e valente, obrigará os nervos a obedecer.

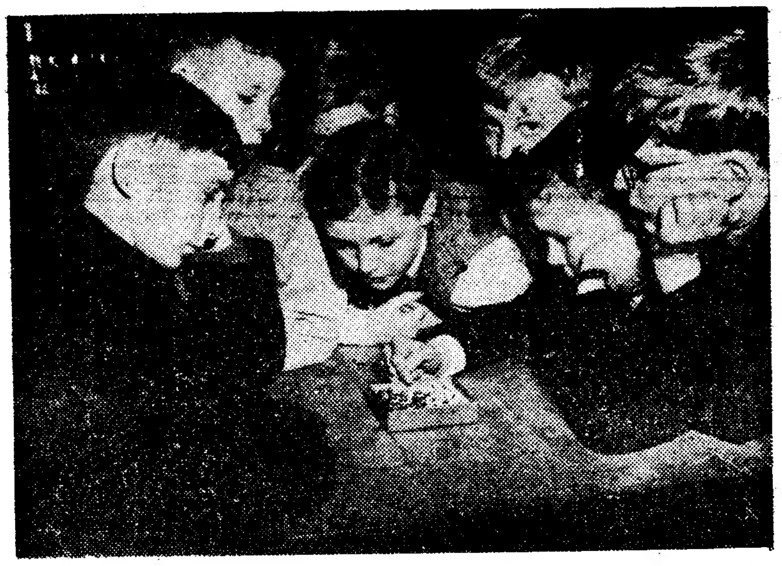
— Quando eu era pequena não simpatizava muito com a aritmética. Mas estudava, que remédio... Não queria ficar burrinha! E acabei por gostar.

Educar uma criança é, ao mesmo tempo, tão fácil e tão difícil, que a cada passo encontramos mães que, com a maior naturalidade, fácilmente, fazem de seus filhos crianças encantadoras e disciplinadas, e mães que, embora cheias de boa vontade, não conseguem corrigir e até exacerbam os naturais defeitos dos seus pequerruchos, que acabam por se tornar, tantas vezes, criaturinhas birrentas e insuportáveis.

Bem sabemos que as crianças não são todas igualmente moldáveis; mas o que observamos prova que nem todas as mulheres estão aptas a ser boas educadoras; nem todas possuem, a par de uma perfeita intuição, o conhecimento dos processos a empregar em cada caso.

Cada criança é um problema a estudar e a resolver. Para cultivar ou combater uma tendência boa ou má, tem de se empregar um método para esta e outro para aquela, segundo o seu temperamento e restantes defeitos ou qualidades. Não é possível, pois, estabelecer regras inflexíveis: a atitude da mãe, as suas resoluções, devem ser ditadas pelo conhecimento da personalidade do filho. Só assim a mãe poderá agir em benefício da criança, e não em seu prejuizo.

Quando a criança ainda é muito pequena, e portanto não a podemos levar pela razão, a melhor maneira de combater um defeito é não lhe chamar a atenção para esse defeito mas sim para a qualidade que pretendemos incutir-lhe. Por exemplo: — A menina é desarrumada. Que fazer? Levá-la, com ralhetes e açoites, a perder o mau hábito, constantemente lembrado, de deixar tudo por todos os lados? Não. Cultivar o prazer do arranjo, pela beleza. E' evidente que nos agrada mais, é mais bonito o arranjo, do que o desalinho. Ensine-se a criança, o mais cedo possível, a distinguir o bonito do feio: ela prefere o bonito. Mostremos-lhe que os objectos dispostos com graça ou bem arrumados nos encantam — e que, amontoados ou atirados a trouxe-mouxe para qualquer parte, nos desagradam; que e feio uma cadeira carregada de roupa ou de bugigangas — e que é bonito a cadeira liberta de roupas ou bugigangas dispostas ordenadamente nos seus lugares. Depois, pouco a pouco, ela irá compreendendo, pela prática, sem grandes discursos, outras vantagens do arranjo: facilidade de limpeza e de arrumação, de se encontrar o que se procura, etc. E assim, sem castigos, nem ralhos, nem amuos, antes com prazer para todos, se conseguirá pôr fim a um mau costume.



O que estão olhando estes rapazinhos com tão grande atenção? Um pequeno tabuleiro de xadrez. Existe em Londres a Liga Escolar de Xadrez, que organiza campeonatos entre estudantes. A gravura mostra os mais jovens competidores após uma jogada, no Centro Nacional de Xadrez

Cada criança tem o seu modo de ser

O que a figura publicada no jornal do dia 2 do corrente representa é uma cena tão frequente como contraproducente. O facto de se obrigar as crianças que temem o mar a entrar por ele pode trazer grandes problemas psíquicos e até mesmo complexos. Muitos pais, infelizmente, julgam-se dominadores dos filhos, não lhes admitindo uma certa... vamos lá, personalidade.

Cada criança tem o seu modo de ser e um conjunto de característicos que determinam os seus actos, portanto o receio do mar pode ser lógico e natural. Este temor, como aliás qualquer outro, não pode ser vencido pela força nem pela imposição, muito pelo contrário, deve-se aproveitar alguma oportunidade que a criança dê ou então mostrar-lhe ou ainda contar-lhe casos que provem que, com certa cautela e debaixo dos olhares do banheiro, o mar não é perigoso. Deve-se-lhe dizer ainda quais os benefícios trazidos pelo banho do mar além do prazer e sensação de frescura que nos dá em dias tão escaldantes como os que decorrem em pleno Verão. Como precaução: nunca consentir que alguém conte histórias trágicas passadas no mar em presença de tais crianças, pois isto só lhes aumentará mais medo ainda, e até mesmo desconfiança pelo adulto que a quer levar, desconfiança essa que se estenderá a outros assuntos e levará a criança a descrer no adulto. E' necessário sempre o maior cuidado na conduta para com a criança, porque qualquer facto, em qualquer assunto, pode alcançar outros factos nou tros assuntos totalmente diferentes mas onde a confiança do menor pelo maior será atingida. A criança vê o adulto como um ser infalível, omnisciente e verdadeiro; de modo que quando descobre que qualquer destas qualidades falha, fica desiludida e desconfiada.

Tanto a psicologia como a pedagogia infantis estão e estarão em constante estudo, porque tanto o estudo da criança como, por conseguinte, a maneira de a educar, nunca estarão completos; há sempre algo de novo a descobrir e a aperfeiçoar.

Mas, afastei-me do assunto; voltemos a ele. Tudo aquilo que disse atrás contribuirá para o progresso da criança e a pouco e pouco ela irá perdendo o medo e assim posta á vontade começará a sentir prazer em «brincar com o mar». Outro ponto a frisar é o de molhar a criança de surpresa. O sermos molhados desprevenidamente dá-nos sempre uma sensação desagradável e tal sensação só agravará o mal. O uso de uma boia dará maior confiança, desde o momento que se demonstre experimentalmente á criança a propriedade que ela tem de se manter á superfície.

Quando o horror da criança pelo mar é grande e não se consegue vencer assim, então é de aconselhar a ida para uma piscina de crianças, onde o receio desaparecerá. Distraindo-se com outras crianças passar-lhe-á despercebido que está dentro de água e assim se irá habituando a ela e já talvez lhe não seja tão difícil entrar para o mar.

Oxalá no nosso País se desenvolva, mais do que até aqui, a grande ciência que é a Pedagogia. Deus queira que as educadoras da Infancia desempenhem o seu papel com os olhos postos na perfeição, e nunca esqueçam que as crianças de hoje serão os homens de amanhã e que a Pátria valerá o que eles valerem.

MARIA EDUARDA PINTO CASCALS

Concurso-relâmpago da boa educadora

V

Olhe esta gravura, leitora. Ela representa um grave erro educativo, infelizmente muito vulgar. Que erro? Diga-nos tudo o que ele lhe sugere e qual é, em sua opinião, a maneira correcta de proceder. Escreva o seu nome e indique a sua morada. Querendo, acrescente um pseudónimo. Envie, até ao próximo dia 1 de Setembro para «Diário de Lisboa — Magazine — Página: Eduquemos o nosso filho — Rua Luz Soriano, 44, Lisboa». O melhor trabalho será publicado nesta página e a sua autora receberá, como lembrança, uma assinatura da revista «Os Nossos Filhos».

A melhor solução do segundo problema

Também desta vez resolvemos atribuir dois prémios em vez de um: duas assinaturas da revista «Os Nossos Filhos», uma á sr.ª D. Laura Pedroso, da Venda do Pinheiro, e outra á sr.ª D. Maria Eduarda Pinto Cascaes, de Lisboa. Os nossos parabens.

Caixa do correio

LUCIA MARIA: Para este concurso não há limite de idade; portanto, pode mandar as suas opiniões sempre que queira. Até nos dá grande prazer saber que as raparigas se interessam por estes problemas educativos.

MARIA ALINE SERRÃO ASSIS SANTOS: Gostaríamos que continuasse a mandar-nos as suas opiniões. Desta vez o seu trabalho ficou em terceiro lugar. Nessa região há ainda muito a fazer pelas crianças, não é verdade? Escreva-nos, mande-nos os seus comentários e sugestões. Trabalhar pela criança, é uma das tarefas mais urgentes e mais gratas para todos nós.

DORA DA CONCEIÇÃO PEREIRA: A sua resposta está certa. Esperamos que continue a escrever-nos. Esqueceu-se de mandar a sua direcção, o que é indispensável.

O menino tem medo do mar

Olhando a gravura que documenta o segundo caso do «Concurso da Boa Educadora», perpassam nítidamente pelo meu pensamento inumeros casos de adultos obrigando as crianças a entrar no mar, a que tenho assistido quando vou para a praia com meus filhos. E não posso dizer que eram apenas pessoas do povo as que vi praticar tal erro: os «palecos» na Nazaré, o «povo miudo» na linha de Carcavelos, os «saloios» na Ericeira; mas, também, em qualquer destas praias os «passeantes de domingo», aqueles que têm automóvel e almoçam na esplanada e os veraneantes. E, em alguns casos, não pude deixar de intervir, recebendo as mais das vezes senão palavras rudes, sorrisos divertidos, incrédulos e irónicos.

Na verdade, confrange o pavor que essas crianças mostram quando são arrastadas para o mar e banhadas repetidas vezes, mergulhadas até perderem o fôlego, saciando um prazer quase sádico do adulto. Este ri-se pelo facto brutal que pratica, ignorando que está provocando gravissimas lesões nervosas e psicológicas na criança vítima.

A praia tem uma dupla utilidade para a criança: física e psicológica. Toda a criança em condições normais de saude deveria todos os anos receber ares marítimos durante algum tempo. O ar iodado fortifica-a, tonifica-lhe os brônquios, os raios solares incidindo directamente sobre a pele robustece-a, combate o raquitismo, favorece o aparecimento dos dentes nos mais pequeninos e (coisa maravilhosa!) diminui a frequência das constipações e bronquites durante o Inverno.

A utilidade psicológica e sensorial é bem visível para quem as observe nas praias e, até, durante a viagem: mal lobrigam o mar ao longe, ainda dentro dos comboios ou camionetas, logo elas gritam entusiasmadas e alegres: — «O mar! Olha o mar!». A água, a areia, a liberdade de movimentos, a possibilidade de muitos companheiros de brincadeiras, dão-lhes uma alegria e um bem-estar extraordinários. As mãozitas habilidosas objectivando o espírito imaginativo e a aplicação de cada um, constroem desde os simples bolos ás mais arrojadas construções. Os baldes cheios de água regam o longo da praia e os próprios corpos. Rastejam na areia, rebolam-se, banham-se, no rebentar das ondas, pulam, riem, gritam, sem que ouçam um «Cala-te, menino!», «Que estás fazendo?», «Cuidado não te sujes!».

E depois é a imensidade do mar e o mistério dessa imensidade para a sua inteligência a desabrochar. «Onde nasce o mar, mãezinha?», «O que são as ondas?», «e aquela espuma branca?», «como nascem as rochas?», «mas donde vem tanta água?». E o seu espírito mal concebe que venha dos rios como aquele que ela conhece descendo estreito e com tão pouca água por entre os montes, perto da terra ondevive, ou do passeio que deu uma vez ao campo. «E porque é que o mar é verde?». «E aquele barco ao longe, porque se vê tão pequenino?», «O que é que ele leva?». Uma imensidade de perguntas, uma avidez de conhecimentos quase tão grande como a imensidade do mar.

Mas uma coisa é a criança procurar voluntáriamente estes folguedos, outra é obrigarem-na a entrar na água. A primeira actividade é util, a segunda é nociva, gravemente nociva, como toda e qualquer actividade imposta pela coacção. Se a criança quiser banhar-se ou simplesmente brincar no mar, deixá-la ir, atendendo no entanto ao numero de banhos e ao tempo a estar na água, conforme a sua idade e a sua robustez. A criança não deve estar muito tempo dentro de água e ao sair deve imediatamente enxugar-se e mudar de roupa, pois quase sempre vem arroxeada e tremente de frio.

Mas nunca se deve obrigar, nem sequer a molhar os pés. Pois neste caso a utilidade da estadia na praia redunda em prejuizo. A grandeza do mar, a sua força, o seu movimento contínuo, assustam-na, não lhe dão segurança. Elas conhecem apenas a «grandeza» água dentro da banheira, alguidar ou selha, apenas agitada pelas suas mãos, apercebem-se dos seus limites. Na praia, não: a água é «muito grande» e misteriosa... Como poderá a criança ir para ela fácilmente? «Nem pela mão dos pais, nem ao colo!». Não e não! Neste caso, não forçar. A criança deve ir voluntáriamente para o mar. Ela irá um dia. Ao segundo, ao terceiro, ao quarto ou ao quinto: Mas ela irá. Quando começar a sua vida de relação, ela entusiasmar-se-á com os outros pequenitos e, sem dar por isso, irá com eles.

LAURA PEDROSO

As crianças e os ruidos

Defenda os seus filhos dos ruidos fortes, que tanto prejudicam a saude. O esforço constante e inconsciente que se faz quando se trabalha física ou mentalmente no meio de ruidos fortes, faz com que o sistema nervoso se debilite e provoca a neurastenia.

O trabalho mental perturbado pelo barulho efectua-se muito dificilmente; quando reina o silêncio a produção é muito superior. É principalmente sobre o organismo das crianças que os ruidos fortes actuam da maneira mais desfavorável: os médicos têm demonstrado que, muitas vezes, eles são a causa da falta de crescimento normal.

Já vêem as mães que temos razão para as aconselhar a que defendam os seus filhos dos ruidos fortes.

As mães devem ser prudentes e previdentes: afastar os perigos que os filhos podem correr, guiá-los pelo caminho melhor e mais seguro. Mas isto não significa torná-los timoratos, envolvê-los numa atmosfera de constantes receios, privá-los das iniciativas e das brincadeiras próprias das suas idades. Eles aprenderão a nadar, a patinar, a andar de bicicleta, a montar a cavalo, etc. A mãe não deve privá-los destas alegrias sãs que os tornarão robustos, ágeis, decididos, e lhes ensinarão a conhecer e a evitar os perigos. A melhor maneira de os proteger, é justamente ensiná-los a ser prudentes e fortes.

SABA COMER SABA COMER

As fontes de vitaminas...

são inesgotáveis e estão ao nosso alcance

A preocupação das avitaminoses, torna-se um pesadelo. O filho está pálido? — Falta de vitaminas. O marido está rabujento? certamente qualquer avitaminose. Doi-lhe a cabeça? Não há que ver, as vitaminas faltam.

Coitada de si, pobre senhora, com esse fantasma ás costas! Mas não exagere. Deixe os charlatães de ocasião e as suas panaceias. Ouça o médico. Mas não lhe faz mal nenhum, se estiver informada qual o papel de certas vitaminas e quais as suas fontes. Assim ajudará o médico.

Todas elas são necessárias á saude, ainda que cada uma tenha um papel determinado no organismo.

Assim, a vitamina A favorece o crescimento, a resistência ás doenças e é boa para a vista. A B1, abre o apetite e assegura o equilíbrio nervoso. A C, assegura a estabilidade sanguínea e favorece a destruição das toxinas. A B2, favorece o equilíbrio nutritivo. A D, fixa o cálcio, favorável aos ossos e é anti-raquítica. A E, salutar ao equilíbrio nervoso e muscular e é indispensável durante a gravidez.

Ora, vejamos agora, quais as fontes destes preciosos elementos, e que estão ao nosso alcance:

O pão completo, os frutos frescos e o germe de trigo são as principais fontes de vitaminas. O limão e a salsa são altamente vitaminados — eis porque devem ter largo consumo na cozinha. Mas há mais: A vitamina C, encontra-se no alho, nas cerejas, na mioleira de porco, nas cantanhas, na chicória, na couve (Bruxelas, couve-flor e portuguesa), no limão, nos espinafres, no fígado de vaca, carneiro e vitela, nos morangos, nas avelãs, nozes, nas laranjas e tangerinas, nos pimentos, na maçã, na soja, no salmão e no atum, no tomate, no aipo. A vitamina A, encontra-se na manteiga, na cenoura, na chicória, nos espina-

fres, nos ovos, nos pimentos, na soja, no óleo de fígado de bacalhau e no aipo. A vitamina D, encontra-se na mioleira de vitela, no coração de vitela, e no óleo de fígado de bacalhau. A vitamina E, no fígado de vaca, no germe do trigo, no pão completo. A vitamina B2, no fígado de vaca e de vitela, no germe do frigo, na levedura da cerveja, na soja, na carne de porco. A B1, no germe do trigo, no pão completo, na soja, na carne de frango. Finalmente a vitamina B4, encontra-se na levedura da cerveja.

Por aqui se vê como é, relativamente fácil, organizar as ementas de acordo com as necessidades vitamínicas. Se há elementos que, pelo seu elevado custo, se tornam inacessíveis a muitas bolsas, á, contudo, alguns que estão ao alcance de todos os orçamentos. E' uma questão de organização da dona casa; uma vez por semana, poderá pensar no que irá fazer durante toda a semana, intercalando os alimentos que mais lhe interessam. Pregado este quadro na cozinha, a criada nada mais fará que consultá-lo. Claro que um dos alimentos mais completos é o leite, cujo custo não deixa duvida sobre a modicidade do seu consumo; e para as crianças ele é indispensável, tão indispensável que trataremos dele, próximamente, em artigo aparte.

A utensilhagem da cozinha de urgência

E' um erro procurar material ordinário com a desculpa de que é mais barato. Os utensílios culinários de primeira qualidade representam considerável economia, pois que duram uma vida inteira. A dona de casa engana-se se pensa que o «trem de cozinha» das suas avós é um bem. Se bem se lembram, havia muitas peças que jamais tiveram outra utilidade que não fosse dar trabalho á cozinheira para que se apresentassem brilhantes. Fora com as peças inuteis, minha senhora. Pouco, mas bom, deve ser o seu lema.

Há dois elementos importantissimos para a cozinheira de urgência: a panela de pressão e o misturador eléctrico. E certo que o seu custo assusta um pouco, sobretudo porque me dirijo ás mulheres empregadas. Mas o processo de vendas a prestações vem auxiliar muito a sua compra com um dispêndio mensal que depressa está coberto pela economia de tempo e de combustível. Quais os inconvenientes que apresentam? O misturador só tem vantagens. Sózinho, moi, corta, mistura e esmaga enquanto a dona de casa se entretem noutro lavor. A panela destroi as vitaminas, como é voz corrente? Em certa medida, apenas. Porque a cozedura longe do oxigénio do ar só traz benefícios; e a perda das vitaminas poderá fácilmente ser compensada com o uso do limão, do vinagre de vinho, da salsa, a manteiga crua, as saladas verdes... e pronto, aí tem as vitaminas. E veja só quanto tempo poupou na confecção do seu jantar.

Se puder adquirir um frigorífico, mesmo com esforços de todo o género, então verá o geitão que os restos fazem, quando nada temos para o almoço ou o jantar, quando está indisposta ou se tem o marido na cama, constantemente a chamar por si, não lhe deixando tempo livre para a cozinha.

Numa mesa de rodas poderá colocar tudo o necessário para a refeição seguinte: os pratos, o pão, o vinho, a fruta, os guardanapos, a água, etc., até o pratinho com os temperos... e verá quanta fadiga poupada!

Com a panela de pressão o chamado trem de cozinha pode ser reduzido a:

Duas frigideiras, de tamanhos diferentes para a carne e ovos e outra para o peixe; poderá também possuir uma das pequeninas para os crepes.

Uma grelha, uma caçarola, se possível de fundo duplo, um copo graduado, um batedor de ovos, se não possui o misturador electrico; facas e tesouras bem afiadas, uma concha para os líquidos e uma escumadeira, caixas plásticas para as ervas e as especiarias, uma forma de fundo móvel para as massas, uma tábua para preparação das carnes e pronto, está equipada para a «Cozinha de Urgência».

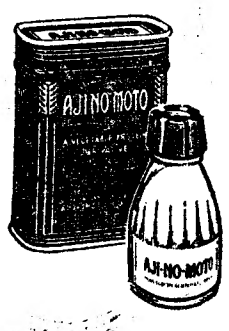
Mãos á obra, e verá o seu marido contente e com apetite...

A virtude é comer pouco e bom — 2

Não guarde para amanhã...

O LEITOR pode não ir ao cinema ou ao teatro todos os dias. E com certeza não vai mesmo. Também não corta todos os dias o cabelo... Como estas, milhentas coisas há que não faz todos os dias. No entanto, que sucede com o comer? Sucede que o LEITOR além de comer todos os dias, come várias vezes ao dia.

ISTO NÃO significa, evidentemente, que viva para comer. O contrário é que está certo. Mas



por isso mesmo porque se alimenta sòbriamente, sem gula — o LEITOR gosta que as coisas lhe saibam bem.

É POR ESSA razão que não dispensa o sal na comida. O sal tem tanta importancia que até invadiu a nossa linguagem diária. Diz-se de alguém sem graça, sem vida — que é um pãozinho sem sal. *Aquilo que possui graça, humor, finura — consideramos nós que* tem sal.

MAS O SAL não basta para tornar uma refeição agradável. O sal apenas tempera. Não melhora o prato que não está apetitoso e a prova é que mesmo com sal, a comida pode não lhe agradar...

PORQUÊ? Porque a essa comida falta Aji-No-Moto, a maior descoberta nos domínios do paladar, logo a seguir ao sal.

AJI-NO-MOTO não é um tempêro, mas um produto vegetal purissimo (extraido sobretudo do trigo) que tem a seguinte acção:

Estimula as papilas gustativas e desta forma consegue que o peixe, a carne, os vegetais adquiram para nós todo o sabor e aroma.

EXPERIMENTE uma vez — e depois será para sempre.

AJI-NO-MOTO é tão necessário á comida como o sal. Da mesma forma que não dispensa este, também nunca mais dispensará.

AJI-NO-MOTO®

100 % DE PALADAR — 100 % DE GOSTO NA VIDA

Sim ou não?

A luta contra os preconceitos foi encetada, e em boa hora o foi, pela dietética, que se tornou, nos ultimos anos, uma ciência precisa e eficaz. Vamos hoje submeter ao nosso tribunal dietista mais seis alimentos, acusados de bons e de maus. Com razão? Sem razão? Têm a palavra os juizes.

1. — AS OSTRAS NÃO SÃO UM BOM ALIMENTO?

Sim. Uma duzia ou duzia e meia de ostras equivalem, aproximadamente, a 100 gramas de carne, no ponto de vista nutritivo. Por aqui se vê, portanto, que elas são um dos alimentos mais ricos que temos ao nosso alcance. As ostras são um dos raros alimentos quase completos, contêm proteinas, quase todas as vitaminas (em especial a vitamina C) e, além disto, que é já bastante, são ricas em oligo-elementos (em particular o cobre). Como todos sabem, os oligo-elementos embora entrem em pequeníssimas doses, são indispensáveis ao equilíbrio metabólico.

2. — OS COGUMELOS SÃO TÃO BONS QUE SUBSTITUEM A CARNE?

Não. Nos países em guerra, na França, por exemplo, em que havia o máximo interesse em completar as refeições pobres em carne, procurava-se o uso dos cogumelos, pelas proteinas que contêm. Mas não quer isto dizer que sejam tão bons como a carne, apesar de representarem uma interessante fonte de vitaminas e minerais.

3. — A CARNE É MELHOR ALIMENTO QUE O PEIXE?

Não. 100 gramas de peixe equivalem mais ou menos a 100 gramas de carne, pois a constituição de ambos os alimentos é semelhante. A carne contém um pouco mais de ferro e um mais elevado poder calorífico. Mas o peixe é uma fonte de iodo e possui uma mais extensa gama de vitaminas. Claro que é, por isto mesmo, do mais àlto interesse, alternar os dois tipos de alimentos, para uma alimentação completa.

4. — O LEITE É UM CONTRA-VENENO?

Sim, mas em certos casos de envenenamento, em especial nos provocados por minerais como o chumbo. É esta a razão porque se manda que os operários de certas industrias (impressão, fábrica de acumuladores, etc.), bebam, diáriamente uma certa ração de leite. Não é, pois, demasiado lembrar quanto esta bebida deveria ser usada em larga escala entre nós que tão pouco consumo damos.

5. — O QUEIJO FERMENTADO É MAU PARA AS CRIANÇAS?

Não. Mas os queijos frescos, de boa origem claro está, devem ser preferidos, porque são bem mais ricos em frementos lacticos.

6. — O VINHO TINTO É INDISPENSÁVEL AOS TRABALHADORES QUE DESPENDEM MUITA FORÇA?

Não. O vinho não é necessário. Mas pode ser considerado uma bebida sã, se for vinho natural, e se for, principalmente usado com moderação. No entanto, no sentido de força não é de modo nenhum um «alimento forte». O vinho não funciona como fonte de calorias directamente utilizáveis para o trabalho, mas apenas age como excitante neuro-muscular. E neste ultimo ponto de vista, os vinhos tintos parecem superiores aos brancos.

Os molhos são um bom auxiliar da cozinha de urgência; modificam o aspecto e o sabor de um prato que se comeu ao almoço ou na véspera e faz tanto jeito aproveitar, quando não houve tempo para mais. E além disso, a economia é um princípio a que hoje temos de dar um lugar de destaque. Comecemos por pensar «que no poupar é que está o ganho». E usemos molhos, molhos variados e apetitosos...

MOLHO COM ANCHOVAS

2 colheres de pasta de anchovas, 2 gemas de ovos, uma pitada de sal, 1 colher das de sopa de vinagre e 4 colheres das de sopa de anchovas.

Desfazer a pasta de anchovas com o vinagre; deitar-lhe dentro as gemas e bater; deitar os restantes ingredientes e bater bem.

MOLHO UTIL

(Bom para temperar peixe frio, restos de carne assada, cabeça de vitela, língua, etc.)

4 colheres das de sopa de azeite, 2 colheres das de sopa de vinagre, 1 colher das de sopa de vinho branco, 1 colher das de sopa de caldo de carne, 1 gema de ovo cozida, 1 clara de ovo cozida, 1 colher das de café de sal e 1 colher das de café de ervas aromáticas finamente cortadas.

Cozer um ovo; separar a clara da gema; esmagar as ervas—e pôr tudo numa terrina. Pôr o sal, o vinagre e o vinho, o azeite e o caldo; misturar tudo bem e bater durante uns minutos.

Se servir com cabeça de vitela ou carne assada, aquecer o molho de forma a impregnar-se na carne.

LAVAR NÃO CUSTA
O QUE CUSTA É SABER LAVAR!

A segunda operação da lavagem de roupa

NA LIÇÃO anterior dissemos-lhe, minha Senhora, o que deveria fazer para começar uma boa lavagem de roupa se utilizasse uma máquina lavadeira. Referimo-nos, portanto, á primeira operação de lavagem. A segunda, de que hoje trataremos, é tão importante como a primeira, porque, repare, o Sabão Activado C. U. F. não corrige os erros de lavagem. O que deverá, pois, fazer nesta segunda operação?

MUITO SIMPLES: uma vez que a água deixou de fazer espuma, quer dizer que ela passou a estar imprópria para servir. Vamos então deitá-la fora. E encetemos agora a segunda operação de lavagem.

1.º — Volte a encher a máquina com água tão quente como a primeira mas em menor quantidade e sem sabão. Encha-a com a roupa que sofreu a primeira operação. Ponha-a a funcionar durante uns minutos, no fim dos quais retirará a roupa pelo mesmo processo já utilizado. Se a água se apresenta razoàvelmente limpa, vá enchendo sucessivamente a máquina com a roupa já anteriormente lavada, até verificar que a água necessita de ser renovada.

NESSE CASO deverá substitui-la, e tantas vezes quantas as necessárias para passar toda a roupa que já tinha sofrido a lavagem com a sabonária de Sabão Activado C. U. F. A operação repete-se até a roupa se apresentar impecàvelmente lavada.

2.º — A roupa com nódoas ou vincos (punhos, colarinhos, por exemplo) deverá ser lavada manualmente após ter sido lavada na máquina, utilizando um pouco de Sabão Activado C. U. F. até obter espuma abudante. Os vincos podem ser escovados com uma pequena escova de unhas, ficando depois a roupa um pouco em repouso. Seguidamente passa-se por água. Esta operação poderá ser repetida em caso de necessidade. E enquanto faz isto, a máquina continuará automàticamente a sua tarefa...

SE, POR ACASO, a roupa apresentar nódoas de gordura teimosas, não recorra a processos que possam estragá-la, como sejam os cáusticos. Deixe secar a peça de roupa assim manchada; deite, seguidamente, sobre a nódoa, uma quantidade de azeite suficiente para a ensopar. Ao fim de uma hora de repouso lave-a com Sabão Activado C. U. F., pelo processo descrito na lição anterior.

NUNCA ESQUEÇA, MINHA SENHORA, QUE USANDO O SABÃO ACTIVADO C. U. F. NÃO É NECESSÁRIO ADICIONAR QUALQUER CÁUSTICO (potassa, soda, cloreto, etc.).

Não esqueça também que o Sabão Activado C. U. F. não ataca as engrenagens das máquinas de lavar, o que é muito importante; e que não ataca a resistência e a elasticidade dos tecidos, nem estraga as mãos —antes conserva a roupa e amacia a pele.

6.ª LIÇÃO DO CURSO DE LAVAGEM DE ROUPA OFERECIDO PELO SABÃO ACTIVADO C. U. F.

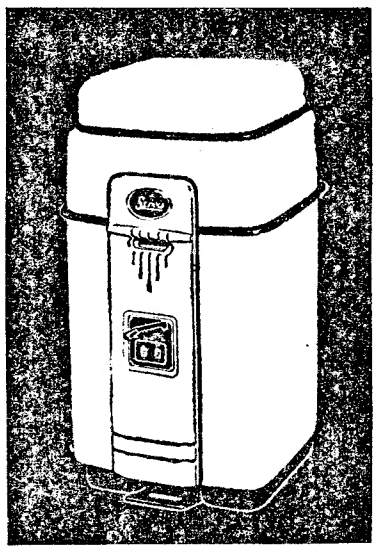
NÃO É POR MUITO ESFREGAR
QUE A ROUPA EMBRANQUECE MAIS CEDO

Tive

muitas razões para escolher uma

SERVIS

Hoje falarei apenas da



Comodidade...

1.º A SERVIS aquece *automàticamente* a água enquanto lava.

2.º Lava, enxagua e pára *automàticamente*, apenas comandada por um despertador.

3.º A sua bomba esvazia o tanque *automàticamente*.

4.º O expremedor eléctrico passa a roupa *automàticamente*.

5.º Desliza sobre rodizios como se fosse uma pena, o que permite deslocá-la sem esforço.

Eu comprei a *minha* SERVIS na

Agência Comercial Sueca

Av.ª Fontes Pereira de Melo, 45

a preço fixo

SORVETE EM PÓ

SAUDÁVEL • NUTRITIVO • PASTEURIZADO

LIDANO

É UM ALTO PRODUTO DINAMARQUÊS

Prepare-o em casa para os seus filhos.

Em poucos minutos e não precisa de leite ou sorveteira (saquinhos para 5/6 sorvetes. Latas para 20/24 sorvetes).

mas de uma assombrosa actividade e desembaraço para a idade, o peso, e o artritismo de que sofria.

(Eu gostei sempre de imaginar a vida a bordo dessas barcaças, que conheço dos canais e rios da Flandres, com a camara de madeira envernizada, as cortininhas arrendadas nas janelas, a insularidade de lares flutuantes, um sentimento de vida errante, solitária e aventurosa, que sempre me atraiu, como a dos «forains» nos seus carroções, eternamente em marcha, ou parados nas praças de aldeias que Vlaminck pintou.

* * *

Durante muitos dias não consegui que o barbeiro me viesse rapar os queixos, e, com a paralisia facial, a barba de muitos dias dava-me uma aparência verdadeiramente sinistra: «Amanhã recuso-me a vê-lo, se o encontro com essa barba!» — disse o «patrão». Era proibido ter instrumento cortantes. Mas, depois da visita do mestre-escama, que só vinha uma vez por semana, fui autorizado a usar a gilete. Barbeava-me deitado, segurando o espelho por cima, acrobáticamente, com aquele olho esquerdo arregalado e lacrimoso a espiar-me... Detestava a minha cara.

Mas isso não era nada: nos primeiros dias senti que piorava, a febrezinha mantinha-se, as dores eram maiores, como o estonteamento, a visão mais confusa e como que negra, a minha fraqueza grande, e senti a sonolência apoderar-se de mim. As intermináveis tarefas matinais da enfermaria e as noites desconfortáveis, cheias de gritos e estertores, as interrupções periódicas para as injecções de penicilina e de vitaminas, as conversas e discussões dos outros doentes, tudo contribuia para me perturbar o repouso. Quando dormia, era pesadamente. Disse-o ao dr. Foster Kennedy, em cujos olhos verdes vi perpassar a reflexão. Recearia ele a encefalite letárgica? A punção lombar nada tinha revelado: desconhecia-se qual o bacilo (ou vírus?) que me minava o encéfalo.

Uma tarde, dormitava quando senti que me sacudiam por um pé e uma voz chamava: **«Joe! Hey, Joe! Wake up!»** (Acorde!) Era o dr. X, o que me tinha ajudado, com o seu optimismo e a convicção da minha **hipocondria**, a chegar até ali. «Como se sente? — Pode imaginar!»—respondi de mau-humor. Vexado, ele voltou-se para o impassível dr. Galen, que o acompanhava, e pôs-se a dizer, com um risinho comprometido, que eu lhe aparecia no consultório com «listas de sintomas», a pedir tratamento... Galen sorria, imperturbável, a olhar-me. Eu disse da cama: «Durante semanas, pedi-lhe que me desse penicilina. E agora aqui estou, a receber penicilina!» Galen sorriu mais, com inteligência, e o pobre dr. X desapareceu dos meus horizontes.

* * *

Entre os especialistas que vieram examinar-me, contava-se o dr. Atkinson, idoso, britanico, extremamente delicado e simpático, mas impenetravel. Era especialista das afecções do equilíbrio, e olhou-me com gravidade e uma espécie de interrogação, talvez intrigado... E o dr. Friedman, de Berlim, que nunca se encontrou ali com o mestre Kennedy: eram mestres do mesmo ofício, ambos grandes, e não havia lugar para os dois junto da minha cama. Este falava-me sempre em francês (aliás bastante mau), por uma espécie de solidariedade europeia, e tratava-me como se eu fosse também um «refu-

Quando, passado algum tempo, o meu amigo N. de R. reapareceu, indaguei: «E então, que diz ele? Operam? Não operam?—Por enquanto não. Mas se o abcesso se formar, então é possivel. Por agora vão encher-te de penicilina. Estás em boas mãos. — Graças a ti, meu velho! Mas dize-me: se não houvesse penicilina... — Dar-te-iam sulfas... — Mas se... — Oh, então, meu velho, é melhor nem falar nisso! Mas não te apoquenta, não!

Trouxeram o almoço, e tentei comer em decubito dorsal. Ele alarmou-se: «Você vai-se afogar!». Receava, discretamente, que a ameaça de paralisia me impedisse de engolir?

Seria então, ou só mais tarde, que minha mulher voltou da conversa que acabava de ter com o Mestre? Mas foi por essa altura que este lhe disse: «Não sabemos o que é. Não sabemos se podemos salvá-lo. Não lhe prometemos nada. O seu homem está em perigo. Confiemos na resistência do doente e na eficácia do antibiótico!»

De repente, fiquei sózinho e aprontei-me. Interiormente, firmei-me em pés de imaterial vontade, na areia movediça da duvida. Esqueci o mundo exterior e concentrei-me no meu combate que ia, apenas, começar. Tinha Kennedy e tinha a penicilina do meu lado, a minha magreza e robustez — e um subito desejo de travar combate, de lutar e vencer alastrou-me as fibras de energia, entre regougos de moribundos e brados aflitivos dos semivivos.

De noite, já tarde, apareceu um médico desconhecido, acompanhado do subdirector da enfermaria, Dr. Galen (abaixo de Kennedy, havia o director do serviço, o Dr. Ross). Dali em diante eu ia ver desfilar junto da minha cama todos os professores de neurologia das universidades de Cornell e de Nova Iorque, e especialistas, chefes de serviço e sumidades. Examinou-me os ouvidos e os olhos: «Ele tem o canal retraído e eczematoso, e a retina esquerda está a mirrar. Ainda poderá ver? Pobre rapaz, não lhe dêem injecções durante a noite, deixem-no repousar!...» Queria ele dizer que eu ia cegar? Que não havia remédio, e mais valia não me torturarem com o tratamento?

O Dr. Gallen sorriu, calmo, impassível, e disse: «Ordens do patrão!»

Ao outro dia, os amigos começaram a afluir. Havia uma criança de vinte e poucos anos, que eu me habituara a considerar quase como filha. Quando ela se inclinou para me olhar de perto, tive um momento de fraqueza, e virei a cara para o escuro: «Não olhe para mim, não sou o mesmo. — Não, para mim há-de ser sempre o mesmo que foi!

Percebi que ela tinha lágrimas nos olhos negros luzentes... Mas era-me difícil encarar os vivos com a minha meia-face, o olho esquerdo esgazeado, o meio sorriso... Queria-me a sós com a minha luta. Que me deixassem em paz.

Mudaram-me para a primeira cama do lado oposto, junto das janelas, onde podia desfrutar um pouco mais de sossego e **privacy**. Dali, através das enormes vidraças turvas, das redes e gradeamentos, eu podia avistar, para além do terraço e da cerca do hospital forrada de neve os autos correndo no **Drive**, terrenos vagos, edifícios enfarruscados, o East River com seus navios e rebocadores, e mais longe os perfis, fumos e névoas de Brooklyn: a visão nostalgica da minha infancia em Lisboa. O meu vizinho do Harlem, ao ver-me partir, ficou desapontado: «Então, afinal parece que não vai ser operado!»

Que bom é ter amigos, sentir, nas horas de risco, que não estamos sózinhos no redondel! E como a noite sublinha e acentua a grata sensação de os ter! — Dois amigos queridos, Maria e Francisco Keil do Amaral, que esta-

Maravilhosa história da escrita e dos meios de expressão

1 — Onde se fala da pré-história e de Manuel Quintino

por António José Saraiva

Como é sabido a cultura é muito anterior á escrita. Os homens aprenderam a trabalhar a pedra, a fundir e forjar os metais, a agricultar, a navegar servindo-se dos ventos e dos astros, a pintar, a medir, a contar o tempo, a dançar, a ritmar os sons, etc., antes de aprenderem a escrever.

Anteriormente á escrita, existiam já, por um lado, várias técnicas, isto é, processos de transformação da natureza, e por outro lado os mitos, isto é, determinadas representações do mundo ambiente com que se defrontava, no seu conjunto, a colectividade.

Nesta remota fase as técnicas transformadoras transmitiam-se pela imitação, como ainda hoje se transmitem, de pais a filhos, a linguagem e variadas formas de comportamento social. E o imitador reproduzia não só os gestos eficazes do mestre, mas também os gestos ineficazes e acessórios, sem fazer uma discriminação. Todos tendiam a ser considerados igualmente essenciais para conseguir o fim desejado. Os gestos do artífice tornavam-se desta forma gestos rituais e por isso o saber empírico e a magia confundem-se nas mais antigas formas da ciência. Ainda hoje seria possível encontrar numerosos gestos e práticas rituais nas profissões que se aprendem na simples prática, e vem a propósito lembrar aquele episódio de «Uma Família Inglesa», de Julio Dinis, em que o guarda-livros Manuel Quintino se recusa a aceitar certas simplificações na escrituração propostas pelo seu discípulo Carlos, sem todavia conseguir justificar a sua recusa. E' assim porque é assim, porque sempre foi assim ,etc., tal é o argumento de Manuel Quintino, para quem, afinal a arte da escrituração, que aprendera praticando e imitando, conservava alguma coisa de ritual, isto é de mágico.

Além disto, esta forma de transmissão do saber empírico realiza-se dentro de pequenas comunidades, ereditáriamente, de ascendentes para descendentes vivendo muito próximos, quer antes, quer depois da divisão social do trabalho. Na fase histórica em que os homens estão agrupados segundo os laços do sangue (gens, tribo) e em que a admissão de um estranho dentro do grupo exigia um ritual de adopção pelo qual se supunha que as virtudes do sangue da família adoptante se transmitiam ao indivíduo adoptado, presume-se que a habilidade profissional é hereditária.

Há a considerar, por outro lado, nas culturas pré-literárias, aquele conjunto de representações e de actos pelo qual as grandes colectividades julgam comunicar e entrar em relações com as forças ambientes que, efectivamente, não sabem dominar. O mundo ambiente é concebido á imagem e semelhança da própria colectividade; e para alcançar a convivência com ele — isto é, com o Sol, o vento, a chuva, as estações e semelhantes — utilizam-se práticas de tipo social, tais como a oferenda, o pedido, o sacrifício pessoal, etc. Os mitos não são mais do que a transposição das categorias sociais para as forças cósmicas, e os ritos são conjuntos de práticas sociais estabelecendo relações de convivência dentro de pactos definidos entre estas forças e as colectividades humanas. Nas sociedades pré-literárias há a convicção de que estes ritos são eficazes — tão eficazes como as técnicas transformadoras. Eles constituem por isso, rigorosamente, uma técnica — no sentido primitivo do termo em que a técnica e a magia se confudem — e as suas formas tornam-se fixas. A simples omissão ou troca de um gesto ou de uma sílaba constitui uma violação do pacto estabelecido entre os homens e as forças mitológicas, implicando como consequência a vingança destas. Na prática desta técnica ritual, que também se transmite por imitação, especializam-se certos agrupamentos fechados, que, pela sua própria função de intermediários entre a colectividade e as forças mitológicas, vêm a ganhar grande preponderancia.

A palavra tem uma importancia capital nas cerimónias rituais. E' principalmente pela palavra que se captam as forças cósmicas, como se verifica ainda nos resíduos actuais da bruxaria. Em Gil Vicente conserva-se mais de uma caricatura das sílabas mágicas de sentido secreto — que forçam irresistivelmente o Diabo a aparecer no palco, e todos ouviram falar da fórmula mágica do dr. Fausto.

A linguagem nasceu provávelmente da comunicação entre os indivíduos sob a forma de conjuntos de gestos, expressões fisionómicas e sons pelos quais se influenciavam reciprocamente e que se foram pouco a pouco tornando convencionais e simbólicos. A sua aplicação aos rituais mitológicos é um dos aspectos da transposição ao mundo ambiente das relações sociais dentro da colectividade. Mas quando a linguagem ganha este novo uso, quando se criam as palavras rituais e mágicas, os sons e as sílabas capazes de chegar aos ouvidos das forças cósmicas, mas que não evocam qualquer objecto concreto do mundo exterior, assistimos ao curioso fenómeno de as plavras criarem as coisas — coisas puramente mentais, bem entendido — em vez de serem as coisas a criar as palavras. A criação da linguagem possibilitou assim a criação de mitos; e cheia de mitos está ainda hoje a língua que falamos. A partir de certa fase os mitos da linguagem ganham forma abstracta convertem-se em conceitos, pretensamente correspondentes a realidades mas que de facto não passam de emissões de voz. Os totemes, os tabus, os manás, as divindades não têm outra razão de ser. Entretanto ao lado do desenvolvimento da linguagem mitológica processa-se o desenvolvimento resultante do trabalho dos artífices e que exprime as relações concretas entre os homens e a natureza, por intermédio das mãos com que eles a moldam e transformam.

O uso da palavra, desse misterioso poder, capaz de encadear ou de pôr em movimento os homens, e de convencer os deuses ou quaisquer outras forças mitológicas, é também uma técnica. Essa técnica é apropriada por aqueles a quem incumbe a prática e a conservação dos ritos e que, mercê dessa especialização se afastam do trabalho produtivo, passando a intervir e beneficiar dele por via indirecta, pela sua capacidade de influir psicológicamente sobre os produtores. São as mãos e não as palavras quem opera sobre as coisas concretas; mas são as palavras e não as mãos que principalmente operam sobre as mentes dos homens, como, supostamente, sobre os deuses. Os profissionais da magia, os sacerdotes primitivos, são também os técnicos da linguagem, os criadores e conservadores das preces, das cosmogonias, das fábulas, das histórias e das técnicas acessórias, como a gramática, a interpretação textual, a ciência do ritmo, esta muito importante na fase da literatura oral porque é um recurso mnemónico indispensável á fixação e transmissão dos textos sagrados.

Numa sociedade em que já existe a divisão do trabalho, e portanto classes diversas, encontramos assim, na época da cultura oral, por um lado as técnicas produtivas, impregnadas de magia, que se transmitem hereditáriamente dentro de grupos fechados. Por outro lado a técnica mágica, não directamente ligada á produção, intimamente associada com a técnica da linguagem, prestigiadas ambas pela sua própria função colectiva, e identificadas com um grupo dirigente também fechado e hereditário. As classes tendem por este processo a converter-se em castas; a técnica a estagnar num empirismo automatizado e ritual; identificada com um grupo dirigente, e por isso conservador, a mitologia e técnicas associadas tendem a tornar-se uma força estabilizadora e, como notou Farrington, uma ciência de dominar os homens. Conhecem-se vários exemplos de sociedades que cristalizaram em castas, e nelas é evidente a especialização quer na transmissão hereditária das técnicas, quer na dos ritos e textos sagrados.

Como viviam a vida de todos os dias os homens de outros tempos e civilizações?

LEIA A NOVA COLECÇÃO DE «LIVROS DO BRASIL»

A VIDA QUOTIDIANA

de que já sairam os seguintes volumes:

1.º — A Vida Quotidiana no tempo dos Aztecas
2.º — A Vida Quotidiana no tempo dos Ramsés
3.º — A Vida Quotidiana no tempo de Homero
4.º — A Vida Quotidiana no tempo dos Incas

vam em viagem de estudo no Michigan, tão depressa souberam do meu estado, voaram para Nova York, a oferecer o reconforto da sua companhia e de uma ajuda preciosa. Quanto eles não fizeram para distrair a nossa filha (então com 5 anos), manter-nos a casa, e fazer até os preparativos de Natal, enquanto minha mulher corria aos médicos, ao hospital, a resolver dificuldades! Outros amigos, luso-americanos, me assistiram, escreveram aos médicos, dizendo coisas boas e lisonjeiras do doente. Isso criou-me, sem duvida, entre o pessoal da enfermaria, um ambiente mais favorável do que teria o doente anónimo.

Quando Foster Kennedy, decidiu, ao segundo ou terceiro dia, fazer-me uma transfusão («Em casos destes — disse ele —, ás vezes ajuda»), meia duzia de amigos acudiram a oferecer o seu sangue. Estava-se em guerra e tudo faltava. O D. C., alto funcionário brasileiro (de que já falei atrás), vinha todos os dias, só ou com a esposa, visitar-me. Estendeu o braço vigoroso ao médico: «Sangue de índio Charrua, doutor! Sangue forte! Vai-lhe fazer bem!» Era um gaucho alto e magro, de uma vitalidade e de uma dedicação incomparáveis. Que amizade a nossa, através de tanta discordancia de ideias.

Infelizmente o meu sangue recusou o intruso, e minutos depois de começar a transfusão, entrei numa horrorosa crise de arripios, pior que a do Beth Israel. Sacudido dos pés á cabeça, não podia controlar os espasmos das pernas, os dentes castanholavam, os ferros da cama vibravam... o dr. Dewey veio a correr, e com uma expressão inquieta, (ele sempre impecável e neutro) arrancou-me o aparelho, vigiou-me atentamente. Foi então que eu fiquei a conhecer a nova enfermeira-chefe.

Era uma mulher de idade, sólida e tronchuda, rude e robusta, já muito grisalha: Mrs. Abbey, oriunda da Escócia. Falava, agia e comandava como um contramestre de veleiro, e havia nela, com efeito, muito de marítimo ou naval, na cor da pele e nos modos. Quando me assaltou o tremor de frio, a enfermaria entrou em reboliço: Mrs. Abbey acorreu, á frente de uma brigada de socorro, abraçada a sacos de borracha e cobertores. Entrincheirado em borracha de água quente, perdido debaixo de uma montanha de abafos, lá consegui dominar por fim o ataque.

Mrs. Abbey não me abandonou um instante: inclinada para mim, sorria-me, falava-me como se fala aos bebés no berço, friccionava-me, aconchegava-me melhor... Que solicitude e que brandura nesta mulher autoritária e rude como um marinheiro, e que cordial calor o seu, após mais de quarenta anos de calejante profissão! A sua voz quase maternal, com o pesado sotaque escocês, movia-me o coração, embora eu não pudesse pronunciar uma palavra.

Ficámos, dias depois, a saber-lhe a história: «Nasci a bordo de uma barcaça de carga, numa ria da Escócia... Meu pai era o capitão, um lobo-do-mar. A bordo daquela «barge» passei muitos anos, a infancia toda, quase sem desembarcar, a olhar a terra e os cais através das vidradas... No meio do ranger de roldadas e guindastes, entre pragas e apitos, névoas e frios, baloiçada pela ondas! Era uma mulherzinha quando consegui enfim que me deixassem ir á escola. O meu sonho era ser enfermeira... Vim para a América com vinte anos, e nunca fui outra coisa...»

Era decerto isso que lhe imprimira os modos rudes, bruscos, peculiares, e o andar até, da gente do mar; e a brandura oculta do coração, a estima da vida humana nas horas de crise, que é outro traço de carácter dos autênticos marujos. Era uma enfermeira da velha escola, rude, prática e «sans façons»,